United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization

Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

FUNDAÇÃO renova

Análise da Paisagem da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba

1.Tipologia Paisagística

Equipe:

Coordenação Técnica:	Fernanda Rennó
Coordenação equipe UNESCO:	Raul Lanari
Consultores UNESCO:	Alexandra Freitas
	Cinthia Creatini
	Clayton Peron
	Georgia Jordão
	Sara Aredes
Fundação Renova:	Emília Paiva
	Silvia Paquelet
	Thais Herdy

MARÇO DE 2020

Sumário

1. ÁLBUM DE ENTREVISTADOS 4

2. TIPOLOGIA PAISAGÍSTICA 36

Vida nos Mares –entre as areias e as nuvens 38

Matas – os fragmentos verdes 48

Terras Altas – as gigantes ancestrais que emolduram 55

Alagáveis – transformáveis e transitórias 63

Foz – a dança das águas 69

Lagoas- águas interiores e internas 78

Praias – as beiras de areias e de encontros 88

Vida nos Rios – fluidez, reflexos e caminhos 101

Vida nos Mangues – suspensão e sustento 115

Vidas Indígenas – os povos originários dos Brasil 125

Cacau – a pleno sol ou sob as sombras 132

Re-existências – o direito, a ocupação e a produção 140

Vidas Quilombolas – território, tradição e resistência 146

Comunidades rurais – a terra e a vida 155

Roças – o íntimo e a subsistência 162

Acessos – as ligações construídas e nativas, o trânsito 168

Represas – as águas cercadas 180

Cultivos agrícolas e florestais – produção hidratada em fila 188

Café - o verde e os vermelhos 194

Eucalipto – a frente e o verso das polêmicas cortinas verdes 205

Pastagens – as criações 213

Vilas – lugarejos centrais 219

Conjuntos Habitacionais – moradias como direito 231

Condomínios – o isolamento ensimesmado 237

Cidades – pluralidades, intensidades, ritmos e impulsos 245

Indústrias – motores de transformação..... 258

Terra em Transe – mudanças climáticas e eventos extremos 267

Paisagens-Patrimônio – ícones e memória 274

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 286

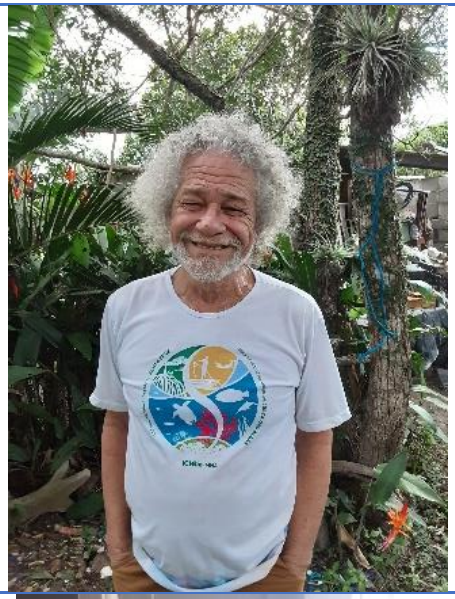
1. ÁLBUM DE ENTREVISTADOS

	Nome	Localidade	Município	Idade	Profissão
	Silvano Ramos e Laurinete da Silva Ramos	Mar Azul	Aracruz	84	Advogado aposentado
	Arnaldo dos Santos Pereira	Pirassununga	Aracruz	67	Servidor Público e catador de caranguejos

	Regina Vieira Pereira do Rosário	Pirassununga	Aracruz	52	Professora
	Flávia Cristina de Jesus Loyola	Santa Cruz	Aracruz	51	Turismo

	Andreas José Hamer Boos	Santa Cruz	Aracruz	56	Marinheiro e Massoterapeuta
	Teodorico Boa Morte	Nova Almeida	Serra	69	Poeta, folclorista, funcionário público

		Elizabeth de Souza Areias	Santa Cruz	Aracruz	57	Produtora Cultural
		Breno Barroso Boos	Coqueiral	Aracruz	30	Oceanógrafo, organizador de passeios turísticos

		Sebastião Pereira da Fonseca	Vila de Itaparico, Santa Cruz	Aracruz	70	Cineasta indigenista, artista
		Hildete Caliman	Barra do Riacho	Aracruz	54	Comerciante e artesã; integrante da Associação de Artesãos de Barra do Riacho

	Herval Nogueira Júnior	Barra do Riacho	Aracruz	57	Funcionário da PortoCel
	Elenir Ribeiro Rodrigues	Barra do Riacho	Aracruz	61	Professora aposentada, artesã

	Astrogilda Ribeiro dos Santos	Vila do Riacho	Aracruz	86	Aposentada, Rainha Conga, Presidente da Banda de Congo de S. Benedito e N.S. Rosário de Vila do Riacho
	Vilma Pimentel de Souza e Agostinho de Souza	Praia do Sauê	Aracruz	59	Aposentada e Comerciante

	Georgina Morais Pestana	Coqueiral	Aracruz	60	Empresária
	Elvira Nascimento Freitas	Biriricas	Aracruz	78	Agricultora aposentada

	Maria da Penha Monteiro	Biriricas	Aracruz	71	Aposentada
	Sebastião Assumpção	Putiri	Serra	60	Vice-Presidente Associação Comunitária de Putiri

	Angelita Maria Gama	Putiri	Serra	51	Monitora escolar e presidente da Associação Comunitária de Putiri
	Ronisvaldo de Souza Simões	Putiri	Serra	65	Comerciante

	Paulo César Oliveira Gama	Praia de Guriri	São Mateus	50	Microempresário na área da recreação e lazer infantil
	Manoel Afonso	Bairro Litorâneo	São Mateus	61	Aposentado

	Fábio da Silva Clarindo	Centro	Conceição da Barra	44	Pescador e comerciante
	Manoel Cairu	Barreiras	Conceição da Barra	84	Caranguejeiro

	Maria da Conceição dos Santos (primeira a esquerda) e família	Ilha Preta	São Mateus	74	Pescadoras, fotógrafa.
	Maria Amélia	Bairro Sant'Ana	Conceição da Barra	67	Aposentada, Mestra do Jongo de Santa Ana

	Salomão da Silva Pinto	Centro	Conceição da Barra	54	Funcionário público, ator, poeta
	José Pinho Ramalho	Campo Grande	São Mateus	74	Pescador e Caranguejeiro

		Ivan Monteiro	Barra Nova Sul	São Mateus	66	Pescador
		Victor Campos Rodrigues	Urussuquara	São Mateus	33	Fotógrafo

	Mauro Cesar dos Santos	Linharinho	Conceição da Barra	60	Agricultor
	Domingos Cosme dos Santos	Comunidade Quilombola Linharinho	Conceição da Barra	72	Agricultor

	Rui Barbosa	Jaqueline (Fazenda Cedro)	São Mateus	43	Operador de Máquinas
	Maria Glicéria	Palmitinho II	São Mateus		Agricultora aposentada

	Orladesson Ferreira Aguiar	São Miguel	São Mateus	28	Pescador
	Pedro Ribeiro Clarindo	Nativo	São Mateus	52	Pescador, integrante da Associação de Moradores de Nativo

	Adilson Alves dos Santos Rigonis	Assentamento Paulo Vinhas	Conceição da Barra	38	Agricultor
	Cláudia Rigonis	Assentamento Paulo Vinhas	Conceição da Barra	42	Professora

	Evânia do Rosário	Itaúnas	Conceição da Barra	30	Auxiliar em Pousada
	Marcia Lederman	Itaúnas	Conceição da Barra	50	Bióloga, gestora ambiental

		Vitor Braz	Chapadão das Palminhas	Linhares	18	Garçom em balneário à beira da Lagoa das Palminhas
		Simone de Jesus	Comunidade Quilombola de Degredo	Linhares	33	Estudante de Biologia

	Pedro Leite Costa	Comunidade Quilombola de Degredo	Linhares	60	Aposentado, criador de abelhas.
	Aldair Moreira Costa	Linhares	Linhares	52	Comerciante de recicláveis.

		Diana Campista	Povoação	Linhares	43	Ex-pescadora, auxiliar de serviços gerais
		Zélia Scarpati	Desengano	Linhares	75	Aposentada

	Elizângela Lima de Freitas	Fazenda Tupã	Linhares	46	Gerente Comercial do Alambique Princesa Isabel
	Elber Tesch	Linhares	Linhares	37	Biólogo, Subsecretário de Meio Ambiente de Linhares

	Elza Soares Lucas	Assenramento Primeiro de Agosto	Linhares	63	Trabalhadora Rural Aposentada
	Adão Cellia e Maria Isabel Gomes	Fazenda Tupã	Linhares	61 e 56	Médico, proprietário da Fazenda Tupã e do Alambique Princesa Isabel; Artista Plástica.

	Adirson Gomes da Silva	Santo Hilário	Linhares	72	Agricultor Aposentado
	Carlos Sangália	Regência	Linhares	53	Arte-educador
	Cercenilha de Freitas Azevedo	Palhal	Linhares	65	Aposentada

	Léia dos Santos Silva	Regência	Linhares	41	Cozinheira
	Maria Lúcia Grossi Zunti	Linhares	Linhares	71	Professora Aposentada

	Simeão Barbosa dos Santos	Povoação	Linhares	70	Pescador, Agricultor e barqueiro
	Tarcísio Dias de Oliveira	Cabeceira de Santo Hilário	Linhares	60	Agricultor

	Gilvan Francesbilho dos Santos	São Mateus	São Mateus	37	Integrante de equipe de reflorestamento.
	Luciana Souza de Oliveira	Regência	Linhares	38	Assistente na área da saúde.

		Flávia Onorato	São Rafael	Linhares	33	Comerciante
		Reuber da Costa Nascimento	Linhares	Linhares	61	Aposentado, Presidente do SERLIHGES

		Geraldo Comper	Assentamento Egídio Bruneto	Linhares	54	Agricultor
		Luiz André Pinto Leal	Acampamento Egídio Bruneto	Linhares	54	Agricultor

	Dida Áurea Tomé	Vila das Artes, Jacaraípe	Serra	70	Artesã

2. TIPOLOGIA PAISAGÍSTICA

A Foz do rio Doce e o Litoral Capixaba, apresentam uma ampla gama de paisagens que se associam a diferentes processos de ocupação do território e aos usos que lhes foram imputados pelas comunidades que nelas se instalaram ao longo do tempo.

As paisagens dessa região se organizam em dois grandes grupos: 1) as Paisagens Nativas, aquelas em que o meio natural é agenciado pelos seres humanos levando em consideração os ciclos da natureza e mantendo as características fundamentais das paisagens; 2)as Paisagens Domesticadas são aquelas que expressam a pretensão humana de controlar a dinâmica do espaço, direcionar o sentido dos processos de apropriação dos elementos naturais, muitas vezes os suprimindo para a construção de estruturas caras a atividades econômicas e formas de vida em sociedade.

As paisagens nativas se apresentam com diferentes níveis de antropização que indicam os diferentes resultados da intervenção humana nas paisagens e variam de fraco a forte. As paisagens domesticadas, por sua vez, possuem uma lógica de categorização da intensidade diferente. Pensa-se no nível de artificialização das paisagens, que varia de fraco a muito forte. Busca-se compreender, assim, como as diferentes técnicas empregadas pelas atividades humanas intervém e transformam as paisagens. Enquanto, no primeiro caso, os níveis variam de acordo com a intensidade da ação humana, nas paisagens domesticadas são os objetivos da ação que justificam as diferentes categorizações de nível na construção das paisagens. Nas paisagens nativas existe o uso desses espaços, de forma mais ou menos intensa, enquanto que nas paisagens domesticadas existe uma tentativa, também mais ou menos intensa, de controle das condições naturais para benefício humano.

A seguir, os 28 (vinte e oito) tipos paisagísticos serão apresentados em profundidade, revelando aspectos materiais e sensíveis de cada um (Figura 1).

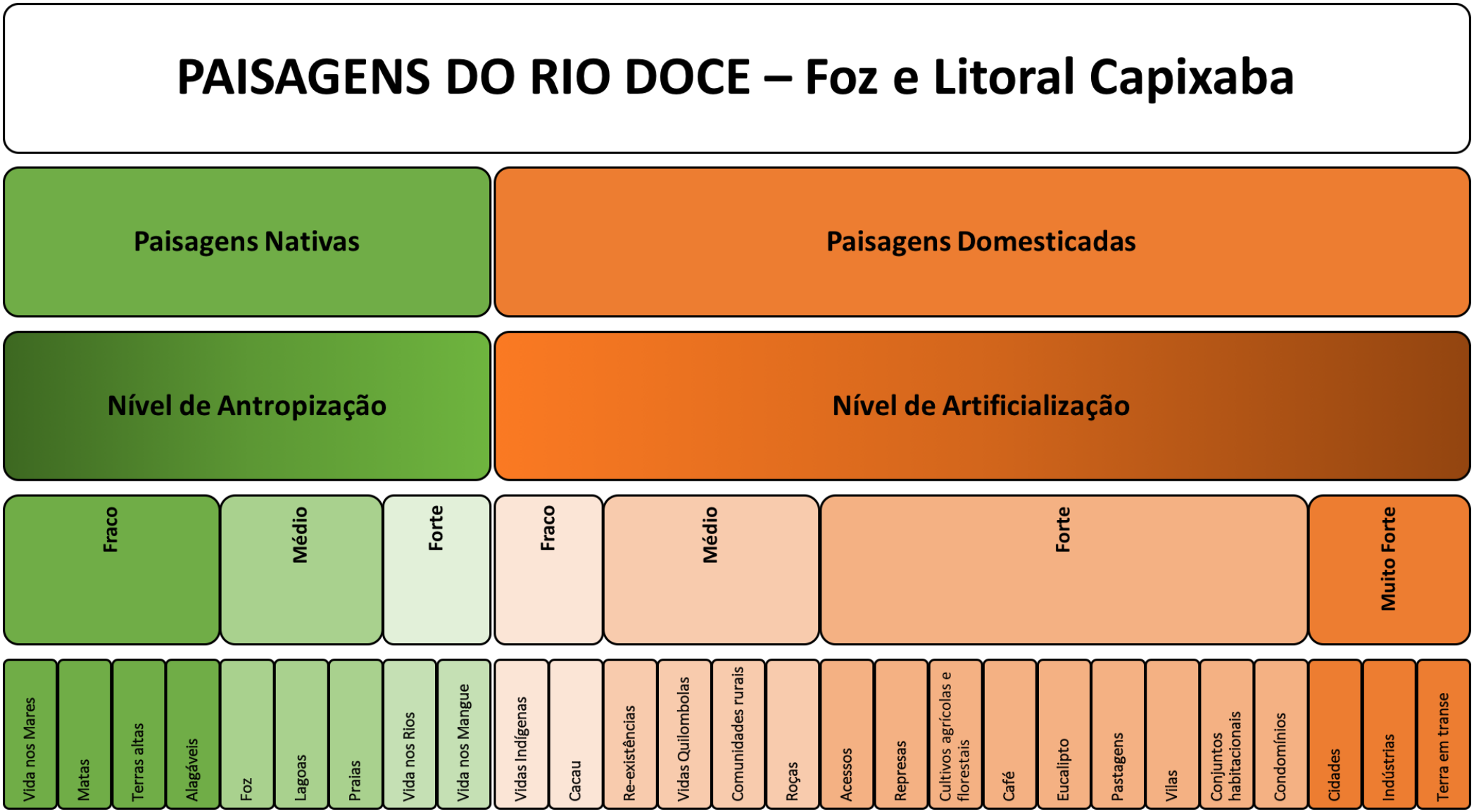


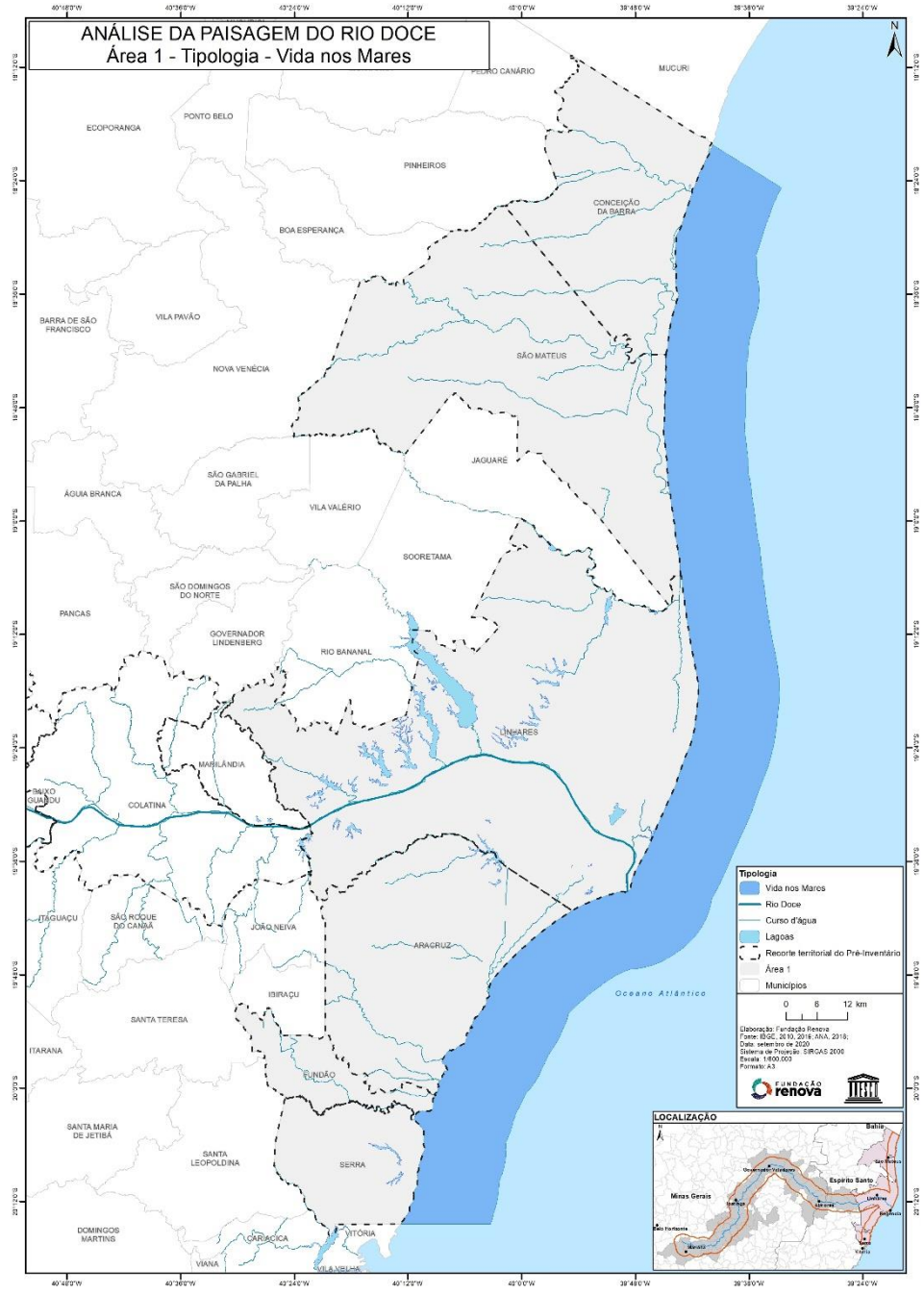
Figura 1: Tipologia das Paisagens da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba.

Figura 2: Vista do mar em Urussuquara, São Mateus/ES, 2020.

Figura 3: Mar em praia de Nova Almeida, Serra/ES, 2020.

Figura 4: Vista do mar a partir das pedras da Praia do Farol, Conceição da Barra/ES, 2020.

Figura 5: Tartaruga marinha vista na praia dos Padres, Aracruz/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Nativa
Nível de Antropização: Fraco
Justificativa: A força dos mares não possibilita uma domesticação. Os mares possuem uma escala muito maior que a humana, são nativos e certamente antropizados, e mesmo que as vezes os efeitos das ações humanas sejam sentidos nesses ambientes, ele continua sendo indomável e imprevisível.

O som das ondas anuncia sua chegada, antes mesmo que suas águas possam ser vistas. Seu cheiro acre, conduzido pelos ventos, se torna mais forte à medida em que o observador se aproxima de suas águas até, finalmente, adentrá-las. A impressão do sal na pele acompanha quem nele mergulha e quem dele retorna para se secar na areia da praia.

Nessa paisagem, há a sensação do calor do sol e do frescor da brisa, durante o verão e a primavera, ou do arrepio das quedas de temperatura, com o sol tímido e o vento seco nas épocas do outono e do inverno. Dependendo do clima e das correntes marítimas, a água é fria ou morna em contato com a pele. Ao sabor dos ventos e das marés, o mar se manifesta em distintas intensidades, ora forte, violento e assustador, ora manso, calmo e acolhedor. O mar são mares, no plural.

Suas águas salgadas e espumadas, de cores que variam entre o acinzentado ou acastanhado das beiradas e os azulados e esverdeados das partes mais profundas (Figura 2), compõem superfícies que refletem a luz do sol e a luminosidade da lua. Mas não se trata de superfícies planas, e sim rugosas. Os mares são movimento. Suas águas são suaves ao tato, resistindo e se esquivando do aprisionamento. Os mares são potência. Recortam a costa, mordem a areia, avançam sobre as rochas, roem o solo em seu entorno.

Acima das águas, o céu, com seus elementos invisíveis (a brisa, os ventos) e visíveis (as nuvens, as chuvas, os astros e estrelas), dialoga com os mares, fazendo-os espelho ou contraste, cúmplices que se dividem pela linha do horizonte.

A presença dos mares possibilita ampla visão e o descortino do horizonte, *"uma paisagem, eu acho bonita, apesar de não ter muita árvore né? Eu acho bonito porque tem o mar, uma região de mar, temos a nossa visão de...de... planície"* (Silvano Ramos, 84 anos).

Assim, frequentemente, a placidez temporária das águas se harmoniza com o nivelamento raso das areias das praias, tal como se observa em São Mateus e Linhares. Outras vezes, essa mesma placidez é acompanhada pela sinuosidade de elevações de areia de diversos portes, a exemplo do que ocorre nas dunas de Itaúnas, distrito de Conceição da Barra. Há também a composição de escarpas rochosas esculpidas pela água e pelo sal dos mares, como nas falésias de Nova Almeida, no município de Serra. A estes contrastes de saliências terrestres associam-se também os contrastes entre as cores dos mares e das terras, em suas versões arenosas ou rochosas.

Sob a aparente sincronia das ondas, há um relevo arenoso, por vezes homogêneo, por vezes acidentado, associado ao ritmo das correntes marítimas, convidando as pessoas ao banho e ao esporte, ou desencorajando tais práticas.

Sobre a superfície das águas, o vento é parceiro nessas decisões, aliando-se ao relevo submarino para modelar as ondas. Os mares forjam um conhecimento das condições propícias para tal ou qual atividade, uma atenção constante aos elementos naturais, pois "*... a gente sempre fica*

olhando como vai estar o vento, como é que vai estar as ondas. Porque determinado dia que eu tiver tempo, eu posso ir surfar, outro dia que não tiver onda e estiver ventando eu posso fazer skysurf. Então eu vou me divertindo e aproveitando cada estado que o mar oferece, eu consigo assim, desfrutar bastante" (Breno Barroso Boos, 30 anos).

A distância entre a superfície da água e o fundo dos mares resulta em profundidades diversas, isóbatas distintas que abrigam diferentes espécies da fauna (Figura 5) e da flora marítima. As variadas temperaturas da água e as correntes marítimas contribuem para a formação de ecossistemas. Já da superfície em direção ao céu, aos ventos e ao sol, a paisagem se complementa pela presença das aves marinhas que se lançam em busca de peixes e frutos do mar. Alçam longos voos, solitárias ou em bandos, sempre guiadas pelo espírito de liberdade que lhes é instintivo (Figura 3).

Essa Vida dos mares, e os mares como vida, pulsantes, são experiências vivenciadas pelas sociedades humanas que ali encontram respostas para alguns de seus anseios materiais e imateriais, visíveis e invisíveis. A exploração dos recursos marítimos como fonte de alimentação tem caráter de subsistência e comércio, integrando uma cadeia produtiva específica que articula pessoas, objetos e organizações em terra e nas águas.

Embarcações de variados portes povoam a superfície marítima, com comprimentos e arqueação bruta distintos: canoas, botes e traineiras dedicadas à pesca artesanal e industrial. Impulsionadas por remos, motor de popa ou de centro, as embarcações circulam nas proximidades da costa ou no alto mar, estando sujeitas, portanto, a diferentes graus de visibilidade, conforme sua distância em relação à terra. Essas atividades são realizadas com o emprego de petrechos especializados segundo o tipo de pescaria e as espécies-alvo. Envolvem o conhecimento sobre as condições de navegabilidade no mar, a fim de projetar trajetos e conduzir as embarcações de forma segura.

Pescadores e pescadoras artesanais, vinculados a comunidades tradicionais, e/ou profissionais, empregados na indústria da pesca, são protagonistas devotados à atividade. Além disso, há outros tipos de trabalho associados ao uso de embarcações, tais como a fabricação e manutenção dos veículos flutuantes para passeio ou prática de vela e demais esportes náuticos.

A pesca e o uso das embarcações para outras finalidades implicam rotinas que aderem aos sujeitos em seu cotidiano, "*minha rotina aqui é...é... tipo, fazer as rotinas do barco, manter o barco sempre em estado funcional, flutuando, verificar o que que precisa e tal"* (Breno Barroso Boos, 30 anos). Assim, os mares trazem vivências, vidas anfíbias interiorizadas como hábitos de ofício e de existência. De forma tal que *"(...) normalmente eu saio de manhã para ir pescar, vou na praia pescar ou para alto mar. Às vezes eu saio daqui, viajo para outa cidade para trabalhar em alto mar, fico aí quinze dias, vinte dias, depende da embarcação, ou fico fora de casa. Da última vez eu fiquei quase cinquenta dias fora de casa. Porque eu fui para Aracruz, porque como o valor do mercado aqui caiu muito, aí eu vou para outro lugar. Porque*

na questão financeira tem preço de camarão aí acaba eu indo e voltando, a hora que eu chego aqui é isso aí. Vou pescar na praia, de dia estou com a minha família, à noite eu saio para ir na beira do cais dar uma volta. Geralmente quando não está pescando, eu chego para ficar em casa e passear com os meninos né?" (Fábio da Silva Clarindo, 44 anos).

À paisagem da **Vida nos mares** agregam-se diferentes tipos de estruturas de conectividade com a terra, tais como faróis para orientação das embarcações (como os de Conceição da Barra, Aracruz e Regência), cais de portos e inúmeros pontos de desembarque pesqueiro ao longo dos cinco municípios da costa capixaba sob estudo: Aracruz, Conceição da Barra, Fundão, Linhares, São Mateus e Serra.

Também estão presentes comunidades de pesca artesanal. Conforme o observador, a partir da terra, caminha por esses territórios e se aproxima das águas, emergem pequenas embarcações, botes e canoas de alumínio ou madeira, movidas a remo ou motor de popa. Ficam infecundas temporariamente nas areias das praias ou repousando à beira do cais. Também avista redes de pesca penduradas em galhos de árvores, diligentemente dobradas e recostadas no solo ou no interior das embarcações, junto a puçás e demais petrechos próprios da atividade.

Figura 6: Praia de Manguinhos, fotografia de Luciano Daniel. Serra/ES, s/d.

A Figura 6 retrata com delicadeza a paisagem de uma comunidade de pescadores situada no litoral do município de Serra. A melancolia dos tons pastéis, o conjunto de barcos simetricamente dispostos e os dois meninos pequenos centralizados na imagem suscitam sensações de imensidão diante o horizonte que se esvai, paz, calmaria, intimidade e afetos. A obra coloca, ainda, reflexões sobre as identidades de famílias de pescadores, potencializando na cena o encontro entre distintas gerações, no caso as crianças e os velhos marujos do mar que surgem representados nas figuras dos barcos aportados na beira da praia. Sem saber o destino que segue os caminhos das águas, as vidas dos pescadores artesanais são fonte de inspiração para muitas gerações. Artesãos de braços fortes, mãos que enlaçam e lançam redes, cabelos soprados pelo vento e pele queimada de sol, os pescadores refletem os espíritos das águas e assim sonham com aquilo que deve perpetuar, suas trajetórias, habilidades e histórias, herdadas de

seus antepassados e transmitidas para os descendentes para que corajosamente também cumpram o "sacro-ofício".

A areia da praia é a principal conexão entre a terra e os mares. Desde a década de 1970, com a expansão do turismo de veraneio na região, o uso dos mares para esportes náuticos e marítimos e para práticas recreacionais tem se intensificado. Fundão e Serra compõem a Região Turística Metropolitana, enquanto Aracruz, Conceição da Barra, Linhares e São Mateus fazem parte da Região Turística do Verde e das Águas. Além dos banhistas, os surfistas e praticantes de *windsurf* integram a paisagem à beira da costa, ocupando as águas em maior número durante o período da temporada do verão. Escunas de passeio e *banana-boats* também compõem o cenário da superfície dos mares. Acima do espelho d´água, praticantes de parapente e *sky surf* unem o céu aos mares.

Os mares são palcos de espetáculos em que se aprecia a vida marinha. As atrações mais procuradas são os avistamentos de baleias que visitam Serra e a desova das tartarugas em Guriri (São Mateus), Regência ou no Pontal do Ipiranga (Linhares). É possível avistar tartarugas, cujas cabeças se projetam para fora do espelho d'água, em diversos locais, como na Praia dos Padres e em coqueiral, município de Aracruz.

Dessa mesma perspectiva, o sentido contemplativo da paisagem dos mares fundamenta-se na relação complementar e intrínseca entre o ser humano e a natureza. Os mares são o outro da sociedade. Indomesticáveis, compostos pelo volume colossal de elementos estranhos à vida terrestre, separando a água e o sal da terra e do ar. Um universo de água, de difícil apreensão. "*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!"(GALEANO, 2004)*.

Os mares têm a força oceânica, misteriosa e encorpada. Natureza pura e bruta, que desperta afetos de paz, na calmaria, ou de temor e mau agouro durante suas ressacas e tormentas.

Essa grandiosidade inspira cosmologia e religiosidade. Os mares são absorvidos por visões que buscam conduzi-los ao domínio do familiar pela via do extraordinário. Mares são moradas de seres encantados. *"Eu quero que vocês entendam que é o farol de Nossa Senhora, que eu falei pra vocês que tem assim: os anjos cantam no céu, no mar. Vai ver como que eu digo por causa do que vai dizer, 'Iemanjá, Odoyá'. Os anjos cantam no céu, no mar. Canta a sereia. Aqui nós rezamos rosário, oh meu Deus, da virgem mãe das Candeias... Não é bonito?"* (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos).

As águas dos mares mediam diálogos entre os seres humanos e as entidades, como no caso das homenagens ao dia de Iemanjá e de Nossa Senhora das Candeias. No dia 2 de fevereiro, são entregues oferendas em

pequenos barcos e são feitos pedidos à Rainha do Mar e à Senhora dos Navegantes, denotando o sincretismo da religiosidade popular. "*Escuta bem, o que importa é a sua fé. Que você vai pedir um pedido à Adoyá, Yansã (...). Tá entendendo? Você pegou, se você quer botar uma flor, você põe. Se quiser botar duas, cê bota. Você quer coisa de palha? Bota com esse outro que botou as flores vermelhas é amorosa. Quer flor pra paz na caminhada? No encontro, pra onde você chegar sempre ter um coração aberto? É a paz. Pode pôr flores procurando a iluminação. Mas não deixando de lembrar que existe uma protetora desse dia, que é Nossa Senhora das Candeia, tá entendendo?*" (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos). Havia também festas devotadas aos santos identificados com a atividade pesqueira artesanal, como a Festa de São Pedro, na Bugia, em Conceição da Barra.

Figura 7: Comunidade de Bugia, anos 1950, óleo sobre tela de autoria de Marieta Castro, s/d.

Bugia era uma localidade tradicionalmente vinculada à pesca artesanal. Foi literalmente erodida pela ação das águas dos mares, tendo seus moradores sido realocados em outros bairros de seu município. A Figura 7 retrata a localidade nos anos 1950.

Esta obra, da década de 1990, apreende as características essenciais da Bugia. A cena apresenta uma paisagem pouco antropizada, caracterizada pelos elementos naturais: mar, praia e mata. O elemento humano é representado apenas por algumas embarcações, enquadradas no centro, e pela presença de dois personagens, feminino e masculino. O personagem masculino está em pé, dentro de um barco, recostado no remo em posição

de descanso. A personagem feminina está sentada na mesma embarcação, com o rosto voltado para a água. Parecem estar em diálogo, numa relação íntima. Não estão trabalhando. Adão e Eva no Éden? De todo modo, a obra expressa quietude, pertencimento e integração figura uma sensação de adaptação ao mundo natural, e não de domínio sobre ele, pois mesmo o rancho de pesca do lado esquerdo parece estar integrado à mata, fazendo parte dela, ou dela se diferenciando suavemente.

Recentemente, contudo, a região passou a conviver com o avanço das águas do mar sobre as construções da orla, o que levou à destruição quase que por inteiro dos imóveis existentes. As ruínas da Bugia banhadas pelo mar mostram interconexões, nem sempre harmônicas, entre os mares e ouras paisagens, como as de praias e, em configurações distópicas, as de Terra em Transe. Além da Praia do Bugia, a Praia do Farol também foi afetada, diante da qual foram instaladas obras de redesenho da orla e de contenção, na tentativa não propriamente de domar os mares, mas de adaptar o território urbano às suas manifestações

A força erosiva dos mares permanece na memória, denota-se através do tempo, constante e inexorável também em Povoação, município de Linhares, sendo responsável pelo deslocamento de habitações. "*Aquela casa ali eu vi, 20 anos atrás eu passei lá. Eu passei e só vi ela na volta, porque ela era longe do mar, longe da praia. Agora o mar já tá dentro da casa. Eles já saíram da casa, fizeram outra casa mais pra dentro, pra cá, no asfalto. E aquela casa mais antiga deles lá, o mar já entra dentro dela. E era longe do mar"* (Agostinho de Macedo Souza, 65 anos). A personalidade dos mares é tão forte, que eles se tornaram sujeitos... "*o mar tem uma implicância comigo já me expulsou de lugar, sempre me expulsa, agora mesmo está querendo me expulsar outra vez"* (Simeão Barbosa dos Santos, 78 anos). Ao ser humano cabe a adaptação, em ciclos temporais cujo presente é ver o futuro repetir o passado: os mares como senhores do que é e do que está por vir. *"Aí ele me expulsou dali eu venho mais para frente, aí eu fico ali, daí vem o mar outra vez para perto de mim e assim, eu estou por aqui e estou"* (Simeão Barbosa dos Santos, 78 anos).

Adicionalmente, os mares são locais de feitos memoráveis nas narrativas míticas e folclóricas, que uma vez mais ressaltam o poder dos mares. Na tela da autora Naiade Bósio (Figura 8), reproduzida em um cartão postal distribuído pela municipalidade de Linhares, o episódio do salvamento da tripulação pelo Caboclo Bernardo é representado em um mar revolto em tempestade, com ondas volumosas e frequentes (pela proximidade umas das outras com que foram representadas), pintadas em tons de verde escuro. O céu também foi representado em tons característicos de tempestade, em tons de cinza com nuvens grandes e volumosas.

Figura 8: O salvamento da tripulação por Caboclo Bernardo, óleo sobre tela de Naiade Bósio, s/d.

No canto superior esquerdo vê-se uma embarcação com características de caravela em situação de naufrágio, com as velas já sendo envolvidas pelas águas. No canto inferior direito, aparecem três figuras humanas, sendo duas delas com os braços levantados para cima e uma deitada de costas na água, demonstrando uma situação de aflição. Aparentemente não se representa a figura heroica de Caboclo Bernardo; o quadro enfatiza a situação adversa que foi enfrentada por ele. O mar, ao mesmo tempo que é representante da vida, da diversidade e da beleza, mostra nessa tela sua força e adversidade como senhor da destruição e da morte. Na representação em questão, tais condições realçam o feito do herói Caboclo Bernardo e justificam seu protagonismo no contexto histórico e cultural local, uma vez que o personagem é uma figura histórica da Vila de Regência Augusta que possui um papel estruturante na memória e cultura do povo linharense. Percebe-se, nesse caso, a presença dos mares nas histórias que envolvem os Patrimônios de várias localidades em Linhares, Aracruz, Conceição da Barra, Fundão Serra e São Mateus.

Sujeitos de personalidade forte, os mares, no entanto, também se encontram assujeitados nas relações com os seres humanos, seja pela falsa impressão de sua domesticação ou pela fragilidade que se apresenta em suas relações. O rompimento da barragem do Fundão em novembro de 2015, com a consequente descarga de rejeitos minerários atingindo o litoral capixaba, trouxe à tona tais fragilidades e interditou algumas das relações existentes, já que *"(...) depois disso os turistas se afastaram mais, eles se afastaram porque não podiam tomar banho na água, porque a água estava contaminada... ficaram com medo de dar problema na pele, né, essas coisas. Aí agora que eles estão vindo, mas enfraqueceu bastante"* (Maria da Penha Monteiro, 57 anos).

As consequências do evento suspenderam práticas de reprodução material, de tal modo que *"depois da notícia dessa lama, eu só fui na beira da praia três vezes. Parei de comer peixe, porque se a pesca tá proibida, alguma coisa tá errada"* (Sebastião Pereira da Fonseca, 70 anos). Há lamento acompanhando a interrupção da tessitura das relações com os mares, perdidas no presente, ainda que acessadas pela memória, posto que *"antes*

eu pescava e pegava um monte de robalo na praia, que eu gostava de pescar muito no mar" (Ivan Monteiro, 66 anos).

Há outros fatores que condicionam o enfraquecimento da pesca artesanal exercida nos mares. Considere-se, por exemplo, o esgotamento dos recursos pesqueiros disponíveis em função de mudanças climáticas, da sobrepesca exercida pela atividade imediatamente concorrente, a pesca industrial, de contaminação e poluição da água por esgotamento sanitário e lixo doméstico. Há também a presença, nas proximidades das comunidades, de empresas e indústrias que incorporaram a mão de obra anteriormente disponível para a pesca artesanal em funções de baixa complexidade, oferecendo atividades menos penosas ou rendimentos mais atrativos do que aqueles decrescentes da pesca artesanal. Contudo, ainda diante de todas as perspectivas avessas às práticas tradicionais relacionadas à natureza, algumas comunidades buscam organizações associativas para se fortalecerem e garantirem políticas e direitos para a manutenção do ofício. Elas, como os mares, são potências, são criatividade, e as paisagens dos mares, então, continuam a encantar, assustar e embalar vidas. Essa vida que pulsa dos e nos mares tem um modo de ser que, afetado pelos impactos da ação humana, responde de maneiras diversas, umas mais dadivosas, outras mais intempestivas. Eles continuam indo e vindo, para cima e para baixo com sua dança hipnótica que chama quem está fora deles a sentir o seu abraço.

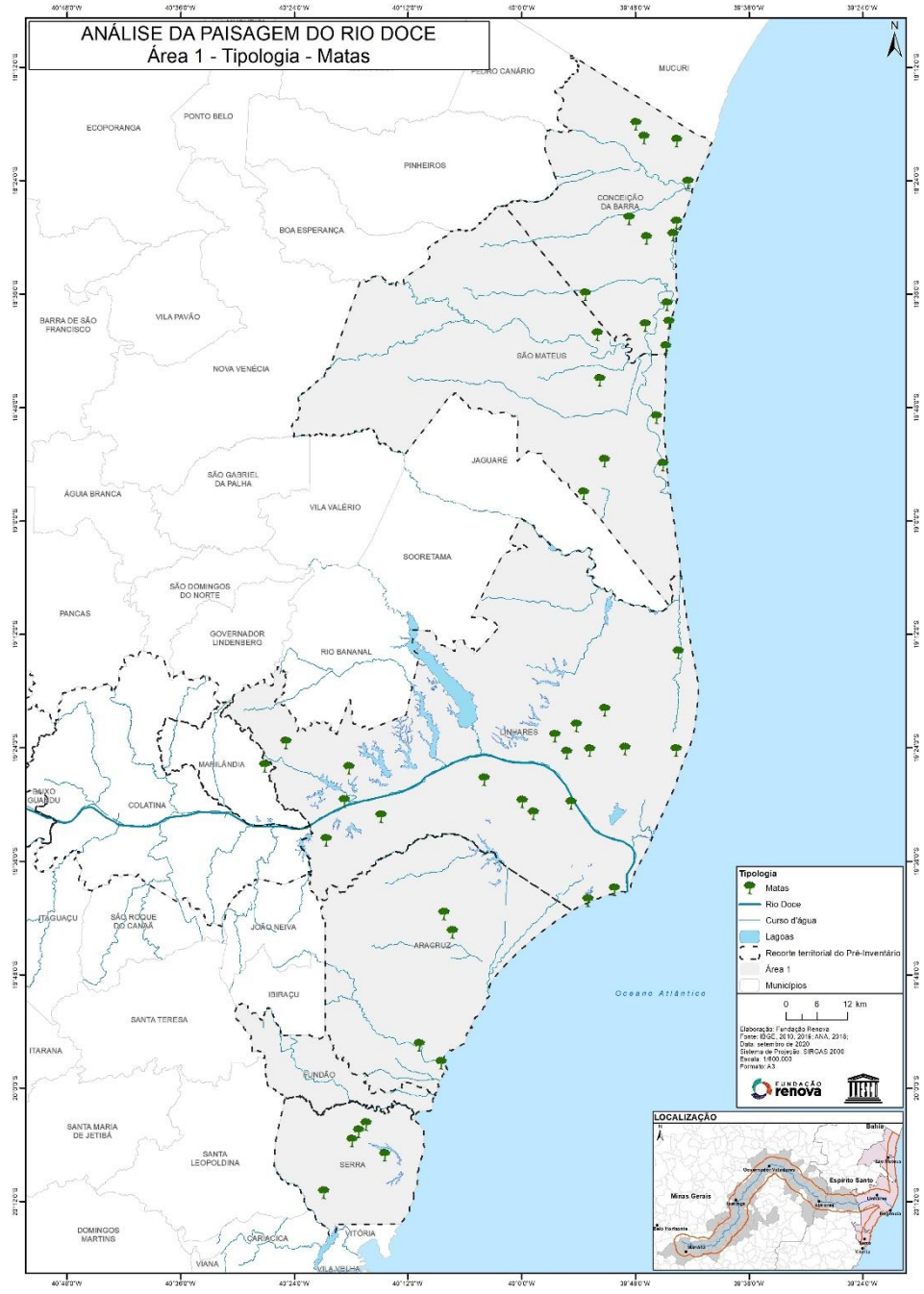
Matas – os fragmentos verdes

Figura 9: Mata ciliar na beira do rio Piraquê-Açu, município de Aracruz.

Figura 10: Fragmento florestal no município de Serra.

Figura 11: Gravura do Príncipe Maximilian Wied Neuwied, 1815

Figura 12: Navigation sur un bras du Rio Doce, 1822, Maximillien Wied-Neuwied



Classificação: Paisagem Nativa.
Nível de Antropização: Fraco.
Justificativa: Representa os fragmentos preservados de mata nativa na região.

"Cipó caboclo tá subindo na virola
Chegou a hora do pinheiro balançar
Sentir o cheiro do mato, da Imburana
Descansar, morrer de sono na sombra da Barriguda
De nada vale tanto esforço do meu canto
Pra nosso espanto tanta mata haja vão matar
Tal Mata Atlântica e a próxima Amazônica
Arvoredos seculares, impossível replantar..."
(Matança, Xangai)

A paisagem de Matas representa os resquícios que ainda existem da floresta que cobria originalmente a região de estudo. Em toda região do rio Doce essas florestas permaneceram preservadas por séculos, pois a sua presença era sinônimo de proteção. Proteção da ação do próprio homem, proteção do acesso às minas gerais, proteção das riquezas naturais. Em uma terra onde tudo se tirava, era essa a mata que intimidava estrangeiros e escoltava o império português na proteção do acesso às Vilas de Ouro Preto e Mariana, evitando o contrabando de ouro. Os povos indígenas vivem e se sustentam até hoje das matas, de onde retiram parte dos recursos necessários para sua existência e para a reprodução dos seus modos de vida, sejam alimentos, materiais para a construção das casas, para a confecção de utensílios e artefatos.

Os fragmentos de matas remanescentes protegem os solos e produzem água, alimentos, madeiras, fibras, óleos e remédios. Na calha do rio Doce, eles pertencem ao bioma Mata Atlântica e abrangem diferentes ecossistemas florestais (Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Estacional Semidecidual), assim como restingas e manguezais.

Nessa paisagem, cedros, angicos e jequitibás sobressaem desde o alto, destacando-se no dossel da floresta. No topo da cena, uma grande variedade de espécies arbóreas se enlaça, ajustando e justapondo suas copas como se fossem peças de um quebra-cabeça. Troncos altos, grossos ou finos, retos ou contorcidos, mesclam o marrom de suas cascas com a diversidade do verde: claro, escuro, musgo e, por fim, molhado. Pairando no ar, o cheiro salgado do pau-d'alho se mistura ao cheiro doce da copaíba, e ao aroma amargo do pau-brasil e do jatobá.

Caminhar pelas Matas é adentrar seus encantos e mistérios. Em determinado momento, a copa da mata escura se abre em clareiras, o sol entra iluminando os arbustos, as samambaias, e uma diversidade de plantas que crescem no interior protegido do ecossistema. São lugares onde a dimensão do tempo se altera, e de forma convincente as Matas convidam o observador a apreciá-las. Quando deixadas para trás, essas paisagens suscitam saudades: o verde que passou a habitar a memória das pessoas, o perfume amadeirado das árvores que impregnou peles e roupas, a terra que manchou os pés e as mãos.

A pujança das florestas originárias aparecem mais nas representações que no próprio território, já que atualmente há poucos fragmentos de mata nativa. A devastação das florestas do rio Doce foi uma das maiores registradas em termos de área/tempo. O desmatamento mais acentuado se

ocorre no início do século XX, pela expansão do café na região da foz do rio Doce, período concomitante à construção da estrada de ferro Vitória-Minas. Em 1969, a vegetação nativa remanescente nessa região chega a meros 2,5 a 5% do original. As causas principais do desmatamento são consumo de lenha, produção de carvão vegetal, exportação de madeira, desmatamento para uso agropecuário e desperdício (Espíndola, 2015).

A força das matas da região pode ser observada tanto nas pinturas históricas, quanto no relato dos viajantes europeus do século XIX. A gravura do príncipe Maximillien Wied-Neuwied (Figura 12) destaca a exuberância das matas nas margens dos rios, que crescem sobre o leito formando paisagens sinuosas e pitorescas. Na frente da embarcação, um dos tripulantes busca remover um grande tronco de madeira que interrompe a navegação. A imagem apresenta a natureza em sua potência sobre-humana e sua exuberância entorpecente. Ali, o indomável salta aos olhos do observador, sugerindo uma expedição cheia de percalços em meio a uma selva habitada por elementos desconhecidos. Embora em menor escala, a mesma exuberância é retratada contemporaneamente nas obras de Yara Tupinambá (FigurasFigura *13*Figura 14Figura 15). As telas de Yara também ilustram a biodiversidade e evocam a multiplicidade de sensações presentes nas Matas. Nas telas de Yara, nota-se a diversidade de árvores misturadas, forradas por vegetação arbustiva densa, troncos de diferentes formas e texturas, mesmo que em sua maior parte, retilíneos. As folhas têm diferentes tamanhos e cores, compondo os quadros com muitos tons de verde, azul e marrom.

Próximo do litoral capixaba, as matas de restinga apresentam uma composição arbórea, arbustiva ou rasteira, cujas plantas retorcidas e inclinadas de folhas grossas se adaptaram para resistir à força dos ventos e ao calor intenso do sol. No litoral, o cheiro das matas se mistura ao da maresia. Desde os tempos remotos, essas matas protegiam toda faixa litorânea das condições severas e adversas que o sol e o sal marinho impõem ao ambiente, e que se não fosse pela sombra da restinga e pelo frescor do vento, seria inóspito para o desenvolvimento de inúmeras formas de vida à beira mar.

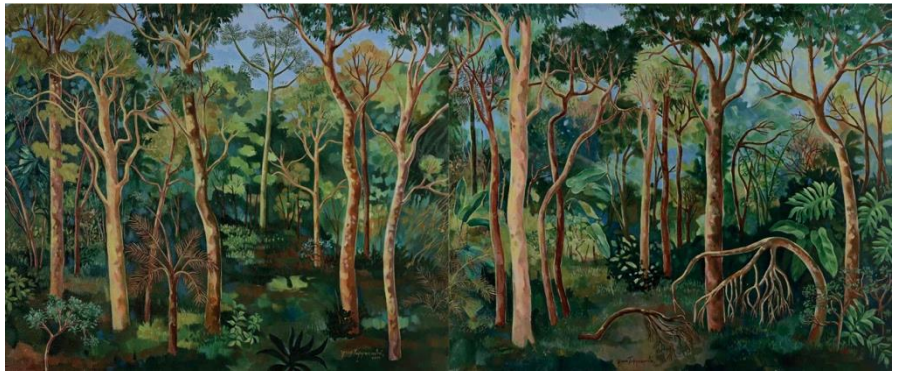


Figura 13: Árvores do Vale do Rio Doce - Díptico 1 . Acrílica sobre tela . 120X100 cm . 2011

Figura 14: Floresta Vale do Rio Doce Díptico 1 . Acrílica sobre tela . 120x100 cm . 2014

Figura 15: Floresta e Grande Pássaro - Díptico 1 . Acrílica sobre tela. 120x100 cm . 2015

Esse diverso conjunto de fitofisionomias é uma das razões pela qual a Mata Atlântica tem os mais altos valores de diversidade biológica do planeta. Estima-se que esses ecossistemas abrigam hoje cerca de 20 mil espécies vegetais, incluindo diversas espécies endêmicas, sendo prioritários para a conservação da biodiversidade em termos mundiais. Em relação à fauna, o bioma abriga cerca de 850 espécies de aves, 370 de anfíbios, 200 de répteis, 270 de mamíferos e 350 de peixes, contribuindo para que o Brasil seja o mais rico dos países megadiversos, abrigando 20% da biodiversidade mundial (MMA, 2006; MMA, 2007).

O senso de proteção que as florestas proviam aos territórios até o início do século XX ainda pode ser observado nos dias atuais. No entanto, não se trata mais de proteger as florestas para que elas protejam o território contra a ocupação humana. Pelo contrário, em virtude da expansão da ocupação humana que devastou grande parte das florestas, trata-se agora de preservar vidas. As matas fornecem serviços ecossistêmicos essenciais para milhões de brasileiros que vivem dentro e fora delas, promovem a regulação climática, produzem e abastecem a população de água, além de protegerem os rios.

As matas que sobreviveram ao processo de exploração representam apenas 16% da área de estudo. O desmatamento ocasionou o assoreamento das nascentes e dos rios, a devastação da flora e da fauna, levando à extinção de inúmeras espécies e impactando os modos de vida das comunidades tradicionais (indígenas, ribeirinhas) e urbanas.

As florestas de restinga, por exemplo, vêm resistindo ao longo do tempo, perseverando há mais de 500 anos aos diversos ciclos econômicos que marcaram a história de ocupação do país, sendo atualmente um dos ecossistemas mais degradados do Brasil. A força e a importância das restingas para proteção do ambiente são (re)conhecidas apenas quando elas deixam de existir e os efeitos de sua ausência se manifestam. Após a devastação das matas de restinga, as dunas de Itaúnas (no norte da área de estudo) se deslocaram e soterraram a antiga vila, obrigando os moradores a reconstruírem uma nova vila em outro local.

Frente à crise ambiental que se instaurou no planeta com o aumento da temperatura global, a necessidade de proteção das matas nativas adquiriu ainda maior relevância. Neste cenário, a função de regulação hídrica se destaca para a população consciente da necessidade de sua preservação *"Aquela mata sempre esteve ali e todo mundo cuida daquela mata. É ela que comanda esse rio* [Santa Isabel]" (Adilson Rigonis, 38 anos). A relação entre a

conservação da mata e a conservação do rio e entre a conservação do rio e a conservação da vida é clara aos olhos de quem observa... *"as matas que seguram mais essa pesca que a gente vê hoje em dia!"* (Gilvan Francesbilho dos Santos, 37 anos).

A consciência ambiental, que reconhece a natureza como fonte de energia e de recursos importantes para a preservação de toda vida no planeta, está crescendo frente aos desafios que o processo de desenvolvimento adotado vem impondo à espécie humana. Se por um lado, o desenvolvimento é necessário... *"era natural, então a gente tem saudade daquilo, mas, sabe também que tem que ter o desenvolvimento"* (Silvano Ramos, 84); por outro lado, os recursos naturais também são essenciais... "*tenho certeza que se tivesse uma mata aí, aqui estava mais fresco, então é preservar as florestas, os rios, lagos, isso aí é toda fonte de energia pra gente*" (Gilvan Fracesbilho dos Santos, 37 anos).

O desenvolvimento mencionado foi o principal vetor de destruição das matas na área de estudo. Inicialmente foi estabelecida a crença pelos colonizadores de que as florestas densas e impenetráveis abrigavam os "cruéis povos nativos" e os monstros que viviam nesses lugares selvagens eram ameaças que precisavam ser vencidas. Isso justificou o extermínio dos povos nativos e o avanço dos ciclos econômicos – a madeira, o cacau, o café, o eucalipto – causando a destruição das matas... "*Ah, as árvores. Acabaram com essa paisagem bonita, as árvores..."* (Elenir Rodrigues, 71 anos).

O verde – cor atribuída a essas paisagens – está no profundo inconsciente coletivo, vive no povo brasileiro, latente ou adormecido, sendo o destaque na paleta de cores da bandeira nacional. O verde das matas é o emblema do país, destacando a importância e a dimensão das florestas no território original. Se no profundo inconsciente se encontra o verde dessas formações, por outro lado, existe cada vez mais a consciência da qualidade que as matas agregam à vida humana, apesar das dinâmicas de descaracterização que ocorreram na região*. "(...) mas era bem verde, bem verde mesmo, era bonito de se ver (...) era um lugar que era... era paz! Paz mesmo. Hoje tem mais pessoas, tem mais casas e menos árvores... hoje você não pode respirar abertamente"* (Diana Campista, 43 anos).

As matas estão vivas nas memórias das pessoas que cresceram (e ainda crescem) nessas paisagens, acionando elementos da constituição identitária e da própria cultura... *"nós ainda temos tambores velhos, de madeira, tá? E o certo é tambores das madeiras da mata, o certo as casacas tem que ser feita da jibubuia. Tudo é das matas... são os materiais necessários que as bandas de congo precisam. Eu nunca vi um capitão andar sem o seu bastão, para ele significa que ele é um capitão, então eu tenho muitas coisas da banda de congo que vem dos antepassados. Dos meus pais, dos meus avós, que foram pegado à laço, tá?*" (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos). Os tambores do congo, antes feitos de árvores nativas, são vistos como entidades que ecoam as vozes dos ancestrais.

Ao passo em que essas paisagens se extinguem, as relações afetivas despontam e ressaltam... "*Tem também uns dois fragmentos florestais de Mata Atlântica que realmente nos enche de orgulho, que é a reserva Linhares, Reserva Natural da Vale do Rio Doce e a Reserva Natural de Sooretama... dois fragmentos florestais bem grandes. Temos a Fauna de Goitacazes, mas lá é menor, segundo a Fauna de Goitacazes é a segunda floresta urbana do Brasil, segunda maior do Brasil!"* (Elber Tesch, 37 anos).

..."*Eu tenho esperança que as coisas têm mudado, a humanidade tem evoluído e eu tenho esperança que as coisas, que a legislação venha funcionar melhor"* (Elber Tesch, 37 anos)".Seja pela legislação vigente que as protegem, como a Lei da Mata Atlântica e o Código Florestal, seja pela relação afetiva que as pessoas têm com essas paisagens, há um sentimento de esperança, de que um futuro melhor está por vir, ainda que jamais volte a ser aquilo de tempos de outrora.

Quem hoje é vivo corre perigo
E os inimigos do verde dá sombra ao ar
Que se respira e a clorofila
Das matas virgens destruídas vão lembrar
Que quando chegar a hora
É certo que não demora
Não chame Nossa Senhora
Só quem pode nos salvar é:
Caviúna, Cerejeira, Baraúna
Imbuia, Pau-d'arco, Solva
Juazeiro e Jatobá
Gonçalo-Alves, Paraíba, Itaúba
Louro, Ipê, Paracaúba
Peroba, Massaranduba
Carvalho, Mogno, Canela, Imbuzeiro
Catuaba, Janaúba, Aroeira, Araribá
Pau-Ferro, Angico, Amargoso, Gameleira
*Andiroba, Copaíba, Pau-Brasil, Jequitibá (*Matança, Xangai)

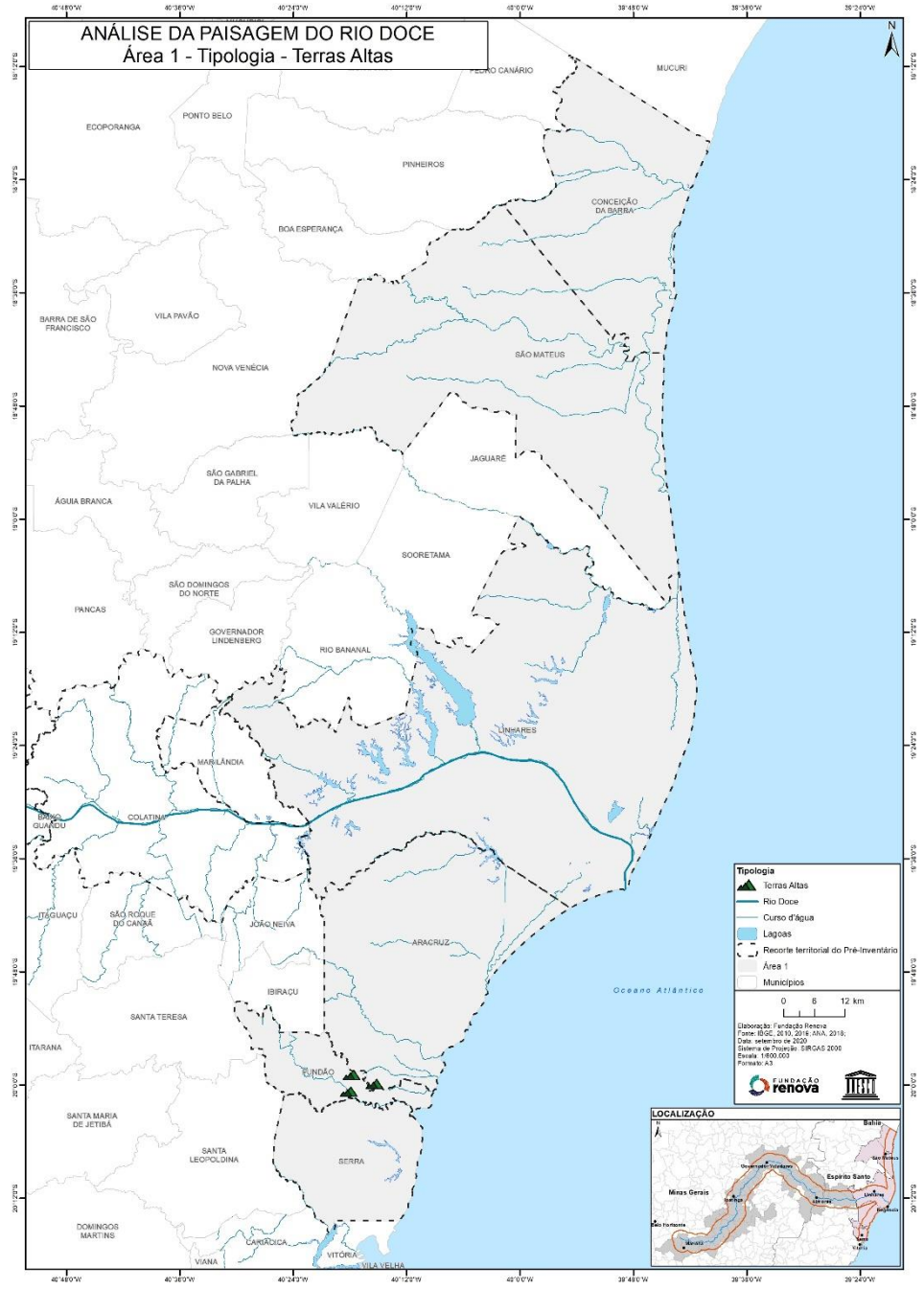
Terras Altas – as gigantes ancestrais que emolduram

Figura 16: Região montanhosa nas imediações do povoado de Japira, Linhares/ES.

Figura 17: Formações montanhosas em meio a cafezais, Cabeceira de Santo Hilário, Linhares/ES.

Figura 18: Montanhas em meio a áreas de plantios, São Francisco Córrego Dr. Jones, Linhares/ES.

Figura 19: Morro do Aricanga, em Aracruz/ES. Fonte: Prefeitura Municipal de Aracruz/ES.



Classificação: Paisagem Nativa
Nível de Antropização: Fraco
Justificativa: Grande parte das Terras Altas da região são intocadas, como os Pontões e montanhas. Os mares de morro abrigam, ocasionalmente, o desenvolvimento de culturas agrícolas e pecuária.

”Como tem uma visão né rapaz, você vê tudo, principalmente quando chove igual choveu, tudo verdinho, é bonito. Morro, você viu os morros?” (Ronisvaldo Simões, 65 anos)

As **Terras Altas** são paisagens marcadas pelo volume e pela sinuosidade. Compostas por pontões, serras, montanhas e morros, essas paisagens se apresentam ao observador, de perto ou de longe, como um elemento inescapável. São o limite, aonde a vista alcança: o que vem depois é um mistério. Destacam-se por sua imponência, por nos fazer sentirmos pequenos diante de sua grandeza e imensidão. Dão volume e forma à monotonia das superfícies planas. Apontam para o céu e se mostram mesmo de longe, instigando o observador a desvendar seus encantos.

São paisagens que se apresentam de diferentes maneiras. Os pontões, as serras, montanhas e morros constituem grandes blocos rochosos, lembranças do processo de modificação da superfície do planeta em eras remotas de nossa história geológica. Podem ser cobertas das matas ou abrigar culturas agrícolas mais afeitas à altitude e umidade (*Figura 16*,*Figura 17* e *Figura 18*). Apresentam tonalidades que vão desde o preto e cinza escuro (no caso dos paredões rochosos) ao verde claro (no caso dos morros com pastagens).

São paisagens em que a neblina aparece baixa e o vento sopra incessantemente, onde o som das correntes de ar marca a experiência dos que nelas vivem ou por elas transitam. O vento também traz consigo folhas, galhos e a chuva, que acumula a água para alimentar as espécies vegetais que crescem nesses ambientes. Ainda que remotas e por vezes inacessíveis, essas paisagens são ambientes férteis e ricos em espécies animais e vegetais. Por vezes, as montanhas se mostram com a presença de aves, que brincam em seus contornos de asas abertas e aguçam os desejos humanos de voarem também. Intrigados, os humanos também alçam voos, delicados e contemplativos, com asas coloridas movimentadas por cordas ou estruturas metálicas (asas delta e parapentes) que vão sendo integradas a essas paisagens, contempladas pelos observadores desde a perspectiva terrestre.

Os morros e pontões são, dentre as **Terras Altas**, as que mais aparecem ao longo dos municípios da Área 01. Cerca de 8% do território da Área 01 é composto por regiões de relevo montanhoso[1], apresentando formas distintas. Os pontões, mais encontrados na porção do rio Doce localizada no estado do Espírito Santo e na divisa com Minas Gerais, possuem extremidades ora agudas, se assemelhando a dedos indicadores voltados para o céu, ora em formato de “pães de açúcar”, ora achatadas, com o cume de largas dimensões. As montanhas, não tão agudas quanto os pontões, são, ainda assim, enormes e imponentes, donas de muitas faces e fisionomias.

”De longe nos revela(m) o perfil grave.
A cada volta de caminho aponta(m)
uma forma de ser, em ferro, eterna,
e sopra eternidade na fluência”.[2]

[1] IBGE,2010.

[2] ANDRADE, Carlos Drummond de. A Montanha Pulverizada. 1984. Adaptação dos autores.

Essa fluência das formas, uma espécie de sensualidade topográfica, se associa à rigidez da rocha bruta, característica dos escudos cristalinos, esculpida pela erosão da água e dos fenômenos geológicos ao longo de milhares de anos. Os pontões e as montanhas são as **Terras Altas** mais imponentes e, não raro, se tornam marcos simbólicos e bens protegidos pelas políticas de preservação do patrimônio cultural e do meio ambiente nas regiões onde estão localizadas. Esse é o caso do Parque Natural Municipal do Aricanga "Waldemar Devens", em Aracruz, fruto da proteção da área do entorno do Morro do Aricanga em 1988 (*Figura 19*); e do Morro Mestre Álvaro, em Serra/ES (*Figura 20*).

Muitas vezes inacessíveis, os morros e pontões suscitam reações de admiração e estimulam a contemplação. São destinos buscados por grupos de caminhadas ecológicas, para orações e para o simples deleite estético. A partir desse uso, se tornam importantes elementos de identificação com a natureza e os modos de vida do campo, suscitando experiências de lazer e desfrute naqueles que os buscam para o turismo em finais de semana, feriados e períodos de férias.

Na região da foz do rio Doce e municípios litorâneos, as formações geológicas predominantes datam do Terciário e Quaternário, são de origem sedimentar, caracterizadas por extensas planícies. Os domínios litológicos de origem sedimentar constituem-se depósitos aluvionares recentes formados principalmente de areia, argila e cascalho, originados do retrabalhamento de outras rochas e podendo conter restos de matéria orgânica.

Figura 20: Morro do Mestre Álvaro visto da comunidade de Putiri, município de Serra/ES.

Na transição entre o Médio Doce e o Baixo Doce ocorre o Bloco Montanhoso dos Pontões Capixabas e Mineiros, e os Pontões das Bacias dos rios Doce e Itapemirim, que juntos somam 3.068,37 km^2 de extensão. Também conhecida como Zona dos Pontões, a região é marcada pelo afloramento de grandes rochas granito-gnaissicas, associadas a serras, vales e colinas com vertentes ravinadas e topos eventualmente planos. Essa região apresenta grande instabilidade das vertentes, sendo comum a ocorrência de erosão acelerada em alguns locais, com escorregamentos e formação de voçorocas.

Figura 21: Região dos Pontões entre os municípios de Colatina e Baixo Guandu.

Os mares de morros, por sua vez, são de menores dimensões, articulados em um extenso zigue-zague que determina muitas vezes os cursos de estradas e caminhos (*Figura 22*). Possuem cobertura vegetal mais abundante que os pontões e montanhas e, devido às menores declividades, podem abrigar atividades econômicas como culturas agrícolas e pastagens.

Nessas **Terras Altas** se planta café e se cria gado leiteiro para o abastecimento de laticínios locais ou redes de coleta de leite de laticínios maiores. Nos morros, a divisão da terra em propriedades privadas fica mais nítida a partir da visualização de cercas e porteiras. São terras utilizadas para a produção agropecuária por seus proprietários ou por meeiros, que arrendam porções de terra por tempo determinado, procurando delas extrair a maior produtividade possível para arcar com os custos e ainda remunerar seus investimentos.

Figura 22: Morros em região de pastagens, São Rafael, Linhares/ES.

Os pontões, as serras, montanhas e morros passam a impressão de que sempre estiveram aonde estão:

"Chego à sacada e vejo a minha serra,
a serra de meu pai e meu avô,
de todos os Andrades que passaram
e passarão, a serra que não passa"[3]

[3] ANDRADE, Carlos Drummond de. A Montanha Pulverizada. 1984.

Essas paisagens testemunharam a ocupação do território por diversos grupos humanos. Seus habitantes originais, os povos indígenas que povoavam o continente sul-americano antes da chegada dos conquistadores europeus, as têm como elementos sagrados que materializam os antepassados já ausentes da dimensão terrena da vida. Na dimensão espiritual, eles se comunicam com os viventes através dos sinais que a natureza dá a respeito do que está acontecendo e do que está por acontecer. *"Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo 'não estou pra conversa hoje', as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: 'pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser"*.[4]

Essas montanhas espirituais e espirituosas, cheias de personalidade, foram os primeiros marcos, os primeiros pontos de referência utilizados pelos conquistadores europeus que trouxeram mudanças drásticas para os povos indígenas, instalando uma nova ordem no território. As montanhas, para os conquistadores, representavam o sonho da riqueza, a pretensão da chegada à terra sem males que oferecesse as benesses do paraíso terreno. Os motivos edênicos do conquistador, contudo, se mostraram cada vez mais distantes e, na busca de superar a distância e aproximar o sonho da realidade, as entradas encontraram serras, montanhas e mares de morros que foram tirados do usufruto dos povos indígenas e incorporados a um novo poder.

Figura 23: Geographica demonstração da Capitania do Espirito Santo até a ponta da Barra do rio Doce no qual parte Porto Seguro, João Teixeira Albernaz,1627.

A partir da busca por essas terras sem males, o conquistador as percorreu para interiorizar o domínio coloniais americanos. Essas montanhas, além de representarem o sonho da descoberta das jazidas de metais preciosos, serviam como importantes elementos de localização, o que

[4] KRENAK, Ailton. Ideias para adias o fim do mundo. São Paulo: Cia das Letras, 2019, p. 10.

fez com que fossem presença constante nos documentos cartográficos elaborados por diversos artífices para orientar os exploradores da costa e do interior. As Terras Altas, com isso, passaram a compor também o acervo de elementos iconográficos que orientaram os artistas que foram incumbidos de representar o novo mundo que se descortinava diante dos olhos europeus, como o mapa de autoria de João Teixeira Albernaz, publicado em 1627 (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Esse novo poder foi consolidado com o estabelecimento da sociedade colonial que deu origem aos modos de vida ocidentalizados compartilhados pelos habitantes das margens do rio Doce e do litoral capixaba ao longo dos séculos XVIII e XIX, tendo sido reproduzidos após a emancipação brasileira diante de Portugal. Nessa nova organização social, a produção de riquezas para o envio à Metrópole se tornou elemento central da lógica de ocupação do espaço, e as terras altas, ricas em minerais, constituíram uma obsessão dos conquistadores (*Figura 24*).

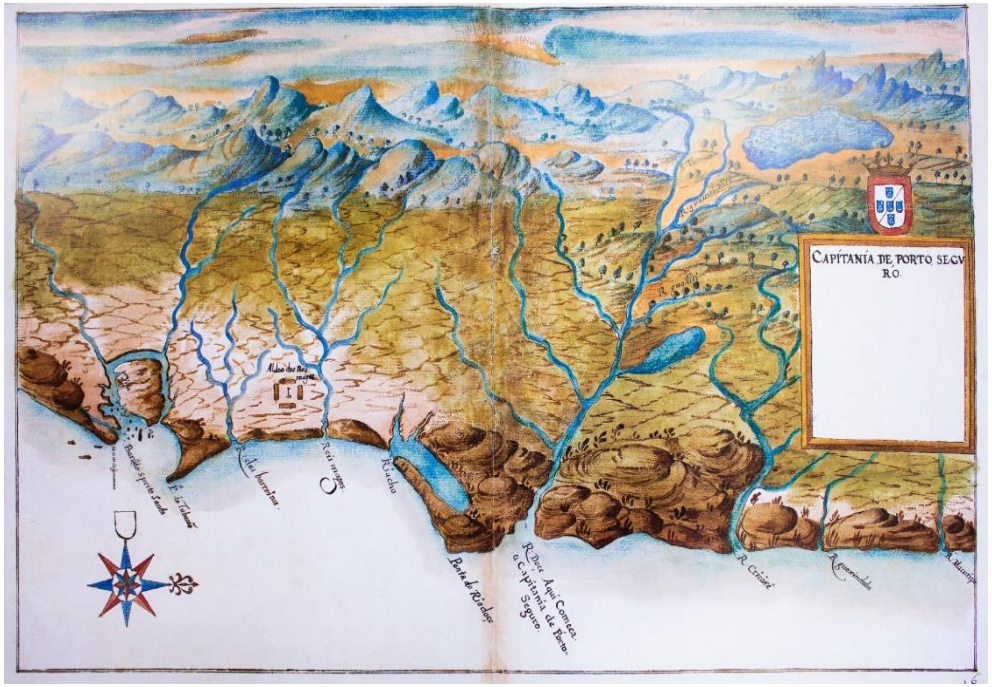


Figura 24: Capitania de Porto Seguro, João Teixeira Albernaz, 1631.

Ainda hoje, as montanhas são indicações seguras, para quem as conhece, das direções a seguir ou não, como é possível observar na

Figura 25, que apresenta a cadeia de montanhas que acompanha o navegador que adentra o rio Piraquê-Açu e deixa para traz a paisagem plana do mar.

Figura 25: Montanhas ao fundo do rio Piraquê-Açu, Santa Cruz, Aracruz/ES.

Paisagens referenciais, as Terras Altas, contudo, também são atravessadas pelos desafios trazidos pelos processos de apropriação de seus recursos para atividades extrativistas de grande impacto, o que interfere em suas feições e afeta diversas paisagens a elas associadas, como as pastagens, os rios, as comunidades rurais, culturas agrícolas irrigadas, matas e agroflorestas. Não por acaso, muitas das áreas de entorno dessas montanhas se tornaram Parques e áreas de preservação. Dessa forma, são também paisagens refúgio, locais onde é possível experimentar uma ligação íntima com a natureza. Ao longe, na linha do horizonte, elas trazem a esperança de ares puros e de vistas amplas do que está por vir. De perto, elas se impõem

como paredes ou labirintos que tornam aquilo que as cerca e aqueles que as percorrem pequenos e fugazes.

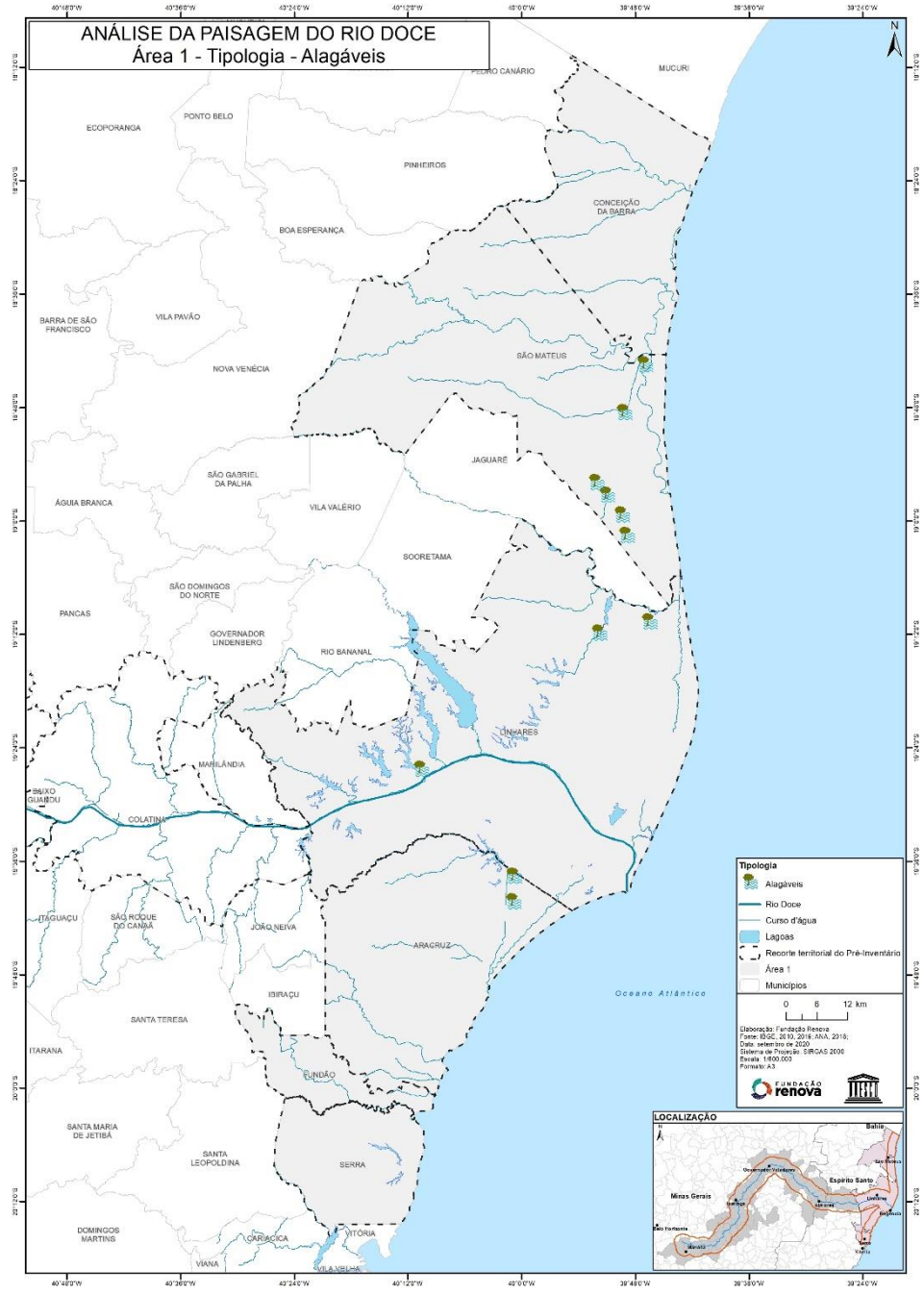
Alagáveis – transformáveis e transitórias

Figura 26: Área alagada em meio a pasto em morros, Biriricas, Aracruz/ES, 2020.

Figura 27: Área alagada em Linhares/ES, 2020.

Figura 28: Área alagada por cheia do rio Doce na estrada que leva a Povoação, em Linhares/ES, 2020.

Figura 29: Duto localizado às margens da estrada em área alagável, no sul de São Mateus/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Nativa
Nível de Antropização: Fraco
Justificativa: Paisagens de planícies alagáveis, algumas vezes utilizadas para uso antrópico.

As paisagens **Alagáveis** transformáveis e transitórias – são aquelas que apresentam diferentes facetas, estando sujeitas às variações provocadas principalmente pela periodicidade das estações do ano. Dessa forma, a aparência dessas paisagens sempre varia, nunca é a mesma. Em determinados momentos, a água é a protagonista; em outros, a vegetação ou até mesmo o solo assumem a centralidade.

Durante épocas de seca, observa-se uma vista plana, ora tomada pelo verde das pastagens ou das plantações, ora refletindo o marrom dos solos descobertos e expostos à ação do tempo. Por vezes sobressaem os animais criados nas pastagens, por vezes são as flores que brotam das plantações. No entanto, nas estações de cheia o espelho d'água torna-se o protagonista da cena, e as paisagens alagáveis assumem a forma de um grande lago com coloração escura e barrenta, de onde emergem apenas folhagens, cercas e troncos, submergindo a lama (Figura 28).

As paisagens alagáveis inspiram incertezas. Quando secas, estão sujeitas às inundações que podem ocorrer a qualquer momento. Quando alagadas, não permitem saber o que está submerso. Elas se adaptam aos efeitos das sazonalidades. As paisagens alagáveis ocorrem principalmente próximas aos rios e lagoas, nas planícies interplanálticas e no delta do rio Doce, devido à formação geomorfológica e o baixo grau de declividade dessas áreas. Às vezes, as sutis mudanças no relevo estão ocultas pelas águas ou pela vegetação (Figura 26).

As **Alagáveis** (con)fundem-se às demais paisagens existentes no território. Tornam-se rios, quando suas águas ultrapassam o curso natural, avançando pelas margens. Sob as águas das chuvas e dos temporais, as alagáveis inundam acessos, vilas e cidades (Figura 29).

Altamente influenciadas pela ação do homem, que encontrou nelas, desde os tempos remotos, oportunidades e vantagens para o desenvolvimento de suas atividades, seja na baixa declividade que facilita a construção de habitações e áreas de plantio, ou na fertilidade das áreas adjacentes aos cursos de água, onde ocorre o depósito de sedimentos orgânicos... *"Ele plantava o arroz ali, onde nós plantamos o feijão era água pura, que na época a água dava aqui em mim e eu colhendo o arroz, dentro da água"* (Maria Aparecida Pereira dos Santos, 42 anos).

As vidas nas paisagens alagáveis se adaptam ao constante subir e descer das águas. Na seca, as alagáveis são parte dos quintais das casas dos ribeirinhos, são estradas e caminhos. Na cheia, esses usos são transformados pela água. Se já não é possível percorrer a estrada a pé, segue-se de barco ou em pequenas canoas (Figura 30).

As paisagens **Alagáveis** também sofrem a influência de políticas públicas, cujos objetivos são geralmente econômicos. Um exemplo dessa situação é o que ocorreu em Degredo, município de Linhares. A área, anteriormente conhecida como Ipiranguinha, possuía uma geografia bem diferente da atual, com imensas áreas alagadas e muitas lagoas. A partir do ano de 1967, foram criadas medidas governamentais para ocupação das

terras ao norte do rio Doce, em uma região conhecida como vale do Suruaca. Entre 1965 e 1970 o Departamento Nacional de Obras e Saneamento realizou a drenagem do vale do Suruaca, com o objetivo de aumentar a área agricultável e atrair novos investimentos na região. Essa mudança, porém, ocasionou impactos ambientais e o aumento significativo das propriedades rurais na área (PORTUGUEZ, 2019, p. 82).

Figura 30: Ponto de embarque e desembarque no rio Doce nas proximidades de Povoação, Linhares/ES,2020.

Não raro, os usos econômicos que se fazem das áreas alagáveis provocam impactos na biodiversidade e na qualidade das águas. *"Nós tínhamos (...) pântanos, a parte de cima aqui nós tínhamos pântanos. Esses pântanos, a água deles descia vagarosamente e alimentava o rio... Alimentava com uma água doce, alimentava com os peixes que desciam... alimentava... nós tínhamos muitos jacarés, entre outras espécies que nós já não vemos aqui, entendeu? Então eu acho que a recuperação de uma parte desses pântanos, onde os fazendeiros cavaram tudo para fazer pasto, seria um dos primeiros projetos, falando de meio ambiente, para equilibrar o ecossistema aqui da região"* (Pedro Ribeiro Clarindo, 51 anos). Em outros, os usos econômicos das águas interferem em paisagens Alagáveis, como no caso do canal Caboclo Bernardo, construído pela Aracruz Celulose no final da década de 1990 (Figura 31).

Figura 31: Área alagada perto do Canal do Caboclo Bernardo

Algumas comunidades ribeirinhas percebem que as paisagens anteriormente alagáveis foram transformadas ao longo do tempo. A comunidade Barra Nova Sul, em São Mateus, localizada às margens do rio Mariricu, por exemplo, está em um local onde, no passado, era uma paisagem alagável *"Diz que isso aqui era tudo pântano. Isso aqui não tinha, era tudo pantanal, na época deles, eu não cheguei a pegar não, meu pai eu acho que chegou a pegar então isso aqui era um pantanal"* (Ivan Monteiro, 66 anos). Isso ocorreu porque há muito tempo o rio Mariricu (antigo rio Barra Seca) desaguava diretamente no rio São Mateus, e suas cheias periódicas alagavam toda região de Suruaca. Como o rio Barra Seca passava bem próximo ao Oceano, em 1866 o Comendador Reginaldo Gomes da Cunha, irmão do Barão dos Aimorés, ordenou que dinamitassem o cordão de arenito que separava o rio do mar. Ao drenar as águas da região de Suruaca, essa ação transformou as áreas alagáveis, brejosas e pantanosas, em áreas mais secas que favoreciam a realização de outras atividades, como a pecuária. Dessa forma, originou-se o rio Mariricu e o porto Marítimo de São Mateus, já que a foz e a barra do rio São Mateus eram muito rasas, dificultando a navegação de grandes navios.

Por outro lado, em outras localidades percebe-se que as alagáveis estão sendo influenciadas pela falta de água e pelos processos de assoreamento que ocorrem nos rios, como é o caso do rio Itaúnas, em Conceição da Barra. "*Logo que eu cheguei aqui, que eu fui criada aqui, eu com meus dez, doze anos eu lavava roupa ali, onde eu planto feijão hoje. (...) Porque eu sou apaixonada por tomar banho em rio e hoje eu não posso tomar banho em rio porque não tem rio mais. O rio que eu tomava banho secou, eu fui crescendo tomando banho naquele rio e secou* (Maria Aparecida Pereira dos Santos, 42 anos).

Desse modo, o deixar transformar-se é a característica mais marcante dessas paisagens. Da mesma maneira como a influência das dinâmicas naturais, sazonais, humanas e de localização as caracterizam, é a ação de influências diversas que lhes impõe sentido, permeando suas relações e sua dinâmica de existência temporal e espacial

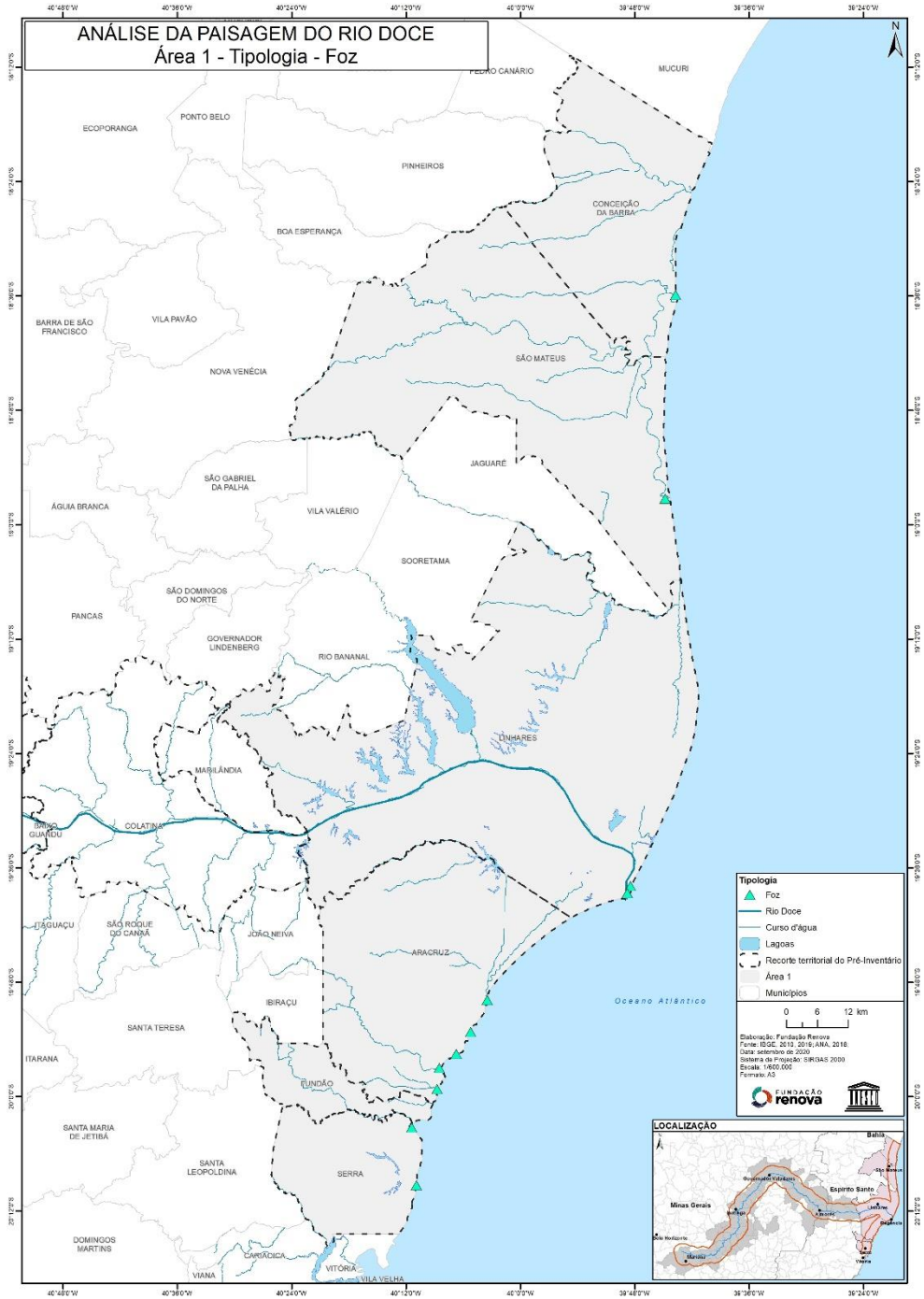
Foz – a dança das águas

Figura 32: Foz do rio Piraquê-Açú, Aracruz/SE, 2020

Figura 33: Foz do rio São Mateus, Conceição da Barra/ES, 2018. Fonte: ANA.

Figura 34: Foz do rio Laranjeiras na praia Formosa, Aracruz/ES,2020.

Figura 35: Foz do rio Doce, Regência, Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Nativa

Nível de Antropização: Médio
Justificativa: A paisagem Foz abriga embarcações e infraestruturas construídas para a pesca de subsistência, residências e comercio, bem como estruturas para o lazer.

É madrugada de um dia faustoso
Vinde conosco cantar, vibrar
A doce brisa deste glorioso
Rincão que muito nos cabe amar
Doirando as matas desponta a alvorada
Vinde conosco observar
Quanta beleza na caminhada
Do rio doce em busca do mar
(Hino de Linhares. Fonte: https://linhares.es.gov.br/simbolos/)

A paisagem Foz é o encontro de águas e tudo o que este encontro faz do território no qual ele acontece; é o que essa mistura de águas proporciona aos ecossistemas e às comunidades; é como essa dança condiciona os modos de vida das várias espécies de flora e fauna (incluindo homens e mulheres); é como esse momento é percebido e vivido, e quanto ele dura e perdura. Os limites dessa paisagem não são físicos, muito menos visíveis. Não se trata apenas do encontro das águas dos rios e do mar: essas águas se misturam, se arrastam, assustam e acalmam, inspiram, elas dançam! "*Tinha dias que eu chegava aqui, sentava ali e pronto, eu não sei explicar...*" (Flávia Cristina de Jesus Loyola, 51 anos).

A Foz é uma paisagem múltipla...

onde as águas doces e salgadas se encontram e se misturam numa dança, num jogo de forças;

onde as pessoas também se encontram;

"*é o banho, é o rio, é o mar... um banho no rio, um banho no mar*" (Maria da Penha Monteiro, 57 anos);

onde os rios trazem todas as suas experiências, riquezas e problemas – desde os cumes das montanhas, ao longo dos caminhos sinuosos entre florestas e povoados – e as depositam no mar;

onde o espaço encontra o tempo e o obriga a parar, porque ali, perde-se a noção da hora e o momento ancora no lugar;

onde a amplitude, grandeza e vastidão do horizonte possuem uma força especial... *"eu tenho uma relação muito forte com aquela parte lá, ó (...) ali tem uma energia muito boa, é um ponto de força"* (Flávia Cristina de Jesus Loyola, 51 anos).;

onde o morrer equivale a se tornar.

Figura 36: Foz do rio Barra Seca em Linhares/ES.

O encontro das águas doces dos rios com as águas salgadas do mar, diluídas em sua imensidão, brinda com uma ampla e espaçosa visão. O observador que olha a partir do continente encontra uma paisagem ilimitada, na qual as águas, abundantes, podem variar de cor conforme a luminosidade do dia. Quando observada de dentro do leito dos rios, a linha d'água se confunde com a do horizonte, lançando o olhar na imensidão...Quando há sol, a paisagem torna-se profundamente azul, com tons que variam entre o azul celeste, o turquesa e o marinho, refletindo o céu num espelho. Em dias nublados, a paisagem torna-se acinzentada, com diferentes tons da mescla entre o branco e o preto, refletindo a textura das nuvens. Os olhos do observador, por vezes, buscam identificar o encontro entre as duas águas, nem sempre perceptível, pois ele pode ocorrer de forma singela, na qual não é possível identificar quais águas são do rio, e quais pertencem ao mar. No entanto, dependendo das características dos rios e do que eles trazem diluído consigo, o encontro dessas águas é nítido e marcante. As águas podem se misturar em segundos, mais uma vez de forma invisível, ou podem permanecer separadas, como retratam as Figura 37 e Figura 38.

Figura 37: Delta do rio Doce. Extraído de https://www.fundacaorenova.org/noticia/foz-do-rio-doce-tem-novo-site-para-mostrar-as-belezas-e-atracoes-da-regiao/

Essa dança também é influenciada pelas marés, que variam conforme o alinhamento do Sol e da Lua, das escalas de tempo, da orientação das linhas de costa e dos tipos de foz, apresentando ocorrência, frequência e amplitude variada, e determinando o fluxo das águas. Em certos casos esse fluxo é contínuo, seguindo do continente para o mar. Em outros, o fluxo das águas – influenciado pelas marés – inverte, e parte do mar adentra o continente. Por isso vemos que "*o rio Doce só deságua*", enquanto no rio Maricru a água "*entra e volta... O Maricru vem e vai por aqui. A maré encheu, volta para trás"* (Ivan Monteiro, 66 anos).

Figura 38: Delta do rio Doce após o rompimento da barragem de Fundão, em 2015. Gabriel Lordêllo exposição "Watu – Rio Doce", Bulgária, 2016.

A foz do rio Mariricu (Figura 39) é do tipo estuário, assim como a foz do Piraquê-Açu (*Figura 32*). O estuário é a foz em que o rio deságua por meio de um único caminho, não havendo ramificações. Geralmente, nessas paisagens não há depósito ou acumulação de sedimentos... *"Santa Cruz tem uma particularidade que é da área Náutica, a gente tem um canal que não assoreia, que não fica raso"* (Andreas José Hamer Boos, 55 anos).

Já a foz do rio Doce é do tipo delta, na qual se formam vários canais ou ramificações que ligam o corpo principal até o mar. Esses canais são característicos dos rios de planície, em áreas de pouca declividade, e podem formar várias ilhas. O delta do rio Doce é uma área muito grande, com cerca de 230 hectares de origem sedimentar (Figura 38).

Além da foz do rio Doce, a região de estudo abriga outras fozes que desaguam no Litoral Capixaba. Entre as localizadas ao norte do rio Doce destacam-se as fozes dos rios: Abissínia, Angelim, Barra Seca, Cotaxé, Itaúnas, Itauninhas, Mariricu, Palmeirinha, Preto do Norte, Preto do Sul, Santana e São Mateus. As fozes situadas ao sul correspondem aos rios: da Passagem, do Norte, dos Comboios, Duas Bocas, Francês, Fundão (ou Reis Magos), Gimuhuna, Gramuté, Itapira, Laranjeiras, Piabas, Piraquê-Açu, Preto, Riacho, Santa Maria e Taquaraçu.

A foz de um rio, que aparentemente é um elemento inscrito na paisagem pela força da natureza, pode também ser resultado de intervenções antrópicas. Representativa dessa situação é a foz do rio Mariricu, na localidade de Barra Nova, em São Mateus. Na década de 1960, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) dinamitou um cordão de arenito que bloqueava a saída para o mar e criou uma foz, nomeada Barra Nova. Essa intervenção vislumbrava, na verdade, criar uma saída para o rio Barra Seca, que desaguava no Mariricu, e promover a drenagem de uma grande área compreendida entre a foz do rio Doce e o rio São Mateus, que era uma vasta região pantanosa denominada Vale do Suruaca (SOARES E PINHEIRO, 2014).

Desse modo, percebe-se que essas paisagens são palcos não apenas para o jogo e a dança das águas. Acostumadas a serem vistas, compreendidas

e vividas, apresentando dinâmicas e características físicas peculiares, elas são marcadas pelo tempo e, assim como os rios, mangues e os mares, pela possibilidade de as pessoas delas retirarem seus sustentos.

Figura 39: Foz do rio Maricu, vista a partir de Barra Nova Sul, em São Mateus/ES, 2020.

Onde há foz, há pesca, há pescador, há identidade e solidariedade *"(...) meu pai não sabia nadar tá? E era pescador. Quando chegava lá, alguém tinha que ajudar empurrar o barco, para poder chegar até aqui, porque as vezes a maré estava vazia, eles falam seca né, então me faz lembrar muito do meu pai, esse lugar*" (Elenir Ribeiro Rodrigues, 71 anos).

Onde há pescador, há barcos, que tradicionalmente atracam nas fozes para pernoitar, já que essas paisagens os protegem do vento forte e das ondas que quebram no oceano (Figura 40). Tanto a pesca como a presença das embarcações são elementos muito presentes nessas paisagens.

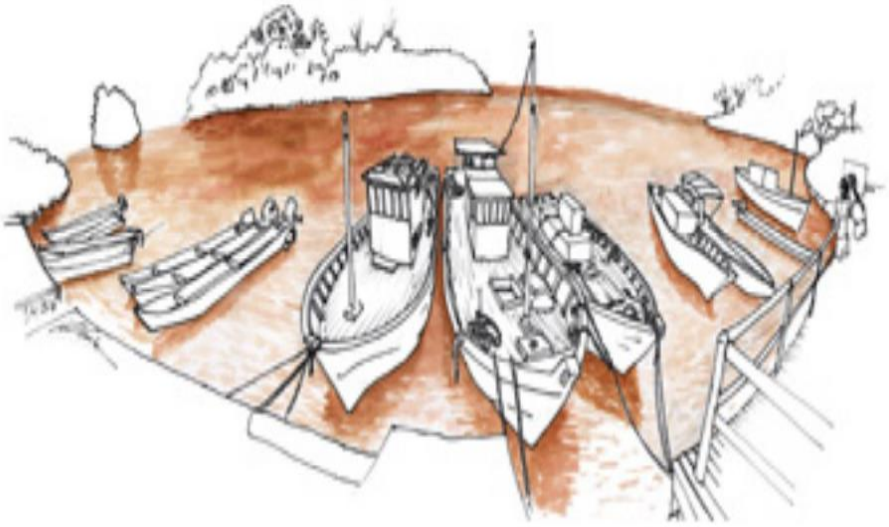


Figura 40: Barcos no Porto de Regência, Artur Monteiro5

Dia após dia, redes são tramadas e tarrafas são lançadas, abrindo-se ao céu e ao mar. Peixes são capturados, homens e mulheres os preparam

5 LEMM – Laboratório de Estudos do Movimento Migratório. LEIDETEC – Laboratório de Estudos de Identidades e Tecnociência. GIAIA – Grupo Independente para Avaliação do Impacto Ambiental. Ribeirinhos do Baixo rio Doce – Relatório Preliminar. Janeiro/Julho. Mimeo. 2016

para alimentarem suas famílias. *"Aqui no rio é robalo, tainha, carapeba, escamuda, pixima, que chama pixima branca e tem cangoá que chama aqui kira. Kira, cangoá, tainha, tudo... É isso aí. Aí tem os outros peixinhos, tem o... como é que fala? O peixe que chama... a caratinga, a saquarati, que é a mesma coisa da carapeba. E só esses peixes aí. (...) E no mar, nós pescávamos no mar, botando rede no alto mar, ali pegando, nós pegávamos muito robalo. (...) Meu marido tem a tarrafa, mas ele não e... mais é a rede. A rede pra nós é a nossa armadilha. (...) E aqui se você quiser tomar um banho na água ali rapidinho, você vai e toma... toma banho... se você quiser assim... eu estou com vontade agora de comer um marisco ... vou ali, coloco a puçá e pego um siri, vou ali no mangue e pego um caranguejo, vou ali na outra coisa ali e pego outro tipo de marisco... eu quero comer um peixe, vou ali, tarrafo... então aqui, pra esse negócio... pra coisa de alimentação, negócio de... como é que fala, negócio de comida, é bom!"* (Maria da Penha Monteiro, 57 anos).

A exploração dos recursos pesqueiros nessas paisagens tem caráter comercial e de subsistência, articulando pessoas e organizações no mesmo espaço. Devido à facilidade de acesso, os locais de foz acabam oportunizando a instalação de empreendimentos relacionados à pesca comercial. É o caso, por exemplo, da fábrica de gelo construída em Santa Cruz, às margens da foz do Piraquê-Açu, que atrai embarcações de grande porte... *"tem essa indústria de gelo ali, eu acho que assim, eles acabaram dando uma infraestrutura para embarcações maiores se aportarem em Santa Cruz e usar esse tipo de serviço. O abastecimento, o abastecimento de gelo, de peças para barco, equipamentos e aí, acho que com isso virou um paradouro aqui de pescadores que não são nativos, não são os pescadores tradicionais, da arte de pesca tradicional daqui. Acabou se instaurando um modelo de pesca que tende mais para pesca industrial sabe? E aí eu acho que isso coloca em risco, eu acho que isso é o grande risco que a gente está correndo aí com essa pesca mais agressiva"* (Breno Barroso Boos, 30 anos).

Devido às múltiplas funcionalidades que essas paisagens apresentam, um dos maiores desafios para o futuro é a realização de um ordenamento territorial que concilie os seus diversos usos, "*mar e costa, que seja um ordenamento inteligente, visando área específica para natação, área específica para pesca esportiva, área específica para desembarque de peixe, área específica para saída de jet ski, para jogar linha, esse seria o grande.... grande... foco, né? O grande foco seria esse aí"* (Andreas José Hamer Boos, 55 anos).

Dessa forma, essas paisagens representam não apenas a conexão do rio com o mar (e das histórias de vidas que essas águas trazem desde as nascentes), como também representam uma divisão. A separação da terra e do mar, a divisão de comunidades nas duas margens, a segregação entre os tipos de pesca artesanal e industrial. Desde os tempos remotos, essas paisagens também são palcos para conflitos.

Numa perspectiva histórica, as civilizações europeias encontraram nas fozes dos rios as portas de entrada para desbravar um novo mundo. Por sua localização no litoral do Espírito Santo, essas paisagens foram as

primeiras a receber o contato do colonizador português, um fato amplamente conhecido e ressaltado pela população local. Os registros deixados por Américo Vespúcio indicam que a expedição de reconhecimento da costa brasileira realizada em 1501 identificou o rio Doce e deu a ele o nome de Santa Luzia. Os italianos chegaram logo após os portugueses, dando sequência a uma série de disputas que se instauraram nesse território. "*Então assim, tem a outra história também que é mais adiante, fora do período dos portugueses, que foi quando os imigrantes italianos iniciaram a imigração aqui no Estado e foi através desse curso d'água né, através do Rio Piraquê-açu*" (Breno Barroso Boos, 30 anos). Atualmente, elas guardam um legado de conquista, memória, identidade e luta.

Para além das características físicas, socioeconômicas e culturais dessas paisagens, a força da Foz tem um poder, uma energia e potência para cumprir um determinado fim. Não à toa as pessoas recorrem a ela para recarregar o vigor interno, descarregando desejos e expectativas nesses portais de entrada e saída durante os rituais de sincretismo religioso dedicados a Iemanjá e a Nossa Senhora das Candeias. Além de unirem as águas aos continentes, também conectam as terras ao céu.

As fozes são abertas, atmosféricas, locais de deslocamento e de passagem. *"Aqui? Ah... É a ventilação aqui. (...) Aqui é ventilação aqui pra mim é o meu lugar. (...) É porque é tudo aberto, beira da praia. Eu acho assim, que não tem nada que atrapalha o vento pra nós. E ali para o lado do Campo Grande tem as matas. Cá pra nós não, nós temos aqui essa ventilação com essa parte aqui, essa paisagem aberta*" (Maria da Penha Monteiro, 57 anos).

A Foz é uma paisagem contemplada nos tempos livres: "*lá é muito mais bonito, lá é lindo!*" (Elenir Ribeiro Rodrigues, 71 anos), vivida intensamente no dia a dia. É um resumo de tudo que um rio traz e leva, e para onde ele vai, "*eu moro na frente de um paraíso, a minha casa dá de fundo para o manguezal e vem o rio, o manguezal e a praia, então nós temos o encontro das águas. Eu moro perto do paraíso...*" (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Se, do ponto de visada desde os mares as paisagens de Foz são acolhidas, da parte dos rios elas são culminâncias de pessoas, de sentimentos e dos processos que atravessam a vida dos cursos d`água doce nos municípios da Área 01. As mudanças climáticas, a crise hídrica causada pelo mau uso das terras, o despejo de lixo, a insuficiência das redes de esgotamento sanitário, todos esses elementos são sentidos, depurados ou amplificados, quando o rio chega no mar. No caso do rio Doce, cuja história aponta para um acentuado processo de degradação que vem de quase um século, soma-se a esse processo de enfraquecimento das águas - que chegou a causar a interrupção da conexão do rio com o mar - o rompimento da Barragem do Fundão, em Mariana, em novembro de 2015, que despejou em seu leito uma massa colossal de rejeito minerário. A lama chegou à foz de Regência no dia 21 de novembro, sendo percebida pela mudança na cor das águas, que se tornaram alaranjadas. A chegada da lama alterou as águas, a

disponibilidade de peixes e as relações que moradores e visitantes tinham com a foz do rio Doce. Os sentimentos misturados de impotência, indignação e perda de referenciais passou a integrar as sensibilidades daqueles que participavam dessa manifestação da paisagem de Foz, fazendo dela também uma confluência das dores de quem viu seus modos de vida e seus referenciais serem colocados em suspenso. Contudo, as paisagens de Foz, como a do rio Doce, continuam levando e trazendo, conectando águas.

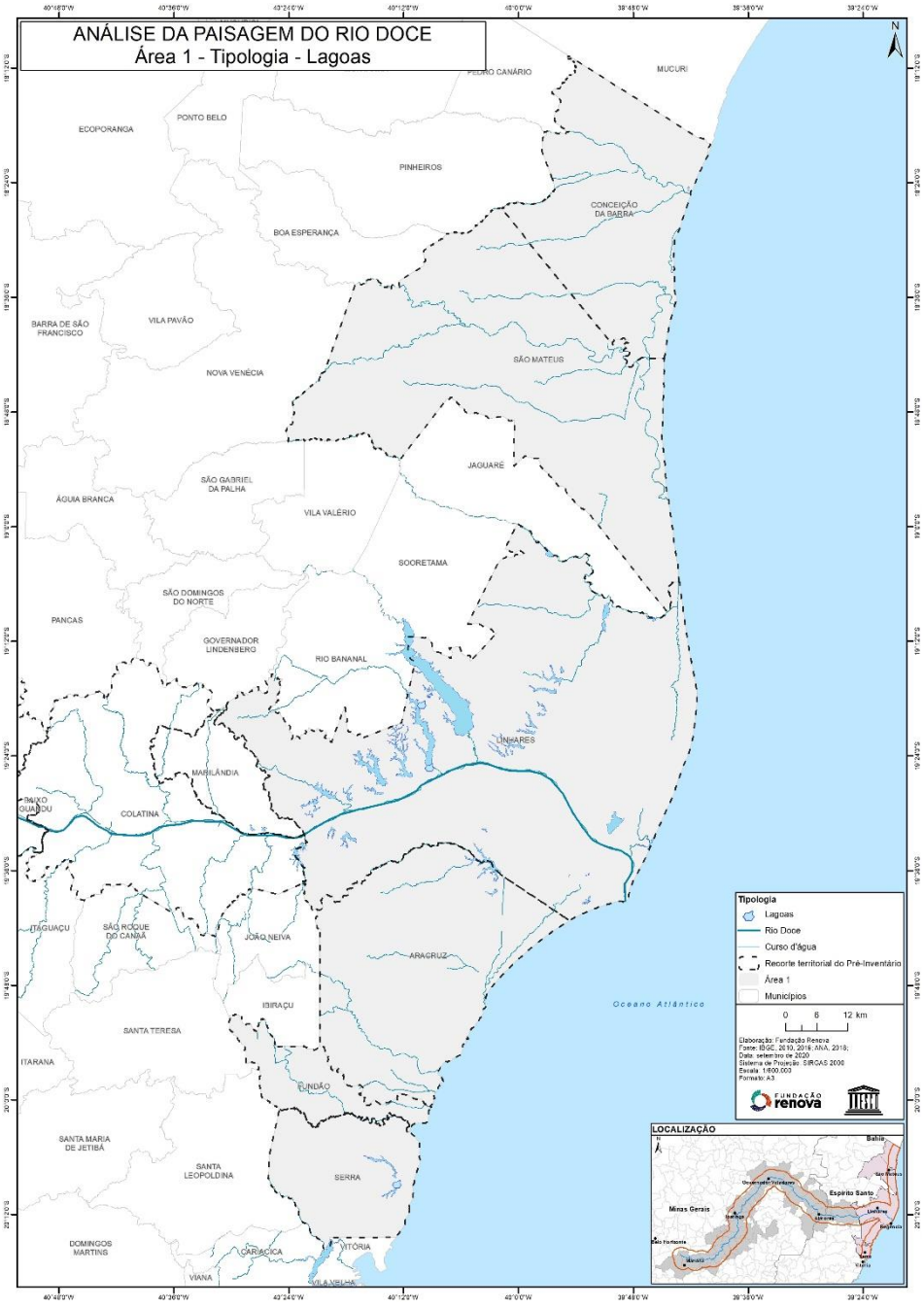
Lagoas- águas interiores e internas

Figura 41: Lagoa Juparanã, Linhares/ES, década de 1940. Fonte: IBGE

Figura 42: Beira da Lagoa das Palminhas, Chapadão das Palminhas, Linhares/ES.

Figura 43: Lagoa Juparanã, Linhares/ES,1915 - Acervo: APEES

Figura 44: Praia em propriedade particular na beira da lagoa Juparanã, Linhares/ES.



Classificação: Paisagem Nativa
Nível de Antropização: Médio
Justificativa: Paisagem nativa que, por conta da ocupação recente nas margens e da degradação ambiental, está sendo transformada.

Nesta planície tão bela do Estado
Vinde conosco observar
Tesouro imenso nos foi legado
Vasto celeiro, flora sem par
Entre lagoas piscosas e belas
Vereis a bela e rica louçã
Que inspirar pode magistrais telas
A majestosa Juparanã
(Hino de Linhares. Fonte: https://linhares.es.gov.br/simbolos/)

As **Lagoas** são mares interiores de água Paisagens marcadas pelo protagonismo das águas e pelo que suas margens, coadjuvantes, apresentam: praias, pastos, plantações e matas; mas também as casas de veraneio, condomínios, áreas de lazer e outros empreendimentos voltados para a fruição do espaço, além de ilhas dentro de suas águas. *"Quando você olha em cima do alto da Bela Vista aquela lagoa* [Juparanã], *você fala que é um mar de água doce. É coisa mais maravilhosa que tem"* (Reuber Nascimento, 61 anos).

As lagoas protagonizam sensações e a interação das pessoas com e nelas. O tamanho e a localização das lagoas no baixo Doce variam. Há lagoas grandes como Juparanã, as do Limão e do Camargo em Linhares; do Juara e Jacuném, em Serra; e outras menores, às vezes até camufladas na mata ou em propriedades particulares, como as do Aguiar e do Martins também em Linhares. Seus nomes se referem, muitas vezes, às famílias que detiveram e, por vezes, ainda detém a posse das terras em suas imediações. Em outros casos, se associam a características naturais da região e as feições que adquirem quando vistas à distância. Elas podem estar em centros urbanos, periferias ou em zonas rurais. Naturalmente contidas e paradas, elas estão sempre (mas não desde sempre) no mesmo lugar.

Considerado uma reserva de água na região da foz do rio Doce, o município de Linhares concentra *"...oitenta e três por cento da água doce do Espírito Santo. Das suas sessenta e nove lagoas, nós temos a segunda maior do Brasil, nós temos a lagoa mais profunda do Brasil. Nós temos sessenta e nove. Dentro das sessenta e nove, cinco lagoas sazonais. Todo esse parque [Lacustre] de Linhares tem um por quê*" (Reuber Nascimento, 61 anos). As lagoas mobilizam afetos e aguçam o orgulho de ser de onde se é: *"(...) nós temos a Lagoa de Juparanã que é a maior do Brasil em volume de água. Nós temos a Lagoa das Palmas que é a maior do Brasil em profundidade, nós temos a Lagoa Nova que tem um gênero de peixe endêmico, só existe nela, então nós temos coisas assim..."* (Elber Tesch, 37 anos).

Figura 45: Beira da Lagoa Nova, nas proximidades da sede municipal de Linhares/ES

Suas águas, mais calmas do que as dos mares e rios (Figura 42), formam espelhos d`água emoldurados por praias ou taludes (barrancos) que criam uma diferenciação de nível abrupta entre o espelho d'água e a superfície dos terrenos do entorno da lagoa (Figura 46). Na vista inaugurada a partir de pontos mais altos é onde o olhar chega a se perder e a paisagem da Lagoa ganha um aspecto de imensidão, de infinidade e mesmo de divindade. Tem-se a sensação de um ambiente que é abundante.

As Lagoas, assim como suas águas, confortam, geram conexões entre as pessoas e o lugar e produzem a sensação de pertencimento. Adentrar nessas paisagens é se transportar para o universo das águas. Um universo contido e no qual há a percepção de controle, calmaria e, contraditoriamente, de amplitude.

Em dias sem vento, essas águas que espelham o céu, as nuvens e as árvores, mostrando um horizonte invertido, são as mesmas que refletem intimidade *"(...) eu conheço essas lagoas né, desde quando eu nasci, eu sou daqui e a gente chegava a beber água direto dessas lagoas sem nenhum tratamento né e sem problema algum...(Elber Tesch, 37)".*

São paisagens frequentadas por pessoas que vivem perto delas e por aqueles que, mesmo longe, são atraídos por seus encantos e belezas cênicas. *"O pôr do sol na lagoa Juparanã é coisa de outro mundo!" (Maria Lúcia Grossi, 78).* Encantos que atraem visitantes ilustres desde tempos remotos, como o Imperador Dom Pedro II que em 1860 passou por ali e registrou esse momento: *"Gostei muito de estar assentado na ribanceira de pedra do lado da barreira da margem esquerda da lagoa…Havia no cimo da ilha um bom barracão, coberto de sapé e outros dois menores .Há uma ilha pequena, entre a margem direita da lagoa e a ilha da pedreira, com que se comunica com um istmozinho de Terra."* (Palavras do Imperador D. Pedro II, 1860)

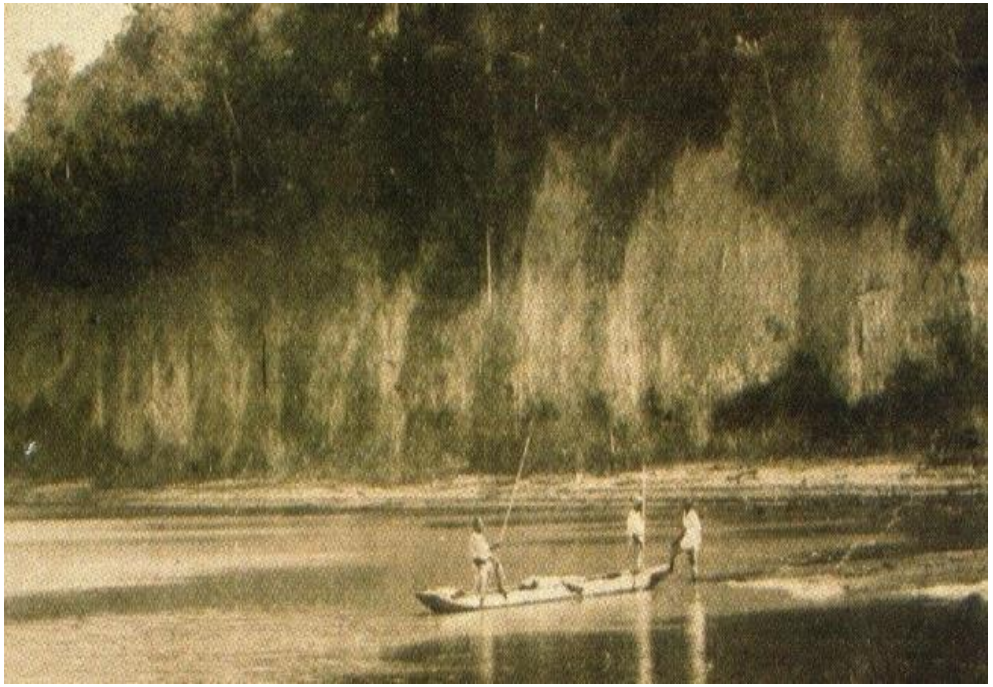


Figura 46: Taludes da Lagoa Juparanã, Linhares/ES, sem data. Fonte: ROCHA, Levy. Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo, 1971

O som ao redor das lagoas é de lazer misturado com trabalho. Muitas vezes essas duas dimensões se embaraçam e se confundem. O barulho do jetski se mistura à caixa de som do veranista, ao carvão queimando no churrasco do quiosque e ao mergulho silencioso da rede de pesca no seu espelho. Tem brincadeira, tem contemplação, tem esportes, tem silêncio e tem sustento (Figura 47).

As paisagens de Lagoas são um ambiente benevolente com as comunidades, sobretudo com as tradicionais, que daí tiram a água e outros recursos naturais para sua subsistência. Paisagens com alto grau de preservação ambiental, como o ambiente evocado pela diversidade de cores e formas presentes na pintura de Yara Tupynambá (Figura 48) são fonte de pescado, madeira, frutos, raízes e cipós. Outra relação que deriva da observação da imagem da artista é a sensação de bem-estar e de conexão com a natureza que essas paisagens promovem.

Por serem fruto de uma história que remonta a um período anterior à chegada dos europeus, algumas lagoas guardam em seu nome referências a elementos do imaginário das populações tradicionais que habitaram, por séculos antes da chegada do dito “civilizador”, as terras e águas do continente. Juparanã, por exemplo, nome da maior lagoa de Linhares, vem da língua Tupi e significa “mar de água doce”.

Ao longo do processo de estabelecimento do colonizador no Novo Mundo, a nomenclatura indígena se juntou a uma série de elementos que associavam as belezas naturais a elementos mágicos e manifestações de entidades sagradas.

As lagoas foram vinculadas a um amplo imaginário que operou sincretismos entre representações europeias e afro-indígenas, como as ninfas que aparecem na terra protegida por Tupã, entidade sagrada indígena.

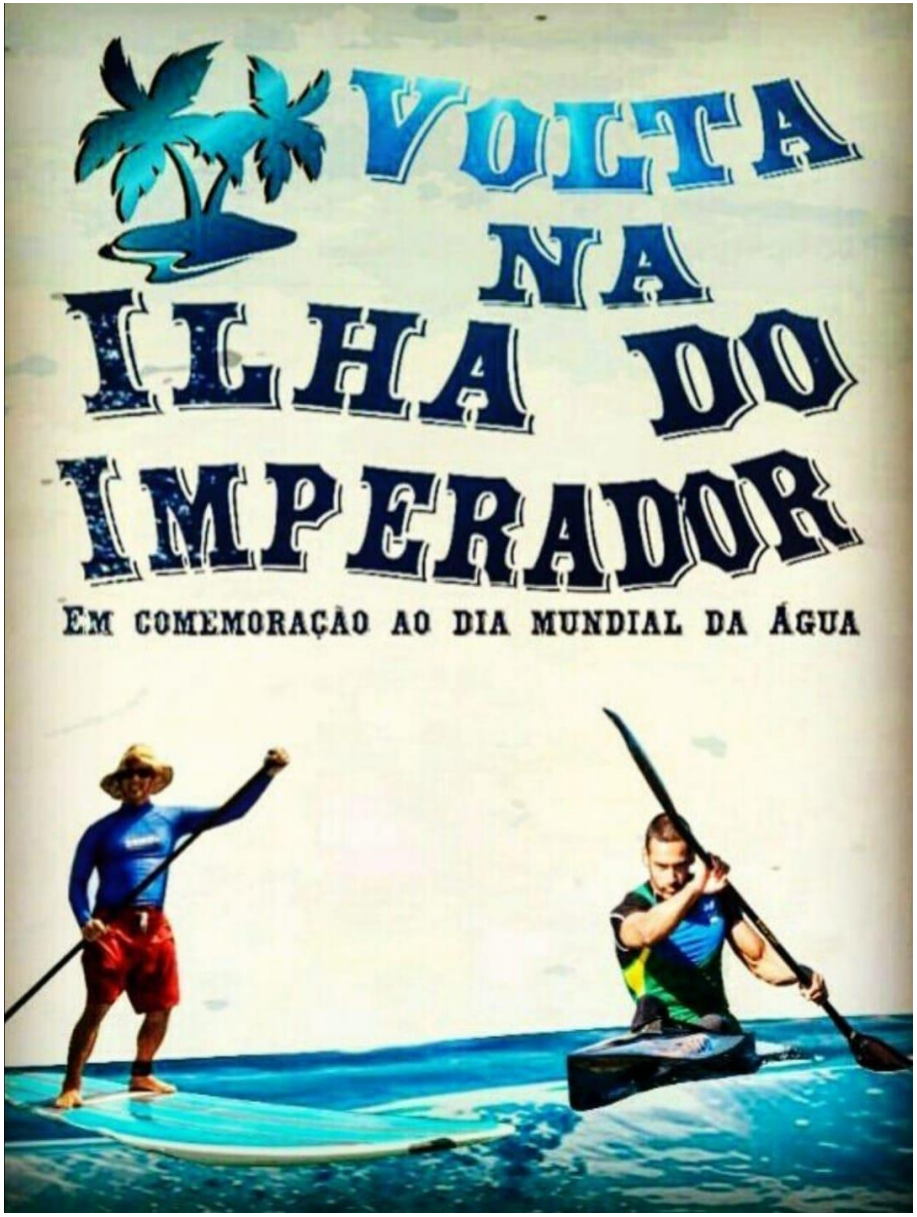


Figura 47: Cartaz publicitário da volta na Ilha do Imperador, Lagoa Juparanã, em 2017.

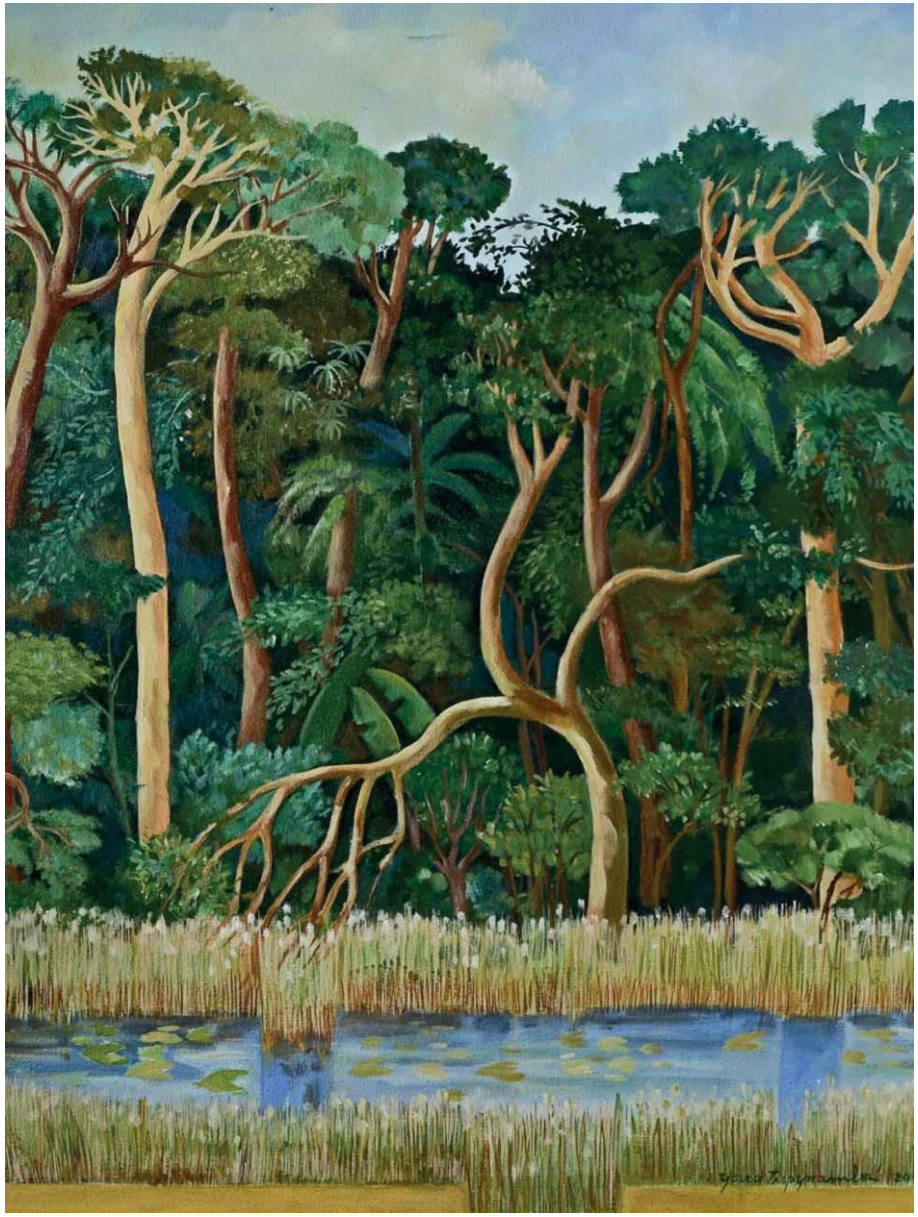


Figura 48: Vale do Rio Doce. Yara Tupynambá. Ano: 2014

"Juparanã, Juparanã
A lagoa encantada protegida por Tupã

Lindas e frondosas matas
Cachoeiras e cascatas
De mistérios e magia
Ninfas douradas
Enfeitam a lagoa encantada
Num cenário de festa
Os pássaros compõem a sinfonia
O arco-íris ao amanhecer
Anuncia um novo dia"
(Samba-enredo da E.S. Unidos de Bangu, 1980)

O imaginário constitui, assim, um elemento histórico de grande importância para a compreensão das sensibilidades associadas às paisagens de **Lagoas**. Elas foram um marco para os povos indígenas, que dela se alimentaram material e espiritualmente para tocarem em frente a marcha de seus povos no território americano. Também o foram para os conquistadores, que viram nessa paisagem um elemento terreno da promessa de bem-aventurança na terra através da graça divina. As lagoas demarcavam caminhos rumo a mítica serra de pedras preciosas, que deram asas à imaginação "meio medieval, meio moderna" dos europeus que aqui chegaram dizendo ter descoberto um Novo Mundo.

No mapa apresentado na Figura 50, a lagoa Juparanã aparece no caminho que segue pelo rio Doce e leva à Serra das Esmeraldas, local da tão sonhada obtenção de riquezas minerais para a Coroa portuguesa. As lagoas integraram, portanto, o imaginário tanto dos povos indígenas que aqui estiveram desde séculos remotos quanto o dos europeus que conquistaram seus territórios a partir do século XVI.

Mas nem só de referências a tempos imemoriais se faz o imaginário. As lagoas participam de construções toponímicas que integram o processo de interiorização do estabelecimento de núcleos de povoamento ao longo do tempo e mesmo em tempos mais recentes. A comunidade de Chapadão das Palminhas, surgida há aproximadamente 50 anos, possui esse nome devido à proximidade com a Lagoa das Palminhas e às formações rochosas características da região.

São paisagens constantemente recuperadas como elementos identitários em logomarcas e na denominação de produtos das mais diversas naturezas. E é assim que as lagoas ganham outros sentidos, cheiros, densidades e gostos (

Figura 49).

Figura 49: Pizza "Juparanã", integrante do menu de restaurante localizado, em São Mateus/ES.

As lagoas são também motivadoras de conflitos em função do parcelamento de suas margens e da restrição ao seu acesso. Nos últimos 15 anos a começou ocorrer em Linhares a ocupação das margens das lagoas por

casas de veraneio de alto padrão e por condomínios. Essas margens que antes abrigavam praias de acesso ao público, passam a ser privativas e restritas aos seus donos. Na lagoa Juparanã, por exemplo, há menos de 10 praias abertas à população em seus 90km de perímetro. Todas as outras são particulares.

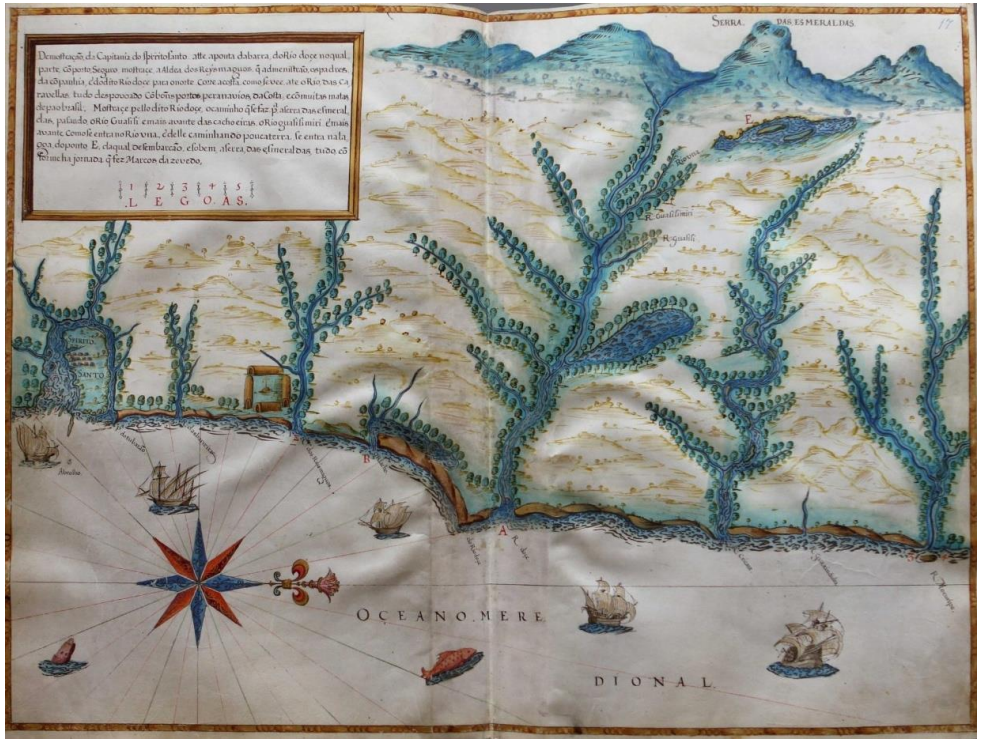


Figura 50: Demonstração da Capitania do Espírito Santo até a ponta da barra do rio Doce na qual parte com Porto Seguro (1616), de João Teixeira Albernaz.

A privatização das margens das lagoas gera conflitos também com os pescadores que tradicionalmente constroem acampamentos nas praias que os abrigam durante a semana (Figura 51). A restrição no uso dessas paisagens tem impactado fortemente a renda de pescadores artesanais e subsistência de moradores que vivem nessas paisagens.

As **Lagoas** são ainda paisagens importantes na irrigação de *commodities* locais. São delas que saem milhares de litros diariamente para molhar plantações que se encontram sobre os taludes e que demandam um grande volume diário de água, como o café, o mamão, a banana, o coco e a pimenta. Nesse processo são usadas bombas potentes capazes de transpor a barreira física que delimitam as margens das lagoas (Figura 52).

As **Lagoas** são sensíveis, assim como as vidas e os sentimentos que delas dependem. Por conta dessa sensibilidade, essas paisagens reagem, cedo ou tarde, às alterações nos corpos hídricos que as alimentam. Em 2015, na ocasião do rompimento da barragem de Fundão, foi construído um barramento no rio Pequeno, que conecta a lago Juparanã ao rio Doce, de forma a evitar a contaminação dela. Essa intervenção gerou uma série de consequências que causou uma instabilidade ambiental, econômica e social. *"Aqui, você não tem mais peixe aqui não, a lagoa Juparanã, depois que fizeram aquela barragem, como é que tem peixe?" "Olha bem porque que tem esses troncos. É porque tinha as árvores do lado de cá e gado do lado de lá. Agora [depois a barragem do Rio Pequeno] não tem mais... debaixo daquela árvore ali que morreu eu lia e o leito da lagoa era a vinte metros para lá (Maria Lúcia Grossi, 78 anos)"*.

É forte a percepção entre os moradores dessas paisagens de que elas perderam a exuberância e vitalidade de outrora, *"É muita beleza se ela*

voltasse ao normal dela. "Nossas lagoas eram mais amplas, sentia que brotava mais vida e hoje a gente vê que as coisas não estão mais assim, era mais vivo (Teodorico Boa Morte, 69 anos)". As vidas que se deterioram estão associadas à diminuição da qualidade das águas a partir da ação direta ou indireta do ser humano, pois *(...) a lagoa já não tem tanto aquela, aquela água limpa, cristalina, transparente como era antes né? Muitas vezes a gente vai lá está esverdeada né, uma turbidez elevada... (Elber Tesch, 37 anos)."*

Figura 51 : Acampamento de pescador às margens da lagoa Juparanã

A degradação dessas paisagens tem sido consequência da negligência histórica de agentes do Estado e de outros agentes econômicos que produzem essas paisagens*"...existe um descaso muito grande com as nossas lagoas e nascentes aqui em Putiri, aqui tem lugar que hoje eu olho com tristeza porque eu tenho certeza absoluta que não vai muitos anos onde hoje é rio e que já foi muito rico de peixe né, nós vamos passar em cima de poeira. Isso é de cortar o coração, porque existem muitos pastos jogando detritos para dentro dessas lagoas e infelizmente eu tenho que te dizer o seguinte, nós não temos a atenção devida do meio ambiente aqui para preservar a natureza aqui em Putiri" (Sebastião da Assunção, 60 anos).*

Figura 52: Bomba para irrigação na lagoa Juparanã

Dentre os fatores de degradação dessas paisagens,"...*o que prejudica mais é o uso do solo na beira das lagoas. Que eles batem o produto né, querendo ou não a terra filtra e cai na lagoa do mesmo jeito, aí os produtos acabam matando os peixes e acabando, estragando a água, a água potável né? Querendo ou não essa água é a melhor que tem nessa região (Vitor Braz, 19 anos)".* A contaminação das águas das lagoas é sentida como a perda da pureza de um elemento essencial da experiência daqueles que convivem com elas. Essa modificação se soma a outras, relativas aos usos de suas margens e imediações, cada vez mais marcado pela privatização dos recursos naturais e de seus acessos.

Em meio à beleza e à fertilidade das paisagens de **Lagoas**, o descaso e a falta de consciência ambiental geram incertezas. Observar essas paisagens é assistir no reflexo das águas a diversidade de formas, tamanhos e usos que fundam relações e autorizam meios de vida e encontros no seu entorno. Esses espelhos revelam a responsabilidade humana na dinâmica das paisagens. Esses reflexos podem nos fazer refletir sobre o futuro que queremos para nossas águas, contidas ou não.

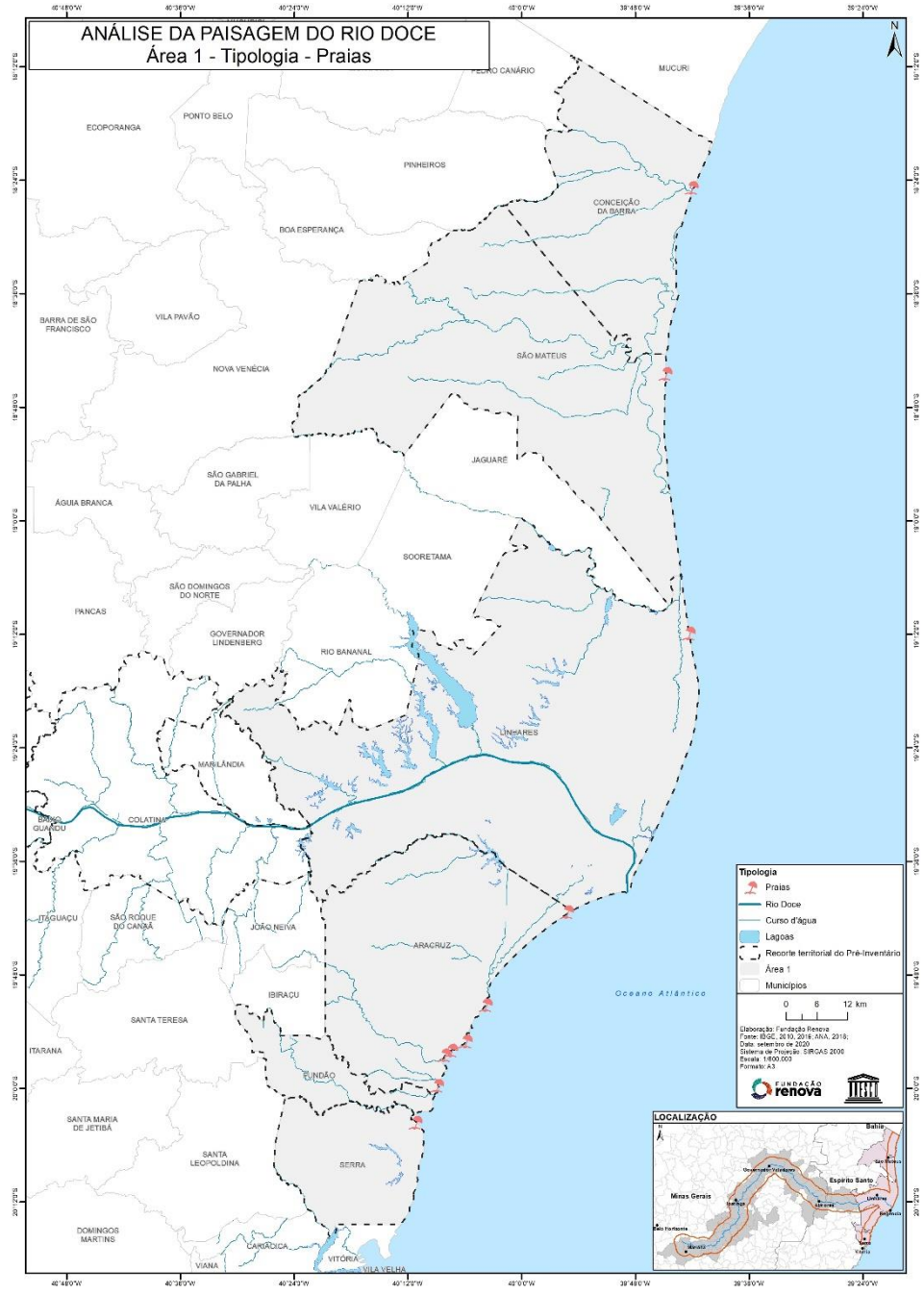
Praias – as beiras de areias e de encontros

Figura 53: Praia do Coqueiral, Aracruz/SE,2020.

Figura 54: Óleo sobre tela de autoria de Maria Helena, artista linharense.

Figura 55: Encontro do rio com o mar na Praia do Sahi, Aracruz/ES, 2020.

Figura 56: Praia da Lagoa Grande, Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Nativa
Nível de Antropização: Médio
Justificativa: As praias de diferentes espaços (mar, rios, lagoas) apresentam contextos históricos, usos e apropriações humanas distintas. Algumas dessas paisagens ainda são muito preservadas, outras já mostram um alto grau de intervenção.

"Beira do mar, lugar comum

Começo do caminhar

Pra beira de outro lugar" (GIL, 1974)

Do mar, dos rios ou das lagoas, todas as praias são lugares que conectam dois elementos básicos para sobrevivência física e afetiva dos seres humanos, a água e a terra. Todas as águas que compõem esse vasto território – doces e correntes (rios), internas (lagoas), contidas (represas) e salgadas (mares), possuem uma faixa mais ou menos estreita de areia que as delimita, protege e acompanha até a terra. As praias são conexão e encontros. Aliás, por vezes essas conexões se fazem nos aspectos tangíveis que as constituem. No encontro da foz dos rios, as areias das praias se mesclam, sem se saber exatamente onde começa e onde termina a beira de um rio e a beira do mar (Figura 55). Tais paisagens passam a ser compostas pela fauna e vegetação que se estende entre águas doces e salgadas. As praias são paisagens bem familiares dos habitantes de regiões próximas do mar, de rios e lagoas. Com suas especificidades, as praias partilham estímulos e desencadeiam sentimentos comuns aos visitantes, com trajetórias, características e histórias próprias.

As praias das lagoas, por vezes, aparecem encostadas em taludes cobertos por vegetação nativa ou não (Figura 57), que criam um limite bem definido na paisagem. Outras vezes, o relevo não se impõe e a transição das paisagens de praias para as vizinhas se faz de maneira menos ríspida. Linhares é o município da Área 01 com a maior concentração de lagoas, ao todo sessenta e nove, algumas delas de grandes dimensões como a Lagoa Grande (Figura 56), o que faz das praias dessas lagoas importantes atrativos turísticos e pontos buscados por moradores nos finais de semana e feriados. Essa predominância das lagoas em Linhares é atribuída a fatores geológicos que fizeram com que os cursos d'água e as áreas alagadas passassem por modificações em suas configurações ao longo de dezenas de milhares de anos, acarretando no represamento de cursos d'água que antes corriam para o mar.

Figura 57: Beira de praia de rio e mar (Praia do Sauê/ ES)

As praias de rios possuem águas que correm por vezes rápidas, por vezes lentas e que apresentam correntes com temperaturas frias e mornas. Em geral, são areias mais escuras que aquelas das praias de mar, podem apresentar folhas secas, caídas da mata ciliar que está no entorno de alguns rios. São, também, menos extensas e mais dinâmicas, sendo formadas por bancos de areia ou de terra e areia misturados, com aspecto mais lamacento, em pontos em que as encostas das margens dos cursos d'água apresentam recuos. Costumam ser buscadas por moradores de localidades afastadas do mar em decorrência de suas águas doces e, geralmente, mais calmas. Não é toda confluência dos rios com os mares que proporciona praias mansas para o desfrute dos moradores e visitantes. Assim, quando elas existem, são locais de trabalho, lazer e encontros.

As praias dos mares (Figura 53 eFigura 58), praias que estão muito cristalizadas no imaginário brasileiro, no estado do Espírito Santo se apresentam estendidas por 410 km do litoral capixaba. Na Área 01, Serra, Fundão, Aracruz, Linhares, São Mateus e Conceição da Barra apresentam uma gama de possibilidades de paisagens desse tipo, somando mais de trinta praias. *"É um lugar com paisagens muito diversas, onde você encontra mar com parte rochosa, aí praia de lascas de corais ou lugares com concheiros, maguezais cheios de ostras, uma diversidade, várias paisagens. Num espaço de vinte quilômetros de costa, eu considero que aqui tem uma diversidade muito grande!"* (Breno Boos, 30 anos).

Com areia clara e fina, águas calmas, transparentes e contidas (lagoas), com areia escura e grossa, pedras, água solta e salgada (mares), ou ainda com águas doces, movimentadas e turvas e um chão de textura mais lamacenta (rios), sombra ou muito sol, historicamente as praias sempre foram paisagens públicas, aquilo que é de todos para todos, daí a existência, em alguns casos, de infraestrutura como lixeiras construídas pelos moradores ou pelo poder público, fruto de reivindicações das comunidades detentoras desses lugares. A maioria, por sua vez, apresenta placas de diferentes configurações, desde as mais rudimentares às padronizadas, indicando os pontos de banho e alertando os visitantes que suas condutas são de grande importância para a manutenção do local (Figura 59). Essas placas, no entanto, não se resumem a indicar, mas também a afirmar o sentimento de pertencimento e torna visível os valores de grupos sociais que mantém e frequentam essas paisagens cotidianamente.

Figura 58: Praia de São Mateus/ES, 2019.

Figura 59: Praia às margens de rio no encontro com o mar em Pontal do Ipiranga, Linhares/ES, 2020.

Através delas os habitantes locais acessam as lagoas, o mar e os rios. São espaços que proporcionam momentos de lazer e prazer de contato com a natureza, de prática de esportes e de socialização. Igualmente, são locais que possibilitam trabalho e rotina. Fazem parte da intimidade daqueles que as frequentam. A conexão entre águas e areias é o ponto em que várias pessoas se ancoram para subsistência. Sejam os pescadores, que transitam entre as águas e as terras (Figura 60), por vezes montando acampamentos para realizarem suas atividades (Figura 61), sejam os comerciantes ambulantes das praias que sobrevivem o ano inteiro com a renda obtida na temporada de férias.

Mas, diante o processo de ocupação das regiões litorâneas, das margens de rios e lagoas, muitas praias tornaram-se privadas, restringindo o acesso e sendo ocupadas por empreendimentos, casas de veraneio ou clubes náuticos e de lazer. O inacessível, que anteriormente talvez fosse restrito apenas por limites físicos impostos por trilhas, montanhas, vegetação densa e longas caminhadas que preservavam as belezas naturais de praias intocadas, hoje em alguns lugares se apresenta como a restrição de muros, cercas, cancelas e guaritas.

Figura 60: Sr. Mateus José, pescador às margens do rio São Mateus, em Lajes, São Mateus/ES.

As praias são o palco de origem e encontro de relações que vão compondo novas faces ao longo do caminho, durante as distintas estações do ano, ou no decorrer de um único dia. As praias são paisagens de grande importância para quem vive nelas e para quem as visita, sendo o destino turístico preferido de grande parte da população quando se aproxima o verão. Recentemente o processo de ocupação tem alterado a vida nessas paisagens especialmente para quem as habita ao longo do ano todo. *"Poucas casas, né, pouquíssimas casas, era fantástica. Você ia à praia, atravessava de uma praia para outra e para outra e para outra porque não tinha residência. Aí depois vem Mar Azul. Butiri, Barra do Sahy e Barra do Riacho. E depois vem a vila. Vila do Riacho. Aí depois vem Comboios, vem aí a parte com boia que é parte indígena"* (Georgina Morais, 70 anos).

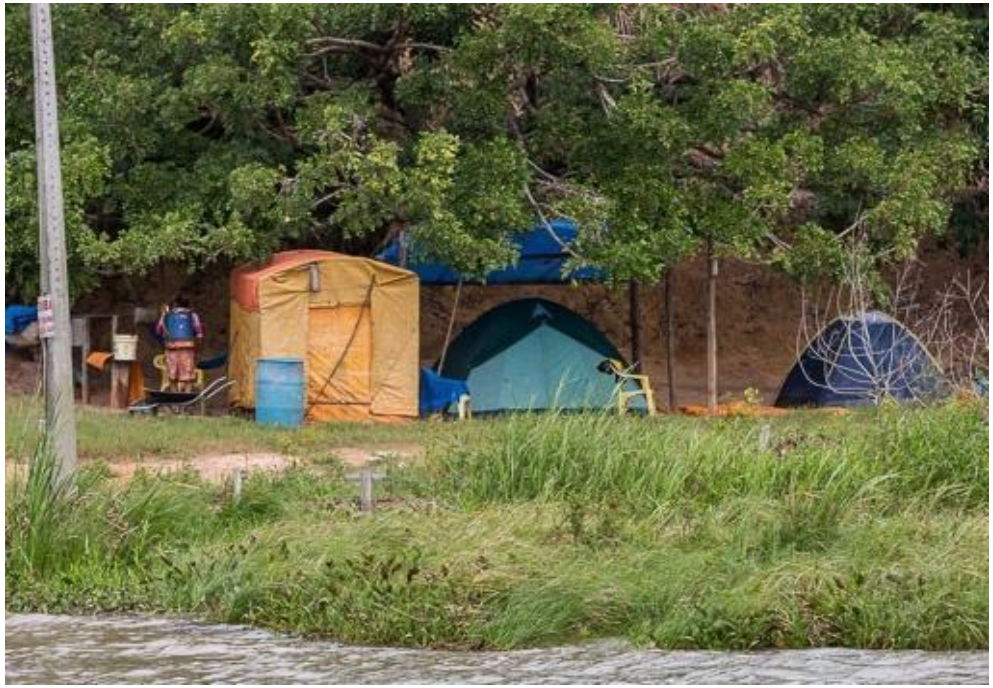


Figura 61: Acampamento temporário de pescadores numa praia da Lagoa Juparanã, 2019.

Por volta de 10 mil anos atrás, os povos pré-históricos, hoje conhecidos como povos dos sambaquis que foram viver no litoral, se deslocaram nesta direção e transformaram seus hábitos alimentares – reduzindo o consumo de caça e coleta para introduzir uma dieta pautada no consumo de peixes, crustáceos e outros frutos do mar. Inscrições rupestres, sambaquis e peças arqueológicas produzidas com ossos e conchas, por exemplo, são resquícios deste passado, que nos coloca diante da presença

de nossos ancestrais no litoral capixaba. No rio Piraquê-Açu e Mirim há o registro de alguns sambaquis, porém desde o século XVII sabe-se da destruição deles, visto que as conchas dos sambaquis serviram para alimentar indústrias caseiras para fabricação de cal para construções. Também em Linhares, no rio Doce e seus afluentes são constantes os achados de sítios arqueológicos.[6]

Como palco de encontros, a praia também foi o ponto de contato dos indígenas com os colonizadores europeus, que aqui aportaram no século XVI e mudaram os rumos da história dessas paisagens e dos povos que nelas habitavam.

Como os povos originários, imprimimos em nossas memórias pessoais e coletivas as sensações que afloram diante as possibilidades de contemplação: o mar em seu encontro com o céu atravessado por uma linha tênue – o horizonte, ora pintado de nuvens, ora refletindo a claridade da lua, colorido com reflexos do sol que está por nascer ou que está a se pôr na outra face da baía.

A beleza e a leveza das praias convidam a provar o sabor do sal do mar e o gosto doce das águas das lagoas e dos rios. Convidam ao mergulho refrescante e instigados a surfar as ondas agitadas. Inspiram a jogar bola na praia, fazer piqueniques, deitar sob a sombra de uma árvore ou de um colorido guarda-sol, ou ainda a parar para se enxergar através dos reflexos das águas (Figura 62).

Essas paisagens promovem encontros que alimentam vidas, entre o comerciante e o banhista, entre o mar e o surfista, entre o adulto e a criança. Elas permitem ao ser humano a contemplação da natureza, entre terra e água, vento e sol, infinito, horizonte, amplitude, aquilo que está mais adiante do que a visão alcança. Seja em praias de rio, lagoa ou mar, são paisagens que possibilitam o mergulho na própria alma humana, permeada de afetividades.

[6] http://www.morrodomoreno.com.br/materias/sitios-arqueologicos-e-acervo-pre-historico-no-espirito-santo.html

Figura 62: Turista na Praia dos Padres, Aracruz/SE, 2020.

A praia nos proporciona a intimidade com amigos, familiares e até mesmo com desconhecidos, pois ali, a natureza é democrática. Muitas pessoas se referem a essas paisagens como locais de tranquilidade, sentimento que talvez resulte das carícias da brisa suave vinda do horizonte e do ecoar das ondas que soa como mantra aos ouvidos. *"(...) eu gosto da Praia dos Padres porque eu criei os meus filhos mergulhando naquela praia, naquele riachozinho… vivendo a vida com tranquilidade, com muita paz (...) as crianças vão hoje, os meus netos vão e a história se repete. Você viver em um lugar tranquilo, gostoso, que transmite paz é muito bom. Nós vamos lá, todo mundo gosta de descer na praia"* (Georgina Morais, 70 anos).

Contudo, justamente por serem espaços tão sagrados para a humanidade, são também frágeis, de natureza sensível e estão sujeitos a conflitos, consequências das ameaças e das situações de vulnerabilidade: *"Eu iria reforçar mesmo a proteção a nossa praia. Que em alguns locais onde foi feita a obra de contenção, o mar já está avançando, está se aproximando, levando faixa de areia, acho que procuraria reforçar (...). Inclusive essa obra deveria ser, ser feita na praia, em toda praia, em toda extensão, extensão de praia, proteger a cidade que tem um local, um ponto da praia que é a praia Guaxindiba que o mar continua avançando né? Continua destruindo casas e precisa ser protegido"* (Salomão da Silva Pinto, 54 anos).

Os humanos interferem nessas paisagens de diversas formas, causando impactos de diferentes proporções. Exemplos dessas interferências são o desmatamento da restinga, o plantio de árvores exóticas, o despejo de esgoto doméstico, a construção de pequenos faróis ou de grandes complexos portuários e estaleiros (Figura 63): *"(...) chama Praia dos Hóspedes, mais um point de surf, fundo de pedra, uma onda toda especial e boa de alta qualidade. E tem um fundo de pedra lá que fica à direita do Porto Cell e à esquerda do Girong, então ela está confinada entre dois portos e está comprometida e já estão construindo um terceiro porto aonde ela fica, essa praia. E essa praia é o único lugar que eu vejo que tem uma lagoinha e é tudo lasca de corais. Tudo branquinho, aquele monte de lasquinha, você pega aqueles canudinhos de coral, bate assim, tem um barulho lindíssimo de cerâmica, deim, deim, deim, eu acho aquilo lindo! E*

acho que só aqui né, que eu vejo isso, aquilo ali, são os corais que provavelmente se desenvolvem na pedra, as ondulações fortes quebram eles e trazem para a areia. Então eu acho que isso aí está ameaçado porque o pessoal do porto, vai ter dragagem lá, vai tirar todo esse fundo de pedra" (Breno Boos, 30 anos).

Figura 63: Praia do Sahi e complexo portuário e estaleiro da Girong ao fundo, Aracruz/ES, 2020.

São distintas paisagens ameaçadas ao longo do litoral, mas com interesses e impactos similares. *"Isso daí [construção do porto] e na natureza ia gerar um impacto grande, porque ele está projetado pra ser feito num lugar onde é chamado de Praia das Pedras, é um lugar turístico aqui. A Praia das Pedras é um lugar turístico aqui. Vem no Réveillon ou no carnaval você vai para a Praia da Pedras, você vai ver que tem uma fila de um quilômetro de carro estacionado, porque todo mundo vai pra lá e o porto seria ali naquela região. Então iria acabar com aquela parte ali da praia e hoje é um ponto turístico daqui"* (Victor Campos Rodrigues, 33 anos). Os moradores demonstram saber muito bem o que podem perder com tais intervenções definitivas nas paisagens com as quais mantém relações íntimas voltadas para o uso, a contemplação e a identificação com os modos de vida desenvolvidos através dos tempos.

Essas paisagens também sofrem impactos indiretos que incidem ao longo do tempo. "Vocês não estão vendo porque o rio tá cheio, graças a Deus, mas aqui na frente tem umas prainhas muito bonitas por fora, no período de seca, praia mesmo, areia mesmo. Ela era uma areia branquinha, porque era uma areia lavada, ela não era uma areia fina, mas era uma areia bem lavada, limpa. Hoje ela está bem barrenta, mas, antes você tinha ali, bancos de areia que eram maravilhosos! Você está entendendo isso? Infelizmente, é em função do assoreamento do rio, virou praia em função do assoreamento" (Adão Cellia, 61 anos).

Os impactos decorrentes da ação humana nas praias – obras, dejetos de esgotos sanitários, resíduos de lixo deixados na areia e no mar trazem enorme prejuízo para a qualidade das águas dessas paisagens e a flora e fauna local. À exemplo, no litoral capixaba, as tartarugas marinhas que são

importantes ícones de algumas localidades a ponto de imprimirem traços identitários para as populações locais muitas vezes são encontradas mortas com por causa dos resíduos de plástico, linhas, metais, etc que ingerem.

Por sua vez, as tartarugas marinhas nas praias do litoral capixaba e a desova realizada em algumas beiras de mar se tornaram fonte de renda para alguns moradores locais, seja na participação de ações de proteção junto com os movimentos e instituições ambientalistas, seja por conta da visitação de turistas que buscam prestigiar essas experiências únicas de observação. *"a gente vê tartarugas ali também, elas vêm pra se alimentar dos peixes que ficam ali nessas piscinas naturais"* (Victor Campos Rodrigues, 33 anos). Obra do Príncipe Maximilian de Wied-Neuwied, a Figura 64 retrata, em sua porção esquerda, a coleta de ovos de tartaruga por homens escravizados que são observados por um homem branco. Não fica explícito se a tartaruga foi morta ou não, mas sua condição de passividade sim. A prática da coleta de ovos de tartaruga para alimentação, realizada pelos escravos, provavelmente foi aprendida com os indígenas da região que, até hoje, em diferentes regiões costeiras ou mesmo nas margens de rios perpetuam esse hábito alimentar. Já do lado direito da figura tem-se a réplica desses répteis que são ícones de algumas comunidades, como a de Regência.

"(...) chegando no final da praia ali, você não vê mais aquele bairro, você vê aquelas pedras protegendo o mar e você pensar que ali era o meu lugar, que era o meu refúgio. Eu tinha dez anos, nove anos eu sumia andando, meu pai ficava doido comigo, eu ia pescar" (Salomão da Silva Pinto, 54 anos). As praias são historicamente paisagens de refúgio, de descanso, de silenciamento, de memórias e saudades, de ir e vir, de pessoas e ondas (Figura 65).

Caminhadas extensas, curtas, caminhos abertos ou quase escondidos, quais percursos nos levam até as praias? As praias, por vezes, parecem ser transitórias, constantes mudanças à espera da percepção do observador. Algumas dessas mudanças fazem parte da dança de suas areias beijadas pelas águas. Outras, no entanto, representam o desaparecimento de elementos da paisagem que passam a viver apenas na memória. *"Naquela época era natural, às vezes chegava numa época dessa, no inverno criava umas dunas de areia aqui. Uma imagem que eu tenho da casa da minha mãe, eu ficava da cozinha lá de casa, eu ficava olhando, era bem longe a praia e a gente tinha um caminho, uma trilha que a gente fazia por dentro do quintal aqui. Era tipo um sítio né? A gente atravessava essa rua, era de chão daqui para lá e a gente demorava mais um tempo para chegar na praia. Então você andava por aqui, pela beira da praia, você andava lá embaixo, você ia daqui você andava mais ou menos uma hora para lá e uma hora pra cá. Não tinha esse tanto de casa muito beirando o mar, tinha essas casas do lado de cá, mas igual tem hoje não, entendeu"* (Salomão da Silva Pinto, 54 anos). O crescimento da população nas cidades de veraneio na estação de verão incrementa a geração de renda local, mas também traz o aumento dos índices de violência e problemas socioambientais. Além disso, em algumas

localidades pequenas comunidades que viviam às margens das praias de rios, lagoas e mar acabaram sendo empurradas para outros lugares diante a instalação das casas de veraneio. Para alguns, essas estruturas acabam representando o limite, o bloqueio, o inacessível, a barreira; para outros, o prazer, o lazer, os acessos. As paisagens foram sendo transformadas ao longo do tempo e com isso trazem o frescor característico das praias, mas também os conflitos de uso do espaço daqueles lugares desejados.

A relação de intimidade também está presente em diversas representações dessas paisagens, como as telas de Tião Fonseca, artista residente na região de Santa Cruz, Aracruz/ES, que também percorria quilômetros a beira mar. Ele retratou suas caminhadas diárias pelas praias da região com diferentes perspectivas das paisagens contempladas, explicitando em cada uma a diversidade dos elementos tangíveis: céu, nuvens, areia, vegetação, incidência solar, texturas (Figura 66).

Figura 64:Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (1822); Tartarugas da Foz do rio Doce empalhadas, em exposição no Centro Ecológico de Regência, em Linhares/ES.

Estes pequenos fragmentos das paisagens criadas pelo artista podem ser vistos tanto como obras individuais quanto como uma obra conjunta. As peças imprimem uma singularidade plástica, a intimidade e a conexão do autor com cada uma dessas paisagens. Sensivelmente, em 2015 Tião Fonseca acompanhou a chegada da “lama” no litoral capixaba após o rompimento da barragem do Fundão. Desde então, entristecido com o que viu, deixou de frequentar essas paisagens com a mesma frequência que fazia. Mas o registro de um tempo anterior permanece em telas, quiçá essas paisagens aguardam os re-caminhos de Tião para inspirar novas caminhadas.

Figura 65: Praia da Bugia na década de 1950. Conceição da Barra/ES. Acervo:

Figura 66: Praias da região de Itaparica em santa Cruz, Aracruz/ES, Sebastião (Tião) Fonseca, s/d.

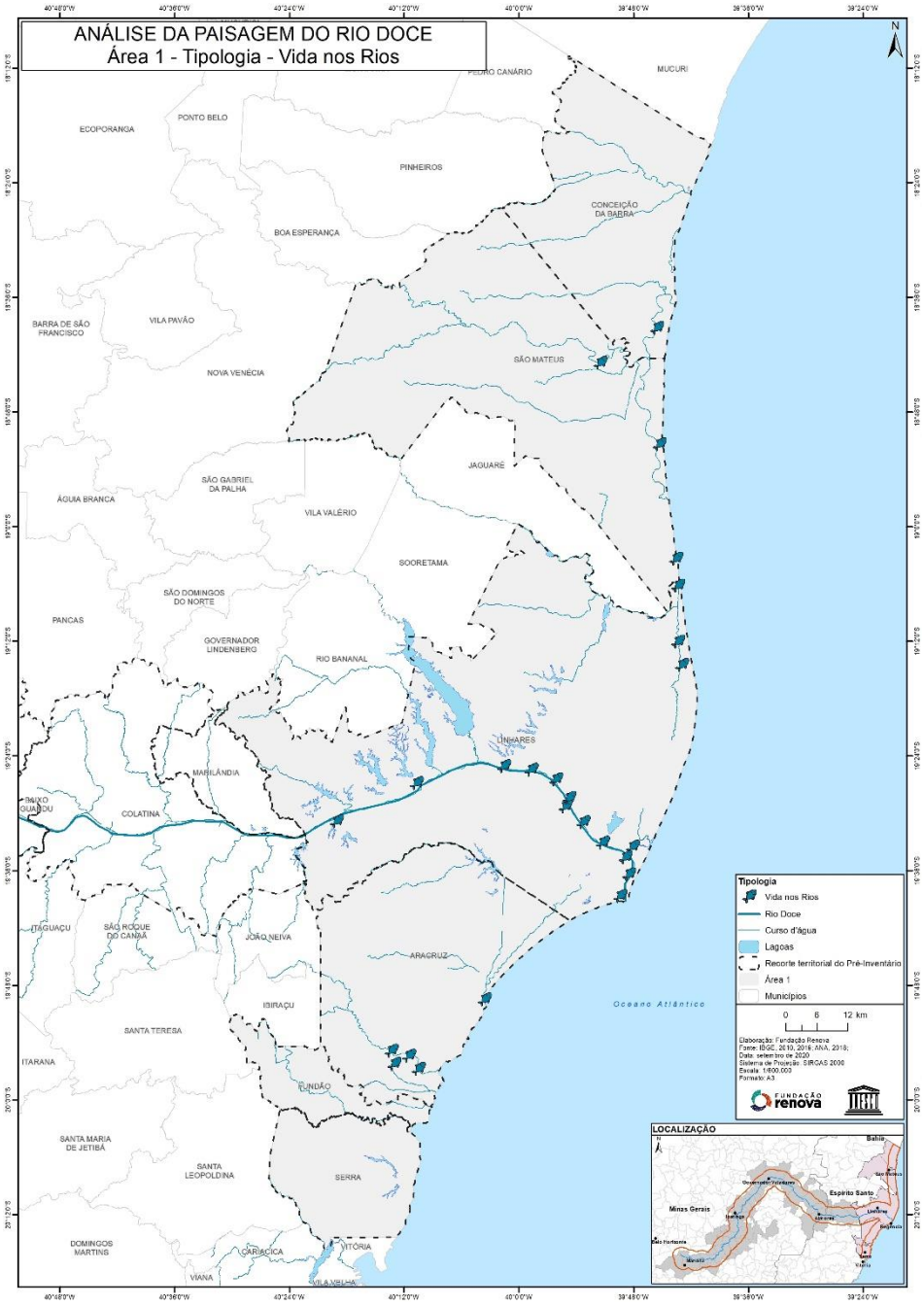
Quantas lembranças estão impressas nos moradores e visitantes dessas paisagens, quantos vínculos afetivos estabeleceram com esses lugares. As paisagens se tornam tão íntimas e tão próximas que se revelam verdadeiros “confidentes”, amigas fiéis para quem os humanos, desde séculos atrás, recorrem para falarem de si mesmos, ou simplesmente para estar em silêncio.

Figura 67: Rio Doce, estrada para Povoação, Linhares/ES, 2020.

Figura 68: Comunidade Barreiras, Conceição da Barra/ES, 2020

Figura 69: Vista do rio Cricaré, óleo sobre tela de autoria de Lena Ghideui, s/d.

Figura 70: Rio Piraquê-Açu, Aracruz/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Nativa
Nível de Antropização: Forte
Justificativa: O rio é utilizado de diferentes formas pela comunidade ao seu entorno.

As águas doces ou salobras, escuras ou alaranjadas, serpenteiam o território ou seguem retilíneas, em leitos comprimidos ou largos, conforme a geografia escavada imemorialmente. Por vezes são águas sem pressa, com correntezas demoradas e silenciosas. Por outras, avançam velozmente, caudalosas e ruidosas. Um mesmo curso d`água pode, inclusive, possuir trechos com essas duas características.

O tempo transcorrido nessas paisagens segue o ritmo das águas dos rios, capazes de acelerar ou frear motores, remos e pensamentos. Navegá-las é observar as transformações pelas quais a sociedade passou, de uma perspectiva diferente daquela habitualmente fixa em terra. De seu interior, os rios oferecem para o observador em movimento um novo ponto de vista, múltiplo, sobre o que ocorre em suas margens, ora mais, ora menos preservadas, agindo à maneira de reflexos invertidos. De suas margens avista-se as águas em movimento, pedras, bancos de areia mais claras ou escuras e, é claro, o outro lado. Nos mais estreitos é possível chegar de um lado ao outro molhando maior ou menor quantidade dos corpos. Já nos mais largos, o outro lado é sempre uma promessa e uma interdição.

Os rios se fazem perceber por todos os sentidos, são corpos que convidam à contemplação visual. *"Chegar e ver na beira desse riozão aí [rio Cricaré], o cara fica contente, né? (...) Chegar de manhã cedo e olhar ali... Pôxa!"* (Manoel Cairu, 74 anos).

Subindo e descendo conforme a influência das chuvas e até mesmo da Lua que origina as marés, essas paisagens transbordam, caracterizando uma dinâmica paradoxal. Esse transbordamento, por um lado, alimenta suas margens, trazendo detritos e matéria orgânica, contribuindo para que sejam bons locais para produção. Por outro lado, alaga áreas ocupadas, enchendo casas e ocultando lavouras. Recorrentemente, os rios e as áreas alagáveis se misturam, impactando a vida de muita gente, já que *"o pessoal tomou o lugar do rio"* (Silvano Ramos, 84 anos).

Artérias, veias e capilares do território, essas correntes contínuas de água conectam as montanhas aos vales, unem os vales ao mar. Ao cortar imensas extensões de terra, permitem o trânsito de muitas espécies entre as diversas paisagens e o desenvolvimento da vida em torno de suas águas, *"o rio é vida né? Ele é abrigo, ele é vida, ele é ponte de um lado pra outro"* (Flávia Cristina de Jesus Loyola, 51 anos).

Os municípios de Aracruz, Conceição da Barra, Fundão, Linhares, São Mateus e Serra contam com oitenta e três rios principais, sendo grande parte afluentes (diretos ou indiretos) do rio Doce, com exceção dos vinte e oito rios localizados no Litoral Capixaba e que desaguam no Oceano Atlântico. Destes, doze se localizam ao norte do rio Doce enquanto dezesseis se encontram ao sul.

Com leitos predominantemente rochosos, os rios da região foram batizados de acordo com o seu tamanho, como o Grande e o Pequeno; alcunhados com cores, como o Preto, o Branco e o Vermelho; ou receberam os nomes dos santos pelos quais aqueles que os batizaram possuíam forte devoção, como o Santa Maria, o Santo Antônio e o rio São Mateus. Este

último é reconhecido também por seu nome indígena: *"Cricaré significa... é... para os índios né? Kiri-Karé, rio dorminhoco, rio preguiçoso e o rio corre tranquilo e esse rio toda vida veio com a calmaria que existe, né?* (Salomão da Silva Pinto, 54 anos). Os rios revelam a diversidade cultural do processo histórico de estabelecimento das populações ao longo de suas imediações. Afinal de contas, quem dá nome ao rio são os humanos, e esses nomes representam as leituras e as escolhas compartilhadas pelos que transitaram por eles e se fixaram nas suas margens.

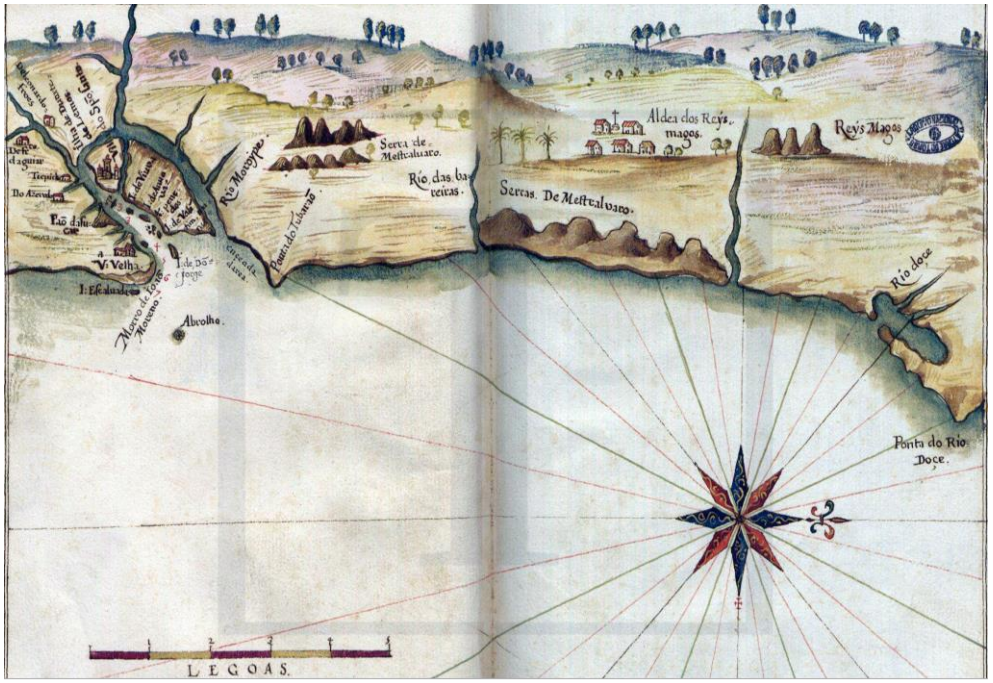


Figura 71: Costa do norte da Capitania do Espírito Santo. Excerto da Carta do Brasil de João Teixeira Albernaz, 1641.

Isso aponta para a associação dos rios com aspectos históricos do território ocupado pelos municípios de Aracruz, Conceição da Barra, Fundão, Linhares, São Mateus e Serra. Os rios foram importantes elementos de subsistência, locomoção e adoração dos povos indígenas que habitaram essa região, e ainda o são para os remanescentes que vivem nas Terras Indígenas banhadas por rios como o Piraquê-Açu. Entidades sagradas, associadas aos antepassados já partidos da dimensão material do mundo, esses rios forneciam pistas que guiavam os indígenas em suas atividades em busca de alimento e na locomoção para regiões próximas ou distantes. O europeu conquistador também se valeu dos rios para empreender sua tarefa. Primeiramente como referências vistas das embarcações que chegavam pelos mares do Oceano Atlântico, depois como canais de interiorização do domínio e do estabelecimento de núcleos de povoamento e exploração, os rios foram generosos com o novo visitante que optou por não ir mais embora.

A Carta do Brasil de João Teixeira Albernaz, publicada no ano de 1641, cujo excerto (Figura 71) representa a Capitania do Espírito Santo, mostra os rios como referências para o reconhecimento da costa capixaba, com especial destaque para os rios Doce e Barreiras, nomeados no mapa, e ao rio Piraquê-Açú que, ainda que não apareça nomeado, corre próximo à aldeia e à serra dos Reis Magos. A representação dos rios no mapa de Albernaz é interessante porque, ao não indicar a continuidade de seus leitos, dá a entender que o processo de conquista dessas terras ainda estava em curso, sem certeza de sucesso. Serpenteando por entre planícies, planaltos e terras

altas, esses rios foram, então, referências e condutores continente adentro ao longo dos séculos de consolidação da colonização europeia.

Os rios guardavam mistérios e perigos, sendo considerados locais propícios a ataques de indígenas e à contaminação por doenças mortais: "*Incitou-me ele, muitas vezes, a não prosseguir minha viagem, e me apresentou sob as cores mais sombrias a região deserta que eu ia percorrer; sobretudo não se cansava de prevenir-me contra a insalubridade das margens do rio Doce: Ó rio Doce é um inferno', tais foram as expressões que utilizou ao falar-me desse rio. Mas todas essas falas não faziam arrefecer minha curiosidade."* (SAINT HILLAIRE, 1974[1834]).

Os mistérios dos rios atraíram, por muito tempo, a curiosidade devido ao apelo que eles faziam ao pitoresco, ao fantástico e exuberante entrecruzamento de elementos sólidos e líquidos, de diferentes cores e texturas – e cheiros, para quem estivesse presente nessas paisagens. O rio Doce, por exemplo, foi objeto de um fértil imaginário a respeito de suas águas e das matas, animais e indígenas que habitavam suas margens, como mostra a Figura 72, de autoria do Príncipe Maximillian Wied Neuwied e datada do ano de 1822, ou seja, já depois de séculos de colonização portuguesa no Brasil e às vésperas da Independência. Nela, o rio Doce aparece caudaloso, suas águas a denotar movimento. O barco de pequenas dimensões - e certamente confeccionado por moradores locais - navega suas águas e parece cortar com dificuldade a corrente que corre contra. Para garantir a jornada, pessoas se esforçam para remar, em conjunto, nos dois lados da embarcação. Elas parecem ter a cor da pele escura, o que aponta para o fato de serem provavelmente negros ou mestiços com experiência no território. Nem todos remam. No centro do barco, trajando vestimenta escura e, possivelmente, de melhor qualidade, uma pessoa de braços abertos, se equilibrando para não cair com o balançar causado pelo choque com a correnteza.

Figura 72: Navigation sur un bras du Rio Doce, Maximillian Wied-Neuwied, 1822.

Trata-se, certamente, do próprio Maximillian Wied Neuwied, viajante em busca da satisfação de sua curiosidade típica dos letrados e naturalistas europeus que aportaram no Brasil desde meados do século XVIII. Junto dele, na parte de trás do barco e próximos a um dos possíveis escravos a remarem,

aparecem outras duas figuras que parecem vestir calças e camisas, provavelmente auxiliares integrantes da equipe do nobre viajante.

Essa representação, além de embalar os sonhos dos leitores europeus a respeito das selvas tropicais do Novo Mundo, mostra a vontade não apenas de conquistar o território, mas de entende-lo. Com esse mesmo objetivo, outros viajantes percorreram as terras capixabas, como Auguste de Saint-Hillaire que, explorando a costa, chegando à Vila Nova (Nova Almeida), observou o caráter estratégico dos rios para os Jesuítas que dominaram a região nos primeiros anos da ocupação europeia: *"O rio que corre ao pé de Vila Nova, do lado norte, tem o nome de rio dos Reis Magos, é pequeno e só dá entrada a pirogas. Parece que, por essa razão, os jesuítas haviam preferido a posição de Vila Nova à de Aldeia Velha, lugar situado ao norte da embocadura de um rio navegável. Entrava isto em seu sistema de afastar os portugueses dos índios e tinham o máximo cuidado de acertar, quando escolhiam, (...) as margens de um rio para aí formarem sua aldeia"* (SAINT-HILLAIRE, 1974[1834]). Os rios, como mostra bem o viajante francês, foram pontos estratégicos para a fundação de vilas e arraiais à medida que o colonizador conseguiu percorrer seus leitos e vencer os perigos existentes em suas margens.

Depois de conseguir dominar suas águas e ocupar suas margens, em processo que durou do começo do século XIX às primeiras décadas do século seguinte, os seres humanos que se estabeleceram nas imediações tiveram de solucionar o impasse na superação das distâncias as margens dos rios maiores, especialmente as do rio Doce. Inicialmente, embarcações de pesca, de transporte e de passeio garantiam esse trajeto. Essa forma de ocupar os rios e torná-los parte da sociedade é antiga. O vaporzinho – apelido carinhoso do Vapor Juparanã –, importante meio de transporte das comunidades às margens do rio Doce em meados do século XX, ainda povoa o imaginário dos habitantes, uma vez que levava e trazia pessoas, notícias e mercadorias, coroando encontros e despedidas. *"...quando ele chegava... era gente com cacho de banana, com galinha... aquele tanto de coisa, vai na cidade e carrega aquele tanto de coisa. E o vaporzinho era um movimento, era a chalana da nossa região"* (Silvano Ramos, 84 anos). Depois vieram as pontes maiores de concreto, obras complexas de engenharia que finalmente permitiram a travessia por automóveis, abreviando o contato entre um lado e outro, como a ponte Getúlio Vargas, em Linhares, que superou, finalmente, ligou as duas margens do rio Doce (Figura 73).

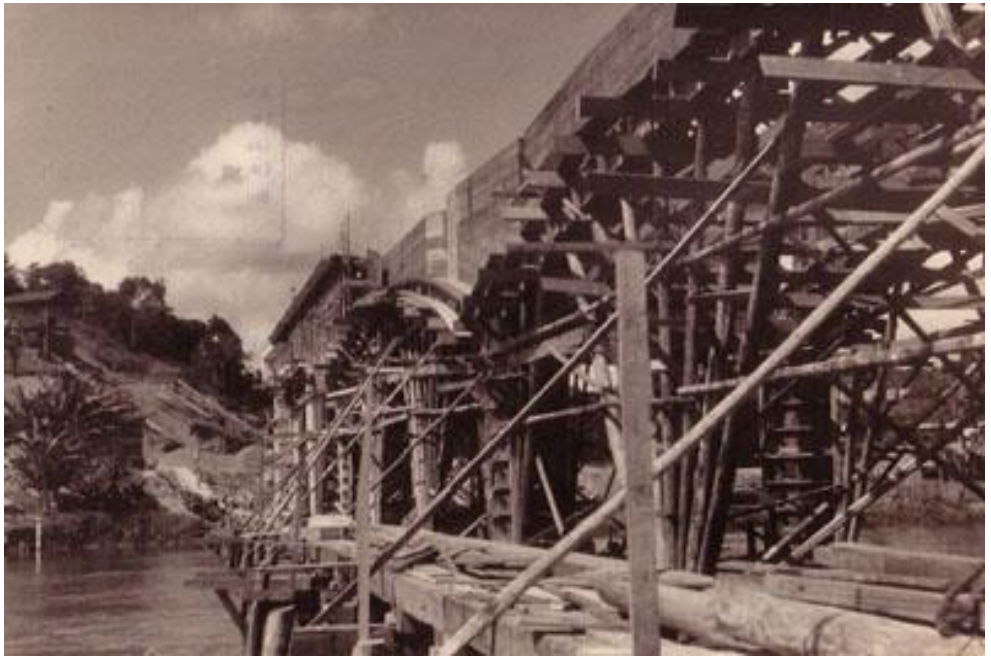


Figura 73: Obras de construção da ponte sobre o rio Doce, em Linhares/ES, 1952. Acervo Instituto Jones dos Santos Neves.

Desde os tempos remotos, os rios formam paisagens admiradas e necessárias para a sociedade. A dinâmica histórica de uso dos cursos d'água explica a concentração de grande parte da população nas proximidades do rio Doce e dos seus afluentes. Cerca de 67% da população da área estudada está domiciliada a uma distância de até 5km de algum dos oitenta e três rios principais. Os agrupamentos humanos convivem com os rios e relacionando-se de forma múltipla e contraditória. Por um lado, estabelecem com eles uma relação utilitária através da captação de água e do uso rio como esgotamento, principalmente junto aos núcleos urbanos e cidades. Por outro lado, essas populações constroem raízes identitárias com os rios, uma relação de pertencimento e de familiaridade com essas paisagens, de maneira tal que "*o rio é uma extensão de cada um de nós*" (Luciana Souza de Oliveira, 48 anos).

Assim, a paisagem Vida nos Rios é composta por reflexos impressos de história, mergulhos que acessam profundezas ambientais e humanas, caminhos irregulares, mais ou menos protegidos, pelos quais os peixes nadam e os homens se estabelecem. São paisagens avistadas, navegadas, sentidas e lembradas.

À beira d'água são fundadas comunidades e levantados cais. As cores marrom e verde do território dão o tom para esses locais nos quais se desenrolam os enredos de vidas ribeirinhas. Construídas em contextos rurais ou em núcleos urbanos, as comunidades apresentam diferentes graus de infraestrutura. São áreas eminentemente residenciais, com casas de madeira ou de alvenaria, às vezes sob o signo da carência, outras com parca oferta de serviços públicos e privados. Exemplo dessa situação é encontrado na comunidade de Barreiras, no município de Conceição da Barra, que conta com cerca de 300 famílias e possui uma creche, bares e uma igreja católica, localizadas em uma pequena praça com arruamento, e na qual é realizada a Festa de São Benedito no mês de janeiro. Para acessar os setores de comércio, saúde e serviços, seus moradores recorrem aos núcleos urbanos de Conceição da Barra e de São Mateus e à localidade de Guriri, no distrito de Barra Nova, em São Mateus.

Figura 74: Comunidade de pescadores Santa Cruz, margem do rio Piraquê-Açu, Aracruz/ES, 2020.

Nos contextos rurais, as casas estão integradas ao meio natural, com ou sem cercas que dividam seus terrenos (Figura 68). Árvores frondosas, por vezes frutíferas, encontram-se dispostas por todo território; nos quintais, nas vizinhanças das vias não pavimentadas e nos caminhos de terra sulcados à grama pela insistência dos passantes. Em contextos urbanos, as vidas ribeirinhas situam-se em áreas de risco, habitações contíguas de alvenaria cinza ou laranja sujeitas à ausência de saneamento básico e com população em situação de grande vulnerabilidade social. Num e noutro caso, a pobreza espreita. *"Olha... Para essa região é muita...aqui nessa região de beira rio aqui, até Povoação é muita pobreza né? Eu convivo com isso né, que eu compro latinha do pessoal aí, reciclagem de latinha então eu vejo isso aí de perto, entendeu? E é isso que eu vejo hoje, muita pobreza, o pessoal morando de favor nas fazendas"* (Aldair Costa, 53 anos).

Mas esta não é a regra. As vidas nos rios articulam a pesca artesanal, o extrativismo nos mangues, a agricultura de subsistência, a piscicultura e a inserção em atividades de baixa complexidade nos setores industrial e de serviços (principalmente construção e turismo). Essa articulação ocorre em diferentes formatos e com predominância de uma ou outra atividade, de maneira perene ou em conformidade com a época do ano. Em Nativo, município de São Mateus, "*(...) geralmente, a maioria mexia com pesca. Pesca, caça de caranguejo, entendeu? Alguns... só que todo pescador, ele também é um pequeno agricultor, né, porque o cara não come um peixe sem farinha, o cara não almoça sem um feijão, sem um arroz, então, todo pequeno... todo pescador ele também é um produtor, de qualquer forma... entendeu?"* (Pedro Ribeiro Clarindo, 51 anos). Em Barreiras, *"trabalham com caranguejo, com ostra, marisco né, marisqueiro, são mais marisqueiros do que pescadores né?"* (Ricardo Ferreira dos Santos, 36 anos). Em Ilha Preta, município de São Mateus, seus moradores dedicam-se à pesca artesanal, associada ao cultivo agrícola, mas não descartam a coleta de caranguejo. Na região do rio Doce, em Linhares, as comunidades ribeirinhas por vezes estão representadas no interior de fazendas, se não como fartas, tampouco sob signo da pobreza. A Figura 75, de autoria da pintora capixaba Nice Avanza retrata uma fazenda no rio Doce, sem identificar uma época específica.

Além de materializar a presença do rio, da mata e de uma fazenda, a obra inspira a reflexão sobre a presença feminina, de etnia negra, a fertilidade, a importância da água e a força do trabalho da mulher, dentre outros aspectos. Os pés descalços simbolizam ao mesmo tempo a simplicidade da origem social dessa mulher e sua ligação com a terra, com suas origens e raízes. Carregando a água, pode-se imaginar que essa mulher estava cuidando dos afazeres domésticos, levando água para sua casa, mas também preocupada em levar água às suas plantas, contribuindo para que este verde se reproduza e floresça. Por isso, a presença das flores, da água, da mulher e da mata verde denotam também a ideia de fecundidade, de vida. Esse ambiente imaginado e representado pela artista reflete harmonia e equilíbrio. Por fim, o rio, representado nas mesmas cores que o céu, leva a refletir sobre a força da natureza e a presença da água, contribuindo para a noção de equilíbrio e harmonia entre os elementos desse cenário.

A paisagem Vida nos Rios guarda o dom secreto de estabelecer verdadeiras pontes entre o passado e o futuro *"...a importância do Rio Doce só conta essa história que ele foi, do que ele é, do que ele vai ser eternamente..."* (Teodorico Boa Morte, 69 anos). Nesse sentido, o rio Doce é o grande protagonista de toda região e encontra morada na memória, "*Rio Doce, rio Doce, meu Deus! O rio Doce, nós conhecemos o rio Doce de longa data* (Silvano Ramos, 84 anos). Mas também no coração das pessoas, "*eu tenho essa relação intrínseca, sensorial e alógica, espiritual... é uma relação de amor e de gratidão pelo rio"* (Luciana Souza de Oliveira, 48 anos).

Os rios são o elemento central da cosmovisão das comunidades à sua beira. Não são cursos d'águas exteriores à sua vida, apenas de uso utilitário ou econômico, apesar de também sê-los. Os rios fazem parte do modo de vida. Neles, as percepções e os sentidos são fixados, enfeitiçados pelas águas densas. Os rios e os manguezais do entorno são constitutivos da identidade, força vital que tudo preenche. São motivo de orgulho, convocam à sua beira, personagens familiares a serem apresentados aos visitantes. "*Todo mundo que chega pra cá a gente leva pra conhecer a beira do mangue, do rio, ver os caranguejos...*" (Lúcia das Neves, 55 anos).

Figura 75: Fazenda no Rio Doce, óleo sobre tela, de autoria de Nice Avanza, s/d.

Os rios exercem seu fascínio para quem deles vive, para quem neles congrega. São imantados. "*Eu só não pesco agora porque tá proibido, mas na hora que a pesca tiver aberta eu vou pra beira do rio, nem que seja pra ficar lá olhando pra água. Eu vou*" (Maria da Conceição dos Santos, 74 anos).

A pesca é a principal atividade exercida nessas águas por tais comunidades. Secundariamente, os rios servem para o translado e comunicação com outras comunidades ribeirinhas, ou até mesmo para chegar aos núcleos urbanos. Pesca-se embarcado ou desembarcado, com tarrafa ou anzol, ao longo da noite ou durante o dia. É uma atividade feita solitariamente ou acompanhada geralmente por um membro da mesma família, seja cônjuge ou filho. A pesca não é somente ofício, mas um modo de vida. Por isso é uma atividade que afeta as disposições e humores. "*Fica calmo. Você tá entretido com os peixes ali e por ali... Embora que não pega, mas tá indo naquela influência, naquela alegria e passa tudo que tá acontecendo. Os maus pensamentos vão tudo*" (Maria da Conceição dos Santos, 74 anos).

Figura 76: Embarcação em meio à roça de subsistência, Ilha Preta, São Mateus/ES, 2020.

Porém, a pesca nos rios praticada por essas comunidades não é exclusivamente orientada para a subsistência. A venda é igualmente um objetivo da atividade pesqueira. Ainda que em pequena escala e de forma artesanal. Ainda que sem romper o ciclo do autoconsumo.

Os caminhos das relações com os núcleos urbanos são abertos, não exclusivamente, por essa monetização da atividade pesqueira artesanal, o dinheiro operando como meio para aquisição de gêneros alimentícios, bens e serviços indisponíveis nas comunidades. Essas relações, no entanto, são percebidas como complementares a um modo de vida enraizado em sua própria territorialidade. *"Se você quiser assim... eu estou com vontade agora de comer um marisco (...) vou ali, coloco a puçá e pego um siri, vou ali no mangue e pego um caranguejo, vou ali na outra coisa ali e pego outro tipo de marisco... eu quero comer um peixe, vou ali , tarrafo... então aqui, pra esse negócio... pra coisa de alimentação, negócio de... como é que fala, negócio de comida, é bom! Bom de morar... aqui você não compra limão, você não compra um coco, nada, essas coisas nada. Só (quando precisa de) outras coisas vai lá em São Mateus e compra, mas no mais é muito bom!"* (Maria da Penha Monteiro, 57 anos). São relações de mão dupla: turistas e atravessadores dirigem-se recorrentemente até as comunidades de pesca artesanal para adquirir seus produtos, peixes e crustáceos.

Os resultados das pescarias de outrora, há cerca de 30, 40 anos, são rememorados como incomparáveis aos parcos recursos explorados atualmente. "*Ahh, criança era muita importância, a gente não se preocupava, armava uma rede aqui, no prazo de meia hora a gente estava com a pescaria feita. Saía para tarrafar aqui, era fartura demais, ficava até difícil para comprador, porque a gente não achava comprador de tanto peixe que tinha e hoje, tem muito comprador, mas não tem o produto"* (Mateus José Cairu, 52 anos).

Figura 77: Pintura de barcos no rio Reis Magos, painel na Associação de Pescadores de Jacareípe, Serra/ES, 2020.

Mas o trabalho que ocupa a Vida nos Rios também se processa em terra. Em seus terrenos diminutos, as pessoas cultivam aroeira, mandioca, banana. Criam vacas e carneiros suficientes apenas para a subsistência. Em terra, há o convívio com as épocas de chuva, que provocam o alagamento em determinadas áreas do território, encharcando as plantações de mandioca, socorridas para serem secadas e raladas em farinha, como na Ilha Preta. A integração com a terra e as matas é cotidiana, tecida nos afazeres do dia a dia. *"Às vezes a gente faz almoço quente, mas senta embaixo de um pé de mato e fica lá fresca. Embora que não tenha pezinho de planta, tem as frutas. Nós tem a fresca, né? E a gente se sente mais confortável embaixo desses pé de árvore. Não gosto que tire as árvores dali não"* (Maria da Conceição dos Santos, 74 anos).

O sentimento de pertencimento é forte nos protagonistas dessas paisagens. Ressalta-se constantemente, nesse afeto, as ideias de segurança, de sossego e de tranquilidade da vida em pequenas comunidades. "*Tudo que eu acho que você sente na sua cabeça de onde você mora eu sinto por esse rio e pela Barreiras. (...) É, comunidade Barreiras. Aqui é tudo, não só para mim, mas para todos que moram aqui, se você fala 'vamos trocar uma casa aqui com uma lá no centro', eles não vão, porque lá eles não vão ter paz"* (Ricardo Ferreira dos Santos, 36 anos). Assim, constroem-se paisagens que perpassam e costuram a história das pessoas, conquistando um espaço enorme nas suas memórias, até brindar-lhes real identidade. Chega um ponto no qual o rio se (con)funde com as vidas humanas.

Apesar de tão importantes, infelizmente, os rios hoje em dia estão poluídos e assoreados. Um dos maiores problemas ambientais de toda região é a ausência de tratamento de esgotos domésticos e industriais, que vem nas últimas décadas, junto ao crescimento das cidades, colocando a vida dos rios (e de todos os seres que deles dependem) em perigo. *"O rio Preto da infância, o rio Preto de hoje, o rio Preto que é a principal veia da artéria rio Doce, esse rio que está aí brigando sozinho, preguiçosamente né, para se manter vivo assim como nós, está assistindo as coisas se perdendo, o povo se perdendo. Mas que ele continua no mesmo traçado, mesmo assoreado, mesmo estrangulado pela aninga, mesmo esquecido pelos órgãos públicos, pelos*

comitês de bacia; mesmo assim ele segue seu fluxo que é alimentar o Doce, então é... proteger o Rio Preto é proteger toda a história dos antepassados, daqueles que vieram antes dos antepassados até chegar a gente" (Luciana Souza de Oliveira, 48 anos).

A água dos rios carrega não apenas uma profusão de sentimentos e desejos, como tudo aquilo que já é inútil. Nos rios, os desejos se misturam com os dejetos humanos e com os sedimentos erodidos, refletindo uma angustiante falta de consciência que gerou a erosão dos solos e a poluição de suas águas. A erosão ocasiona o assoreamento das calhas e a poluição gera uma série de consequências, tais como a redução da biodiversidade aquática e a transmissão de doenças. E então, "*acabou-se com a alegria do rio"* (morador de Regência, 53 anos).

De todo modo, a riqueza da Vida nos Rios confere a ela um valor e uma relevância que vai além da econômica ou da relativa à subsistência, posto que se articula em torno da noção de dignidade. Daí porque a proibição da pesca por motivo de contaminação das águas e da ictiofauna pelo rejeito minerário derramado pelo rompimento da barragem de Fundão, em novembro de 2015, ter a dimensão de uma tragédia. É a vida que se esvai, no sentido material e identitário. Personagens deserdados da abundância relativa da vida ribeirinha, que cede lugar à indignidade. *"Nós vinha com a caixa cheia. Ali, nós ia lá e vendia. Nós sabia que tinha o dia da feira, tinha o dia da energia, mas hoje nós não temos mais isso aqui. Não tem mais, nós só olha lá, pra lá, e só vê tristeza. Porque de lá nós tinha o nosso sustento. Nós tinha o siri, nós tinha o camarão. Nós selecionava o que nós queria comer. Nós tinha uma vida digna. Ela mesma, 'papai, hoje eu quero comer um camarão-da-Malásia'. 'Tá bom, minha filha, vai lá tirar o seu'. Pescava, vendia uns pros outros e os dela eram separados. Se ela falar 'pai, eu quero comer um robalo', ele vendia tudo e aquele robalo dela era separado, porque o que ela pedia a ele...(...) Então aquilo, pra nós, era uma vida digna. Nós podia comer, selecionar o que nós podia comer. Agora hoje a nossa vida acabou. Se nós falar assim "eu quero comer um robalo", não tenho dinheiro pra comprar o robalo, porque é um peixe caro"* (Lúcia das Neves, 55 anos).

É por esse motivo que, com vistas ao futuro, espera-se que tudo retorne ao estado anterior. A expectativa é a de ressurgimento da vida digna, de sua retomada a partir do ponto em que foi interrompida.

É esse o fantasma que assombra as vidas ribeirinhas que não foram assaltadas de seus rios. *"(...) se esse rio se acabar, igual a tragédia da Samarco né, se esse rio acabar aqui, acabou os pescadores, porque uma indenização pode ajudar a pessoa a se levantar, mas depois vai cair de novo, porque ele sempre conviveu do rio, sempre precisou do rio, se um rio desse aqui for proibido de pescar, você acha que duzentos mil vai dar para você viver? Vai dar para você usufruir alguma coisa né? Mas não vai dar para você viver não"* (Ricardo Ferreira dos Santos, 36 anos).

De outra perspectiva, apesar do tempo não voltar atrás, algumas mudanças não são irreversíveis. Ainda há tempo para o desenvolvimento de consciência ambiental e de atitudes de cuidado em relação à Vida nos Rios.

Antes que a vida se reinvente por si mesma, *”eu acredito que os nossos rios, eles vão ser capazes, de um dia, talvez, se recompor, porque a própria natureza vai se encontrar”* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

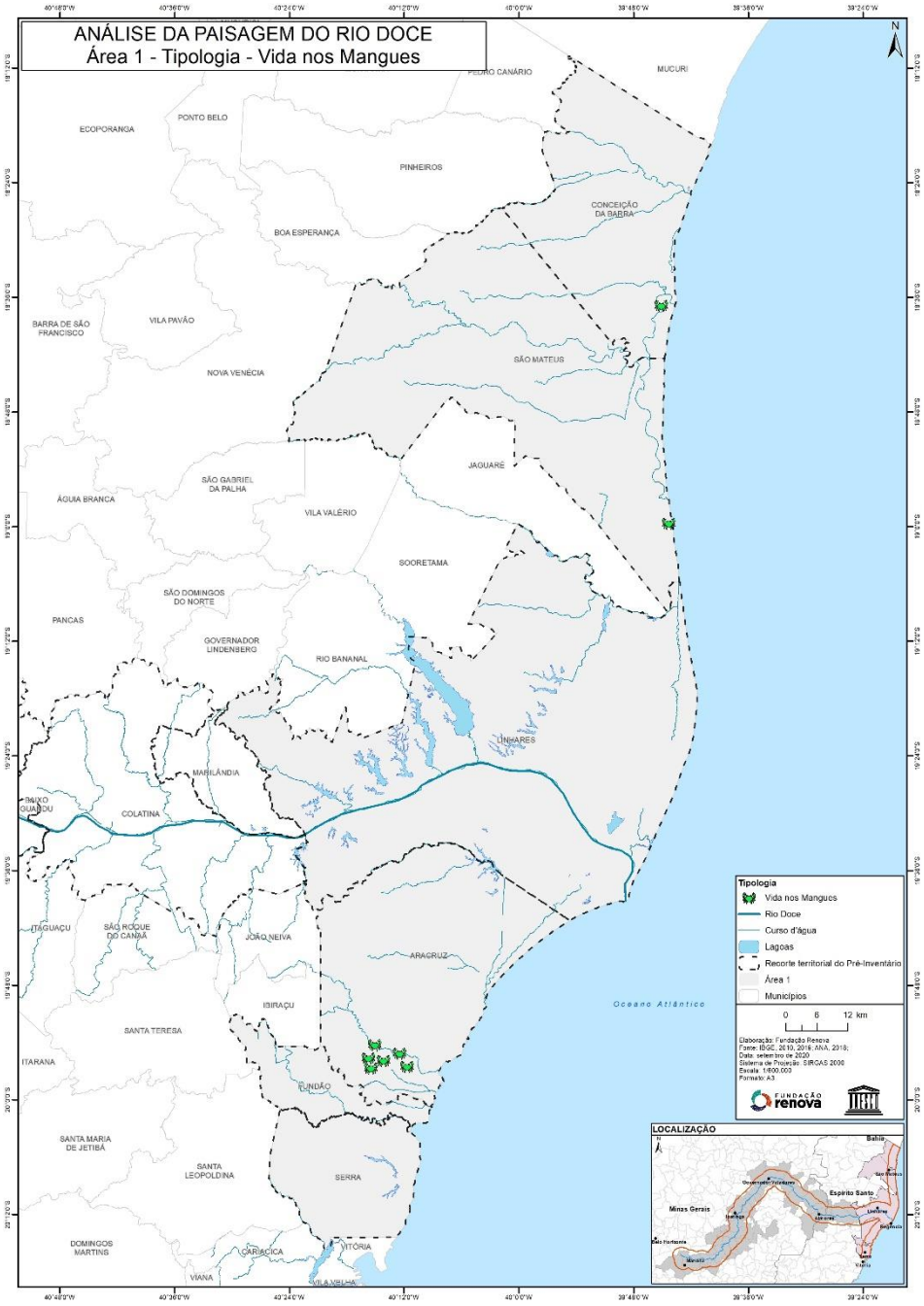
Vida nos Mangues – suspensão e sustento

Figura 78: Manguezal nas cabeceiras do rio Piraquê-Açu.

Figura 79: José Pinho Ramalho no mangue que acessa a partir dos fundos de sua residência, Campo Grande, São Mateus/ES, 2020.

Figura 80: Manguezal em Barreiras, Conceição da Barra/ES, 2020.

Figura 81: Raízes do manguezal no rio Piraquê-Açu.



Classificação: Paisagem Nativa
Nível de Antropização: Forte
Justificativa: Paisagens nativas com grande utilização humana.

O verde vivo caracteriza a Vida nos Mangues, paisagem localizada no encontro da terra com as águas do rio e do mar. Uma paisagem suspensa feito ponte, transição que beira e conecta estuários, baías e enseadas e na qual a vida se desenvolve de forma peculiar (Figura 78). É uma paisagem em movimento, múltipla, misturada, salobra. Paisagem das relações íntimas e afetivas tecidas sobre esses ecossistemas, das atividades extrativistas, dos usos utilitários e sociais que esse ambiente propicia, da dinâmica e do constante movimento das marés (Figura 79).

As raízes em suspensão (Figura 80 e Figura 81) que parecem garras tentando sustentar as árvores frente ao vai-e-vem das marés representam um dos diversos mecanismos de adaptação das plantas para lidar com o ambiente salobro dos manguezais. A vegetação pode ser herbácea, arbórea ou arbustiva e as três principais espécies vegetais presentes nessa paisagem são a *Avicennia schaueriana* (mangue branco), a *Laguncularia racemosa* (mangue preto) e a *Rhizophora mangle* (mangue vermelho). Os mangues branco e preto se desenvolvem em terrenos mais arenosos e apresentam raízes radiais que emergem do solo, crescendo em direção ao ar. O mangue vermelho, conhecido como "sapateiro", é a espécie mais comum e resistente. Cresce em terrenos lodosos e possui raízes aéreas do tipo escora, chamadas halófilas, nas quais os ramos emergem do caule e se fixam diretamente na lama, lembrando as patas de uma grande aranha. As raízes aéreas e radiais são adaptações à influência das águas dos rios e das marés, facilitando a respiração e a sustentação das plantas (Figura 81).

A aparência dos manguezais nem sempre encanta os olhos do observador, assim como nem sempre é positivo o impacto de seu odor em quem por eles passa. Para compreender essa paisagem é preciso enxergar além da lama e sentir para além do cheiro de putrefação resultante do consumo de enxofre pelas bactérias que, juntamente com o oxigênio, contribuem para o processo de decomposição da matéria orgânica ali depositada.

A Vida nos Mangues é uma paisagem-berçário, *"um lugar onde você pode estar próximo da natureza... ter esse contato, então pra mim, é um santuário"* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos). Possui uma riqueza que se desenvolve sobre solos úmidos, ricos em matéria orgânica e nutrientes. Devido a sua fertilidade, os manguezais são locais de alimentação e reprodução da vida marinha. A vegetação dos manguezais favorece o abrigo para aves, peixes, moluscos e crustáceos. Especialmente, os manguezais são morada de muitas espécies de caranguejo e de guaiamum.

São amparo e suporte porque sustentam muita gente, inclusive como fonte alternativa de renda e de alimento. *"Bom, aqui os que têm seu serviço, trabalham, os que não têm, trabalham no mangue*" (Regina Vieira Pereira do Rosário, 52 anos).

A vida humana dos manguezais se desenvolve em ambientes rurais à beira rio ou próximos do mar, cercada do verde das matas ciliares e das árvores dispersas em suas vias não pavimentadas, bem como em torno das casas (Figura 82). Tons pastéis diversos das cores marrom e vermelha

correspondem a diferentes tipos de solo, variando também os matizes beges da poeira pálida das estradas que conduzem até a entrada das comunidades.

Esses agrupamentos possuem composição eminentemente residencial, com habitações simples, em geral de alvenaria, distribuídas ao longo de suas vias principais, complementadas por pequenas propriedades de quintal amplo, nas quais às vezes se encontram, junto com cachorros, um par de cavalos e criações de galinhas. Nos terrenos com dimensões maiores, tanques de piscicultura ou, ocasionalmente, poucos exemplares de gado ajudam a compor a fauna doméstica. De maneira complementar, podem ser visualizadas hortas caseiras plantadas para o autoconsumo.

Figura 82: Residência de José Cairu em Barreiras, Conceição da Barra/ES.

As estruturas não residenciais existentes são bares, pequenas mercearias e, eventualmente, a sede de associações de moradores. Essas comunidades carecem de infraestrutura relacionada à saúde ou educação. A energia elétrica chega às casas e estabelecimentos comerciais através de redes de abastecimento, postes que margeiam os caminhos, com fios que, nas imediações dos agrupamentos de edificações cruzam a via para atingir as áreas ocupadas mais afastadas.

As águas dos rios permanecem a certa distância das residências, não sendo possível visualizá-las ou aproximar-se de suas margens em um passeio curto por entre as casas. No entanto, em certos casos, os manguezais ficam contíguos à residência, emoldurando o quintal do fundo, sem cerca que os separe. As cercas dessas comunidades, por sua vez, são as matas em diferentes estágios de conservação. A fauna silvestre identificada pelos extrativistas corresponde aos quatis, capivaras, pacas e tatus.

Dos manguezais, os moradores recolhem o fundamental para sua subsistência e para a comercialização, articulando seu modo de vida com a vida do ecossistema. Dessa forma, a territorialidade local se relaciona com a sazonalidade do ambiente, definindo territórios temporários de trabalho ao longo das estações do ano. Das matas, ocasionalmente retiram madeira, frutos e medicinas. As matas abundantes dos tempos antigos foram suprimidas pela ação do ser humano, seja no interior das próprias comunidades, seja nas fazendas e sítios do entorno. O cultivo e

beneficiamento de gêneros agrícolas como a abóbora, a melancia, o maxixe e a mandioca fazem parte deste modo de vida.

Embora os habitantes dessas comunidades exerçam a pesca com tarrafa, concentram a atividade extrativista nos ambientes caracterizados pela meia-luz. O trabalho realizado nos manguezais tem como objetivo a coleta de crustáceos (caranguejos, guaiamuns e camarões) e de mariscos (ostras, lambretas e sururus).

Os manguezais instigam a coragem e o mergulho das mãos em locais obscuros, mãos treinadas sob o sentido do tato para encontrar alimento. A Figura 83 apresenta uma cena típica da forte interação homem-mangue.

Figura 83: Mangue, óleo sobre tela, autoria não identificada, s/d

A primeira impressão é uma monotonia crômica de tons de cinza, a mesma sensação que ao vivo os manguezais proporcionam: uma escuridão da lama que vai dando espaço à claridade das raízes suspensas. A escuridão não assusta o personagem que está no centro da cena, completamente integrado a esse ambiente, mergulhado na lama, com um braço buscando mariscos e outro se segurando nas raízes. Seus braços fortes e seu corpo flexível e esguio parecem ser extensão ou mesmo uma metamorfose do próprio mangue, pois delineiam os mesmos movimentos arqueados, retorcidos das raízes aéreas que sustentam a vida. A imagem retrata um caranguejeiro. Não mostra o seu rosto. Pode representar qualquer pessoa, apesar do tronco nu e dos cabelos curtos serem indícios de uma figura masculina. Um homem que, sozinho, isolado, realiza um trabalho silencioso e solitário, escondido nas sombras, imerso e mergulhado. Parte do seu corpo não pode ser vista, o que pode ser extrapolado para o entendimento de sua existência, para a invisibilidade do seu ofício na sociedade mais ampla? As raízes representam o sustento obtido através do trabalho daquele homem no mangue, mas podem representar também a família e a cultura das comunidades dos manguezais. A Vida nos Mangues apresenta uma diversidade tangível, do ponto de vista ambiental e das perspectivas cultural e social. Compõe um modo de vida, pertencente a um grupo social menos favorecido economicamente, caracterizado pelo reduzido poder político, pelas dificuldades de organização da categoria trabalhista e pela grande dependência dos recursos naturais e dos ciclos ecológicos.

Apesar da obra expor o que parece ser uma figura masculina, a atividade nos manguezais não é exercida exclusivamente por homens. As mulheres compartilham o ofício adentrando os mangues, recolhendo os mariscos, apanhando os crustáceos, aguardando os compradores nos pontos de venda. Protagonistas, as mulheres contribuem no abastecimento alimentar e na obtenção de finanças para a família, destinando a produção para consumo e comercialização.

Nessa simbiose homem-mangue se destaca a relação sustentável, "*eu acho que os recursos estão aí, dá para ver que existe toda uma rede de pessoas que dependem do bem-estar ambiental... dependem do ambiente equilibrado, um estado saudável*" (Breno Barroso Boos, 30 anos). Diversas atividades podem ser realizadas nessas paisagens sem lhes causar dano, como a pesca artesanal e de subsistência, a mariscagem, o cultivo de ostras, a criação de abelhas e o turismo ecológico. Nessas paisagens, homens e mulheres se permitem ter uma relação íntima com a natureza, *"de proximidade, e de sintonia também! Que muitos gostam de fazer pesca... pegar um siri... guaiamum... Sabe, eu acho assim, são várias coisas em torno do mangue, do manguezal do rio. Eu acho bonita essa relação"* (Breno Barroso Boos, 30 anos).

Os manguezais possuem uma dinâmica de vazão própria, atribuída ao calendário lunar, que rege as marés inundando-os ou abandonando-os à sorte. Com a maré baixa, os caranguejos se escondem no fundo dos buracos; com o alagamento do mangue propiciado pela maré alta, os buracos se enchem de água e fica mais fácil pegar os caranguejos. Uma variante, antiga e em desuso, era a de pegar caranguejo com gancho e cavadeira, *"(...) era um gancho que você colocava no buraco, você cavava ele ali, aquilo afundava e você enfiava o gancho para puxar ele lá debaixo pra cima né. Era direto assim, às vezes eu ia pra lá era dez, doze dúzias no dia. E puxava, não era chegar e pegar não. Inclusive eu tenho até os ganchos que eu precisava fazer, tenho o anteparo todo aí, né? Tenho guardado, que se algum dia precisar, tem aí, né?*" (Arnaldo dos Santos Pereira, 68 anos).

Atualmente, o emprego da "redinha" é o mais disseminado (Figura 84). Utiliza-se uma pequena rede, feita de plástico ou outro material, com dez a doze cordas unidas nas duas extremidades. Essa ferramenta é disposta na abertura do buraco e se espera algum tempo até o crustáceo sair e se enroscar nela. Mais tarde ou no dia seguinte, o extrativista coleta os caranguejos que ficaram embaraçados, tomando cuidado para não demorar em demasia pois, se o caranguejo morrer, não é possível aproveitá-lo.

Em São Mateus, a rotina da vida dos extrativistas nos manguezais tem por finalidade a produção para o autoconsumo e para a geração de um excedente econômico, a ser utilizado na aquisição de bens e serviços no núcleo urbano. Essas comunidades associam às safras algumas celebrações, complementadas por formas de expressão, manifestações artísticas características do meio rural. *"A folia de reis que tinha, é o pescado, a moqueca, tem os festivais de camarão, tinham né daqui da região, o*

caranguejo também né? Tinha o festival do caranguejo" (Orlandesson Pereira Aguiar, 28 anos).

Figura 84: Redinha para coleta de caranguejo aos pés de Manuel Cairu, Barreiras, Conceição da Barra/ES, 2020.

Entretanto, esta vida é dita no passado. Ao longo dos anos, o chamado "desenvolvimento" se acercou às comunidades e muitas delas foram perdendo os costumes e tradições, tendo em vista outras oportunidades de geração de renda. A Figura 85 mostra parte do manguezal do rio Sauê, no município de Aracruz, ao mesmo tempo isolado e acessível, suspenso como a ponte que conecta as pessoas à suas raízes. Essa é uma foto cuja memória, cheia de afeto, remonta a uma forte relação de identidade e intimidade com o local. A foto ilustra um valor inestimável: os filhos e o manguezal, do qual a família, por muito tempo tirou seu sustento. Atualmente, os filhos cresceram e a pesca e o extrativismo (que complementavam a renda familiar) já não fazem parte das atividades econômicas do casal, que possui um bar no vilarejo de Praia do Sauê.

Figura 85: Família de Vilma Pimentel e Agostinho dos Santos no manguezal do rio Sauê, Praia do Sauê, Aracruz/ ES.

As consequências do rompimento da barragem do Fundão, em novembro de 2015, que derramou rejeito minerário por todo o rio Doce, chegando aos mares e atingindo áreas costeiras, também são sentidas nessas comunidades. Ao tempo da fartura, em que dúzias de caranguejos eram coletadas, em que a caça era realizada, em que a pesca e as matas proviam

parte do abastecimento e contribuíam para a manutenção do modo de vida, é contraposto um presente empobrecido.

Não se trata de um presente caracterizado pela exaustão do meio ambiente, afinal, os extrativistas sempre souberam manter os ecossistemas da Vida nos Mangues, em intercâmbio infindável com a natureza que somente as vidas sustentáveis sabem cultivar. O que se observa é uma ruína que tem a ver com a perda da fertilidade imposta aos manguezais e aos rios do entorno pelos rejeitos minerários. É um presente empobrecido, sem acesso aos recursos que imprimiam sentido à existência, individual e coletiva. "*Bom, a minha vida aqui foi muito boa, há uns tempos atrás tinha fartura das coisas, pegava tudo para comer. Hoje a pessoa já não acha aquele alimento mais, não acha para comer porque contaminou muito essas águas que vieram aí, sabe?* (...) *prejudicou nós todos aqui*" (José Pinho Ramalho, 75 anos).

Na região de Santa Cruz, município de Aracruz, os habitantes locais possuem uma forte relação com o estuário dos rios Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim, que formam juntos o quinto maior manguezal da América Latina, com 16km^2 de extensão – o que corresponde a 40% do total de manguezais existentes no Litoral Capixaba. Eles compõem a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Piraquê-Açú e Piraquê-Mirim, criada em 1986 pelo município de Aracruz (Figura 86). O manguezal localiza-se dentro de uma falha geológica, com profundidades que chegam aos 17 metros. Corresponde ao local de maior penetração do mar no Estado do Espírito Santo, que influenciado pelas marés, chega a avançar 22 quilômetros para dentro do rio.

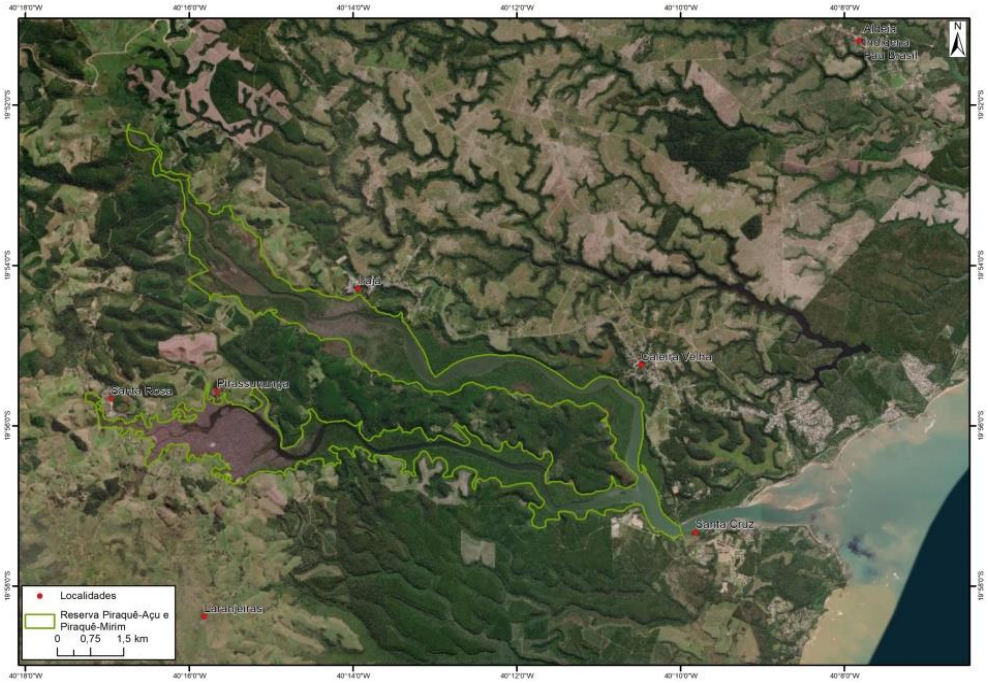


Figura 86: Estuário dos rios Piraquê-Açu e Piraquê-Mirim.

Os manguezais do Piraquê-Mirim sofreram forte degradação devido a uma chuva de granizo ocorrida em meados de 2016. Esse evento climático afetou as comunidades vegetais e animais nas proximidades das localidades de Santa Rosa e de Pirassununga, bem como os extrativistas que dependiam desses recursos para sobrevivência. "*Foi o tempo que Deus deu, mandou, matou tudo*" (Regina Vieira Pereira do Rosário, 52 anos). Os efeitos da degradação dos manguezais existentes nas nascentes do rio Piraquê-Açu persistem até os dias de hoje, como se observa nas Figura 86 e Figura 87. Anos após a chuva de granizos, a flora e a fauna da região ainda não conseguiram se reestabelecer.

Figura 87: Manguezais das cabeceiras do rio Piraquê-Açu, próximo a localidade de Pirassununga, 2020.

Dessa forma, toda rede que se sustentava entrou em suspensão... *"O guaiamum, gente, o guaiamum tinha tanto, tanto, tanto que virava lama... ele é parente dos caranguejos, só que ele é mais azulado e tem uma carne mais doce... É área de estuário, área de mangue, né? Ele está em extinção... acho que foi em dois mil e quinze... ele entrou na lista de animais, de crustáceos em extinção, então... a gente não pode comer, uma coisa que faz parte da nossa cultura, mas está em extinção"* (Luciana Souza de Oliveira, 48 anos).

A perda da biodiversidade e extinção das espécies coloca em risco a Vida nos Mangues, ameaçando não somente o alimento, a renda e a economia das famílias, como também sua cultura e identidade. *"O alimento vai acabando, a pessoa já não tem aquela fartura mais... aqui caranguejo nós pegávamos era de braçada quando ele andava. Hoje você vai lá pegar um caranguejo, você precisa estar procurando..."* (José Pinho Ramalho, 75 anos). Um dos elementos característicos dessas paisagens, que até então parecia se oferecer aos humanos que faziam dela sua morada, agora tem de ser buscado. Ele ainda está lá, mas a mudança na forma como ele se apresenta suscita sentimentos associados à perplexidade, à impotência e à resignação.

De fato, a degradação é uma das consequências do modelo atualmente adotado de ocupação e desenvolvimento humano. Esse modelo de desenvolvimento, paradoxalmente, gera prejuízos enormes (inclusive para economia), posto que ao degradar e alterar essas paisagens, funções ecológicas essenciais para a vida no planeta são perdidas. Entre as principais causas de degradação, se destacam o desmatamento e o aterro de manguezais para dar lugar a portos, cidades, indústrias, estradas e a carcinicultura estuarina, além da poluição por meio do derramamento de óleos, lançamento de esgotos domésticos e industriais, agrotóxicos, entre outros. *"Essa erosão também foi devida aí à agressão do homem à natureza, teve um prefeito aí que construiu um bairro, aterrou um mangue... e o meu pai conta que foram fechadas muitas bocas de rio que existiram* (Salomão da Silva Pinto, 54 anos). *"Aterraram o mangue para dar lote... A água do mar ela vai e entra para dentro do rio, então ela vai aonde? Ela vai entrar para dentro do mangue, onde tem as riquezas naturais, é camarão, tudo se cria ali, peixe,*

tudo isso sai do mangue, os camarões saem do mangue. Então eles acabaram com os manguezais, muitos manguezais" (Fábio da Silva Clarindo, 44 anos).

Nos manguezais são encontradas as únicas espécies de vegetação que toleram a água salgada e, depois dos corais, são considerados um dos ecossistemas mais ricos do mundo. Esses ecossistemas também sequestram CO^2 da atmosfera, amenizando o efeito estufa. Na área de estudo, o Litoral Capixaba abriga a totalidade dessas paisagens, que somam cerca de 40km^2 de extensão. Apenas 37% (ou 15 km^2) estão protegidos por alguma Unidade de Conservação. Dessa forma, as futuras estratégias de ocupação e desenvolvimento, se quiserem obter maiores índices de sucesso, devem considerar a preservação da Vida nos Mangues, conciliando as formas de ocupação humana com a efetiva proteção da biodiversidade e com o respeito à cultura e aos modos de vida locais.

Apesar da degradação ambiental, ainda há nas pessoas esperança de que a força da natureza, impetuosa e onipresente, possa curar as motivações equivocadas que geram a degradação, permitindo que as paisagens possam se reestabelecer... "(...) *se você visse que coisa mais linda, quando, pela manhã, você vê, quando você olha para trás, aquele manguezal, você vê lá dentro, você vê o guaiamum saindo, você percebe que até a cor dele mudou. Mas você percebe que ele luta. E ele tenta manter aquilo. Então eu tenho a esperança que nossos rios, nossos manguezais, eles vão conseguir. Essa é a esperança... Eu acredito nisso, acredito que o manguezal é capaz de se reconstruir"* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

A fiscalização ambiental, se por um lado é considerada insuficiente para conter o processo de degradação dos manguezais pela influência urbana e dos empreendimentos instalados na região, por outro é vista por comunidades tradicionais como fonte de grandes excessos de autoridade, com rigor que é considerado elemento supressor da fartura. No entanto, as limitações impostas aos extrativistas não dobram suas raízes, fixadas profundamente nos mangues, compartilhadas pela coletividade.

Essa persistência é ativa, melhor expressada no termo "combatividade": resiliência que encontra sua expressão concreta e institucional nas associações dos moradores dessas localidades, responsáveis pela introdução de políticas de geração de renda, e pela criação de estratégias de conservação e de programas de capacitação educacional e comunitária. Uma resiliência necessária para garantir a sobrevivência da Vida nos Mangues.

Figura 88: *Fisonomia di alcuni Botocudos* (1821), Giulio Ferrario.

Figura 89: *Kerenguatnuk capo de' Botocudos colla sua famiglia* (1821), Giulio Ferrario

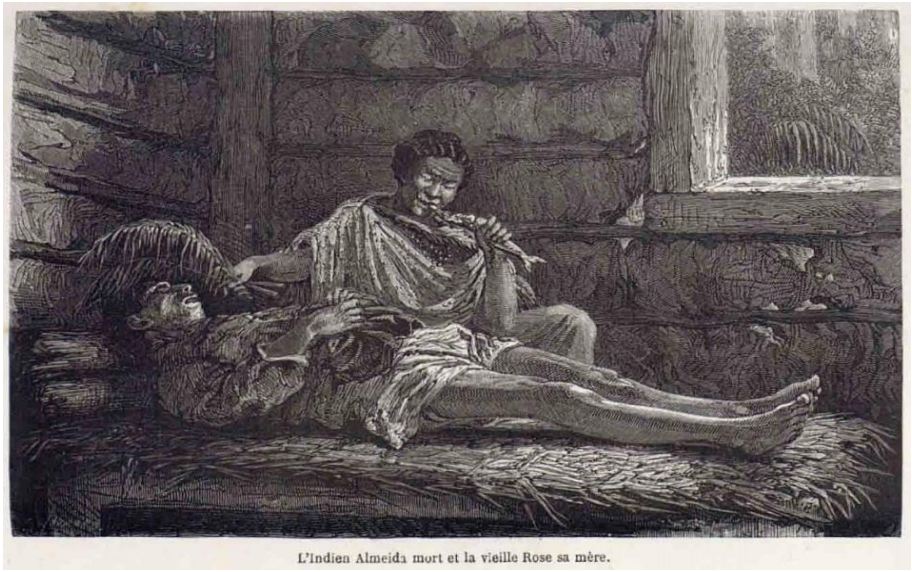
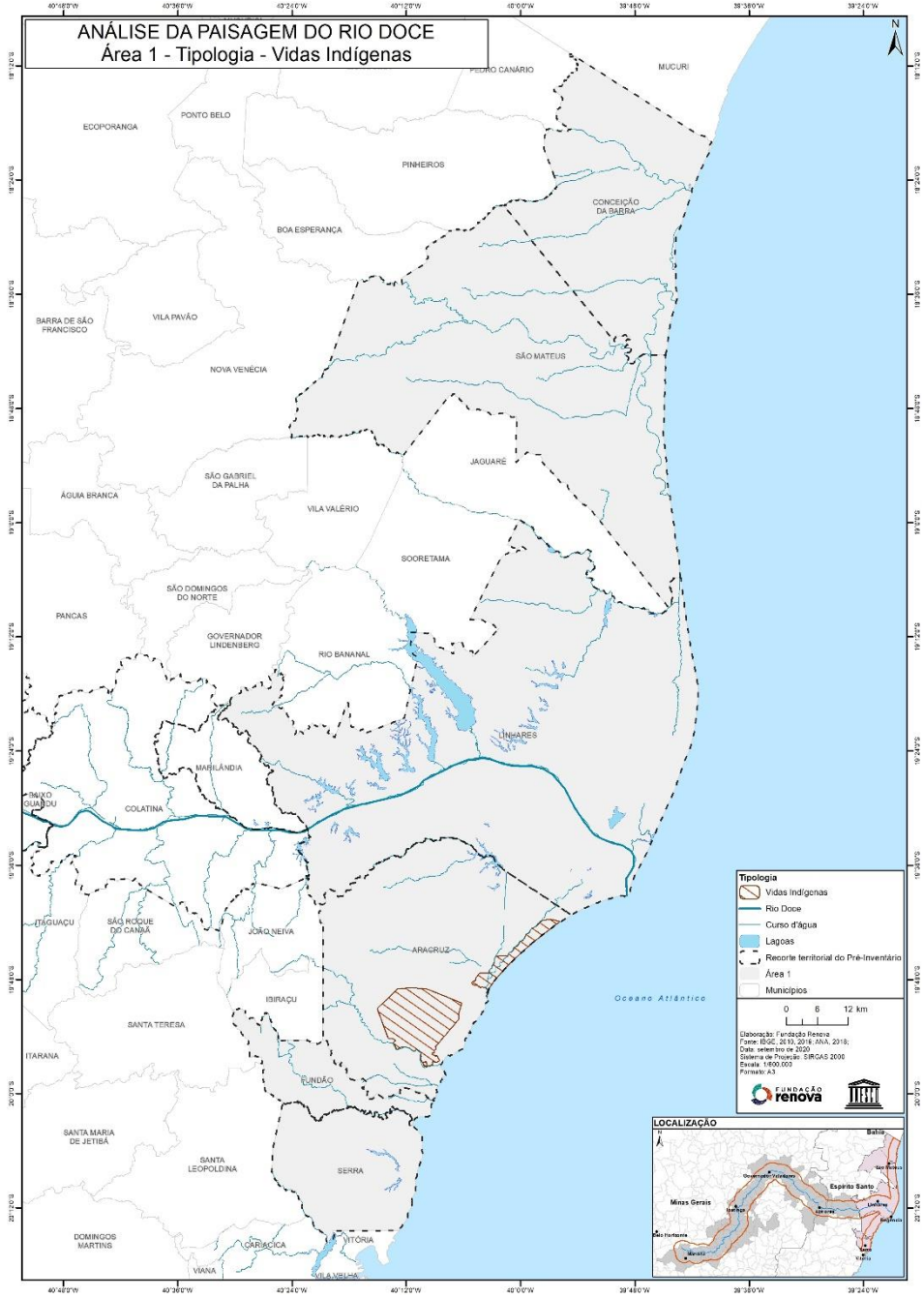


Figura 90: *L'Indien Almeida mort et lavielle Rose sa mére* (1862), François-Auguste Biard

Figura 91: Porto no rio Piraquê-açu, Terra Indígena Caieiras Velha



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Fraco
Justificativa: Paisagens remetentes aos habitantes originais do território brasileiro, artificializadas para o desenvolvimento de modos de vida tradicionais e associados à natureza, que é vista como elemento integrador de elementos materiais, sensibilidades e elementos sagrados.

As Vidas Indígenas são paisagens formadas por "gente, lugar e jeito de estar no lugar que compõe o todo" (KRENAK, 2019). No rio Doce no estado do Espírito Santo, essas paisagens são compostas pelas Terras Indígenas Caieiras-Velha II, Tupiniquim-Guarani e Comboios, localizadas no município de Aracruz e habitadas pelos povos Guarani e Tupiniquim (tronco linguístico Tupi-Guarani). Em Minas Gerais, as vidas indígenas do povo Krenak – que se autodenomina Borum (tronco linguístico Jê) – se apresentam na Terra Indígena Krenak, no município de Resplendor.

O território do atual estado do Espírito Santo registra presença de povos originários desde 7.000 anos atrás. Os materiais encontrados para possibilitar essa datação foram pontas de pedra e flechas, o que indica que os indígenas daquela época viviam da pesca e da caça. No território mineiro, o registro de povos caçadores-coletores data do período de 11.000 e 12.000 anos antes do presente.

As existências indígenas são muito antigas e imprimem no tipo paisagístico – de acordo com cada povo originário – modos próprios de se relacionar com a natureza e seus recursos, modos de pensar e de sentir o mundo "(...) *Ainda tem essa cultura indígena que nós temos aqui, que transmite para gente um passado*" (Breno Boos, 30 anos). No presente as Vidas Indígenas resistem e transbordam diversidade cultural, cosmológica e as diversas formas de organização social e política das coletividades ameríndias.

A história de resistência dessas paisagens se inicia a partir do século XVI com a chegada dos colonizadores, que trouxeram transformações drásticas, da ordem de um "mau encontro"(KOPENAWA; ALBERT, 2015) permeado por relações conflituosas e violentas com os povos originários. Os ocidentais que aqui aportaram, impondo suas próprias formas de pensar o mundo e se relacionar com o "outro" (sob essa ótica os indígenas foram encarados como "selvagens"), trouxeram aos povos originários doenças, modos de escravização, violências, mortes e usurpação de seus territórios tradicionais, situações que, resguardadas suas devidas proporções, ainda são vivenciadas em diferentes graus por distintas coletividades indígenas.

As paisagens Vidas Indígenas guardam histórias partilhadas nas cosmovisões de cada povo – a diversidade sociocultural daqueles ligados a esses ancestrais – e também evidenciam a maneira como os povos originários foram (des)caracterizados pelos colonizadores portugueses e espanhóis, que não consideraram suas diferenças dialetais ou culturais. Assim, aqueles que, persuadidos pelos colonizadores, aceitavam o "mau encontro" sem grandes resistências, foram considerados "pacíficos e submissos". Já os "índios rebeldes e guerreiros" tornaram-se inimigos mortais, aos quais foi declarada a Guerra Justa em 1808, sob a alegação de que todas as tentativas "humanas" empregadas para torná-los "vassalos úteis" tinham fracassado (ESPÍNDOLA, 2005). Um dos principais grupos inimigos dos colonizadores militares e seus jagunços foi identificado como "Botocudos" – em razão dos botoques utilizados nos lábios e lóbulos

auriculares, um traço de povos pertencentes ao tronco linguístico Jê, como é o caso dos Borum.

A Figura 88, produzida em 1821 pelo artista italiano Giulio Ferrario ilustra a imagem construída (e disseminada) sobre os povos nativos, a partir do olhar estrangeiro interessado em registrar a aura exótica, selvagem e perigosa que os "Botocudos" representavam diante os anseios colonizadores de desbravar as riquezas encontradas. As gravuras produzidas por artistas estrangeiros sobre os povos originários explicitam tendências de cada época, que fornecem pistas para a compreensão não dos nativos, mas daqueles que lhes representaram. Na obra identificada como "fisionomia de alguns Botocudos", destacam-se os traços brutos e exagerados que delineiam os rostos indígenas.

No século XIX, os "Botocudos" se concentraram ao longo dos rios Doce, Mucuri e São Mateus. Apesar da resistência, esses indígenas passaram a ser aldeados por militares, diretores leigos e missionários em vários pontos dos atuais estados da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. Mas, inquestionavelmente, foi o temor aos Botocudos e a densidade da floresta presente no território do rio Doce que postergou, de certo modo, o avanço ainda mais voraz dos estrangeiros rumo à exploração da bacia.

Foi apenas ao final do século XIX e início do século XX que a construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas, aliada à "guerra justa" e aos aldeamentos consolidaram o projeto do Estado de desterritorializar os Botocudos, pressionando-os a abandonar as terras do vale do rio Doce. As aldeias existentes foram desativadas e as terras leiloadas pelo governo provincial, ficando a população indígena abandonada à sua própria sorte (PARAÍSO, 1992). A Figura 89 retrata uma família indígena às margens de águas paradas e calmas, e a partir dela se pode estabelecer algumas hipóteses: visto a estatura atribuída, os botoques auriculares e labiais, o corte do cabelo e o tamanho das flechas que o indivíduo masculino carrega; afirma-se que esses indígenas pertencem aos povos de matriz linguística-cultural Jê, ao qual pertencem os "Botocudos". Outro dado que parece estar representado na imagem é a identificação do local, provavelmente às margens do rio Doce, território reconhecido como de uso e ocupação tradicional destes povos.

Habitantes das matas de Santa Cruz (Aracruz) em meados do século XIX foram retratados pelo olhar do pintor francês Auguste François Biard (BIARD, 1862), que mesmo sob uma perspectiva eurocêntrica, detalhou vários momentos do cotidiano dos indígenas que se organizavam em pequenos núcleos familiares. A Figura 90 ilustra o velório do "índio Almeida". A cena tocante do indígena junto à sua esposa aporta alguns aspectos do cotidiano das vidas indígenas. Observa-se a simplicidade da casa de pau-a-pique construída com recursos da mata, a esteira trançada sob a qual o falecido está deitado e a vegetação exuberante mostrando-se através da pequena abertura da janela, que revela a relação de cumplicidade,

preservação e integração desses povos com a natureza circundante. São relações que esses povos até hoje mantêm com a natureza. Nas terras indígenas de Aracruz grande parte das matas seguem intocadas. Outro detalhe que chama atenção nessa imagem é o fato da esposa do falecido índio Almeida estar com um peixe na mão, se alimentando, enquanto vela o corpo. Tal elemento indica a proximidade e importância histórica de recursos como lagoas, rios e mar para a subsistências das vidas indígenas.

Ainda nas anotações de Biard produzidas no século XIX ao navegar o rio Piraquê-Açu, ele descreveu os fazendeiros que exploravam a madeira para exportação utilizando mão de obra indígena e registrou a presença de famílias indígenas dispersas pela floresta, comercializando madeira e plantando nos roçados de subsistência. Um século depois desse registro, muitas das aldeias Tupiniquim da região começaram a desaparecer, especialmente a partir de 1940, por ocasião da instalação da empresa Aracruz Celulose, atual Suzano. A empresa sustenta um grande polo industrial na região e monopoliza o plantio e corte de eucalipto no entorno das terras indígenas para beneficiamento nas fábricas de celulose.

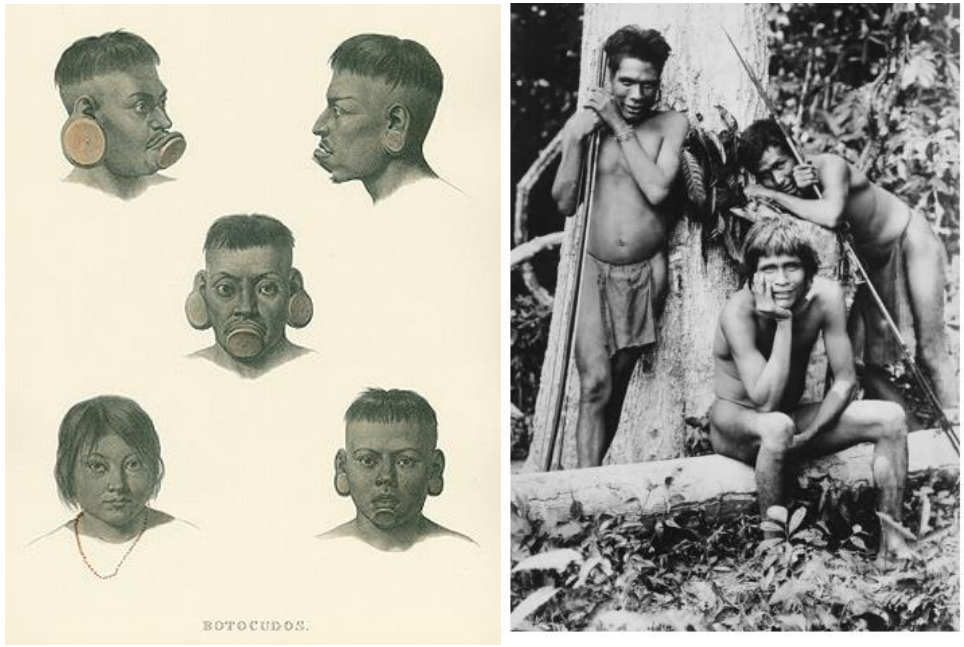


Figura 92: À esquerda: Botocudos (1835), de Johan Moritz Rugendas. Acervo Brasiliana Itaú Cultural. À direita: "Os Botocudos do rio Doce (1909), série de Walter Garbe.

Durante o século XX, o relacionamento dos homens brancos com os povos indígenas seguiu permeado pela visão eurocêntrica de mundo, porém, as representações desses povos seguiram novos estereótipos. Um século depois, a imagem ameaçadora dos indígenas forjada no século XIX transformou-se em uma imagem de docilidade e ingenuidade como na fotografia produzida por Walter Garbe (Figura 92, à direita). Na imagem, três indivíduos aparecem encostados tranquilamente numa árvore, sorrindo de forma singela para a câmera. Apesar de contrastantes, as duas representações ilustradas pela Figura 92 serviram para reforçar os projetos políticos de dominação territorial e cultural dos povos indígenas.

O “mal encontro” estabelecido com as frentes de colonização na região litorânea do Espírito Santo e no rio Doce acabou forçando os remanescentes dos povos originários, cada qual a seu tempo, a cederem ao modelo de aldeamento, sob o risco de serem exterminados definitivamente. Os ameríndios reunidos em organizações sociais próprias e que sobreviveram aos ataques e chacinas promovidos por imigrantes que queriam ocupar áreas de seus territórios tradicionais foram transferidos forçadamente para aldeamentos e submetidos ao modelo militar de coerção, sendo confinados em postos indígenas sob administração estatal. Por fim, após sofrerem as consequências de um projeto colonizador que vem se apresentando ao longo da história de formação do país e que emprega uma política de expropriação territorial, acabaram garantindo pequenas porções do território tradicional onde vivem atualmente imprimindo modos próprios de uso, ocupação e relação com os espaços habitados. Em geral, os indígenas constituem as aldeias em lugares marcados por alguma característica ou recurso natural importante (como um córrego ou rio), pela ocupação anterior de um familiar, pela indicação do espaço para consolidação da aldeia ou pela proximidade com outras estruturas que se tornaram necessárias à vida familiar como, por exemplo, as escolas e postos de saúde dentro das terras indígenas.

“O povo Guarani era como um rio que corria lentamente em seu curso quando uma pedra gigante foi lançada dentro do córrego. A água espirrou para vários cantos. E os sobreviventes estão aqui hoje reunidos” (PERALTA, 2007)[7]. As Vidas Indígenas são paisagens que abrigam/registram desde o “mau encontro” com o projeto colonizador, disputas político-legais em um jogo de forças assimétricas, até os esforços e estratégias de resistência dos povos originários, que lhes possibilitaram resguardar os espaços e ambientes tão importantes para sua reprodução física, social e cultural.

“(...) meu sogro era meio índio, sabe? Caboclo índio. Aí ele fala assim: olha, cuidado, ali tem uma cobra. E eu não era filha daqui, eu tremia de medo quando ouvia falar. Aí eu falei: ali tem a cobra? Como o senhor viu? Tem ali, tem sim. Olha o cheiro dela ali. Fica pra trás de mim. Aí eu ia pra trás, porque a gente ia no trilho dos Botocudos” (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos). A ancestralidade desses povos – presente nas pessoas que vivem no litoral do Espírito Santo ou ao longo da calha do rio Doce – vive nas memórias, experiências e conhecimentos repassados de geração a geração

Na região litorânea de Aracruz, as paisagens de Vidas Indígenas são marcadas pela presença de vegetação densa e de cursos d’água preservados,

[7]Fala do Guarani-Kaiowa Anastácio Peralta durante o lançamento da Campanha Povo Guarani, Grande Povo, de 2007. Reproduzido do site Povos Indígenas do Brasil, do Instituto Socioambiental

circundadas pelo mar verde de eucaliptos. São essas paisagens que caracterizam as terras indígenas Tupiniquim e Guarani De um lado, a mata garante os recursos necessários para alimentação, confecção de artesanato e elementos para fins medicinais e cerimoniais. De outro, o rio Piraquê-Açu (Figura 91) e a rica área de mangue oferecem as bases de uma alimentação tradicional pautada na pesca e na coleta de mariscos e crustáceos. *"Marisco assim, sempre os índios aqui tiveram mais essa cultura de extração, tanto de ostra quanto marisco. Desde essa época você consegue ali com eles"* (Breno Boos, 30 anos). Na interação com a sociedade envolvente, os indígenas também comercializam os excedentes daquilo que extraem da natureza.

A simbiose que existe entre os povos originários e a natureza é refletida na paisagem pela existência e preservação das florestas. É a partir dessa relação de uso dos recursos naturais por esses povos que o tipo paisagístico Vidas Indígenas é categorizado como paisagem domesticada com nível de artificialização fraco. Atualmente, nos territórios altamente antropizados e artificializados, como o de Aracruz, essa relação homem-natureza é marcada por uma co-dependência entre as Vidas Indígenas e os recursos naturais. Nessa relação um só existe a partir da existência do outro e da interação que estabelecem: a natureza fornecendo os elementos que permitem o modo de vida indígena e os indígenas preservando e gerindo os recursos naturais de maneira sustentável.

As Vidas Indígenas não crescem e se desenvolvem apenas dentro das aldeias. Ainda que as diversas versões da história as tenham confinado em espaços delimitados e demarcados, essas paisagens não estão contidas em perímetros definidos. Elas também deixam suas marcas em Patrimônios como o Congo, manifestação cultural afro-indígena existente em todos os municípios da Área 01. Assim como as demais paisagens existentes – as Vidas nos Rios, as Matas, as Vidas nos Mares, os Patrimônios e os Alagáveis – as Vidas Indígenas permeiam o mundo, estabelecendo pontes entre o passado, presente e futuro, vinculando relações profundas de significado. As Vidas Indígenas correm nas nossas veias, porque corriam nas veias dos nossos antepassados*."(...) se a gente for observar, você vai deparar com vários e várias moradores que eles têm um tio na aldeia, que tem um filho na Barra [do Sahi], que tem... Ou seja, a gente, de uma forma ou de outra, aqui não é aldeia, mas o sangue que tá aqui tá lá. E é uma cultura que a gente se sente bem melhor de entender que eles são os nossos povos. São originais"* (Herval Nogueira Junior, 57 anos).

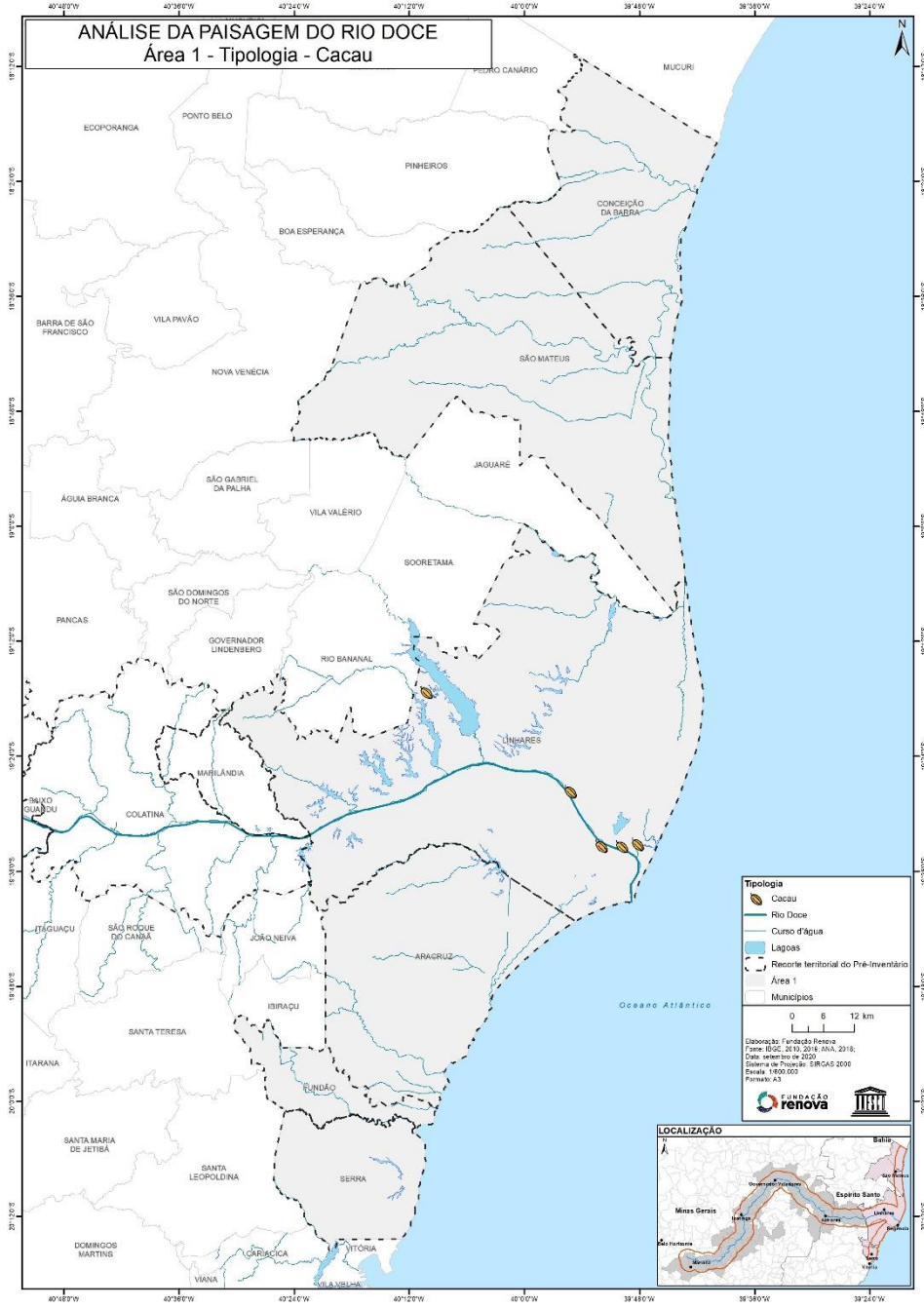
Cacau – a pleno sol ou sob as sombras

Figura 93: Cabruca - Cacau plantado no sub-bosque florestal, Povoação, Linhares/ES.

Figura 94: Vitral decorativo com motivos aluzentes ao cacau, Fazenda Tupã, Linhares/ES, 2020.

Figura 95: Sem título, obra de Nice Nascimento.

Figura 96: Plantação de cacau em sistema de cabruca nas imediações da localidade de Cacimbas, Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Fraco
Justificativa: A principal forma de cultivo de cacau na região busca uma sintonia entre as plantações e as matas nativas.

As paisagens do Cacau são exuberantes e caracterizadas pelas chamadas cabrucas, plantações de cacau implantadas no sub-bosque das matas nativas, ambientes com maior diversidade de espécies arbóreas e por monoculturas de árvores da espécie *Theobroma cacao*.

Caminhando entre elas, se nota o som das folhas pisoteadas, algumas secas, outras úmidas, formando matéria orgânica que nutre o solo e as folhas longas que pendem das árvores de galhos retorcidos cuja altura varia entre 3 e 5 metros. Nas monoculturas, os pés de cacau são plantados em linhas à pleno sol, com menor sombreamento e espaço entre as árvores. Nas cabrucas, por sua vez, os pés de cacau são plantados no interior das matas nativas, um ambiente úmido e biodiverso, onde caviúnas, perobas e palmeiras sobressam no dossel da floresta.

Enquanto as plantações de cacau a pleno sol apresentam uma disposição formada para atender a produção em escala, nas cabrucas a plantação se adapta à mata, cujas árvores resistem. Muitas delas foram mantidas em pé ao longo do tempo em função de uma única espécie – o cacau – plantado no sub-bosque, compondo um sistema agroflorestal. Dessa forma, a paisagem adquire um novo visual.

As plantações a pleno sol atendem os interesses dos produtores locais – por vezes com aportes de investidores estrangeiros – com foco na produtividade local. As cabrucas se apropriam das estruturas da floresta estabelecendo uma convivência mais harmônica com o ambiente originário, valorizando e se apropriando dos recursos disponíveis por ele, sobretudo a água e a sombra, consolidando uma estratégia específica para o estabelecimento de uma cultura agrícola em meio a um habitat nativo: a mata primária e natural.

Adentrar as cabrucas é percorrer matas escuras, é visualizar a mistura de tons de verde e marrom dos caules e folhas das plantas com o amarelo e o vermelho dos seus frutos, que pendem dos troncos das árvores. Em determinado momento, a mata escura abre dando espaço para clareiras, onde o cacau é cultivado.

Já nas culturas de cacau a pleno sol, caminha-se pelas entre linhas do cacau plantado, o espaçamento entre as árvores e o entrelaçar de dutos de irrigação a tornar visível o planejamento com vistas à maximização da produtividade, por vezes com o uso de máquinas agrícolas. Funcionários uniformizados, equipamentos de fertilização, sistemas para o controle de pragas, maquinário contendo, por vezes, logotipos das fazendas produtoras, são elementos que se destacam nessa configuração das paisagens do Cacau. Essa organização empresarial em torno do cacau é mais recente. A história do cacau na região da foz do rio Doce originou-se com a cabruca, sendo muito mais antiga.

O Cacau remonta à historicidade dos ciclos econômicos brasileiros e na região da foz do rio Doce. O primeiro registro histórico referente ao cacau no Brasil remonta a 1655, quando D. Vasco de Mascarenhas enviou uma carta ao capitão-mor Grão-Pará falando sobre seu gosto pelo fruto. Originário da bacia hidrográfica do rio Amazonas, chegou ao litoral brasileiro

pelo mar depois de passar pelo Pará. Ao longo do processo de colonização, os povoadores enfrentaram desafios para habitar um ambiente silvestre e bravio, tendo se dedicado ao cultivo do cacau com o uso da mão de obra de populações nativas que, assim como os pés de cacau, estavam bem adaptadas ao solo, clima e ambiente marinho. A herança deixada por esses trabalhadores foi uma paisagem nova, duradoura e altamente eficiente que permite ao homem integrar a produção ao ecossistema.

Essa paisagem agrega diferentes formas de vida, conserva as florestas, alimenta os solos, regula o clima, abriga a fauna e mantém a água: "*Olha, tinha lugar aí no meio desses cacau aí que parecia que nunca passou gente ali, você não via um rastro de nada, a não ser um rastro de um bichinho lá no meio*"(Simeão Barbosa dos Santos, 78 anos). É uma paisagem que guarda conhecimentos ecológicos e históricos, além de gerar recursos financeiros, alimentar valores passados de geração em geração e que compõem um cenário único, capaz de fixar o homem na terra. As principais intervenções realizadas pelo homem nesse sistema são a colheita do cacau e a capina seletiva.

Figura 97: Bandeira de Linhares.

Em Linhares, local onde a produção de cacau ganha destaque, os plantios começaram na primeira década do século XX[8] e foram trazidos por fazendeiros baianos já experientes. A região apresentava condições muito favoráveis ao cultivo, com chuvas abundantes no inverno, verão mais seco, mas, ainda assim, com tempestades chuvosas e cheias do rio Doce que se encarregavam de regar as plantações ribeirinhas. As grandes fazendas de cacau foram responsáveis pela ascensão econômica e política do município

[8] A Secretaria de Agricuultura de Linhares, em parceria com a INCAPER-ES realizaram, em 2017, o II Smpósio da Cacauicultura Capixaba, no qual foi comemorado o centenário do cultuvo do cacau no município. Fonte: INCAPER-ES.

e de seus produtores. Em 2019 o cacau de Linhares foi indicado como um dos 36 produtos tipicamente brasileiros, indicação que é uma marca da origem geográfica e que atesta a qualidade dessas amêndoas, aliada aos aspectos sociais, culturais e ambientais que envolvem a produção do fruto com características únicas (PREFEITURA MUNICIPAL DE LINHARES, 2019).

A importância desse fruto para o município é entendida também a partir de sua representação no brasão do município. A árvore e o fruto foram escolhidos, juntamente com a coroa e uma fortificação militar referentes à história referentes ao surgimento e a consolidação de Linhares como ponto de controle da Coroa sobre o rio Doce, como ícones a figurar na representação oficial do município (Figura 97).

A obra da artista capixaba Nice Nascimento (Figura 98), ilustra a diversidade social que compõe essas paisagens. A cena cotidiana carrega um prazer sensorial e uma potência visual que remete a símbolos da gênese histórica e cultural do povo da foz do rio Doce. A obra resgata o encontro entre indivíduos da população negra, branca e indígena; o papel social da mulher como reprodutora de força de trabalho; e o potente cacau, pano de fundo do espaço que anima as interações sociais. A paisagem é cheia de afetos, de orgulho e do sentimento de pertencimento que se originam por meio do vínculo social ou familiar: *"daqui para lá as roças de cacau, era lindo de se ver, era muita fruta, muita fruta, tinha muito cacau. Pé de cacau dava aos montes, de você passar e ver as roças, era tudo verde"* (Diana Campista, 43 anos). A participação da mulher nesse tipo de produção é também destacada na Figura 95, que mostra as mulheres circundando a colheita do cacau, sob as árvores, retirando as amêndoas, atividade que demanda bastante cuidado para não desperdiçar os frutos.

O cacau se consolidou, portanto, como fonte de renda de famílias que trabalhavam nas fazendas constituídas por uma edificação principal, a casa-sede, singularizada pela existência da chaminé na porção traseira, seguida por outras edificações menores que serviam de apoio ou para habitação dos trabalhadores vindos de outras regiões. Em frente a essas construções, em grande parte dos casos, abria-se um descampado, por vezes pavimentado, por vezes de terra nua que, quando da colheita dos frutos e a extração de seus gomos, servia como campo de secagem. Para além do complexo de edificações, as cabrucas ganhavam o segundo plano com sua sombra, seus tons de marrom, verde, amarelo e vermelho, a sensação de umidade característica das áreas de vegetação mais fechada. As cabrucas eram, ao mesmo tempo, sustento e refúgio, locais onde se podia caminhar sem encontrar alguém a não ser os animais: *"Naquele tempo o cacau estava bem né? Umas roças de cacau tudo bonita, você podia andar no meio do cacau tudo bonito..."* (Simeão Barbosa dos Santos, 78 anos).

Figura 98: Sem título, óleo sobre tela de autoria de Nice Nascimento, 1990.

Na segunda metade do século XX, as cabrucas passaram a sofrer um forte impacto devido a revolução tecnológica na agricultura que impulsionou a implementação de sistemas denominados 'derruba total'. Dessa forma, cortes rasos foram realizados em áreas de cabruca de florestas naturais para a instalação de monoculturas a pleno sol por fazendas que adotaram modelos de gestão empresarial: ou para a instalação de áreas de pastos: *"Ele plantava cacau, ele tinha uma plantação enorme de cacau, café. O fazendeiro entrou, meteu a motosserra, entrou, fizeram tudo pasto"* (Mateus José Cairu, 52 anos). De fato, houve um aumento da produtividade até que a produção de cacau chegou no seu apogeu. No entanto, as áreas de monocultivo são mais propensas ao ataque de doenças e insetos, contrariando a capacidade de autoregulação e o equilíbrio biológico que o alto grau de biodiversidade proporciona à cabruca.

Foi assim que surgiu a vassoura-de-bruxa, uma doença causada por um fungo que chegou na região na década de 1990, reduzindo drasticamente a sua produção e participação no mercado internacional, e impactando diretamente a vida de milhares de pessoas... *"há trinta anos atrás estava começando ainda o problema da vassoura de bruxa, no cacau e então, antes da vassoura de bruxa, o cacau ajudava muito a preservação da Mata Atlântica, porque ele dependia da Mata Atlântica para poder se manter né? Ele precisava do sombreamento das árvores. Com a vassoura de bruxa o cacaueiro né, as lavouras de café foram morrendo e aí os...agricultores não tinham mais interesse em preservar aquela mata né? Porque tinha uma finalidade econômica direta, como perdeu a finalidade econômica passou-se a desmatar, passou-se a ocupar essas áreas né? Então a vassoura de bruxa contribuiu muito para a devastação da Mata Atlântica que aqui em Linhares era preservada"* (Elber Tesch, 37 anos).

Hoje em dia, muitas das áreas de "derruba total" deixaram de receber o manejo convencional, principalmente em relação ao controle da regeneração natural de árvores pioneiras. Assim, as florestas estão se regenerando e essas paisagens estão se recompondo, ainda que tenham valores de conservação e composição florística distintas. Para garantir a segurança alimentar e a diversificação da composição do ambiente,

atualmente é comum a introdução de espécies como as palmeiras açaí e pupunha; especiarias como pimenta-do-reino, noz moscada e baunilha; e frutíferas como o cupuaçu, o açaí e a graviola. O cacau orgânico produzido nessas paisagens também tem sido crescentemente valorizado.

No estado do Espírito Santo, o governo lançou o Programa de Revitalização das Áreas Produtoras de Cacau, abrangendo os municípios de Linhares, São Mateus, Colatina e João Neiva. O programa tem o objetivo de revitalizar essas culturas por meio da utilização de técnicas sustentáveis de produção, a implementação de pagamento por serviços ambientais, a utilização de variedades tolerantes à vassoura-de-bruxa, a capacitação de técnicos e produtores, e o fomento da assistência técnica e do crédito rural.

A produção de cacau em Linhares tem um aspecto simbólico valorizado pela população, e é também reconhecida como de grande relevância pelo poder público, que fornece incentivos, como a distribuição de mudas pela Secretaria Municipal de Agricultura. Em 2019 foram distribuídas mais de 13 mil mudas que contemplaram 64 produtores selecionados pela Prefeitura Municipal em processo concorrencial. Além das mudas, os produtores recebem assistência técnica e formação para a prática gerencial por meio de parcerias com autarquias, fundações e organizações não-governamentais. Recentemente observou-se também a criação de um selo de origem conferido pelo programa Mercado Mata Atlântica (RBMA), promovido pelo Instituto Amigos da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (IA-RBMA) – parte do sistema de gestão constituído dentro do programa Homem e Biosfera (MaB) da UNESCO. Essas ações visam estimular a cultura do cacau e agregar valor aos produtos produzidos na região, com vistas ao aumento da renda das famílias dedicadas às plantações. A produção de cacau de Linhares foi reconhecida pelo INPI através do selo de Indicação de Procedência (IP), instrumento de proteção intelectual utilizado para identificar produtos oriundos de locais cujas formas de produção envolvam elementos que as tornam peculiares, como sistemas de trabalho, formas de plantio e características do solo e clima (Figura 99).

Figura 99: Selo de indicação de procedência do cacau produzido em Linhares/ES. Fonte: www.cacau.com.br

Grande parte do cacau encontrado na área percorrida está situado nas imediações de Povoação (Linhares), às margens e nas ilhas do rio Doce e,

por isso, exposta às dinâmicas das suas águas. É nos períodos de cheia que a água alimenta as plantações com nutrientes. É a umidade que vem do rio que abastece de água a popa suculenta do cacau. Quando, em 2015, ocorreu o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, espalhando rejeito da mineração por toda a calha do rio Doce, essas paisagens, especialmente aquelas nas margens e ilhas do rio Doce, compostas por cabrucas, foram fortemente afetadas: *"É, eu tinha uns pés de cacau, eu tinha um cacau novo assim, matou tudo, a lama cobriu tudo, que aquela lama não é igual enchente comum. A enchente comum ela dobra em cima do pé de cacau e o cacau brota de novo, ela não, dobrava em cima do pé de cacau e virava aquele tijolo em cima, virava igual como se fosse um concreto, aí se acabaram tudo"* (Simeão Barbosa dos Santos, 78 anos). A lama que atingiu toda a calha do rio Doce até sua foz, em Povoação e Regência, impermeabilizou parte do solo, prejudicando o desenvolvimento das árvores e frutos do cacau, o que foi imediatamente sentido pelos produtores locais. No entanto, mesmo diante dessa adversidade, o cacau permanece como paisagem simbólica conectada ao ciclo de ascensão política e econômica do município de Linhares e por isso, motivo de orgulho da população.

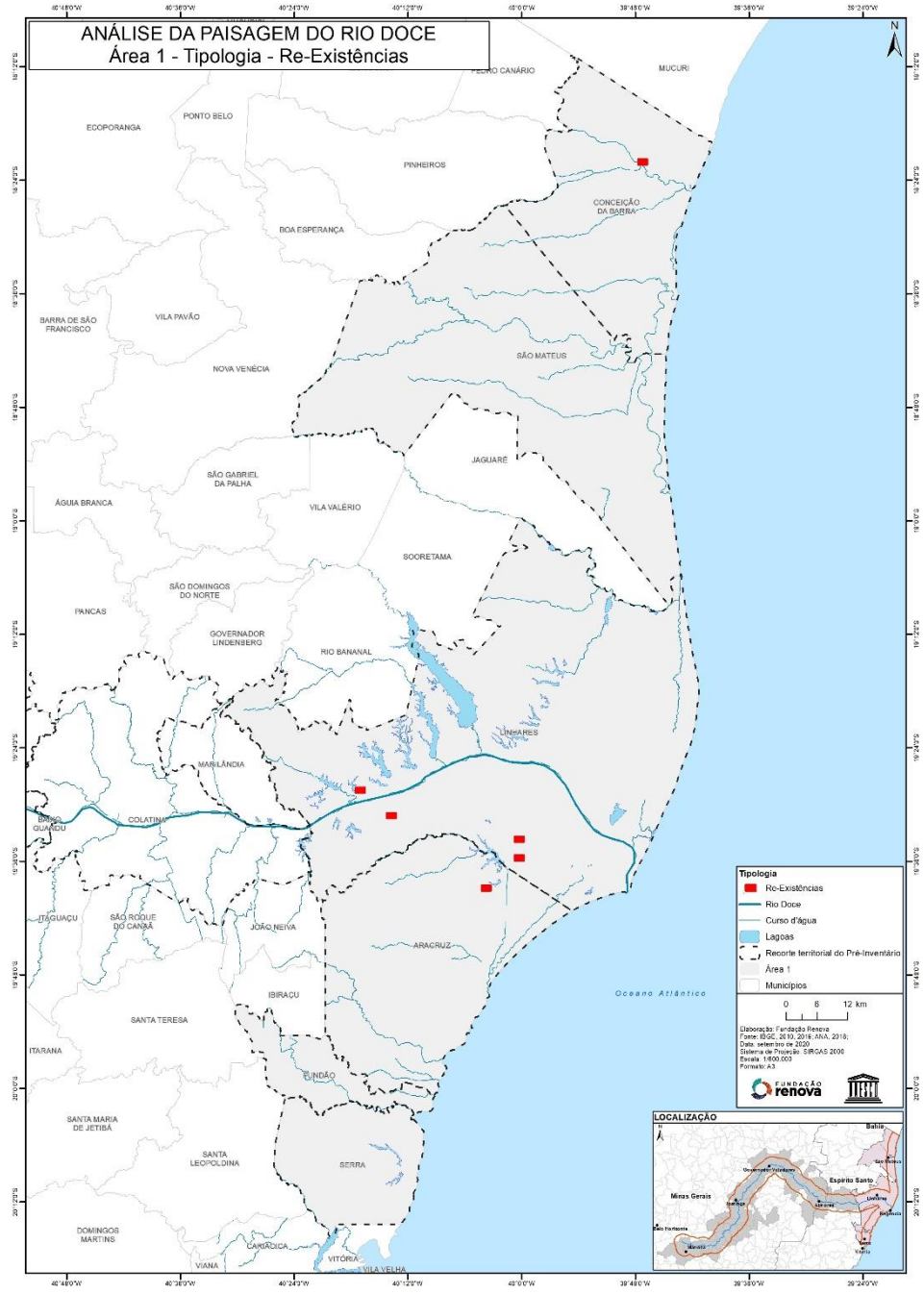
Re-existências – o direito, a ocupação e a produção

Figura 100: Lote de assentamento rural próximo à Bebedouro e vizinho à monocultura de Eucalipto. Linhares/ES, 2020

Figura 101: Centro de convivência Egídio Brunnetto. Linhares/ES, 2020

Figura 102: Bandeira assentamento Egídio Brunet. Linhares/ES, 2020.

Figura 103: Identificação do Acampamento Paulo Damião. Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Médio
Justificativa: São paisagens que se estabelecem comumente em áreas que já foram previamente degradadas, apresentando cultivos agrícolas e construções para habitações, mas que também busca uma integração respeitosa com a natureza.

As paisagens Re-existências têm origem na luta histórica pela reforma agrária nos anos de 1970 e na busca por fazer valer a função social da terra: moradia e produção de alimentos. Evocam um duplo significado na sua definição: a noção de resistência e a chance de engendrar uma nova existência no mundo.

São paisagens que descontinuam formas hegemônicas de uso e produção do solo. São enclaves que loteiam áreas rurais da calha do rio Doce ou do litoral capixaba e fazem vizinhança com grandes áreas de pastagens e monoculturas, agrícolas e silviculturas, constituindo essas ultimas verdadeiras cortinas que impedem a visão do horizonte. A busca dessas comunidades por novos horizontes imprime nas paisagens uma identidade associada à diversidade. *"...porque para todo lugar que você anda aqui você trupica em alimento, então alimento é o básico e a natureza. Nós temos muita natureza, muita fruta, muita comida, muita árvore..."* (Elza Soares, 63 anos). As bandeiras em riste (Figura 102) e faixas feitas à mão constroem com nomes, frases e símbolos a identidade do lugar.

Essa identidade também deriva do regime de propriedade da terra. As políticas de reforma agrária condicionam a concessão de uso e o título de domínio à obrigação de dar à terra um destino produtivo. Segundo a Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, que dispõe sobre a regulamentação dos dispositivos constitucionais relativos à reforma agrária, os títulos de domínio são inegociáveis por um prazo de dez anos. A terra deve ser cultivada diretamente pelo titular ou pelo seu núcleo familiar, sendo impedido o seu uso por terceiros. É permitida a intercessão de cooperativas ou associações locais de assentados para viabilizar a produção agrícola e sua comercialização. Findado o prazo de uma década, a propriedade pode ser alienada, desde que a nova área titulada não ultrapasse quatro módulos rurais, limite da pequena propriedade rural de acordo com os critérios estabelecidos pela referida Lei.

Assim, os destinos individuais dos imóveis rurais são entrelaçados ao propósito coletivo de manter a terra fértil e vinculada à pequena propriedade. Os assentamentos são um marco temporal. Modificam a paisagem de outrora, caracterizada pela ociosidade do solo, imprimindo um presente produtivo e descortinando um possível horizonte futuro de permanência para a agricultura familiar.

A entrada pelos caminhos de terra que levam às paisagens de Re-existências exige respeito, mas é acolhedora. Trata-se de uma paisagem atravessada por relações de poder e por conflitos internos e externos. *"Os grandes estavam comprando tudo, as terras, nós saímos, juntamos um grupo e fomos. Graças a Deus estamos aqui até hoje" (*Elza Soares, 63 anos). As terras ocupadas por essas paisagens eram ou são ainda latifúndios sem produtividade social que pertenceram outrora a grandes proprietários e agentes econômicos que detêm capital político e econômico, as vezes envolvendo litígios jurídicos. As Re-existências podem ser provisórias ou permanentes no território. *"Aí juntou a galera, fizemos reunião e viemos fazer a ocupação e vimos que é terra devoluta também. Sempre tem uns que*

fazem a pesquisa né? Aí fizemos a ocupação, ficamos lá mais de um ano, naqueles galpões que vocês vão ver lá, aí depois viemos pra cá" (Luiz André Pinto Leal, 54 anos). Quando provisórias, são caracterizadas por acampamentos em barracas de lona e pequenos quintais produtivos. Quando permanentes, tendem a ser mais estruturadas e espacializam-se em lotes e construções de madeira e alvenaria (Figura 100). Nos lotes permanentes há áreas comuns e individuais onde se produz raízes, leguminosas e até *commodities* como o café para a comercialização. *"Muita gente tem um gadinho, bem pouco porque a terra é pouquinha, né? Dois alqueires de terra pra cada um, aí tem uns que tem um gadinho, outros que mexem com café e pimenta"* (Adilson Alves dos Santos Rigonis, 38 anos).

A vida nos assentamentos permite o estabelecimento de formas diferenciadas de relacionamento com a terra e entre as pessoas, modificando a paisagem. Além dos lotes e hortas comuns, espaços de sociabilidade como bibliotecas, centros de reunião, galpões comunitários. Esses locais instituem novas práticas, erigem novos espaços, transformando o campo, conectando-o à sociedade. "*A gente mora sim no interior, mas é o local que a gente tem internet, a gente tem o barzinho pra gente tomar uma cerveja no final de semana, a gente tem o posto de saúde que uma vez no mês tem médico, entendeu? A gente tem uma quadra poliesportiva pras crianças brincar, os adultos... A gente tem os nossos festejos, entendeu? Então a gente tem internet e faz com que a gente fique ligado com o mundo, né? Que a gente fique antenada também. Então, assim, eu tenho orgulho do meu lugar. Eu gosto*" (Claudia Martins Rigonis Santos, 42 anos).

As Re-existências são agentes de modernização do campo, são potência para fartura, garantindo a segurança alimentar. Elas introduzem referenciais de produtividade onde antes só havia esterilidade e frustração, *"o que me deixa chocado é ver muita área parada, só crescendo mato e bicho aí"* (Adilson Alves dos Santos Rigonis, 38).

Todavia, mesmo nas terras regularizadas, os agricultores enfrentam dificuldades para começarem a produzir ou mesmo para se inserirem no mercado de alimentos. *"...É para a gente tirar para consumir pra gente e para ter renda também né? Para ter renda. Só que para ter renda... você fazer plantação para ter renda, tem que ter investimento. Irrigação, adubo, preparação do solo e a gente não tem isso"* (Geraldo Comper, 54 anos). O direito de permanecer na terra garante o espaço para o convívio social e para a realização das atividades de subsistência, mas não garante a produção em escala para comercialização. Para tanto, são necessários investimentos em termos de aquisição de sementes e insumos agrícolas, e principalmente, para estruturação e fortalecimento da cadeia produtiva de mercado. A cadeia produtiva, por sua vez, engloba aspectos como o escoamento da produção e a articulação com os pontos de venda para os consumidores. Dessa forma, muitos assentados ainda se deparam com o desafio de atingir uma escala de produção para a venda, dependendo de atravessadores para o escoamento dos produtos e ficando reféns da variação de preços conforme a lei da oferta

e da demanda. A certificação é uma estratégia para agregar valor aos produtos, mas exige dos agricultores uma série de requisitos sociais e ambientais que muitas vezes não são possíveis de serem atingidos, ainda mais sem assistência técnica especializada.

Figura 104: Produção coletiva de mudas no assentamento Egídio Brunnetto. Linhares/ES, 2020.

As vidas que habitam essas paisagens são unidas por relações crescidas na luta, na classe e no gênero, e não por raízes familiares ou territoriais. A partir do sonho comum é que são tecidos os valores de coletividade e solidariedade. Hortas e roças conjuntas são comuns nessas paisagens, demonstrando a centralidade da colaboração e das construções coletivas nessas paisagens. A fim de ressaltar a importância da luta e do coletivo, é comum nessas paisagens que os espaços de reunião e encontro onde as questões envolvendo a comunidade são encaminhadas e as decisões são tomadas, sejam batizados com o nome pessoa que liderou a ocupação (Figura 103)

Nas Re-existências mais antigas ainda é forte o vínculo com a Igreja Católica, haja visto o suporte que essa instituição deu aos trabalhadores nos anos oitenta. *"Tinha a intenção de criar os meus filhos num lugar que pudesse tirar pelo menos o sustento básico, com muita luta a gente conseguiu e daí na época era através da igreja né, tinha uns padres que ajudava na época, CPT , Pastoral da Terra e a gente foi participando dessas entidades a partir da igreja e a gente acabou indo em oitenta e sete que a gente conseguiu aqui, vir para cá"* (Elza Soares, 63 anos). A força do catolicismo nessas paisagens influencia a religiosidade popular de seu calendário festivo. *"A festa de julho [da padroeira do assentamento, Santa Isabel] mesmo é muito bonita. Junta, assim, de tudo. Os grupos daqui com os grupos da região, então assim... É atrativo pro lugar entendeu? Então abrilhanta mais o lugar, a região e todo mundo gosta. As famílias se juntam mais, porque é um lugar, ele precisa*

atrair as famílias para ficarem juntas" (Claudia Martins Rigonis Santos, 42). Contudo, mais recentemente, já se observa nos assentamentos um campo de disputas por fiéis entre as Igrejas: "Tem uma disputa de igrejas. Tem a evangélica, anglicana... e a católica " (Geraldo Comper e Luiz André Pinto Leal, 54 anos).

O cotidiano nas Re-existências é duro, mas também gratificante. O trabalho coletivo na terra (Figura 104) exige investimento e coordenação das vontades individuais. No entanto, quando se consegue azeitar o funcionamento e garantir sustentabilidade para a produção, um ciclo virtuoso de prosperidade se instaura e garante a reprodução dessas paisagens... *"Porque os velhos vão faltando, mas os novos vão crescendo. Os filhos estão trocando, igual lá em casa mesmo, eu não mexo mais com roça, já larguei na mão dos meninos, meus netos já estão conseguindo dominar até a irrigação na roça. Então o futuro nosso aqui é quem morre, morre, quem vai ficando, vai tocando"* (Elza Soares, 63).

Dessa forma, as Re-existências são palcos para a vida que segue, de geração em geração, garantindo a sobrevivência das pessoas que habitam e constroem coletivamente, no terreno e no imaginário essas paisagens, vivendo em comunhão com a natureza. Esse contato traz bem-estar, pertencimento e sensação de segurança. *"Mas a paz interior que nós vivemos aqui é muito bom, entendeu? Eu amo isso... Eu amo viver aqui"* (Claudia Martins Rigonis Santos, 42). *"É saber que você vive bem, que você tem uma casa em que se vive bem, e ter as plantações ali que te dá a segurança* (...)*. O assentamento, a minha visão do assentamento, é isso"* (Adilson Alves dos Santos Rigonis, 38). *"...eu nunca morei em cidade, nem nunca tive intenção, porque para mim cidade é um caos, onde o pessoal se amontoa demais e no campo você tem essas liberdades, você vive mais solto né?"* (Elza Soares, 63).

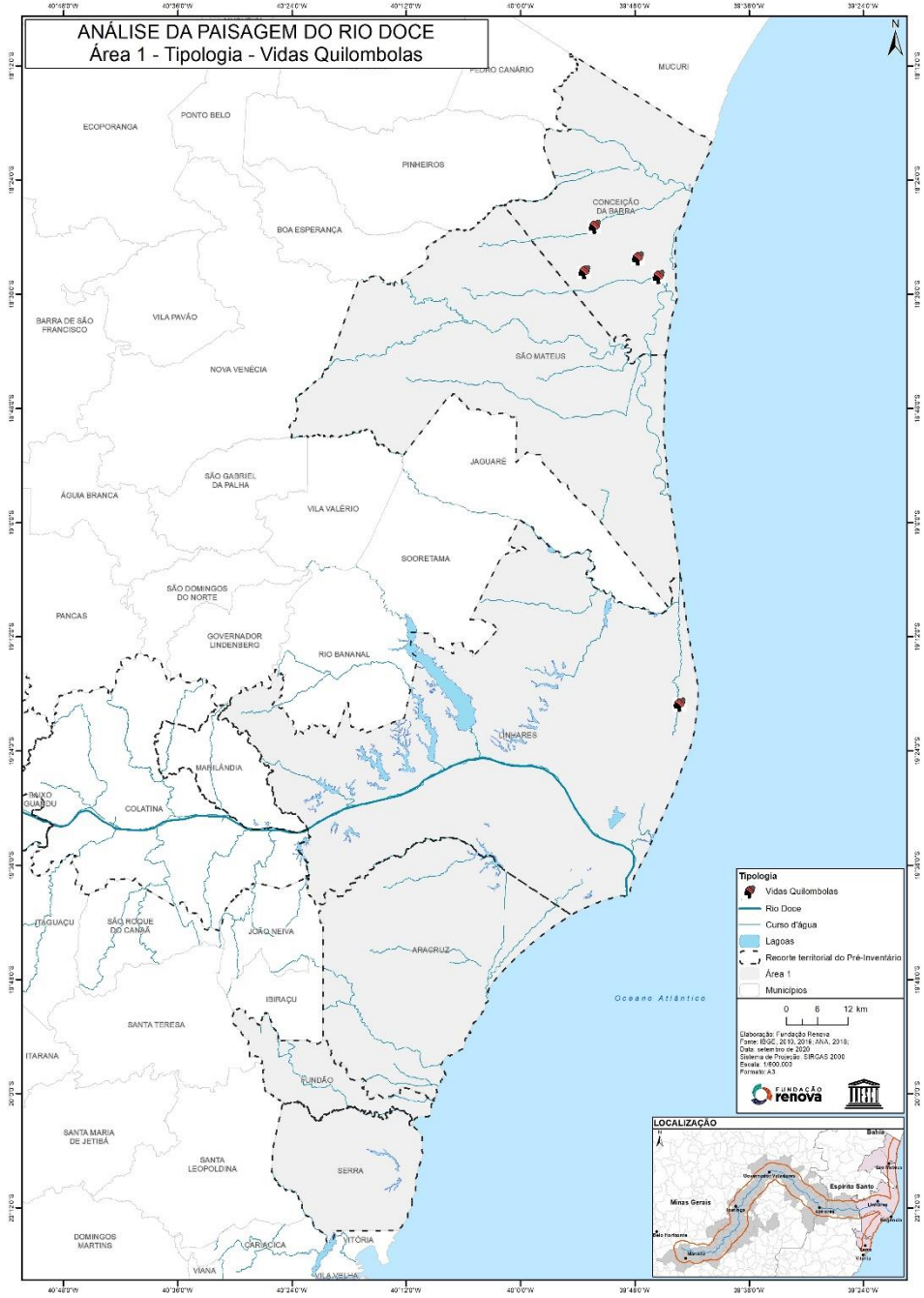
Considerando o histórico de concentração e redistribuição de terras no Brasil desde as capitanias hereditárias, identificar Re-existências é repensar a produção nas terras da calha do rio Doce e do litoral capixaba. É identificar a origem dos alimentos que são servidos na mesa dos brasileiros, honrando a agricultura familiar.

Figura 105: Jongo de August Earle, 1822. National Library of Australia

Figura 106: Conceição da Barra, Comunidade Quilombola na década de 1950.

Figura 107: Comunidade Quilombola Linharinho, Conceição da Barra/ES

Figura 108: Maria Amélia, mestre do Jongo, e o esposo Andrelino, Conceição da Barra/ES.



Classificação: Paisagens Domesticadas.
Nível de Artificialização: Médio.
Justificativa: As paisagens de Vidas Quilombolas são construídas pela ação humana no sentido de prover essas paisagens de moradias, locais de socialização e meios de produção e subsistência.

Cultura, história, identidade, pertencimento, sofrimento, luta e resistência são adjetivos mobilizados para compreender a paisagem Vidas Quilombolas. *"Eu tenho muito orgulho de ser jongueira, eu tenho muito orgulho do povo de Sapê do Norte. São minha família, são meu povo e eu só abandono, só por morte mesmo porque foi um povo sofrido"* (Maria Amélia, 67 anos, Figura 109)

Figura 109: Maria Amélia, mestre de Jongo em Conceição da Barra/ES, 2020.

É uma paisagem rica em vários aspectos de observação: territoriais, culturais, históricos, populacionais, tradicionais, afetivos e de relação com a terra e com a natureza. Essa riqueza, no entanto, é contrastante com o histórico de consolidação das comunidades quilombolas no Brasil. Marginalizadas em diferentes contextos, as comunidades quilombolas tiveram reconhecimento tardio. Somente no fim dos anos oitenta (1988) o direito à terra foi reconhecido, e até hoje essas coletividades resistem bravamente às constantes ameaças.

Figura 110: Simone de Jesus, Comunidade Quilombola de Degredo/ES.

Figura 111: Mauro Santos, Comunidade Quilombola de Linharinho, Conceição da Barra/ES.

Embora o reconhecimento e a certificação dos territórios quilombolas seja importante para a legitimação dessas comunidades, essa não é uma condição necessária para que sejam identificadas como Quilombolas. A autodeclaração, os modos de vida, a cultura e a relação com a natureza superam os aspectos legais de formalização desses territórios.

As Vidas Quilombolas têm como marca identitária a ancestralidade africana de negros escravizados no Brasil. São paisagens nas quais o vínculo com a terra, e seus recursos naturais é condição *sine qua non* para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Essas comunidades são normalmente constituídas por poucos troncos familiares e têm no jongo (Figura 105), no ticumbi e no candomblé a dança e o canto que fala sobre o cotidiano e suas devoções e suas lutas, como no ponto de ticumbi transcrito abaixo, que integra os cantos do Ticumbi de Conceição da Barra:

"Dá licença rei de Bamba, licença queira nos dar
Tenho ordem por escrita para no seu palácio entrar
Rei de Bamba, o meu o seu o poderoso Rei de Congo
Rei de Congo assim chamado
Que governa toda a província, país e todos os Estados
Por mim mandou dizer
Que a festa do glorioso São Benedito vocês não fazem
Enquanto o peito dele resistir
E aquela linda e gloriosa espada clarear
Ele lhe dará tamanho golpe que pedaço há de voar.
E vocês vão ajoelhar nos pés dele
Para ele lhes batizar".
(SANTOS, Arquimino. Canto do Ticumbi de Conceição da Barra, 2017. In.: NASCIMENTO, 2018.)

Essas manifestações culturais permeadas de religiosidade também integram o processo de elaboração de auto-imagens pelos membros dessas comunidades, contribuindo para a afirmação da herança decorrente da escravidão que submeteu negros trazidos da África ao duro cotidiano do cativeiro e dos trabalhos forçados. Nessas canções, não raro a história é contada como um *continuum* entre aqueles que lutaram no passado e os que, hoje, travam batalhas –nos tribunais, nos cantos e nas danças – pelo direito à terra e a memória.

"Foi no dia 27 de abril de 1933 o dia que ele nasceu
Filho de Manoel Jerônimo e Deolinda Balbina do Rosário
Foi na Cidade de São Paulo e no quarto centenário
Que assumiu o Baile de Congo
De São Benedito de Conceição da Barra
Com a morte de Luiz Hilário
No baile de Congo de São Benedito de Conceição da Barra
Muitos negros, devotos, guerreiros
Passaram e fizeram história por aqui
E hoje nós temos muito orgulho de fazer parte
Desse grupo que se chama Ticumbi
Pra ser um grande líder tem que ter muita devoção
Ouvir muito e falar pouco e ainda falar com a razão
Pra não decepcionar os brincantes nem causar mal a população
Tem que divulgar o nosso folclore,
Aqui na Barra, no Estado e em toda a nação
Eu quero agradecer a nossa bela sociedade
Pelo amor e também dedicação
De acompanhar o nosso baile de Congo
Louvando a São Benedito
Tertolino Balbino é o nome
Desse nosso Mestre querido
Sessenta e quatro anos de cultura popular
Dos oitenta e cinco anos vivido".
(TERTOLINO, Berto. Rei do Congo. In.: NASCIMENTO, 2018.)

A afirmação dessa ligação com a luta dos negros do passado não parte apenas da identificação das permanências de estigmas decorrentes dos séculos de vigência da escravidão no Brasil. Trata-se, também, da evocação da ancestralidade como elemento de estruturação das hierarquias simbólicas que atravessam um grupo social historicamente segredado no país e que são defendidas como elemento de proteção, identificação familiar, social e política:

"Rei de Bamba
Essa espada era do meu tataravô,
Que morreu faz trezentos anos
Ficou com meu bisavô.
Meu bisavô também se foi
Passou para o meu avô,
Meu avô foi convocado
Para o Ticumbi do senhor.
Então passou para o meu pai
Meu pai muito lutou
Não podendo mais lutar
Para o mestre ele entregou
O mestre passou para mim
Para eu ser o vencedor
E eu com ela na mão
Vou fazer igual a ele
Seja aqui, seja acolá
Seja em qual lugar eu for".
(TICUMBI DE CONCEIÇÃO DA BARRA. Secretário do Rei de Congo. In: MEDEIROS, 2007).

Figura 112: Quintal na Comunidade Quilombola de Linharinho, Conceição da Barra/ES, 2020.

Brincantes, mas com o sentido de luta na ponta da língua, essas comunidades afirmam suas vidas quilombolas nos modos de morar, nas culturas agrícolas que adotam, nas práticas culturais e religiosas que sincretizam elementos africanos e europeus matizados nos trópicos, no soar de vogais fechadas e com diferentes acentos, em síncopes que compõem uma rítmica das ideias. Os quilombolas sabem fazer de si mesmos belas canções para celebrar as comunidades onde acontecem.

Essas paisagens se distribuem hoje em Conceição da Barra, São Mateus e Linhares, no Espírito Santo. A impressão é de que estão escondidas, ou procurando preservar uma intimidade - que quase nunca foi respeitada

durante sua história. Os lotes estão dispersos em áreas de restinga ou escondidos por grandes plantações de eucalipto, café, mandioca e coco (Figura 112). Assim, para conhecê-las, é preciso sair da rota principal das estradas, e adentrar o território. É esse isolamento que as protege da aculturação, que mantém a tradicionalidade do modo de vida e que preserva a sua cultura.

Figura 113: Comunidade Quilombola Linharinho, em Conceição da Barra/ES, 2020.

Nas comunidades, as casas estão dispersas em pequenos pedaços de terra onde há uma residência e um quintal cercados pelas roças de café, feijão, milho e mandioca (Figura 113).

Em muitas comunidades é possível visualizar as restrições físicas de fruição do espaço pela presença dos eucaliptais, que marcam os limites das frágeis propriedades com sua estrutura retilínea e alta, criando espécies de muros. As residências são simples, pequenas, muitas vezes com tijolos aparentes e telhado em duas águas (Figura 107).

Ao redor das casas, um quintal aberto com algumas árvores, que serve também de depósito para ferramentas, máquinas, criadouros de animais (como galinhas e cachorros) e estacionamento de veículos.

Fazem parte dessas paisagens espaços comuns como igrejas e campos de futebol. *"A cultura nossa aqui é o campo de futebol e o calumbré* [candomblé]*, né? (...) porque isso é uma cultura nossa. Aqui nós temos um culto no domingo, oito horas da manhã, tem o culto aqui, tem a igreja ali e tem a missa todo mês"* (Mauro Cesar dos Santos, 60 anos, Figura 111).

Em outras áreas percebe-se a integração dessa paisagem com a estrutura urbana, formando bairros periféricos, como é o caso do bairro Santana, em Conceição da Barra. Nesses lugares há pavimentação e distribuição homogênea de residências pelas ruas, além da proximidade de serviços como bares, supermercados, igrejas e áreas de convivência social.

O litoral capixaba, próximo à foz do rio Doce, abriga essas paisagens por sua história estar, desde o século XVIII, relacionada à entrada de povos africanos que foram escravizados em fazendas de café no Brasil. *"Aqui era uma região toda ocupada pelos grandes senhores, grandes fazendas de plantação de café e milhões de escravos. E passada a escravidão, isso aqui, nós estamos em uma região chamada Sapê do Norte* (em referência às características naturais)*, que vai São Mateus e Conceição da Barra, aqui tem*

quarenta e cinco quilombos. É a região com a maior concentração de população negra do Espírito Santo e de vários outros lugares por aí é uma das boas, região importante de concentração dos quilombolas" (Márcia Lederman, 50 anos).

Até meados do século XX, em virtude da dificuldade imposta pela floresta densa e pela resistência dos povos indígenas que ali habitavam, essas comunidades permaneceram e transitaram na região, realizando atividades de subsistência como criação de animais, roça e extrativismo, além de manterem práticas de uso comum da terra e moradias (PASINI, 2014). Era uma paisagem em comunhão com o meio, arborizada, mas desde já escondida, marginalizada.

Na segunda metade do século XX, a expansão dos cultivos de eucalipto e a exploração madeireira na região norte do estado do Espírito Santo desencadeou um conflito histórico pela posse da terra na localidade. *"Tudo era Sapê. Aí depois veio Aracruz celulose que veio pra cá e enganou muitos. Ia dar estudo para os filhos, vendia as terras para eles, para plantar eucalipto, vieram os fazendeiros. Aí o pessoal era muito* (miserável) *era bobo, deram a terra de graça. Era um correntão. A máquina de esteira pegava de um lado e pegava outra. Aí ia quebrando tudo, as máquinas, destruindo tudo. Tinha muita casa aqui, hoje não tem nada. Sessenta anos atrás"* (Mauro Cesar dos Santos, 60 anos). A paisagem guarda camadas de todas as fases e de todas as lutas pelas quais essas comunidades passaram.

A partir de então, desse novo conflito, as famílias que ocupavam as terras com finalidade de moradia, terreiros e terras comunais passaram a ser "imprensadas", termo utilizado pelos moradores para se referir ao cerceamento espacial de suas condições de existência física e social. Suas terras foram reduzidas a minúsculas propriedades isoladas entre si pelos "talhões" de eucalipto (Figura 114). "*Aí aqui chegava antigamente era tudo mato, cada um escolhia o seu pedaço, roçava e ia construindo e ali iam criando as suas famílias e hoje chegou até o ponto que está hoje, essa é a história da comunidade"* (Simone de Jesus, 33 anos, Figura 110).

Figura 114: Plantação de Eucalipto e o "imprensamento" das comunidades quilombolas no município de Conceição da Barra, 2005. Foto: Sandro José da Silva. Fonte: SOGAME, 2005.

Ao final do século XX e início do século XXI, as comunidades negras da região do litoral norte capixaba foram se apropriando das recentes conquistas legais e sociais no que tange a seus direitos enquanto afrodescendentes e enquanto comunidades remanescentes de quilombo. *"(...) porque nós estamos lutando pelo nosso direito, nós estamos tomando o que é nosso, nós estamos lutando, nós temos... Lá na Constituinte tem uma lei hoje que nós estamos querendo o nosso... o que é nosso, nós estamos querendo pegar de volta"* (Mauro Cesar dos Santos, 60 anos). O que teria motivado essa luta pelo reconhecimento foi, mais uma vez, o movimento de resistência da comunidade local aos impactos causados por vários empreendimentos desenvolvidos no estado do Espírito Santo após a descoberta de petróleo e gás em águas profundas – o pré-sal. Foi a partir de 2006 que essas comunidades passaram a conviver com os navios e plataformas de exploração de petróleo, juntamente com os dutos de transporte que expropriaram seus terrenos em terra e no mar.

A paisagem Vidas Quilombolas é marcada por uma sucessão de conflitos, explícitos no histórico de desrespeito e negação dos direitos pelo Estado e por outros agentes econômicos. O Estado e suas instituições são no mínimo omissos, quando demoram ou simplesmente não exercem o reconhecimento dos territórios tradicionalmente ocupados por essas comunidades; lhes negam auxílio para o desenvolvimento de seus trabalhos com a terra; ou mesmo quando permitem e facilitam a entrada dos grandes empreendimentos de capital nos territórios. *"(...) os caras só vem aqui em época de política pra pedir voto e depois não volta mais atrás. (...). Infraestrutura, com uma máquina para a gente... nós termos uma máquina pra trabalhar, arar uma terra. (...) Hoje aqui em Conceição da Barra nós não temos apoio de nada"* (Mauro Cesar dos Santos, 60 anos).

Figura 115: Pedro Leite Costa. Jongueiro, pescador e apicultor de Degredo, Linhares/ES.

As matas que protegiam, abasteciam e se integravam às comunidades quilombolas foram substituídas por florestas de eucaliptos que pela sua baixa diversidade vai impondo novos desafios ao modo de vida quilombola. Algumas paisagens de Vidas Quilombolas são completamente fagocitadas pelo eucalipto, obrigando a população a migrar, a se expor, a se separar, colocando em risco a identidade cultural do grupo *"(...) a minha imagem*

hoje, eu só estou pensando que... daqui uns tempos se esses filhos nossos não tomarem conta vai ser só isso aí, só eucalipto, vai destruir tudo, né?" (Mauro Cesar dos Santos, 60 anos).

O futuro dessas paisagens segue sendo, assim como para o restante da população negra brasileira, de luta cotidiana e resistência. "*Era, descendente de escravo. Sofria bastante. Já tomaram muita correiada já... Não é mole não. Mas graças a Deus na nossa época aí nós não... Sofre de outras maneiras que a gente não percebe que deu, mas não é tão visível igual eles sofriam antigamente não. Sofre ainda, até hoje, mas... hoje em dia é mais... como diz o outro 'é mais na calada'*" (Gilvan dos Santos, 37 anos).

Os interesses econômicos, a ineficácia de políticas públicas e a iminência de desastres ambientais fazem com que essas paisagens e essas pessoas estejam em situação de risco, provocando a sensação de insegurança e de que suas conquistas estão permanentemente ameaçadas.

Mesmo depois de tantas lutas ao longo da história, a percepção é de que sua batalha é diária. "*Eu sou uma batalhadora na minha comunidade, eu brigo pela minha comunidade, assim como todos os meus amigos, os meus irmãos, as pessoas que estão ligadas a mim. Então eu me vejo hoje fazendo parte, se futuramente, as coisas melhorarem e a gente ter tudo o que a gente conquistar eu sei que eu sou parte disso, porque a gente luta por isso entende?*" (Simone de Jesus, 33 anos).

As Vidas Quilombolas são marcadas física e sensivelmente por uma grande variedade de manifestações culturais e de religiosidade, pela vontade de resistir e uma relação de amor e respeito à terra e aos recursos naturais. Elas se apresentam como paisagens que integram humano, natureza, espiritualidade e ancestralidade. *"Porque muita gente chama 'meio ambiente'. Eu desconcordo dessa palavra. Sabe por quê? Não existe meio, existe o ambiente inteiro. Aonde você tá, ele tá completo ao redor de você. Então, às vezes alguém pode até dizer, o cara ignora. Eu ignoro. As pessoas sábias, e não leigo como eu, falar meio ambiente, eu desconcordo pela palavra. Você não tem nada pela metade. Deus fez tudo inteiro. A gente é que estraga, entendeu?"* (Pedro Leite Costa, 60 anos, Figura 115). Na simplicidade do olhar do cotidiano e da experiência de vida, os habitantes dessas paisagens possuem uma relação de reverência ao ambiente natural e uma profunda consciência de que o que acontece de ruim ou errado está relacionado ao comportamento humano nesse ambiente.

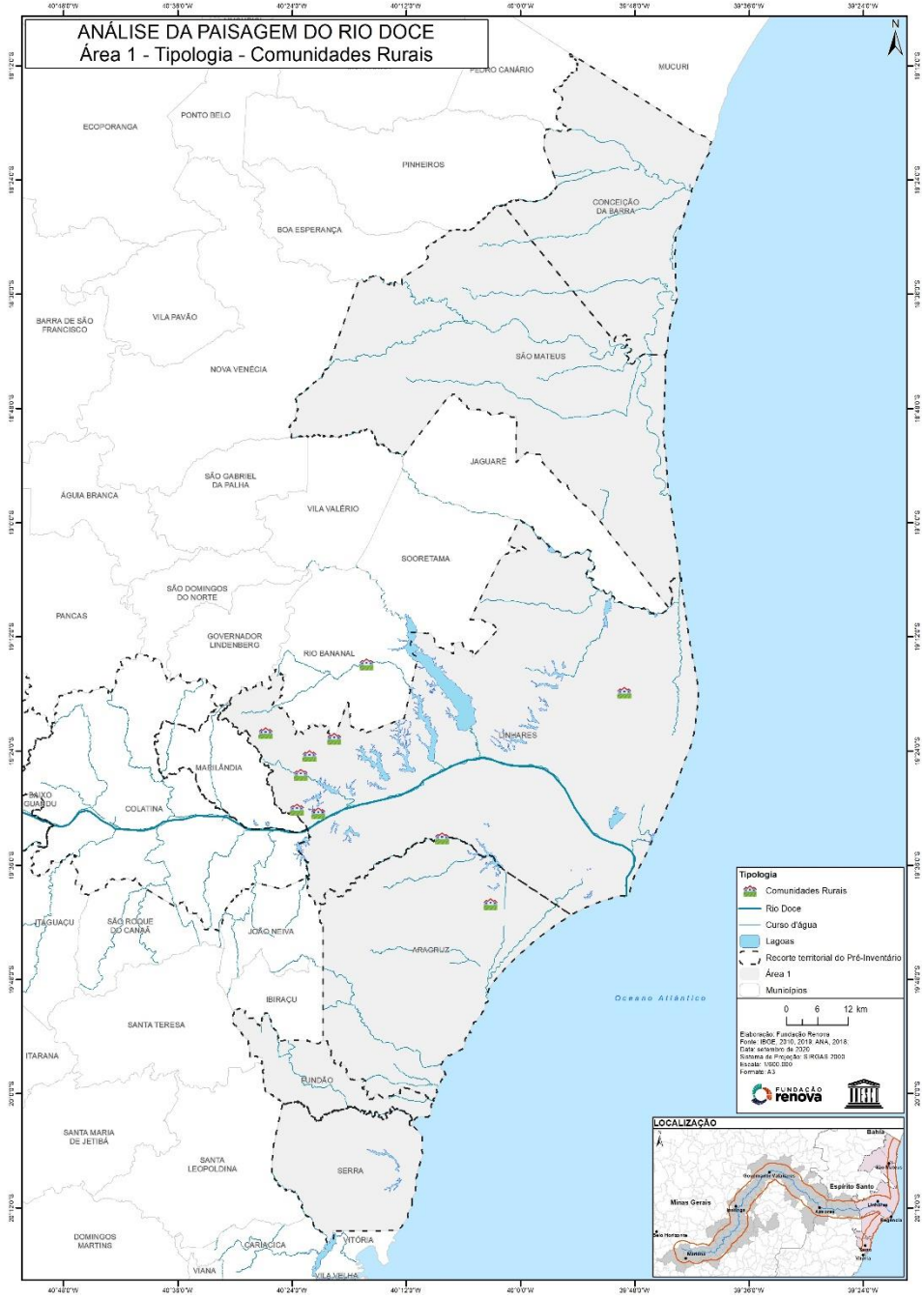
Comunidades rurais – a terra e a vida

Figura 116: Comunidade rural de São Francisco, Córrego Doutor Jones, Linhares/ES, 2020.

Figura 117: Comunidade rural nas margens da BR-101, Linhares/ES, 2020.

Figura 118: Comunidade rural nas proximidades da Lagoa Juparanã, Linhares/ES, 2020. .

Figura 119: Comunidade rural nas margens do rio Doce, próximo a Regência, Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Médio
Justificativa: São paisagens domesticadas com nível médio de artificialização porque os processos de artificialização vinculados a atividades produtivas e a finalidades habitacionais se integram aos elementos naturais, promovendo baixo impacto e pressão sobre os recursos naturais.

Figura 120: Comunidade rural na região do córrego Doutor Jones, Linhares/ES,2020.

As vias do chão batido, vermelho ou ocre, apresentam-se vivas ou opacas, conforme estejam recobertas pela poeira dos dias de sol ou pelo barro dos dias de chuva, conduzindo aos conjuntos de residências mais ou menos distantes umas das outras. De alvenaria ou de madeira, as casas de plantas simples, mas que não dispensam varandas, ocupam terrenos contíguos, espaçadas pelas plantações de arroz, feijão e milho, pelas tímidas criações de porcos e de galinhas, pelas pequenas hortas cultivadas pelos seus moradores (Figura 119). Suas cores branca, verde, cinza e azul, em tons pálidos, contrastam com o verde vistoso do entorno. Seus terrenos são margeados, em alguns casos, por cercas de bambu ou madeira, permitindo a visão parcial de seus interiores (Figura 120**Erro! Fonte de referência não encontrada.**).

Em alguns casos, ao conjunto de residências assomam-se outras estruturas, resultados concretos de anos de batalha promovidos pelos moradores. "*Nós* [em Putiri, Aracruz] *temos uma unidade de saúde, nós temos a creche, nós temos a escola, nós temos o centro comunitário, nós temos a pracinha, agora tem um calçamento, nós temos a água da Cesam* (...)" (Angelita Maria Gama, 51 anos). Pequenas igrejas católicas e neopentecostais também conformam o ambiente, com dimensões modestas, adaptadas à escala das residências (Figura 121 e Figura 122, próxima página).

Protegidas pelas sombras de árvores, por vezes frutíferas, como as mangueiras, as **Comunidades Rurais** estão presentes tanto planícies como em colinas e montanhas. Algumas vezes situam-se próximas ou no interior de fazendas, com as quais a população estabelece relações de trabalho. São essas grandes propriedades que definem historicamente os laços comuns de seus moradores, para além da proximidade espacial e dos laços comunitários produzidos pelas relações de vizinhança.

Na região de Linhares, as fazendas são dedicadas principalmente ao cultivo de café (Figura 123), banana, melancia e cacau, enquanto no município de Serra predominam plantações de seringa, cupuaçu, cacau, maracujá, café e pimenta-do-reino. Em alguns casos, também há pecuária de

leite e de corte, de rebanhos bovino e caprino, que foram hegemônicas até o início do século XXI. Infraestruturas produtivas complementares costumam estar presentes nestas propriedades, como tanques de piscicultura, alambiques e dependências para a produção de laticínios.

As origens familiares das comunidades rurais são encontradas na ascendência de colonos europeus (italianos e poloneses) e de escravos africanos, que herdaram terras de seus patrões ou que se instalaram nas proximidades das grandes propriedades, em terrenos próprios ou de propriedade dos latifundiários. Em algumas comunidades, como na região de Regência (Linhares), os trabalhadores das fazendas de cacau são de outras regiões do Espírito Santo, compondo os fluxos migratórios mais recentes.

Figura 121: Igreja de Santa Luzia na Comunidade Palmitinho II, em São Mateus/ES.

As fazendas normalmente empregam toda a família do morador das comunidades rurais, constituindo espaços totais de habitação e de trabalho. Relações de poder emaranham os trabalhadores, criam subordinações, produzem justificativas, geram resignações. "*É onde eu moro* [Fazenda Tupã, em Linhares]*, é onde eu tiro o meu sustento, onde eu tiro o sustento da minha família, onde meu filho trabalha, onde meu marido trabalha e eu falo que aqui é o cantinho, é um paraisozinho, né, um paraíso que nós temos"* (Elizângela Lima de Freitas, 46 anos).

Figura 122: Capela católica em comunidade rural na estrada para Povoação, Linhares

Essa dependência completa é de tal modo dominante que qualquer alteração ou desarticulação do sistema produtivo das fazendas atinge imediatamente as comunidades rurais. "*Então, a Fíbria e a Celulose acabou tirando também umas setenta famílias aqui do fundo, que viviam aqui, que acabou vendendo pra eles e foi embora, e virou aqui, um deserto verde, o fundo nosso, um deserto verde grande, de muito eucalipto, muito eucalipto. Porque agora está na mão da Suzano, né?*" (Adão Cellia, 61 anos). Com isso, meeiros, representantes de modos de vida e de organização das relações de produção no campo, se converteram em moradores de periferia dos núcleos urbanos, abandonando o universo rural.

Dessa forma, a existência das Comunidades Rurais depende das fazendas, assim como as fazendas dependem das Comunidades Rurais. Essa codependência, mesmo que assimétrica em termos de poder, encontra um equilíbrio na sua reprodução no espaço.

Figura 123: Casa de comunidade rural em região de plantio de café, Cabeceira de Santo Hilário, Linhares/ES, 2020.[9]

A ligação histórica das Comunidades Rurais com as fazendas pode, também, ter ocorrido no passado. Após a desarticulação dessas grandes unidades produtivas, seja por mudança nas formas de produção e dos cultivos tradicionais ou por fragmentações advindas de processos familiares, vendas e doações, as famílias podem também, por vezes, permanecer nos locais tradicionalmente ocupados. Alocadas em pequenas propriedades, relacionam-se pela relativa proximidade, formando pequenos povoados nos

[9] Em regiões mais altas e que misturam terras férteis com formações rochosas, as casas de madeira podem ser elevadas do solo para evitar a necessidade de terraplanagem, servindo também para evitar a entrada de animais silvestres nas edificações.

quais predominam características essencialmente rurais: vias não pavimentadas, pequenas propriedades com produção voltada para subsistência e comercialização, criações de animais, poucos serviços e distanciamento dos centros urbanos.

O entorno das comunidades rurais é marcado pela presença de fluxos de água empregados em sentido utilitário para a irrigação das plantações, mas que também se prestam a usos sociais, como o lazer, nas modalidades de banho e de pesca. Nas comunidades rurais próximas ao rio Doce, o camarão, o tucunaré, a traíra, o jundiá, o cascudo e o soropô são as espécies mais capturadas. "*Nós temos vizinho aqui, a Lagoa do Limão, é um ponto muito de lazer de pessoas, não só daqui, vem gente de tudo quanto é canto para essa lagoa aí.* (...) *Fora as do lado de cá, tem muito espaço para pesca, para divertimento nesse tipo de lazer, só não faz quem não quer"* (Adão Cellia, 61 anos).

Os espaços domésticos encontram-se integrados ao ambiente, sem soluções arquitetônicas abruptas a separar natureza e cultura. Neles, a relação com a agricultura assume não só outra escala, como também outra condição. São, assim, simultaneamente diferentes das habitações dos núcleos urbanos, que sempre intentam expulsar os demais seres da convivência com os humanos, e distintos do universo produtivo das fazendas, ao não operarem como uma simples extensão de sua lógica. Constituem lugares protegidos do mundo urbano e relativamente furtados da exploração econômica, portanto as pessoas que vivem nessas comunidades se sentem *"*(...)*privilegiada[s] por isso, de morar nesse cantinho, rodeada de pássaros, rodeada de árvores, aonde eu posso plantar, posso colher meu próprio alimento livre de defensivos agrícolas, de colher uma fruta fresquinha no pé"* (Elizângela Lima de Freitas, 46 anos).

O enlace comunitário desses espaços domésticos revela-se pelas relações não monetárias entre os moradores, como no caso da troca, do empréstimo ou da doação de mantimentos entre os vizinhos, que permite superar eventuais carências, operando como uma cadeia coletiva de solidariedade, promotora de segurança alimentar.

A vida comunitária também é unificada por práticas de celebração. As festas dos santos padroeiros das comunidades, que podem ser num caso São Benedito, noutro Nossa Senhora da Saúde, são ocasiões em que se reúnem os moradores e em que se acolhem visitas de outras comunidades. Além de sua face estritamente religiosa, com missa e cortejo, essas festas também se enriquecem com a dimensão mundana e seus azares, a roleta, o bingo, o leilão e o sorteio. Também há celebrações não religiosas, como a festa da manjuba, realizada em Povoação, município de Linhares nos primeiros meses do ano.

A convivência festiva que reúne uma comunidade rural e a integra às demais não se esgota nesses eventos. Há práticas circulantes de atividades de socialização, em que moradores das comunidades rurais de Desengano, Baunilha, Bebedouro ou Humaitá, em Linhares, alternam-se entre uma e outra localidade, para o forró e a cachaça, para as barganhas e a missa.

Figura 124: Carro de bois, Alambique Princesa Isabel, Fazenda Tupã, Linhares/ES, 2020.

A dimensão cultural das comunidades rurais é bastante intensa, como comprova o estreito vínculo histórico com grupos de congo, originários desses ambientes. Esse vínculo histórico também aparece de maneira nítida na forma como muitos habitantes dessas comunidades rurais e proprietários de suas imediações guardam elementos pretéritos desse modo de vida, como partes de carros de bois – rodas, eixos, prancha e cangas – instrumentos e utensílios domésticos e materiais utilizados para selaria e na produção de produtos para consumo cotidiano, como pilões (Figura 124). Esses elementos materiais da historicidade da vida nas comunidades rurais fortalecem o sentimento de pertencimento a um modo de vida próximo da natureza.

Para além da convivência comunitária, do vínculo com a terra e das demais características que fazem das comunidades rurais portadoras de um modo de vida mais pacato e seguro, fica também evidente que o distanciamento das cidades e de certos serviços, como educação, saúde, saneamento e oportunidades de trabalho impõem limitações aos moradores das comunidades rurais. Uma das questões mais sentidas em algumas comunidades do Litoral Capixaba é a dificuldade dos acessos. Essa ambiguidade produz incertezas sobre o futuro desse modo de vida, pois assim como atrai pessoas expulsa aqueles que desejam usufruir dos benefícios e confortos gerados pela urbanização, sobretudo os jovens.

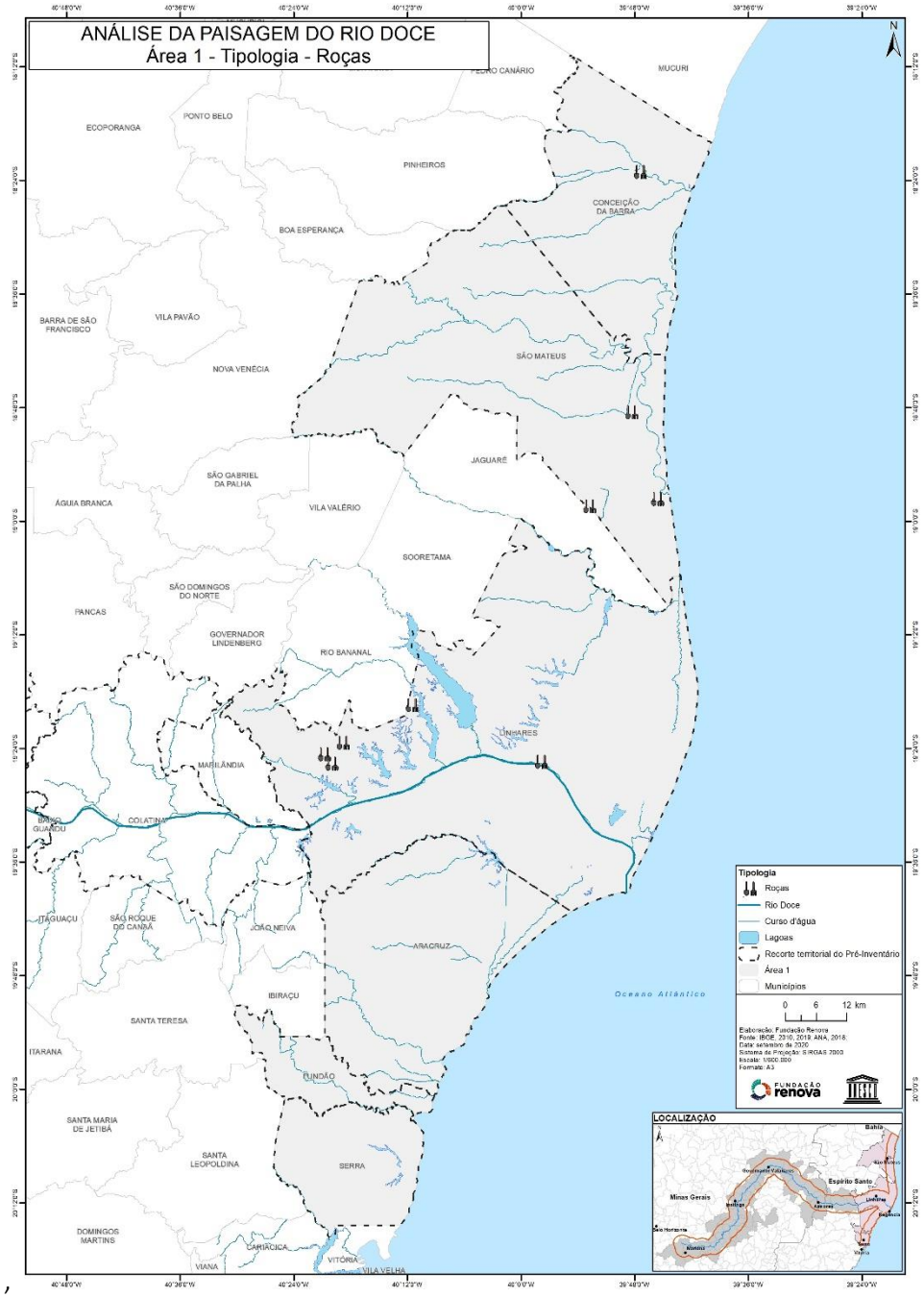
Roças – o íntimo e a subsistência

Figura 125: Sr. José Carlos Ribeiro e sua esposa, Maria Aparecida em Conceição da Barra/ES.

Figura 126: Roça de Pimenta e Banana em Palmitinho, São Mateus/ES.

Figura 127: Propriedade da família de Maria Glicéria Turíbio em Palmitinho, São Mateus/ES.

Figura 128: Fazendinha do Felipe - S.Geraldo - ES. Angela Gomes Art Nai, 2013



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Médio
Justificativa: As paisagens de Roças são construídas pela ação humana no sentido de prover moradias, locais de socialização e meios de produção e subsistência.

Uma paisagem marcada pelos ciclos de arar a terra, semear, adubar, colher e replantar. Nesses intervalos a vida acontece, mesclando trabalho árduo, subsistência, descanso e esperança. *"Menina, é uma vida assim muito batalhadeira né? A gente tem que batalhar muito para adquirir as coisas, mas é um lugar bom de sobreviver"* (Maria Aparecida, 42 anos) (Figura 125).

As paisagens de **Roças** são marcadas pela agricultura de subsistência e pelo modo de vida que se instala nos ciclos do plantar e colher. São paisagens ligadas ao ambiente rural e às pequenas propriedades de pessoas ou de famílias que se instalaram na terra e vêm dela subsistindo por gerações. Por isso mesmo, são associadas a um modo de vida que é considerado duro, de muito trabalho, mas que proporciona sustento, um pedaço de chão que serve de lar e consequentemente, constrói dignidade e gera orgulho.

As **Roças** se caracterizam por paisagens rurais de pequenas propriedades onde gêneros agrícolas são plantados para subsistência, e os excedentes são comercializados em nível local. *"Nós plantamos pra despesa, mas sempre sobra um pouquinho e ele vende... Já tem os fregueses fiéis pra ele levar em Nova Almeida"* (Elvira Freitas Nascimento, 51 anos). Geralmente, os trabalhadores são membros da mesma família e vivem na propriedade. Consorciada às culturas de café, feijão, milho, pimenta, coco, cacau, banana, mandioca, dentre outros (Figura 126); as famílias fazem o cultivo de hortaliças e criam animais para consumo próprio, como porcos e galinhas.

São compostas pelas terras cultivadas, a residência (ou residências) das pessoas que compõem os núcleos familiares e algumas benfeitorias adjacentes, como galinheiros, chiqueiros, viveiros de mudas, secadores de café, casas de farinha e pequenas instalações para a guarda de grãos ou de máquinas agrícolas (Figura 127).

As divisões entre as propriedades são nítidas pelo uso que cada uma delas faz do solo. As culturas agrícolas marcam o espaço com sua forma, textura e coloração, que varia também em decorrência da época de plantio, de crescimento ou de colheita. *"(...) daqui para lá, as roças de cacau, era lindo de se ver, era muita fruta, muita fruta, tinha muito cacau. Pé de cacau dava aos montes, de você passar e ver as roças, era tudo verde"* (Diana Campista, 43 anos). A marca visual de divisão entre as propriedades pode também ser dada por estradas e cercas.

Os caminhos que levam às paisagens de **Roças** são estradas não pavimentadas. Essas estradas são utilizadas tanto para o acesso e trânsito entre os lugares, como também para transporte da produção e trânsito de animais. Em algumas localidades, ainda se guarda o carro de boi como uma lembrança de um passado em que o trânsito por esses caminhos era embalado pelo chiado de suas engrenagens rodando.

A presença de estradas não pavimentadas também caracteriza o modo de vida nas paisagens de **Roças**. Nas estações secas do ano, as estradas ficam cobertas por uma poeira fina, muitas vezes de cor avermelhada, que

sobe do chão quando há movimento de carros. Essa poeira, além de embaçar a visão, também se torna um inconveniente às casas, pois se precipita sobre as superfícies, empoeirando-as. Já no período das estações chuvosas a poeira dá lugar ao barro, fato que, muitas vezes, torna as estradas intransitáveis.

Nem por isso a chuva vem a ser indesejada: pelo contrário, ela é muito esperada, pois é graças às suas águas que o ciclo de plantar, adubar e colher se renova. A chuva é aguardada com ansiedade para encher os poços de água, e alimentar as nascentes, córregos e os rios. A água representa, nessas paisagens, as bênçãos que caem dos céus, a esperança de seguir sobrevivendo.

Nas Roças, a renda gerada com a comercialização dos excedentes da produção é por vezes incerta, pois está sujeita às flutuações do mercado. *"(...) A pimenta [?] R$ 30,00 o quilo. Agora diz que é R$ 6,50, né? Olha pra você ver como é que caiu de preço. Tanto serviço que dá!"* (Maria Glicéria, 81 anos). Essa variação nos preços dos produtos cultivados causa mudanças significativas nas paisagens, pela substituição da produção. Ora as áreas de cultivo estão ocupadas por pés de pimenta, ora por pés de café, ora por mamão, a depender do comportamento do mercado que determina o preço dos produtos.

A instabilidade ocasionada pela insegurança financeira desencadeia sentimentos de desvalorização e desestímulo do trabalho nas roças. *"Quem que pensa que a pessoa está aqui pra trabalhar e não ter o pão de cada dia mais ou menos com fartura? Vende por pouco mais ou nada. Menina, como é que vai se fazer? Essa é uma das diferenças mais precárias que tem aqui. Porque fazer uma roça não é fácil não. Cultivar é pior, né? Agora aí, no meio desse matão aí, paga pra arar, paga pra tornar a cortar (...)*" (Maria Glicéria, 81 anos).

Se por um lado o trabalho nas plantações exige esforço e apresenta desafios diante o retorno financeiro, por outro, essas paisagens retribuem tranquilidade para as famílias que dela vivem. "*É que às vezes Deus está na roça e na cidade, mas eu acho que na roça tem mais uma facilidade de criar os filhos do que na rua. A realidade da violência, né?"* (Mauro Cesar dos Santos, 60 anos). É curioso, inclusive, que de maneira generalizada, em distintas localidades do país, as paisagens das Roças são postas em oposição àquelas das cidades, caracterizando essas últimas como "rua". As associações roças – "casa" e cidades – "rua" retrata não somente imagéticas sobre os espaços, mas preceitos ideológicos, éticos e os modos de conduzir as relações sociais em cada um desses espaços.

Nas paisagens de Roças fica evidente a vinculação da propriedade da terra à sensação de segurança. Ter um "pedacinho de chão" em que se pode plantar, colher e assentar os filhos é um fator gerador de dignidade, um valor repassado entre gerações. "*Isso aqui é um pedacinho de chão, é o tudo da gente né? Terra, terra que a gente trabalha, produz, colhe..."* (Flávia Onorato, 33 anos). O cuidado com essa porção de terra, que também é um lar, é nítido

nessas paisagens. Existe uma atenção com os detalhes, um carinho em cuidar dos quintais e jardins.

A dedicação aos cultivos está carregada de orgulho, pertencimento e afeição por parte de quem as cultiva: "*Ah eu tenho lavoura de café, planto milho, planto feijão... E cuido de criação. Eu sou uma pessoa que graças a Deus... Sou iluminado por Deus"* (Adirson Silva, 72 anos). A relação íntima com a terra humaniza a natureza, antropomorfiza seus entes, conecta o produtor e sua plantação em uma relação de reciprocidade. *"É que as minhas plantinhas, quando eu tô irrigando, eu sinto que ela tá bebendo aquela água ela fica tão, tão... [...] Tão agradecida que ela fica florescida, tá verdinha..."* (Adilson Alves dos Santos Rigonis, 38 anos)."

Em sua gênese histórica, o estabelecimento de famílias nas localidades hoje ocupadas pelas paisagens de Roças se deu quando as terras ainda eram ocupadas pelas matas nativas. *"Era mata pura! Cada um pauzão que tu não imaginava! (...) Oh, o meu esposo trabalhou muito, muito mesmo. (...) ele puxava de um lado e eu puxava de outro, foi a maior dificuldade. Mas depois tem aquele tempo que ninguém ligava, foram tirando aquelas toras, aquelas madeiras, estacas, e foi ajudando. E isso foi, como diz o ditado, foi acabando com a natureza. Sei que não só nós, né? Todo mundo na mesma onda"* (Maria Glicéria, 81 anos). A exigência do trabalho duro para modelar essas paisagens reforça o sentimento de dignidade produzido pelo pedaço de terra, mesmo que, por vezes, ele também seja responsável pela degradação da natureza. Os efeitos de tal degradação muitas vezes retornam ao produtor, pois é um fator que interfere na produtividade das roças.

Os processos de transformação dessas paisagens ao longo do tempo passam entre as gerações de uma mesma família. "*É, trabalhava! Menina, eu trabalhei aqui batalhei bastante com o meu marido, e graças a Deus foi comprada essa terra (...). Eu sou mãe de onze filhos. Desses onze filhos, eu tenho dois que moram em São Mateus, né? Tudo casado. Todos têm suas locações. A terra foi dividida... Então aqui agora, como diz o outro, cada macaco no seu galho, cada macaco no seu pedacinho*" (Maria Glicéria, 81 anos). Dessa forma, o conhecimento adquirido pelo meio de vida na roça, também é passado de pais para filhos, que aprendem os segredos as belezas e as dificuldades da roça desde que habitam o ventre de suas mães... *"Mamãe era pessoa do interior que trabalhava na roça, panhava café e tal, quando ela estava grávida, ela trabalhava no interior panhando café e acho que ela só via é...só via árvores, só via verde e eu nasci com isto... é um negócio impressionante... eu acredito que eu peguei isso antes do nascimento, né?"* (Silvano Ramos, 84 anos)

As paisagens de Roças foram uma das formas de ocupação da região da foz do rio Doce no passado, após os aldeamentos indígenas e as vilas militares. Com relação a tempos mais recentes, as memórias da chegada das famílias na região e da implantação das plantações são sempre recordações de um tempo de dificuldades, de falta de conforto e de muito trabalho. Esses

primeiros habitantes eram verdadeiros exploradores que foram aos poucos substituindo a densa mata pelos sítios e pelas áreas agrícolas *"Meu avô ganhou, na época, esse terreno. [...] Iam tirando madeira, tirando, tirando e a terra ia ficando limpa, sem nada. [...] Eles quando tiravam a madeira aqui, eles jogavam a madeira para a lagoa, arrastava pelo rio Doce, e foi nessa época que houve o desmatamento nessa região aqui"* (Marta Durão, Agosto de 2018).

Apesar disso, as pessoas lembram desse passado como um tempo de fartura e de relacionamentos mais próximos, íntimos entre os familiares. Alguns revelam-se mais nostálgicos: *"Muitas coisas de antigamente eu sinto falta. Do tempo em que morava com meu pai. Tinha roça de mandioca, fazia farinha. Era coisa que não precisava comprar, né? Farinha. Feijão plantava e colhia. Só que hoje o tempo mudou tanto. Tá tão diferente pra poder plantar as coisas. Só quem pode, que tem condição."* (Maria Madalena, Agosto de 2018)*;* outros, preferem as melhorias e o conforto do presente e anseiam por um futuro em que maiores comodidades estarão disponíveis, como asfaltamento, a presença de serviços e acesso mais amplo à bens de consumo. Para além do olhar daqueles que vivem e trabalham nas roças, essas paisagens transmitem afetos a quem percorre seus pequenos vilarejos, planícies, montanhas e plantios. Os perfumes de pães e bolos sendo assados no forno à lenha, a cor verde das plantações, o cheiro de café passado e das flores no entorno das casas parecem ser memórias sensoriais impressas na genética humana que remetem aos momentos de acolhida e aconchego em um núcleo familiar. As roças fazem parte da história da humanidade, dos legados deixados pelas distintas civilizações. Assim, independente da origem de cada pessoa, mesmo que completamente urbana, há de se encontrar em algum lugar de sua "casa" interna resquícios da ligação com "a roça", paisagem que se apresenta recheada de emoções. Locais de hospitalidade, calor humano e vínculos com a terra, as paisagens de Roças também trazem as recordações das raízes, a conexão com os pais, os avôs e avós, o local de nascimento, a ancestralidade e a origem.

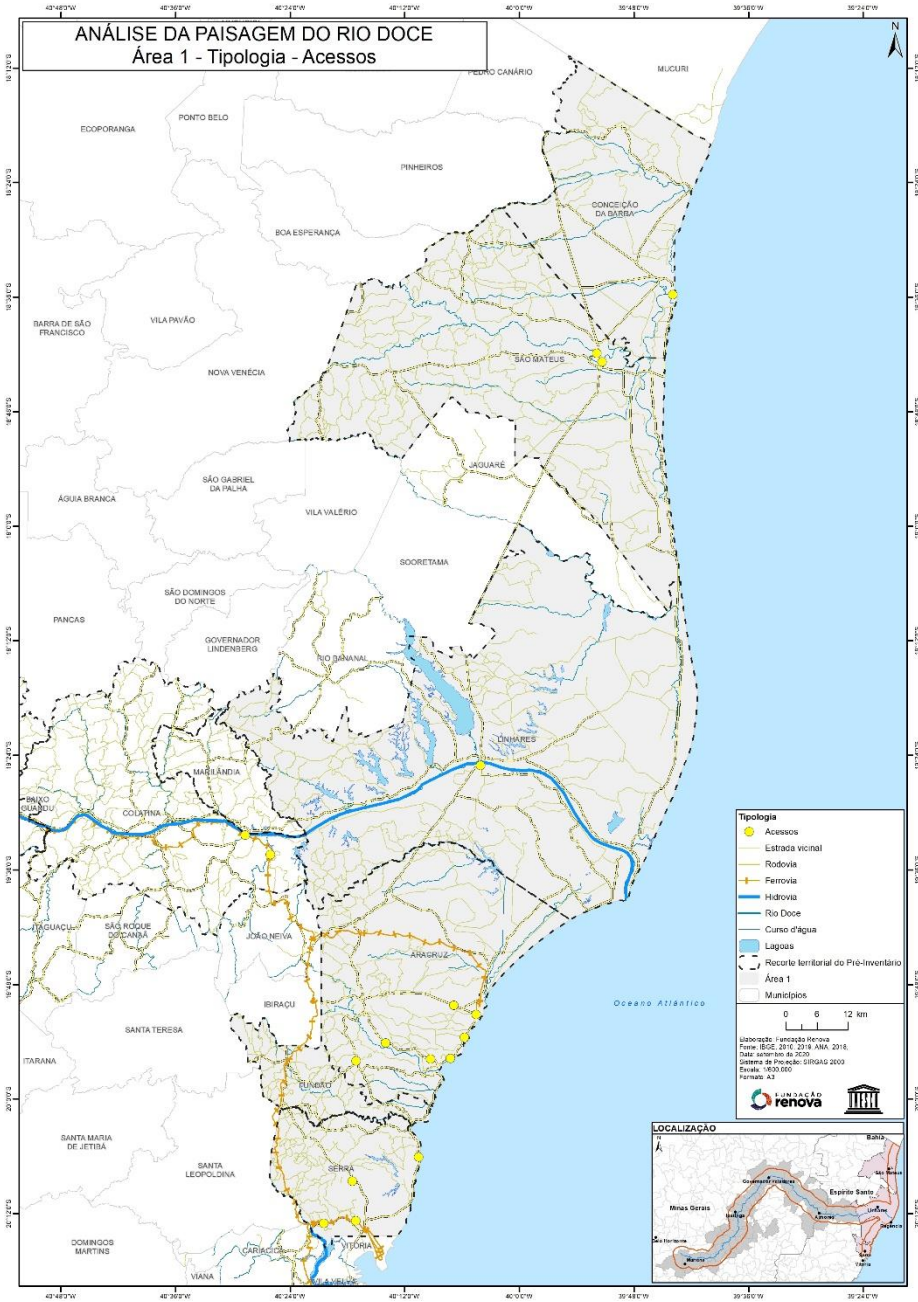
Acessos – as ligações construídas e nativas, o trânsito

Figura 129: Ponte Presidente Getúlio Vargas sobre o rio Doce em Linhares/ES, s/d. Fonte: IBGE.

Figura 130: Trecho da BR-101 na saída da área urbana de Linhares/ES, 2020.

Figura 131: Estrada de Ferro Vitória-Minas, em trecho localizado próximo à divisa entre Linhares e Colatina/ES, 2020.

Figura 132: Estrada de terra que leva ao distrito de Guaxe, em Linhares/ES, 2020.



Paisagem Domesticada

Nível de Artificialização: Forte.

Justificativa: As paisagens Acessos são construídas pela ação humana.

"(...) quando eu saía de Linhares e voltava, a primeira imagem, você via a ponte Presidente Vargas, aqueles arcos né, maravilhosos né (...)?" (Reuber Nascimento, 61 anos, (Figura 129).

A palavra acesso significa "ato de se aproximar ou alcançar alguma coisa"[10]. Acesso também se refere à inclusão, oportunidade e meio pelo qual se chega a algo. Muitas vezes o acesso está relacionado com chegadas e partidas de pessoas e mercadorias. As paisagens Acessos se apresentam de forma linear, cortando e conectando o território a partir das rodovias, ferrovia e dos próprios rios, já apresentados na tipologia Vidas nos rios, mas que também fazem parte dessa, pois são caminhos que servem de travessia para esses encontros.

São paisagens observadas em movimento, a pé, de carro ou ônibus, barco ou trem, é a visão nítida do que está à frente e mais embaralhada do que se passa nos lados, dependendo da velocidade do transporte. São paisagens cinzas quando asfaltadas, marrons alaranjadas quando de terra, espelhadas quando rios e de ferro quando ferrovias. Em todas as suas aparições são sempre emolduradas pelas margens, que se apresentam de diferentes formas, de acordo com as diferentes paisagens que ali existem. Essas paisagens conectam territórios diferentes ou partes de um mesmo território, sobrepondo-se, dividindo ou unindo-se a outras paisagens. Está diretamente ligada ao ir e vir, aos fluxos, e por isso descortina tramas sociais variadas. Unem objetivos, promovem a integração do território e facilitam (ou dificultam) a inclusão social e cultural.

Uma característica dessas paisagens é que ao tomá-las como um ponto de partida no território, pode-se analisar funções e relações virtuais que remetem a trânsitos históricos na configuração dos lugares *"Rapaz, essa estrada nossa aqui, essa estrada é histórica, porque por aqui passavam os escravos que vinham de Queimados, aonde houve a senzala né? Eles passavam por aqui para Nova Almeida para negócio de corte de cana, então usava essa estrada nossa aqui"* (Sebastião da Assunção, 60 anos).

Os Acessos se mostram a partir de numerosas estradas, pontes e uma ferrovia, que apresentam formatos variados de infraestrutura, pavimentadas ou não, e concessões privatizadas ou não. Em relação às estradas, destacam-se a ES-010 que permite a conexão entre a capital Vitória e os municípios do Norte, pelo litoral; e a BR-101, que promove a mesma conectividade Norte-Sul do Estado, mas pelo interior (Figura 130). A ES-010 teve sua construção iniciada em 1980 por demanda de projetos desenvolvimentistas do estado nas áreas litorâneas, permitindo acesso aos portos e atrativos turísticos. Essa estrada não possui pavimentação em alguns trechos como, por exemplo, entre o norte de Linhares e o início da área urbana da cidade de São Mateus. Já o trecho localizado entre a cidade de Conceição da Barra e a Vila de Itaúnas encontra-se em obras de pavimentação. A BR-101 foi construída entre as

[10] Acesso. Disponível em [https://www.significadosbr.com.br/acesso].

décadas de 1950 e 1960 como um grande projeto de integração nacional, por isso permite a conexão de todo o estado do Espírito Santo com o Norte e com o Sul do país. A BR-101 foi uma propulsora do desenvolvimento de algumas cidades do Litoral Capixaba e é uma estrada com intenso fluxo de veículos e caminhões, sendo privatizada em alguns trechos.

Em relação às paisagens de acesso relacionadas às ferrovias, destaca-se a Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM), que se encontra sob concessão da mineradora e logística multinacional Vale. Além de transportar passageiros, a EFVM é utilizada principalmente para o escoamento de minérios, aço, carvão, containers e celulose do interior de Minas Gerais até os portos localizados no litoral do Espírito Santo. Apesar de seus trilhos estarem presentes apenas nos municípios de Serra e Fundão do Litoral Capixaba (Figura *131*), essa ferrovia possui um papel histórico e econômico fundamental não apenas para essa região, mas para toda a calha do rio Doce. *"Ferrovia, continua até hoje é muito utilizada, hoje é menos, que hoje tem as rodovias, mas naquele tempo não tinha né? Então era essa...o expresso que transportava a gente, também tenho uma lembrancinha igual o vapor né?"* (Silvano Ramos, 84 anos).

Quando essas vias lineares encontram um rio, elas o ultrapassam através das pontes, elementos estruturantes dos Acessos. São elas que viabilizam a travessia e um ponto de vista diferenciado sobre rios, lagoas e áreas alagadas na calha do Rio Doce e, sob o ponto de vista histórico, econômico e da mobilidade das comunidades, são ligas fundamentais e eficientes para a coesão e povoamento do território. Destaca-se a emblemática ponte de travessia do rio Doce em Linhares, a Ponte Presidente Getúlio Vargas. *"Linhares antes da inauguração da ponte, com a interligação da BR101, Linhares tinha trinta mil habitantes, após dez anos da inauguração, tinha cento e trinta, entendeu? Então você via aquela imagem, daquela ponte arcada, que virou símbolo nacional. Todos os produtos de Linhares que tivessem um poder de apelação de mídia viam a ponte como representatividade de Linhares. Então a imagem de Linhares"* (Reuber Nascimento, 61 anos). A histórica ponte, símbolo de Linhares, foi completamente interditada em 1995, após a construção da Ponte Joaquim Calmon, e parte dela ruiu no ano de 2009, mas um fragmento ainda resta no local, uma rugosidade na paisagem que reflete a importância histórica da ponte para o município (Figura 133).

Figura 133: Pontes Presidente Getúlio Vargas e Joaquim Calmon, Linhares/ES, 2020.

Essas longas linhas mais ou menos retas chegam em algum ponto, no caso dos rios e nos mares em portos. Alguns exemplos de portos marítimos são o Porto de Barra do Riacho, no município de Aracruz, também conhecido como PortoCel e especializado em movimentação de Celulose; o Porto de Regência, em Linhares, que é de uso privado da Petrobrás e opera o trânsito de granéis líquidos; e o Porto Norte Capixaba (Figura 134), localizado em Barra Nova, município de São Mateus, também sob tutela da Petrobras. Existem projetos para a construção de novos portos nas localidades de Degredo, em Linhares, e em Urussuquara, São Mateus, o que gera expectativas nas comunidades locais em relação aos possíveis benefícios e impactos que podem surgir com esses novos empreendimentos. "*O porto que eles estão pra construir, não sei se vai construir ou não vai construir. Todo ano falam 'esse ano vai sair o porto' aqui tal. Eu acho que com a chegada do porto, vai dar uma modernizada no lugar (...) eu acho que também vão trazer melhorias pro pessoal que mora aqui, talvez possa trazer um posto de saúde pra cá, mais comércios e tal, mas ao mesmo tempo, ao meu ver, não sei se seria tão vantajoso ter esse porto aqui*" (Victor Campos Rodrigues, 33 anos).

Alguns portos existentes em áreas de rio ou estuário também se destacam nas paisagens: os portos do rio São Mateus em Conceição da Barra (Figura 135) e na cidade de São Mateus; o porto do rio Doce, em Linhares; e o porto do rio Piraquê-Açu em Santa Cruz, município de Aracruz.

Quando os Acessos são de ferro, as paradas se fazem nas estações de trens, locais de partida e de chegada onde há o embarque e o desembarque de passageiros e mercadorias. Essas estações foram importantes espaços a partir dos quais as cidades e vilas cresceram, exercendo um poder de atração de pessoas, mercadorias e notícias. Era vantajoso viver nas imediações de estações, as oportunidades de trabalho sempre podiam aparecer.

Figura 134: Vista do Porto Norte Capixaba pela estrada de Barra Nova Sul, 2020.

A paisagem **Acessos** inaugura relações entre as comunidades e os demais componentes do tecido social. São paisagens sujeitas aos interesses políticos e de capital e que têm força para definir fluxos e vocações econômicas, hierarquizando as regiões em centrais e periféricas.

Figura 135: Cais do porto do rio São Mateus em Conceição da Barra/ES, 2020.

Expressam claramente relações de poder. Por que e para quem o poder público investe na construção de estradas em determinadas localidades? Por que algumas comunidades não usufruem desse benefício (Figura 137, próxima página)? *"(...) essa estrada aí quando chove, ninguém passa não, isso aí nem é rua, ônibus aqui só vem três vezes na semana, aí quando chove não vem nada também, não dá para passar, não dá"* (Cercenilha Azeredo, 65 anos).

Ao mesmo tempo que se levanta essa reflexão, observa-se toda a cadeia de serviços que se desenvolve ao longo das estradas e rodovias, que funcionam não apenas como fonte de renda para aqueles que nela

trabalham, mas como “vitrines” por onde podemos conhecer um pouco mais sobre o território que se está adentrando (Figura 138). Os **Acessos** oportunizam trabalho e renda também para aqueles que trabalham na infraestrutura dos modais, dos que necessitam por ela se deslocar todos os dias, dos transportadores de mercadorias e commodities, dos pescadores que utilizam as vias marítimas e fluviais, dentre outros.

Figura 136: Auto de linha na estação João Neiva (quilômetro 91) Fonte: http://www.ferreoclube.com.br/

Figura 137: Estrada sem pavimentação no município de Aracruz/ES.

Figura 138: Comércio de frutas as margens de rodovia no município de Serra/ES.

Representam condições paradoxais. Algumas comunidades associam as vias terrestres pavimentadas ao desenvolvimento, pois a "chegada do asfalto" simboliza o progresso e conexões mais rápidas e confortáveis entre as localidades, além de promover benefícios econômicos e sociais *"(...) a gente pegava os animais salgava e ia vender no Palmito, Água Limpa, fica lá na BR 101, o Palmito. A gente saía daqui para ir para lá, era caminho (...). Aí foi evoluindo, aí teve estrada, aí já teve caminhão para vir comprar o produto, o camarão, já tinha a energia para gelar. (...) depois da energia e a estrada não. Aí não tem esse negócio de troca mais não. Porque aí o comprador já vem apanhar na porta"* (Ivan Monteiro, 66 anos). O mesmo asfalto que traz a facilidade do comércio na porta de casa pode oferecer insegurança, pois *"Como diz o outro, igual estou te falando em uma coisa melhorou, por outra piorou porque de vez em quando aqui passa bandido, rouba nos comércios né? Então por conta de quê? Por conta do asfalto. Porque no tempo que não tinha asfalto, não tinha bandido por aqui, porque hoje em dia nós vivemos na roça, mas vivemos assustados"* (Adirson Silva,72 anos).

Figura 139: Atracadouro em Barra do Riacho, na foz do rio Riacho.

Os Acessos são também percebidos por parte das comunidades como vetores de impactos socioambientais. Um exemplo dessa situação é a degradação ambiental em Barra do Riacho, nas proximidades da foz do rio Riacho. Para a comunidade local, essa localidade tem grande importância

afetiva, identitária e social. A Figura 139 mostra uma representação que registra um tempo em que ainda eram pequenos barcos que ocupavam a margem direita do rio. Hoje em dia, o tamanho e o número de embarcações aumentaram consideravelmente, assim como os trapiches construídos lado a lado. É grande a poluição causada pelo lançamento de esgoto e resíduos domésticos nas águas, assim como os rejeitos dos barcos utilizados para pesca.

Quando se pensa na historicidade dessas paisagens, lembramos que uma das características mais antigas da humanidade foi o nomadismo. Desde os tempos da pré-história os homens transitaram pelo território. Os objetivos desse trânsito, no entanto, foram se modificando com o passar do tempo. Se primeiramente havia a necessidade buscar lugares que oferecessem condições de sobrevivência, posteriormente esses objetivos se tornaram inumeráveis: a conquista de novos territórios, o conhecimento de novos povos, as transações comerciais, o enriquecimento das nações, o trânsito cultural, dentre tantos outros.

No Brasil, os primeiros caminhos foram abertos pelos povos indígenas originários há milênios. Os europeus seguiram caminhos e trilhas na mata fechada que já eram percorridos pelos indígenas enquanto esses povos iam lhes indicando os marcos naturais, as riquezas, - as paisagens - deste vasto continente. Desse modo, os colonizadores europeus foram tomando conhecimento do território, se apropriando desses caminhos e mapeando-os. Os rios eram os lugares privilegiados pelos quais se adentrava no continente, se estabeleciam novas frentes de ocupação e se chegavam às riquezas existentes no interior do Brasil (Figura 140).

Os caminhos das paisagens Acessos foram percorridos pela frente colonizadora e avançando sistematicamente em direção às tradicionais posses de vidas indígenas, quilombolas, de pescadores artesanais, de extrativistas, dentre outros. Ao norte do rio Doce, o rio Cricaré (São Mateus) e sua área portuária foram o principal ponto de contato da região norte da capitania durante o período colonial – era o ponto de chegada de grandes contingentes de negros escravizados e entreposto comercial.

Figura 140: Demonstração da Capitania do Espírito Santo até a ponta da barra do rio Doce na qual parte com Porto Seguro. João Teixeira Albernaz, 1616.

Rotas foram criadas e estabelecidas como oficiais; outras eram constantemente vigiadas e proibidas. A navegação do rio Doce, por exemplo, foi proibida durante todo o século XVIII, incentivada a partir do século XIX, mas só foi efetivamente desenvolvida no século XX, na região entre a foz e a divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo (Figura 141, próxima página). A aquarela representa o Vapor Juparanã, importante forma de transporte das comunidades das margens do rio Doce entre Colatina e Linhares nas primeiras décadas do século XX. A representação aponta para a embarcação como elemento que povoava o imaginário dos moradores das imediações do rio Doce, uma vez que levava e trazia pessoas, notícias e mercadorias. A embarcação aparece em um rio de águas azuis claras, rodeado de matas e com uma espécie de porto nas margens de uma encosta, da qual desce uma pessoa que se junta a outras e que se despede dos conhecidos que se vão com o barco. As pessoas miram o rio com afetos que se associam à esperança do retorno, fazendo do Vapor Juparanã vetor de sentimentos que navegam pelas águas do rio Doce.

O vapor por muito tempo teve uma significância identitária para a população da região e que até hoje é lembrada e lamentada a sua extinção, em função da criação de novos modais e pelo assoreamento do rio Doce *"A assoreação [sic] do Rio Doce, a culpa não são* [sic] *da natureza. A culpa é do próprio homem, né? Do próprio homem, por quê? A gente vê mata até ali no Humaitá. Do Humaitá pra cima você não vê mata mais. Acabou tudo, né? A assoreação [sic] do Rio Doce não é que o Rio Doce assoreou pra dentro, né? Não. O desmatamento... quer dizer, então a chuva vem, com enxurrada, só assoreando o rio. Não é do meu tempo, mas saia o vaporzinho aqui, de Regência à Minas. De* [19]*70 pra trás,* [19]*50 pra trás. Até a época que fizeram a ponte ainda passava de barco. Hoje é difícil pra poder... A gente sai daqui pra Colatina e vê o Rio Doce um valão"* (Ary e Marta Durão, entrevista realizada em 2018).

Figura 141: Vapor Juparanã, que fazia o transporte entre Colatina e Linhares, pelo rio Doce, no início do século XX.

Na era industrial, tem-se a instalação das ferrovias, consideradas marcos da evolução nas formas de comunicação e transporte, conectando pontos remotos do país às localidades centrais e estabelecendo novos povoados, formatando novos territórios e favorecendo o trânsito de pessoas

e mercadorias de forma mais dinâmica. No Litoral Capixaba se destaca a construção da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM). A EFVM começou a ter seus trilhos assentados a partir do Porto de Vitória[11] em 1904, e seguiu sua implantação ao norte da capital capixaba, até o distrito de Santa Maria, no município de Linhares. A partir daí seguiu às margens do rio Doce pelo interior do leste mineiro (TEIXEIRA, 2013).

Figura 142: Estrada de Ferro Vitória-Minas nas imediações da Estação de Colatina (ao fundo), Eutichio D'Oliver, 1908.

Devido à presença da linha férrea, algumas estações se transformaram, no curto prazo, de simples ponto de parada, com poucas casas dos funcionários da Companhia, em cidades prósperas. Um exemplo dessa transformação é o caso do antigo arraial de Santa Maria, depois Colatina, inicialmente distrito de Linhares, que se transformou com a chegada dos trilhos e se tornou sede de um novo município em 1906. Nessa época, Colatina também se desenvolveu como polo cafeeiro do Espírito Santo, atividade que sustentou economicamente a ferrovia até o reconhecimento das jazidas de ferro no interior mineiro (TEIXEIRA, 2013).

As rodovias chegaram pouco depois, na segunda década do século XX, e, a partir doa anos 1950, se tornaram o meio de transporte mais utilizado até os dias atuais. O vertiginoso crescimento rodoviário que caracterizou os "50 anos em 5"do governo Juscelino Kubitschek representaram também um ponto de virada para o setor ferroviário que, desde então, amargou um papel coadjuvante nas ligações entre diferentes regiões do Brasil. Nas décadas de 1990 e 2000 a malha ferroviária, pertencente então à falida Rede Ferroviária Federal, foi privatizada, sendo adquirida por grandes consórcios de empresas de capital transnacional. Com isso, atualmente elas cumprem um papel majoritariamente voltado para o transporte de cargas, com os trens de passageiros tendo diminuído drasticamente e dependido, cada vez mais, das políticas de marketing social das empresas administradoras das rotas.

[11] Localizado no canal de Vitória entre a cidade de Vitória e a cidade de Vila Velha. Não se trata do porto de Tubarão, construído a partir de 1962 entre Vitória e Serra.

No processo de construção das paisagens de Acessos, a engenharia, a ciência e a tecnologia sempre se fizeram presentes. Esses conhecimentos é que permitiram a instalação de portos, a construção de pontes e de ferrovias, e a modernização das estradas. As comunidades, no geral, consideram as paisagens de Acessos com um dos símbolos da sociedade moderna. Desejam usufruir das comodidades por ela oferecidas; se enxergam afastadas ou inseridas nesse processo e sua expectativa em relação ao futuro, muitas vezes, relaciona-se à modernização das estradas e demais acessos que fazem parte de seus cotidianos. *"Vai ser aqui tudo calçado, isso aqui tendo asfalto, porque nós temos a 264, que é essa BR aqui, aí se o asfalto sair aqui para nós vai ser uma benção, porque quando chove...para tudo. Ninguém entra, ninguém sai, porque não tem como o transporte passar para lá, nem para cá porque fica agarrado. Aí no futuro que eu vejo é o asfalto aqui, um pedacinho, a gente já conseguiu, que foi o calçamento da vila né, um quilômetro. Então essa aí é uma coisa que já...a gente fica feliz"* (Angelita Maria Gama, 51 anos).

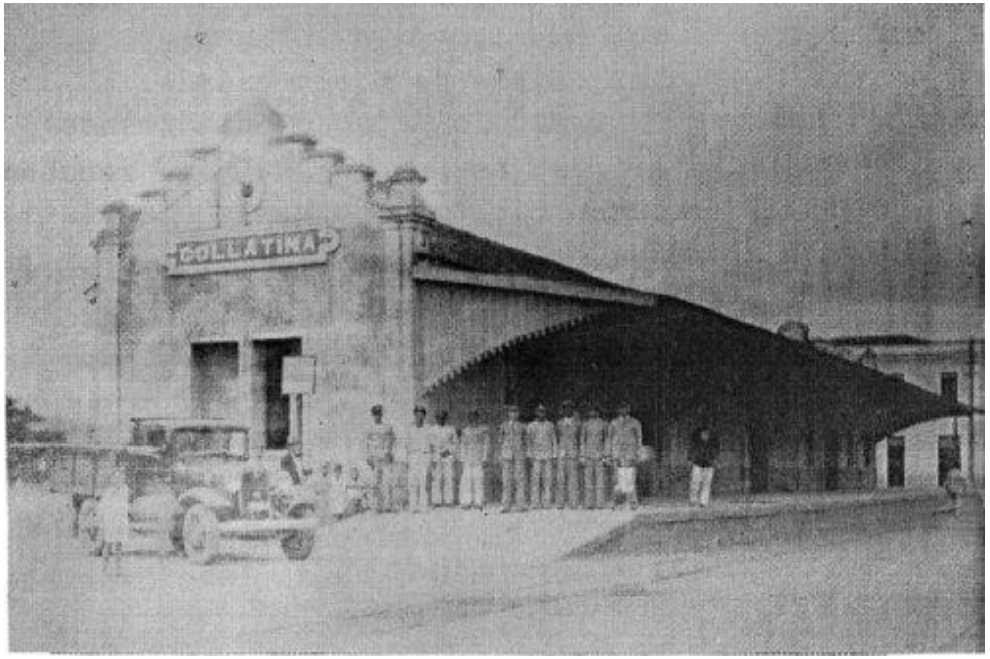


Figura 143: Primeira estação de Colatina/ES, provavelmente década de 1930. Fonte: estacoesferroviarias.com.br/Colatina

No entanto, todo esse progresso tem um custo. As paisagens de Acessos, em muitos casos, provocam agressões físicas e ambientais em outras paisagens: nos mares, praias, estuários, rios, lagoas, comunidades rurais e florestas. *"Lá porque você pega para ir para Vitória, você não vê mais mata na beira dele. O povo acabou com tudo, fazendeiro acabou com tudo né? Então você só vê água... Essa estrada de Linhares ali que vai para a Bahia na época minha que eu trabalhei, era tudo estrada de chão... Tudo..."* (Adirson Silva, 72 anos). Nesse caso, a questão que se coloca para o presente e para o futuro é: como encontrar o equilíbrio?

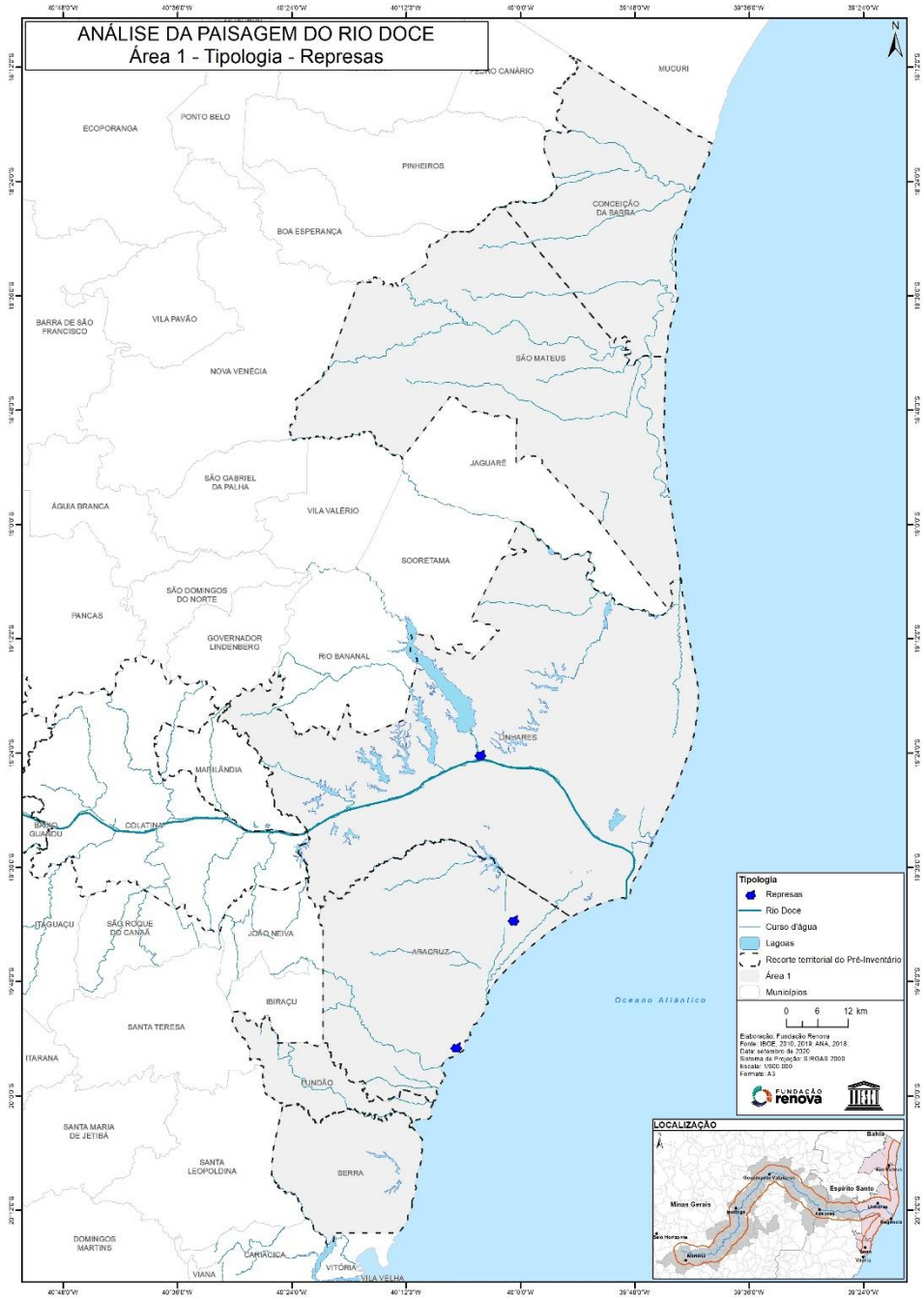
Represas – as águas cercadas

Figura 144: Pequena barragem de abastecimento de propriedade rural, Linhares/ES, 2020.

Figura 145: Barragem de pequenas dimensões em propriedade na região do Córrego Dr. Jones, Linhares/ES, 2020.

Figura 146: Canal Caboclo Bernardo, Linhares/ES, 2020.

Figura 147: Segunda etapa do processo de descomissionamento do barramento do rio Pequeno, em Linhares/ES. Fonte: Fundação Renova, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: Paisagens domesticadas que apresentam nível forte de antropização devido à finalidade de reterem quantidades variáveis de água para o aproveitamento de comunidades e indústrias.

Represas são paisagens delineadas pela retenção de cursos d`água para fins de abastecimento de água em áreas residenciais, agrícolas e industriais ou para a produção de energia. São também paisagens que podem surgir para o controle ambiental, como é o caso da paisagem configurada pelo barramento do rio Pequeno em Linhares/ES. Elas são definitivamente paisagens que impõem a marca humana na dinâmica dos rios e córregos.

As barragens e canais são elementos que protagonizam as Represas. Essas águas contidas formam paisagens com diferentes dimensões. Na região atravessada elas ocupam áreas grandes, como a barragem de Vertedouro, em Aracruz (ES) (Figura 148); ou áreas bem menores, como é o caso das pequenas barragens em propriedades rurais e canais construídos por indústrias ou proprietários de terras para o abastecimento de suas fazendas e sítios (Figura 144 e Figura 145).

Represas formadas pela retenção das águas para a geração de energia alteram o curso de rios e vidas com a abertura de grandes áreas de armazenamento. As vastas áreas ocupadas por barragens de grande dimensão permitem ao observador/usuário sentir o vento quando as correntes de ar sopram mais forte e contemplar a grande massa de água confinada, além de ouvir o som de pássaros que sobrevoam os céus e, hora e outra, se aproximam da superfície da água. As imediações dos reservatórios construídos para a geração de eletricidade são locais calmos, de pouco movimento, onde o ritmo do tempo parece ser mais lento do que nas cidades ou comunidades do entorno. O movimento nessas paisagens é produzido pelos trabalhadores e por pessoas que buscam esses locais para a pesca. Próximo às máquinas a calmaria estanca. O barulho da água nas engrenagens das máquinas em funcionamento, quando existentes, dá a dimensão da força dessas águas quando são libertas. Não se deve subestimar as águas das grandes represas.

Surgidas nos últimos anos do século XIX no Brasil, as usinas hidrelétricas foram um dos elementos que marcaram a entrada do Brasil na modernidade, com a adoção da energia elétrica para a iluminação, algumas poucas cidades capitais e o abastecimento de empreendimentos industriais. O crescimento do setor acelerou após a Segunda Guerra Mundial, com o avanço do processo de urbanização no país e os reflexos da política de substituição de importações implantada no governo de Getúlio Vargas, que incrementou o setor industrial brasileiro. Exemplo desse movimento em direção às grandes usinas com suas barragens foi a construção da Usina hidrelétrica de Paulo Afonso, na Bahia, em 1949. No segundo governo de Getúlio Vargas (1951-54), foi fundada a Eletrobrás, empresa estatal dedicada, após 1961, à geração e administração dos recursos elétricos do país. Posteriormente, nos anos do governo de Juscelino Kubitschek, foram construídas diversas hidrelétricas, em especial a de Furnas, em Minas Gerais. Investimentos dos estados também deram origem a novas usinas destinadas a abastecer demandas locais, como a Usina Hidrelétrica Ao longo das décadas de 1960 e 1970, uma série de investimentos públicos deram origem a grandes hidrelétricas em todo o país, com destaque para a Usina

Hidrelétrica de Itaipú, a segunda maior usina do tipo em todo o mundo. A partir da década de 1990, os investimentos públicos nas construções de usinas hidrelétricas no país diminuíram drasticamente em decorrência da crise econômica atravessada pelo país ao longo de toda a década anterior. Um processo drástico de privatização do setor elétrico foi realizado com o objetivo de ampliar os investimentos no setor, com resultado aquém do esperado. Como consequência, observou-se os chamados "apagões" e a configuração de uma crise energética no Brasil que levou ao racionamento de energia realizado em 2001. Com isso, a estratégia a partir de então foi a de espalhar usinas hidrelétricas menores por todo o país, o que levou a um novo ciclo de construções, cujos resultados podem ser vistos atualmente, com a garantia de oferta de energia elétrica, a despeito de crises hídricas recentes.

Figura 148: Barragem do Vertedouro, conhecida como "Lagoa Azul", Aracruz/ES. Fonte: Prefeitura Municipal de Aracruz/SE, 2017.

As barragens de hidrelétricas abastecem as redes de transmissão e suprem a necessidade de grandes indústrias que se estabeleceram na calha do rio Doce, sobretudo as do setor siderúrgico do Vale do Aço, grandes consumidoras de eletricidade. Utilizadas majoritariamente para a geração de energia, algumas delas, no entanto, configuram áreas de lazer valorizadas na região onde estão instaladas. Dentro do recorte territorial da Área 01, em Aracruz observa-se o caso da represa de Vertedouro, em Aracruz, construída a partir da demanda por fornecimento de água para a indústria de celulose. O cercamento da água forma um poço de água límpida e atrai moradores e banhistas da região (Figura 148).

Em certa medida, quando de grandes dimensões, as Represas possuem semelhança com as Lagoas. No entanto são paisagens artificiais, feitas pelo homem e postas à serviço dele. Muros de concreto, comportas e bombas de irrigação são elementos que ditam o fluxo das águas, aparecendo no primeiro plano da paisagem como elemento de contenção e dominação do recurso hídrico.

As Represas têm áreas de alagamento e territorialidades diferentes. As de menor porte apresentam dinâmicas bem peculiares ainda que também estejam ligadas à alteração do ambiente em função de necessidades humanas. Nas pequenas barragens, a configuração das Represas surge também do represamento de minas d'água, córregos e ribeirões e para captação de águas de chuvas, utilizando a topografia do próprio terreno e materiais argilosos do solo para o represamento. Sua finalidade é fornecer água para a irrigação das lavouras e dessedentação de animais.

Essas pequenas barragens formam açudes. Com estrutura de contenção simples, pequenas barreiras de concreto ou feitas com o próprio solo, elas normalmente permitem que a água continue seguindo pelo leito dos cursos d`água. Podem também ser alimentadas por um canal aberto para este fim ou por canos que levam as águas de córregos e ribeirões para as áreas alagadas. Nelas, a associação com elementos naturais e com as comunidades que ocupam o território é mais próxima. Por vezes elas são utilizadas para criação de peixes. Nessas paisagens, o som das águas de pequenos e médios cursos d'água se mistura ao dos animais e da vida no campo, marcada pelo trabalho nas lavouras e nos pastos.

Figura 149: Barragem do Guaraná em construção no ano de 2017. Fonte: Prefeitura Municipal de Aracruz/ES.

A configuração de Represas nas áreas rurais é uma estratégia para garantir a segurança hídrica local e podem ter uso particular ou comunitário a depender da região onde estão inseridas. *"Na seca passada, não essa de agora, a nossa represa grande ali ela veio no fundo mesmo, porque molhar pasto, molhar café...aí meu filho aproveitou, apanhou retroescavadeira, mandou abrir ela mais, afundou bem, agora tem uma represa enorme, graças a Deus ela não secou mais."* (Zélia Scarpatti, 75 anos). Nesse sentido, essas paisagens possuem usos e impactos muito diferente das Represas configuradas por grandes empreendimentos. Represas que garantem a subsistência de populações rurais podem ser encontradas em diversas localidades abarcadas por este estudo, como no Córrego Dr. Jones, Japira,

Desengano e Rio Quartel, em Linhares (Figura 149). No município de Aracruz, dados de 2016 mostram que naquele ano existiam 40 projetos de barragens liberados e 12 concluídos.[12]

É importante resgatar que as Represas também surgem de contextos específicos de controle de contaminação hídrica como foi o caso do barramento do rio Pequeno, em Linhares. Com o rompimento da Barragem do Fundão em 2015 e os impactos trazidos pelo derramamento de rejeito no rio Doce, o Tribunal de Justiça do Espírito Santo determinou o fechamento artificial da ligação entre o rio Doce e o rio Pequeno para evitar que a lama trazida pelo rio atingisse as águas da Lagoa Juparanã.

Um dos impactos mais contundentes da configuração da paisagem de Represas no entorno do rio Pequeno foi a elevação do nível da água, afinal, com ou sem barramento, as águas dos rios e das chuvas continuaram a verter. Para os moradores, o barramento promoveu o deslocamento involuntário para imóveis e hotéis em Linhares, alterando seus modos de vida. Para os frequentadores, moradores e donos de propriedades nas margens da Lagoa Juparanã, o impacto foi causado pela interrupção do canal que escoava as águas vindas do rio São Jorge, o que levou ao aumento do nível das águas e a destruição de porções de suas margens: *"essa areia toda que está aqui foi a enchente causada por aquela chuva lá na foz do São José e que ficou um ano aqui parado por causa da barragem lá, porque se a água tivesse descido como todas as enchentes eu não tinha perdido o pé de ingá"* (Maria Lucia Grossi Zunti, 71 anos).

O nível da água do rio Pequeno e de toda lagoa Juparanã foi elevado a partir do verão de 2017/2018, quando a região foi acometida por fortes chuvas. Os diversos atores que ocupam os 90km do perímetro da lagoa foram atingidos de alguma forma pelo barramento do rio Pequeno: os pescadores viram o pescado ficar cada vez mais escasso, sobretudo as espécies migratórias como a Tainha; os pecuaristas tiveram seus pastos inundados, pois estes estão localizados nas partes mais baixas do entrono da lagoa; os moradores de Patrimônio da Lagoa, localidade situada ao norte da lagoa, viram algumas casas serem inundadas, assim como todas as áreas de lazer da comunidade; os moradores próximo ao rio Pequeno foram obrigados a deixar as suas casas pelo risco de rompimento do barramento; os proprietários das casas de veraneio tiveram extensas áreas da propriedade alagada; e os agricultores foram obrigados a deslocar as bombas de irrigação. Esses últimos atores foram impactados também positivamente pela construção do barramento, já que a disponibilidade de água aumentou e garantiu oferta abundante no período de seca subsequente. A população de Linhares também se mostrou favorável pela preservação da água da lagoa da água "contaminada" do rio Doce. A disputa política que se acirrou ao longo

[12] Portal da Prefeitura Municipal de Aracruz/ES. Disponível em: http://www.aracruz.es.gov.br/noticia/7213/

de dois anos teve fim com a determinação do juiz de Linhares pela abertura do canal no início de 2020.

Independentemente do tamanho, dos usuários e da finalidade, as Represas virtualizam duas temporalidades: um "antes" e um depois. Elas são ainda paisagens que reconfiguram territórios à montante e à sua jusante. As barragens captam a potência dos rios ou de outras fontes de água, mas alteram seus cursos natural e usos históricos.

No processo de criação das grandes represas, *"o homem chega e já desfaz a natureza, tira gente, põe represa, diz que tudo vai mudar" (SÁ & GUARABYRA, 1977).* Essa mudança diz respeito, principalmente, as formas tradicionais de uso dos espaços e dos rios. Deslocamento involuntário, perda de patrimônio material, perda de sentimento de pertencimento, substituição dos modos de vida por dinâmicas pautadas pela geração de recursos são alguns dos exemplos que atestam como as Represas podem demarcar um modelo de desenvolvimento excludente. Nas pequenas a dinâmica é diferente, sem a retirada de populações estabelecidas em fazendas e núcleos populacionais. Nessas, as áreas destinadas ao alagamento constituem declividades no relevo utilizado normalmente como áreas de pastagens, com investimentos municipais visando garantir a segurança hídrica das regiões nas imediações.

Em Aracruz/ES, as Represas que hoje abastecem a indústria de celulose (Figura 150) e são também espaços de lazer, como a Lagoa Azul, são as mesmas que desde a década de 1970 privam o acesso, a água e outros recursos as comunidades locais *"a Fábrica de celulose e a PortoCel foi construída na década de 70. E a Aracruz Celulose não usava totalmente a bacia do rio Riacho. Ela só tinha uma barragem, uma comporta ali, uma barragem principal. Então tinham vários córregos que ainda não estavam sob o controle dela. Com a fábrica B, no final da década de 80, eles fizeram essa barragem. A segunda barragem...". (Hildete Caliman, 51 anos).*

"E também tem hoje aqui, é que, as pessoas chamam de Lagoa Azul, barragem. As pessoas acham lindo a barragem, o povo chora, porque aquilo ali é um descaso. Mas, o pior de tudo são as represas. É comporta... É comporta que fala?... É... O pior de tudo é isso ai. Porque eles fecham o nosso rio... Aí você não pode passar..." (Hildete Caliman, 51 anos).

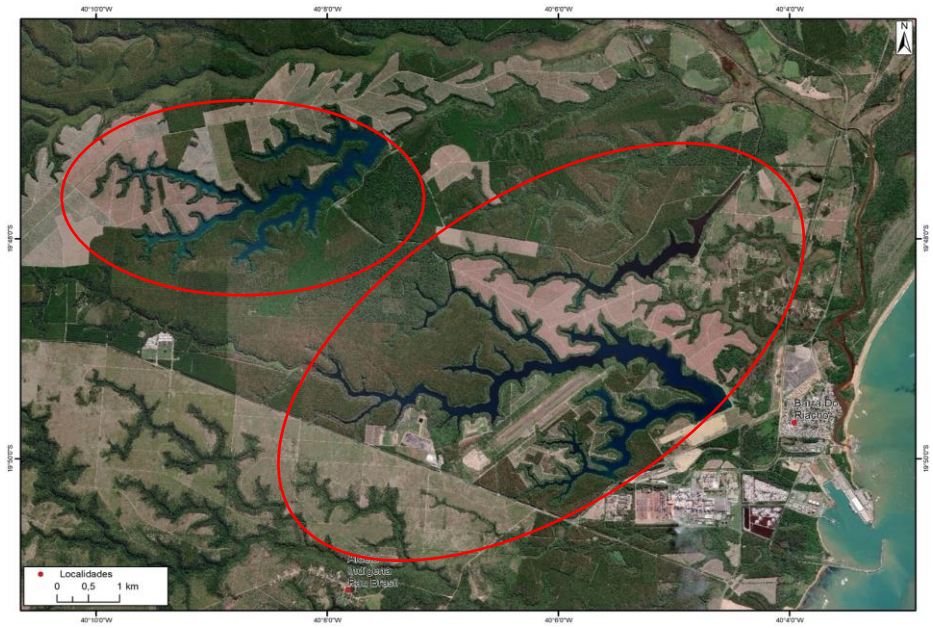


Figura 150: Barragens construídas no curso do rio Riacho nas décadas de 1970 e 1980. Fonte: Google Earth.

Represas são paisagens complexas, nas quais há disputas assimétricas por água. Nas pequenas barragens para o abastecimento de fazendas e comunidades rurais, a luta é para conseguir construir as estruturas que podem garantir a oferta de água diante da crise hídrica e climática. Quando cheias, essas barragens criam a sensação de abundância e espelhos d'água que refletem beleza. Já os grandes empreendimentos garantem a geração de energia elétrica e estimulam o desenvolvimento econômico, mas também podem representar a desarticulação de modos de vida tradicionais e a privatização das águas em benefício de grupos específicos como industriais e concessionárias de energia.

Figura 151: Canal Caboclo Bernardo, nas imediações do Assentamento Egídio Bruneto, em Linhares/ES.

Os canais também são elementos construídos que integram a paisagem das Represas. É através deles que águas de rios e riachos são desviadas de seu curso original para usos agrícolas e industriais (Figura 151). Nos municípios da Área 01, exemplifica essa configuração das águas cercadas o canal Caboclo Bernardo, que capta águas dos rios Doce e Riacho, em Linhares e Aracruz, para o sistema industrial da Aracruz Celulose. "(...) *quando chegou, em 98, 97, eles usam o dinheiro do projeto da Sudene, puxam o canal Caboclo Bernardo (...) até o rio Riacho (...) dizendo que esse projeto seria para resolver o problema de Vila do Riacho e Barra do Riacho. Aonde foram R$2.300.000,00 do dinheiro do ministério do meio ambiente, e dizendo que era para fazer isso. Na verdade, em 2000, ficou pronto esse projeto e daqui a pouco, nas revistas de indústria, tava lá Aracruz Celulose ganhando troféu da Confederação Nacional das Indústrias como melhor projeto ambiental (Herval Nogueira Júnior, 57 anos).* Os canais podem representar a garantia de fornecimento de água ou, pelo contrário, a drenagem dos rios e córregos, utilizando-se de recursos públicos e privados, para benefício de empreendimentos industriais. Por alterarem condições naturais, as Represas sempre geram impacto socioambiental. Sua severidade, no entanto, depende das histórias e pessoas que ali vivem, da magnitude dos elementos construídos, da biodiversidade local e da finalidade para qual as águas são cercadas. São, assim, paisagens fundamentais no entendimento e planejamento dos territórios ao longo da calha do rio Doce.

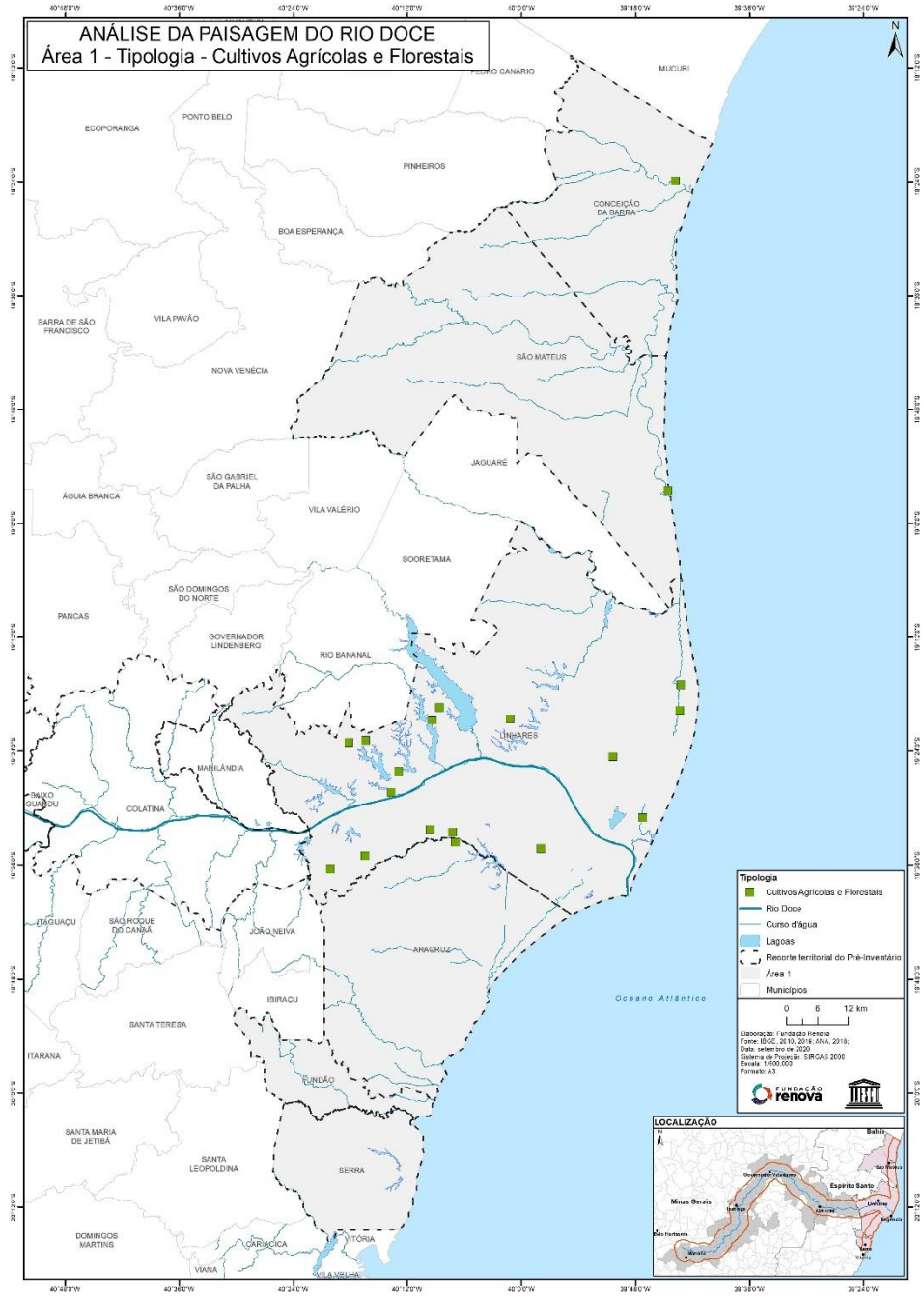
Cultivos agrícolas e florestais – produção hidratada em fila

Figura 152: Plantação mamão com faixas que indicam se tratar de mosaicos com café, Chapadão das Palminhas, Linhares/ES, 2020.

Figura 153: Monocultura de Seringa, entorno da Lagoa Juparanã, Linhares/ES, 2020.

Figura 154: Plantação de cana de açúcar para a produção de álcool nas proximidades do centro urbano de Linhares, 2020.

Figura 155: Mosaico coco-eucalipto, Japira, Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: São paisagens domesticadas com nível forte de artificialização porque alteram completamente a paisagem nativa preexistente.

Os Cultivos Agrícolas e Florestais são paisagens que proporcionam uma sensação visual de uniformidade. Tal sensação deriva da observação de áreas extensas onde se combina o ordenamento físico do plantio com espécies vegetais que apresentam, majoritariamente, diferentes tons de verde. Mamão (Figura 152), seringa (Figura 153), cana-de-açúcar (Figura 154), coco (Figura 155), pimenta (Figura 156) e banana (Figura 157) são exemplos de cultivos agrícolas e florestais de maior ocorrência na região da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba. Encontra-se, em menor quantidade, plantações de pitanga, graviola, arroz, milho e feijão. A calha do rio Doce está preenchida por essas culturas que se nutrem de suas águas, direta ou indiretamente, cujos frutos depois viajam para alimentar centros urbanos e mesmo outros países.

Em relação à organização espacial, esses cultivos podem estar dispostos em fileiras lineares em terrenos planos, como no caso do plantio do mamão, da cana-de-açúcar e da seringa. Podem também acompanhar a sinuosidade dos relevos, instalando-se em curvas de nível nas áreas montanhosas, por vezes sustentadas por estacas, como foi visto nas áreas de lavoura de pimenta (

Figura 156), que aparecem sozinhas ou em consórcio com o café. A depender do cultivo, tem-se espécies mais rasteiras e arbustivas e espécies mais altas, como as seringueiras. Sangrando dia após dia, os seringais ocupam grandes áreas próximas a Lagoa Juparanã, em Linhares. Os consórcios de duas espécies também são comuns nessa paisagem. Na região montanhosa de Linhares observa-se com frequência mosaicos compostos pelos cafezais e as culturas de mamão, pimenta e eucalipto.

Os Cultivos Agrícolas e Florestais podem ser observados em assentamentos agrícolas, em núcleos familiares originários da colonização italiana, em comunidades rurais nas quais há meeiros, em fazendas nas quais os funcionários são residentes permanentes ou, ainda, em áreas incorporadas por agroindústrias. Em suas múltiplas configurações, representa o esforço de domesticar ambientes de mata para o estabelecimento de lavouras. Eles dinamizam a vida social e econômica dos municípios dos quais fazem parte, sendo uma importante fonte de emprego e renda em Linhares e Conceição da Barra *"Tem a plantação de coco, tem um fazendeiro ali, tem a cultura de aroeira também, está com três anos que eles começaram a produzir aroeira aí, emprega um pouco do pessoal aí também..."* (Mateus José Cairu, 52 anos). São paisagens que, por apresentarem distintos graus de mecanização, ainda atraem pessoas e geram fluxos migratórios. Sobretudo nas épocas de colheita, quando há a intensificação da contratação de mão de obra temporária e circulação de *pessoas "... tem uma usina forte de cana de açúcar e álcool aqui em Linhares, quando ainda era o corte manual, era ônibus e mais ônibus de pessoas vindo, porque antigamente era corte manual."* (Reuber Nascimento, 61 anos).

A divisão do trabalho nos Cultivos Agrícolas e Florestais varia segundo o tipo de propriedade e o modelo de cultivo: parceria e trabalhos formais nas grandes fazendas; trabalho assalariado na agroindústria e fazendas de

seringa; trabalho familiar nos assentamentos agrícolas da reforma agrária e nas comunidades rurais. São paisagens que transpiram.

O esforço reiterado dos agricultores é um indicador de sua preocupação com o desempenho e a produtividade, haja vista a susceptibilidade das *commodities* e das monoculturas às pragas, eventos climáticos extremos como secas e enchentes e aos preços voláteis ou determinados em âmbito internacional *"Aqui tem muita gente que tem (pimenta) entendeu? Uns tem pouco, outros tem mais, a questão é que era aquele preço de trinta reais, aí todo mundo começou a fazer investimento no banco né, e plantar. Agora que ela caiu aí muito, nego já está quebrando a cabeça para pagar entendeu?"* (Tarsísio Oliveira, 60 anos).

Figura 156: Monocultura de pimenta nas imediações entre Desengano e Jacupemba, Linhares/ES, 2020.

Figura 157: Cultivo de banana em Chapadão das Palminhas, Linhares/ES, 2020.

Essas paisagens abrangem formas antigas e atuais de produção e desde o começo do século XX vêm sendo compostas por diferentes culturas, como a cana-de-açúcar, por exemplo, que foi implementada como alternativa de renda durante a crise do café. Nos anos de 1970, impulsionada com a crise internacional do petróleo, a cultura da cana-de-açúcar reergueu-se através de incentivos governamentais como o Próalcool (Programa do Governo Federal para substituição dos carros movidos por petróleo), com vistas a atender o setor de produção de biocombustível.

O processo de consolidação da ocupação de diversas localidades nos municípios analisados mostra a associação entre a formação dos cultivos

agrícolas e florestais nos últimos quarenta anos e a supressão das matas dessas regiões. Muitos moradores testemunharam ou ouviram as histórias da época em que a floresta dominava a paisagem. As lavouras, em alguns casos, chegaram para ficar. Em outros, vieram, deixaram suas marcas, e deram lugar a outras atividades produtivas, como em Bebedouro, município de Linhares: *"Isso aí eu nem cheguei a ver, quando eu vim, já estava limpo, mas era mata (...) roça de café, o povo mexia com roça de café, com roça de arroz, roça de milho, de feijão. Agora ninguém mexe com isso mais, agora isso aí acabou"* (Cercenilha de Freitas Azeredo, 65 anos).

A partir de 1985, no entanto, as culturas agrícolas começaram a se diversificar e se expandir de forma expressiva, especialmente sobre as Planícies e Terraços Fluviais do Baixo Doce e do Litoral Capixaba, concentrando-se nas áreas úmidas e alagadas do delta do rio Doce. Em um período de trinta anos (1985-2015) essas áreas, que somavam cerca de 11,5km^2 de extensão (equivalente a 0,04% da área de estudo), passaram para 753,5km^2 (ou 2,35%). Atualmente as culturas agrícolas totalizam 3% da área de estudo, somando cerca de 965,5km^2 de extensão, abrangendo espécies como mamão, banana, coco, pimenta, entre outras. Os principais produtores são os municípios de Linhares (localizado no Baixo Doce), Aracruz, São Mateus e Conceição da Barra (Litoral Capixaba), que juntos concentram 94% das áreas destinadas à produção agrícola. O município de Linhares foi o que apresentou maior incremento de áreas cultivadas com agricultura, passando de 5,6km^2 para 499,8km^2. A maior parte da agricultura praticada em Linhares é irrigada, razão pela qual a atividade vem se concentrando nas áreas de várzea e delta do rio Doce. Linhares ocupa o primeiro lugar entre os produtores capixabas de nove culturas agrícolas: banana, cacau, café conilon, coco-da-baía, mamão, maracujá e melancia. O Espírito Santo é o líder na produção de mamão no Brasil e, na classificação dos municípios capixabas, Linhares ocupa a segunda posição, seguido por São Mateus na terceira, Aracruz na oitava e Conceição da Barra na décima segunda. Em Linhares, a Prefeitura adotou como política estruturante na área da Agricultura nos últimos anos o fortalecimento de cinco polos de fruticultura: cajá manga anão, no Polo Distrito Farias; uva, no Polo Alto São Rafael (contempla regiões como Santa Cruz, São João de terra Alta, São Vicente e São Judas); goiaba, no Polo Baixo São Rafael (localidades como Japira, Córrego Dr. Jones, Santa Rosa, Humaitá e Bagueira); limão, no Polo BR 101 Sul (distritos de Rio Quartel e Desengano); e açaí, no Polo Litoral (Pontal do Ipiranga, Regência, Povoação e Bebedouro) (PREFEITURA MUNICIPAL DE LINHARES, 2019.)

Dessa forma, os Cultivos Agrícolas e Florestais vêm sendo vetores do crescimento de economias locais e do desenvolvimento de cidades ao longo do tempo. Com o aumento da renda regional foram diversificados serviços e edificadas estruturas portuárias que até hoje são ramais de conexão entre a calha e a Foz do rio Doce e desses com o restante do país e do mundo, promovendo o escoamento da produção.

O processo de construção da infraestrutura de escoamento de *commodities* impulsionou fluxos populacionais vindos de dentro e de fora do

Espírito Santo, adensando a demografia nas áreas rurais próximas à foz do rio Doce e no Litoral Capixaba. Essa forma de cultivo promoveu a polifonia do convívio de diferentes sotaques, práticas e cosmovisões. Nos Cultivos Agrícolas e Florestais as culturas geram culturas que se conectam, disputam espaços, se apropriam inventivamente dos elementos naturais e os submetem aos imperativos da vida cotidiana e da necessidade de acumulação de riquezas. Esses elementos culturais, inicialmente construídos ao longo do processo de consolidação do domínio europeu, dos fluxos migratórios na virada para o século XX e do desenvolvimento dos modos de vida entre os séculos XVI e XX, tornaram-se ainda mais complexos no limiar do século XXI, com a expansão do agronegócio capixaba.

O catolicismo marca o calendário festivo das comunidades onde estão essas paisagens. As festas de santos da igreja católica e missas de domingo são importantes celebrações na promoção da sociabilidade e na costura de relações de vizinhança entre os moradores *"Nós temos a igreja nossa ali né? Que nosso projeto é todo domingo ir na igreja entendeu?"* (Tarcísio Oliveira, 60 anos).

Muitas áreas que antes eram destinadas às roças de subsistência foram transformadas por fazendeiros, cedendo espaço à cultivos que dão continuidade a padronagens hegemônicas como o café, o mamão, a seringa e a banana, e segundo habitantes locais, existem oportunidades de melhoria em relação aos investimentos direcionados aos produtores rurais. *"Seria interessante a gente poder trabalhar com o que tem, como eu já disse né, a gente é de uma região rica né, mesmo que o petróleo venha a acabar, teria que ser investido algo no campo né, seja dada atenção que...uma atenção maior para os produtores, os produtores rurais eu digo né, eu acho que aí há um veio né, uma saída, acho que seria por aí"* (Rui Barbosa, 43 anos).

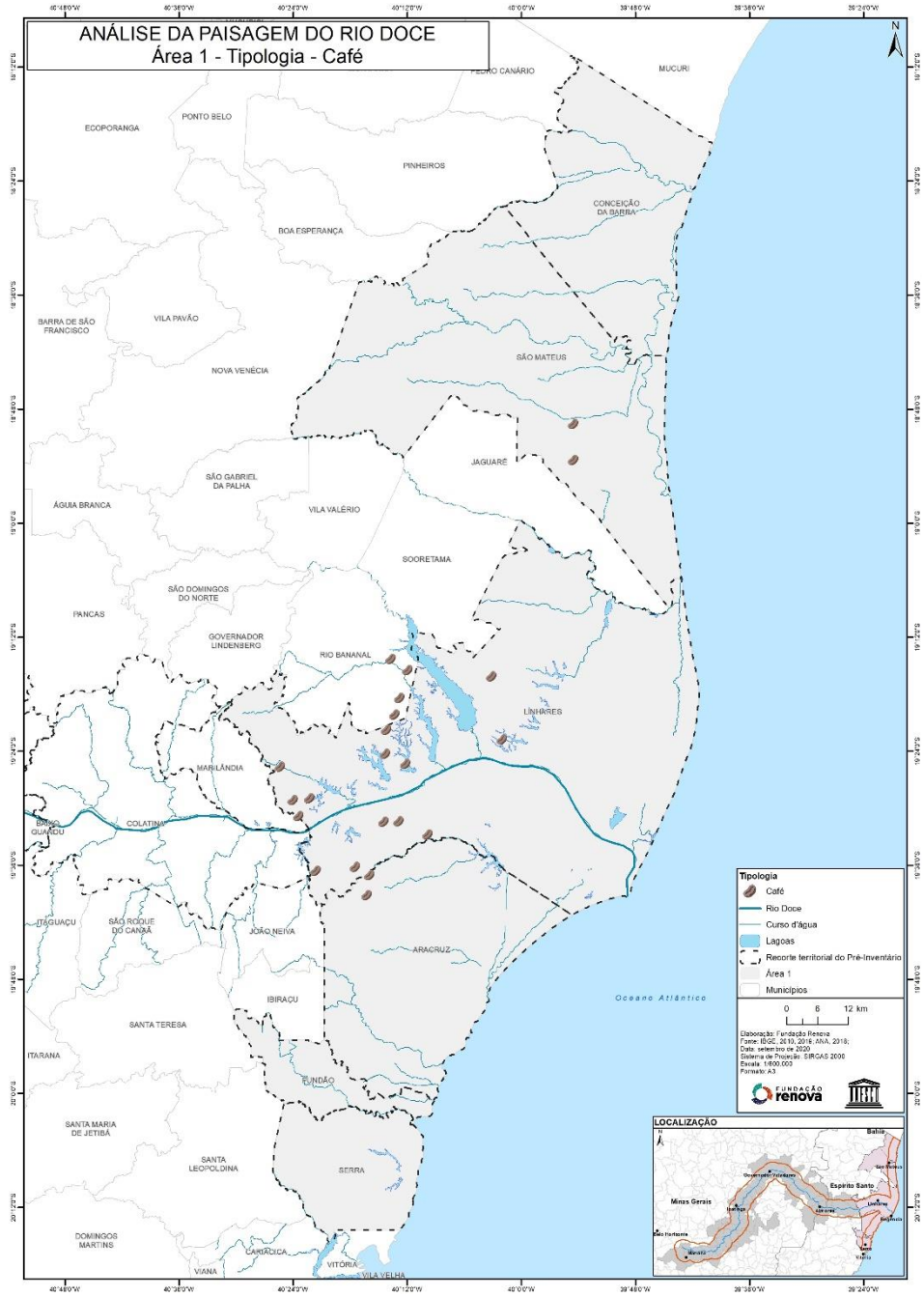
Café - o verde e os vermelhos

Figura 158: Paisagem de café nas proximidades do Córrego Doutor Jones, Linhares/ES, 2020.

Figura 159: Pés de café em plantação na região de Santo Hilário, Linhares/ES.

Figura 160: Irrigação de cafezais em São Francisco Córrego Doutor Jones, Linhares/ES, 2020.

Figura 161: Cafezais em propriedades particulares nas proximidades do Assentamento Primeiro de Agosto, Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: Organização realizada com total controle humano.

"Rapaz, você podia levar numa fazenda, visitar uma lavoura de café, que tem um colega meu que é meeiro, isso é bonito para você tirar umas fotos e mostrar, isso é bom, é bonito" (Ronisvaldo de Souza Simões, 65 anos).

O café é uma importante cultura agrícola em termos econômicos e socioculturais na região da foz do rio Doce. Ele protagoniza uma paisagem em que a exploração econômica da terra se associa a modos de vida desenvolvidos ao longo do tempo pelas populações que se dedicaram a este cultivo. Em terras altas, algumas áreas montanhosas, quando observadas de longe, são cobertas por um verde escuro homogêneo caracterizado pela organização linear dos cultivos, pelas linhas marrons dos caminhos que acompanham as curvas do relevo. As plantações por vezes se estendem por entre os morros a perder de vista, tendo as montanhas mais altas como pano de fundo (Figura 158). Os pés de café chegam até a beira da estrada de terra e são facilmente acessíveis por quem passa.

As plantações de café não aparecem sozinhas nessas paisagens. Elas se articulam ao relevo dos morros e montanhas, que dá a temperatura adequada para o estabelecimento das lavouras. O café é encontrado em regiões altas e úmidas que recebem insolação e têm áreas de sombras devido ao relevo característico. Nessas regiões de clima mais frescos e terras férteis, as lavouras se beneficiam tanto dos nutrientes do solo quanto das chuvas. Trata-se de uma cultura que exige muita água. Por isso um elemento frequente nessa paisagem são os canos de irrigação e dispersores automáticos de água. Quando chove, os caminhos de terra – estradas e carreadores – se tornam lamacentos com a formação de atoleiros, o que torna o trânsito de veículos nesses locais uma tarefa arriscada. Nos períodos de estiagem, a irrigação artificial lembra da relação do café com as águas dos rios e lençóis freáticos, cujas águas são drenadas para manter as plantações (Figura 160).

Também estão presentes, especialmente nas grandes fazendas, galpões e barracões que abrigam estruturas de produção agrícola. Máquinas como despolpadoras, secadoras tubulares, fornos e ensacadoras, podem ser vistos nas propriedades que abarcam mais de uma etapa do processo que integra a cadeia produtiva do café (Figura 162). Delas sai, muitas vezes, a fumaça do processo de secagem e torra, a fuligem dos fornos que enegrece o concreto e o maquinário. Sente-se o odor misturado da lenha queimada e do café torrado, observa-se também os tocos de madeira que alimentam os fornos empilhados à espera de uso. Essas instalações demandam energia elétrica que é fornecida pelas redes de abastecimento e por geradores que garantem a continuidade dos trabalhos em momentos de queda de energia. Além disso, canais de descarte da água utilizada no processo de despolpa cortam os terrenos em direção a cursos d`água nas proximidades. As propriedades menores que se dedicam ao cultivo do café não contam, muitas vezes, com os melhoramentos e as estruturas de beneficiamento que complementam o processo produtivo, o que faz com que seus responsáveis tenham que recorrer a instalações de outras fazendas, resultando em uma rede de serviços entre os diferentes núcleos produtores e consolidando uma

interdependência entre aqueles que se produzem nessas paisagens: *"(...) lá funciona um secador bem grande de pimenta, de café... Então, dá emprego, alimenta muita gente aqui durante o ano inteirinho, entendeu?"* (Claudia Rigones, 46 anos). A instalação desses equipamentos, que gera um alto custo para proprietários de menor poder de investimento, faz com que se busque aproveitar ao máximo as utilidades do maquinário, seja conjugando produtos a serem beneficiados, seja prestando serviços para outros produtores, diminuindo sua capacidade ociosa.

Figura 162: Secadoras de café em propriedade rural nas proximidades em São Rafael, Linhares/ES.

Algumas dessas grandes plantações são margeadas por culturas de eucalipto e seringueiras, como na Figura 163, na próxima página, em que os cafezais são secundados por uma extensa fileira de eucaliptos. Essas grandes plantações de café são resultado do investimento de grandes proprietários e de moradores locais que arrendam as terras de alguns desses proprietários, por vezes em conjunto com outras pessoas da localidade, assumindo as tarefas do cultivo como meeiros.

Figura 163: Plantação de café próxima a eucaliptal, Linhares/ES.

Nessa configuração, observa-se diferentes usos nessas paisagens por proprietários de pequenas e grandes áreas, meeiros, arrendatários e

trabalhadores rurais empregados no plantio e na colheita, popularmente chamada de “panha” do café. Enquanto proprietários e meeiros procuram produtividade com vistas a recuperarem investimentos na lavoura e gerarem renda da terra, os trabalhadores, de forma sazonal, se empregam nas lavouras em temporadas. O Café, portanto, gera oportunidades de empregos temporários, em regime de diárias, o que atrai trabalhadores de diversas procedências. Muitos deles vêm das comunidades nas imediações das fazendas, revelando um importante elo entre essas paisagens e a das Comunidades Rurais. Outros vem de regiões mais distantes, mesmo de outros estados, para aproveitarem a disponibilidade de vagas de trabalho. Não é raro ouvir frases como *“o meu pai veio trabalhar na colheita de café, aí trouxe a família que aqui era melhor”* (Flávia Onorato, 33 anos).

O café também aparece em outra configuração, na qual os cafezais estão consorciados com plantações de mamão, banana e pimenta-rosa, outras culturas largamente difundidas na foz do rio Doce e nos municípios do Litoral Capixaba (Figura 164). Os consórcios buscam aproveitar ciclos complementares, otimizando as formas de obtenção de produtos da terra. Essa configuração é mais associada ao regime de arrendamentos, ao trabalho dos meeiros, que buscam complementar a renda obtida com as plantações de café com culturas de ciclo curto, associando as plantações para terem colheitas ao longo de todo o ano e garantirem o sustento de suas famílias. Nessa configuração, o café possui relações com as paisagens de roças e de cultivos agrícolas e florestais. Enquanto consórcios de café com mamão e pimenta-rosa apontam para esse contato com os cultivos agrícolas e florestais, as pequenas plantações de café de famílias detentoras de lotes rurais estabelecem esse elo com as roças consolidado pelas práticas culturais historicamente cultivadas pelas populações locais.

Figura 164: Consórcio de café com mamão nas imediações do distrito de Desengano, Linhares/ES.

Presente em grandes ou pequenas dimensões de terra, o Café está diretamente ligado a processos econômicos e históricos brasileiros. O estabelecimento das lavouras cafeicultoras se deu ainda durante o período em que vigorou a escravidão no Brasil, tendo contado com o trabalho de negros escravizados nos primeiros tempos, como, por exemplo, na região do Assentamento Paulo Vinhas, nas proximidade de Dunas de Itaúnas, Conceição da Barra/ES : *"aonde meu pai mora, que tem a fazenda, não sei se vocês já ouviram falar, é a antiga fazenda do Barão do Tibuí. Vocês já ouviram falar? (...) tinha as ruínas, né? Então antes do meu pai, tinham outros fazendeiros que foi depois do Barão do Tibuí, entendeu? Então era tudo... Tinha café da época dos escravos ainda quando o pai do meu pai, que é meu avô, comprou. Tinha café da época dos escravos, tinha os engenhos de casa de farinha"* (Cláudia Martins Rigonis, 42 anos).

O Café na foz do rio Doce remete ao contundente processo de imigração italiana ocorrido entre as últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. Incentivados pelo governo brasileiro, os imigrantes se estabeleceram como proprietários e trabalhadores rurais em regiões que passaram a ser ocupadas pelo cultivo de café, produto que ganhou importância na pauta de exportações brasileira no último quartel do século XIX, atingindo seu apogeu nas décadas de 1930 e 1940.

O Café concentra tempos históricos. O mergulho nessa paisagem faz emergir a dinâmicas de segregação de uma sociedade escravocrata que até hoje está marcada na organização do território e na arquitetura da calha do rio Doce. Nas montanhas, as evidências desse processo podem ser observadas pela concentração de casas de alvenaria e de população branca vinda da Itália e do interior de Minas Gerais; por sua vez, nas baixadas e no litoral de Linhares e São Matheus se observa resquícios de casas de estuque e a concentração Quilombolas Pescadores Artesanais. Após a abolição da escravatura, a população negra escravizada no Café, sem terras ou qualquer apoio do governo para entrar no mercado de trabalho, foi marginalizada para regiões de menor produtividade agrícola e tenderam a se concentrar no entorno de lagoas e rios e próximas ao mar, áreas onde conseguiam recursos para sua subsistência.

O processo de imigração de italianos, o tráfico de escravos e o genocídio do povo indígena são processos derivados do Café que compõem o tecido social da foz do Doce. Até hoje essa mescla é observada nas características físicas, nos nomes, sobrenomes e na culinária do território.

Antes do Café era tudo mata. Os primeiros imigrantes vindos da Alemanha e da Itália tiveram de se embrenhar na densa Mata Atlântica e, utilizando-se de serras e facões, abriam caminho para se instalarem. Enfrentavam também animais, como onças ferozes, que faziam com que as construções tivessem que ser adaptadas para afastar o perigo de ataques durante a noite: *"[tinha] muito pouco, pomeranos, pomeranos. (...) Eles tinham que fazer as casas assim de escada, de rolete de pau assim, para dormir no alto, porque tinham medo de onça, naquela época tinha onça ainda e ia fazendo as picadas, assim para fazer queimada, para fazer plantio, tudo*

de mata, aqui em Desengano era pura mata. Eles encaram isso tudo, fazendo trilha, aí naquela vez tinha facilidade para pegar terra, um [pegava] dez alqueires, outro vinte e o pai do papai mesmo, ele pegou esse setor aqui de Desengano, pertenceu tudo a ele" (Zelia Scarpati, 75 anos).

A importância histórica do Café se associa também ao fluxo sazonal de trabalhadores nas propriedades para o plantio, colheita e a despolpa dos grãos. A fixação de parte dessas populações contribuiu para a formação de diversos povoados, como Desengano, São Rafael, Japira e outras localidades da foz. Por isso, o Café faz parte do cotidiano dessas populações não só no presente, mas também na produção de memórias familiares e de círculos de amizade. Através do convívio proporcionado pelo compartilhamento de espaços próximos às fazendas, muitas famílias constituíram laços de amizade ou matrimônio, tecendo uma complexa teia de relações que integra essas paisagens. As memórias do Café são elementos sensíveis da experiência humana de domesticação do ambiente. Essas memórias evocam o cotidiano do trabalho nas lavouras, a ligação com a terra e com as matas que circundavam as lavouras e que, com o tempo, foram sendo suprimidas. A importância do café nas memórias locais de comunidades em Linhares, Aracruz e Conceição da Barra faz com ele integre o rol de representações locais sobre as práticas tradicionais, como observável na Figura 165 que apresenta a releitura pela artista plástica linharense Ângela Gomes, da obra "Café", de Cândido Portinari. Nela é possível observar diversos elementos característicos dessas paisagens, como o verde escuro dos arbustos sendo debulhados por trabalhadores utilizando seus tradicionais chapéus de palha ou feltro, o marrom avermelhado da terra molhada, os tons crus das sacas de café sendo carregadas por trabalhadores brancos e mulatos.

O café foi responsável pela supressão de consideráveis porções de mata na região de Linhares e, em menor medida, nos municípios de Aracruz e Conceição da Barra. O estabelecimento de famílias de imigrantes se somou à atração de pessoas vindas de outras regiões, de Minas Gerais, da Bahia e do próprio Espírito Santo em busca de terras ou trabalho.

Figura 165: Releitura da obra "Café", de Cândido Portinari, 1935 por Angiela Gomes. Acervo INCAPER, Linhares/ES.

"Mamãe era pessoa do interior que trabalhava na roça, panhava café e tal, quando ela estava grávida, ela trabalhava no interior panhando café e acho que ela só via árvores, só via verde e eu nasci com isto. Então, baseado nisso eu acredito que eu peguei isso antes do nascimento né?" (Silvano Ramos, 84 anos, Mar Azul, Aracruz).

O Café experimentou um primeiro período de grande produção na região da foz do rio Doce até a década de 1940, ocupando áreas de montanha como as na divisa entre Linhares, Colatina, Marilândia e João Neiva. As representações sobre o café apontam para essa leitura do café como paisagem que dialoga com rios, montanhas, comunidades rurais, cultivos agroflorestais, pastagens e outras atividades da vida no campo (Figura 166). O café deixa sua marca nas curvas de tonalidade verde escura nas regiões mais altas, com a silhueta das montanhas a suas costas. As representações do Café associado a dinâmica da vida rural apontam para a existência de comunidades que tiram seu sustento e articulam suas vidas em torno do café e para a valorização da fartura e da diversidade de culturas agrícolas, elemento que, com o tempo, passou a ser substituído pelo protagonismo das plantações de café em detrimento de outros cultivos. Esse crescimento foi expressivo nas primeiras décadas do século XX, quando o café atingiu a dianteira da pauta de exportações brasileira, embalado pela política de valorização do produto nos mercados internacionais levada a cabo pelo governo da Primeira República.

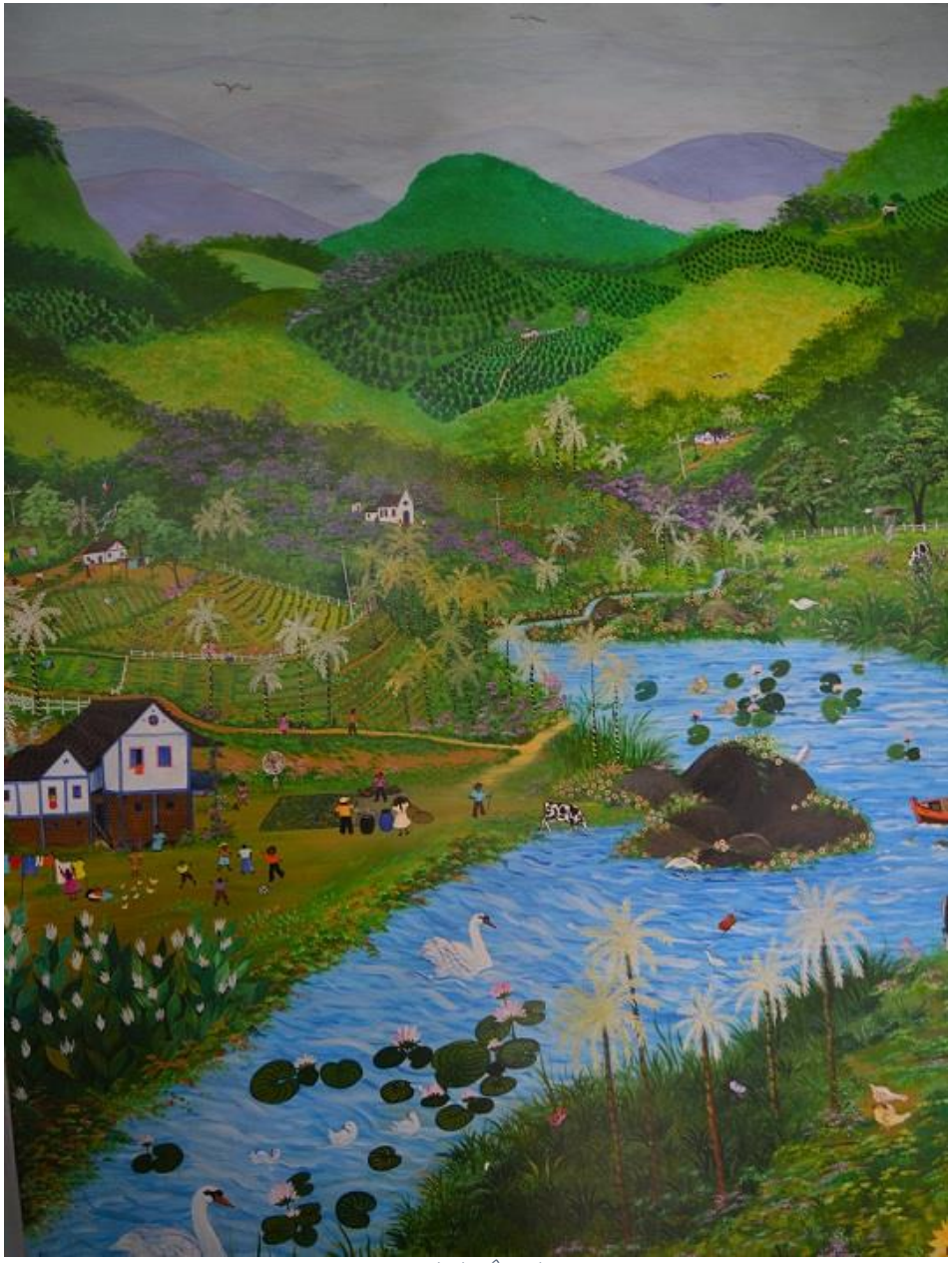


Figura 166: Sem Título. Ângela Gomes, 2006.

A partir da década de 1940, contudo, a crise do setor cafeeiro levou à derrocada de muitas das fazendas produtoras de café, o que levou à diminuição da área de paisagens do Café na região de Linhares, Aracruz e Conceição da Barra. Nesse período observou-se a emergência do ciclo madeireiro e da instalação de pastos nas antigas terras de lavoura.

Em meados do século XX, as iniciativas para incentivar os produtores foram pontuais e não surtiram efeito duradouro, restando o cenário de estagnação dos produtores e o processo de substituição das antigas áreas de cultivo por pastagens: "*no início da década de 60, tava a questão do café, né? E aí, no período em que foi feita a ponte lá de Colatina (...) começou a questão do café crescer. E depois, café caiu e aí ficou parado"* (Herval Nogueira Junior, 57 anos). Nesse processo de declínio do café, que durou por toda a segunda metade do século XX, as áreas antes ocupadas pela cultura foram paulatinamente sendo utilizadas em outras culturas e transformadas em pastagens.

Somente em 2000 observou-se um novo movimento de retomada das lavouras de café, que acompanhou o crescimento da produção agrícola como um todo na região da foz do rio Doce: *"era tudo pasto, antigamente era tudo gado, gado de leite, gado de corte. Aí hoje em dia não, hoje em dia eles não estão mais interessados em gado nem de corte, nem de leite porque o preço que está o boi, está acabando com todo mundo né? Então eles estão apelando mais para o lado da borracha, que é o que está dando dinheiro. O café aqui ainda tem, eles mexem com peixe também, maracujá essas*

coisinhas que estão dando lucro para os fazendeiros. Já tem muitos anos já, desde dois mil... Começaram a plantar. Todas as fazendas agora estão plantando tudo isso agora" (Angelita Maria Gama, 51 anos).

A partir de politicas de estímulo realizadas pelos governos federal, estadual e de Prefeituras Municipais, apostou-se no modelo de agricultura mecanizada com vistas a altas produtividades e visando os mercados interno e externo. Assim, ao longo das duas últimas duas décadas, a produção cafeeira no Espírito Santo aumentou vertiginosamente e a região de Linhares ganhou especial destaque nesse cenário, especializando-se na produção do café conillon, uma espécie de grãos menores e polpa menos espessa que demanda menores custos de produção e é considerado de menor qualidade no mercado, possuindo menor valor agregado e atendendo a públicos de maior escala. A especialização na produção de café conillon levou à instalação de vastas áreas de café nas regiões mais altas da Área 01, especialmente no município de Linhares, atualmente o terceiro maior produtor de café do Brasil. Dados do IBGE apresentam um crescimento de 128% na produção local entre os anos de 2017, que rendeu a colheita de 18,7 mil toneladas, e 2018, cuja produção apurada foi de 42,8 mil toneladas. Esse crescimento foi causado pela introdução de novas tecnologias, melhores condições de abastecimento e acesso a melhoramentos genéticos trazidos pelas ações desenvolvidas em parceria pelo INCAPER e a Secretaria Municipal de Agricultura. O INCAPER apoia com ações de capacitação para o manejo, irrigação, nutrição e despolpa nas lavouras. A Secretaria de Agricultura de Linhares, por sua vez, presta auxílio através dos programas Ponte Rural, Calçamento Rural e Caminhos do Campo, voltados à garantia de melhorias na estrutura de abastecimento e escoamento da produção.

A instalação de lavouras de grandes dimensões e a necessidade de se obter altas taxas de produtividade para garantir a viabilidade dos investimentos no café do tipo *conillon* levaram à supressão de regiões de mata ainda existentes mesmo após décadas de devastação: *"Daqui uns dias, só vai ter a mata aqui na frente do asfalto, porque no meio já não vai ter a mata mais, porque eles vão fazer casa, vão plantando café, fazendo outras coisas e acaba"* (Vilma Pimentel de Souza, 59 anos).

Outro elemento que vem dinamizando essas paisagens é a mecanização de algumas fazendas, contribuindo para a modificação das formas e relações de trabalho: "do café eu falei que traz muitas pessoas, hoje também é quase mecanizado né? Mas requer ainda muita mão de obra, trazia muita coisa" (Reuber Costa Nascimento, 61 anos). Em termos das formas de trabalho, se os avanços tecnológicos e as demandas empresariais trouxeram máquinas e técnicas que substituíram braços humanos, estes não deixaram de trabalhar na terra e nos arbustos verde escuros que protagonizam diversas regiões dos municípios da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba.

A instalação de um modelo e trabalho empresarial nas lavouras levou à intensificação do uso de insumos agrícolas, como fertilizantes e pesticidas, que interferiram na qualidade das águas correntes e do subsolo das regiões

de lavoura e são associadas à degradação dos recursos ambientais: *"eu não sei te dizer se é água limpa da cachoeira ou se é água poluída. Porque devido os plantios de café, né? Café e a pecuária que o rio corta né, antes de chegar na cachoeira, ele passa nessas localidades né? Então quando chove, se tem agrotóxico na lavoura eu acho que vem na água né? Então não tem aquela preservação como deveria ser né?"* (Flávia Onorato, 33 anos). As mudanças trazidas pela reemergência do café na região da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba levaram à intensificação da relação desigual entre essas paisagens e as águas que historicamente as alimentaram, com saldo negativo para essas últimas. As sensibilidades de alguns moradores que experimentaram esse processo apontam para a percepção de insegurança hídrica causada pelo uso excessivo, pelas mudanças climáticas e pela substituição da cobertura vegetal. "*A paisagem, se o tempo corresse bem igual ao que está agora, era lindo demais, mas esses tempos passados, na época da seca, fazia tristeza. Você olhava, você não via nada verde, você estava molhando café, molhando, molhando para sobreviver, segurar verde, (...) por isso que eu digo, a paisagem é totalmente diferente, por conta do clima, do tempo também"* (Zélia Scarpati, 75 anos).

Outro desafio associado ao Café, que também está presente nos demais cultivos agrícolas e florestais por se tratar de *commodities*, diz respeito à depreciação do preço do grão nos mercados regionais e nacionais: "*Só viver do café não dá né? Que está muito baixo. Não sei porque no ano passado o café deu aquele preço todo e voltou e agora não tem jeito. Duzentos e oitenta que ele não sai. Foram quinhentos contos. Teve gente que vendeu a quinhentos e cinquenta"* (Adirson Gomes da Silva, 72 anos). Trata-se de uma incerteza que atinge fortemente os pequenos produtores. A dependência dos preços de mercado faz com que muitos deles tenham que recorrer a empréstimos e financiamentos que drenam parte dos lucros e envolvem aqueles que se ocupam das lavouras em espirais de endividamento que por vezes trazem problemas financeiros: *"A gente gostaria só que os preços das coisas fossem melhor entendeu? Fosse... Por exemplo: se o governo, hoje em dia é assim, nós acabamos a colheita de café, por exemplo, você não sabe se você vai vender o café hoje, amanhã está mais caro entendeu? Aí você acaba se complicando"* (Tarsisio Dias de Oliveira, 60 anos).

"Planto café e pimenta-do-reino. Hoje eu mexo com isso. Aí, de manhã cedo eu já acordo, já tomo um cafezinho aqui e já parto pra roça. Trabalho lá e onze horas venho almoçar. Você tá vendo, eu já cheguei e já almocei, eu tava com fome. A comida tava quentinha, bem na hora do almoço. Aí descanso uma hora, uma hora e meia e corre de volta pra roça de novo. Aí até umas quatro horas..." (Tarsisio Dias de Oliveira, 60 anos). Antigos hábitos, configurações laborais e formas de viver a paisagem do Café seguem protagonizado a contemporaneidade na calha do rio Doce. Eles fazem parte do modo de vida das populações que habitam vários pontos dos municípios de Aracruz, Conceição da Barra, Fundão, Linhares, São Mateus e Serra e que se orgulham de levarem a vida que vivem através do trabalho junto à terra, regrada pelos horários determinados pelas tarefas na lavoura.

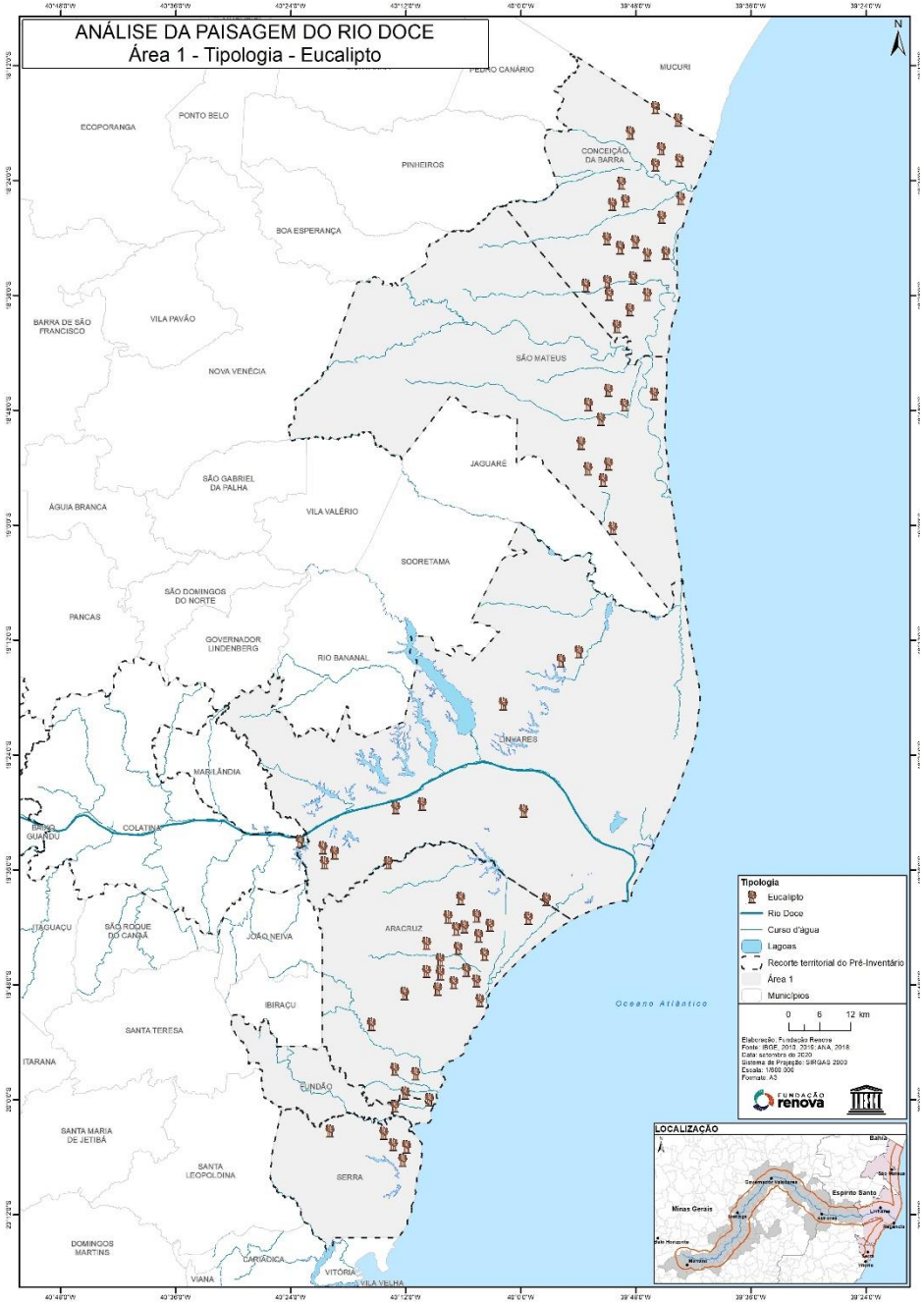
Eucalipto – a frente e o verso das polêmicas cortinas verdes

Figura 167: Plantação de eucalipto no município de Aracruz.

Figura 168: Plantação de eucalipto no município de Aracruz.

Figura 169: Plantação de eucalipto no município de Linhares/ES, 2020.

Figura 170: Eucaliptos às margens de rodovia em Conceição da Barra/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: Composta por espécie exógena e modos de produção extremamente diferentes dos modos de vida tradicionais.

"Os eucaliptos tomam muito... muito espaço de uma área nativa, onde você vê os animais silvestres né? (...) Você não vê nada, nem cobra. Porque não existe... a cadeia alimentar não existe para eles" (Silvano Ramos).

X

"(...) o plantio em mosaico, áreas de florestas plantadas intercaladas com áreas de preservação natural, propicia um ambiente adequado para a conservação dos ecossistemas e a reprodução da fauna e da flora" (Suzano S.A[13]).

As paisagens de **Eucalipto** são polêmicas, dividem espaços e opiniões. *Eucalyptus*, que deriva do grego significa "bem coberto". Esse gênero inclui mais de 700 espécies originárias principalmente da Austrália. No Brasil, o *Eucalyptus grandis* corresponde à espécie mais plantada, apresentando uma madeira leve e de fácil manuseio, utilizada como matéria-prima para serraria e laminação, sendo a principal fonte para fabricação de papel.

Os grandes polígonos utilizados por essas florestas contribuem para a sensação de vastidão. Esses recortes geométricos são formados por florestas plantadas, principalmente pelas empresas fabricantes de celulose e papel. Além destes produtos, as florestas plantadas também fornecem madeira para a fabricação de móveis, produção de lenha e carvão para uso energético, extração de óleos essenciais, entre outros.

As paisagens de **Eucalipto** são extensas e homogêneas. A árvore, principal elemento da paisagem, é formada por um tronco principal retilíneo com galhos curtos e finos. As folhas espalhadas pelos galhos possuem um tom de verde claro, sendo abundantes e volumosas quando a planta é jovem (Figura 167), diminuindo de quantidade na medida em que a planta vai envelhecendo (Figura 168). Assim, quando a plantação de eucalipto é mais jovem, a cor verde sobressai no aspecto visual da paisagem, e a medida em que a planta cresce os troncos organizados nas linhas de plantio ficam mais evidentes.

As florestas plantadas se distribuem em grandes superfícies. Ao percorrê-las por terra, a sensação é a de contornar verdadeiras cortinas verdes, altas e densas, que cobrem qualquer possibilidade de visão do que está atrás. Em seu estágio adulto, essas árvores podem atingir mais de 50 metros de altura. Em uma perspectiva diferente, a vista aérea mostra que essas cortinas escondem não apenas as paisagens vizinhas, como o próprio formato dos talhões plantados (Figura 171).

[13] Manual de eucaliptocultura da Suzano (https://storage.googleapis.com/stateless-site-suzano-com-br/2020/02/Eucaliptocultura_-julho2014.pdf)

Figura 171: Plantio em mosaico, Suzano, Aracruz/ES.

É possível entrar nessas plantações por estradas sem pavimentação (privadas, mas de livre acesso), que são utilizadas quase unicamente pelas empresas responsáveis pelo plantio ou pelos moradores de algumas comunidades existentes nas margens das florestas. Por essa razão, são estradas pouco movimentadas em comparação a outras vicinais existentes no entorno. Nelas, pode-se ver apenas o movimento dos caminhões que transportam as madeiras, ou algum funcionário que trabalha na manutenção dessas vias. Ainda assim, a presença de pessoas é esporádica, pois como são paisagens manejadas conforme os ciclos da floresta de eucaliptos, na maior parte do tempo elas encontram-se desertas.

Figura 172: Luz e sombras nas estradas de eucalipto em Aracruz/ES, 2020.

Transitar pelo interior das paisagens de Eucalipto pode ser provocador aos sentidos. As estradas se perdem de vista na extensão das plantações, o que provoca uma percepção visual de que a paisagem não se modifica e nem se acaba, apresentando sempre a mesma forma e o mesmo aspecto. Tem-se a impressão de que se está transitando por um labirinto, e torna-se difícil encontrar uma saída caso o transeunte tome uma via equivocada, sem estar munido de um bom equipamento de localização. Ainda no campo visual, há a dança de luzes e sombras provocada pela

penetração dos raios de sol na floresta (Figura 172). O som que se escuta é o dos ventos agitando as folhas presentes na copa das árvores, do rangir da madeira e do estalar dos troncos. Ao caminhar nessas paisagens pode-se escutar também o ruído dos passos sobre as folhas secas dispersas no chão de terra, e sentir o perfume fresco característico das matas plantadas.

Figura 173: Paisagem de eucalipto na época do corte nas imediações da Lagoa Juparanã, Linhares/ES, 2020.

O **Eucalipto** é uma paisagem cíclica, dinâmica. Ao longo dos ciclos de produção que se desenvolvem ela muda de aspecto conforme o estágio em que o cultivo se encontra. Ao atingirem a altura e circunferência de corte, as densas, longas e retilíneas florestas são derrubadas, originando uma cena desnuda, na qual a cor marrom avermelhada dos solos se destaca devido à falta de vegetação. Sobre o solo desnudo se amontoam incontáveis pilhas formadas pelos troncos das árvores cortadas (Figura 173). Esse cenário realça o caráter poderoso e violento da ação humana, bem como o potencial transformador dessas ações sobre as paisagens, revelando uma dinâmica processual que ocorre tanto nas paisagens nativas quanto nas paisagens domesticadas, sempre que alteradas pelos seres humanos. Depois que as madeiras são recolhidas, pequenas mudas de árvore são novamente plantadas, e assim, um novo ciclo se inicia (Figura 174).

Essas paisagens estão associadas a um processo recente de desenvolvimento marcado por interesses econômicos e conflitos territoriais que se somou a outros ciclos econômicos responsáveis pela supressão das matas nativas. No Brasil, as matas nativas foram gradativamente sendo antropizadas ao longo do século XX, primeiro para o estabelecimento de lavouras de café e pastagens, depois no ciclo madeireiro, quando as madeiras brutas passaram a ser objeto de comercialização em massa. A partir da segunda metade do século XX, os planos de incentivo à silvicultura do Governo Militar, as estratégias de ocupação territorial adotadas pelo governo estadual (como a transformação das terras de uso comum em devolutas) e a ausência de documentação de propriedade que resguardasse a posse das terras tradicionalmente ocupadas por quilombolas, extrativistas e roças contribuiu para a instalação de grandes empresas de celulose sobre esses territórios. A expansão dessas paisagens a partir da década de 1960

gerou o processo de "imprensamento" de diversas comunidades, desencadeando conflitos históricos pela posse da terra. Com o avanço dos cultivos de eucalipto, as famílias que viviam nos terreiros e terras comunais passaram a ser "imprensadas" – termo utilizado para se referir ao cerceamento espacial de suas condições de existência física e social. O exemplo mostra o tipo de relação assimétrica que integra as paisagens de Eucalipto, nas quais grupos com diferentes poderes econômico disputam, não raro de forma conflituosa, o direito de uso da terra. Não por acaso, as paisagens de Eucalipto interferem em paisagens como as de Roças, Vidas Quilombolas, Comunidades Rurais, Rios, Cultivos Agrícolas e Florestais, dentre outras.

Figura 174: Berçário de mudas de eucalipto, Aracruz/ ES, 2020

Essas paisagens são marcadas por dinâmicas próprias no que diz respeito às relações de trabalho, acentuando assimetrias entre as empresas, os trabalhadores e as comunidades locais. O cultivo do eucalipto é uma monocultura de larga escala, e a mecanização dos processos de produção junto à expansão da cultura ao longo das décadas levaram tanto à diminuição da contratação de mão de obra local quanto ao êxodo rural (SALGADO; ALIMONDA, 2016).

O êxodo rural que ocorreu na região, especialmente para as periferias das cidades maiores, levou à extinção de comunidades inteiras. *"Então, a Fíbria e a Celulose acabou tirando também umas setenta famílias aqui do fundo, que viviam aqui, que acabou vendendo pra eles e foi embora, e virou aqui, um deserto verde, o fundo nosso, um deserto verde grande, de muito eucalipto, muito eucalipto"* (Adão Cellia, 61 anos).

Como em outras monoculturas mecanizadas, o vínculo do trabalhador rural com a terra torna-se praticamente inexistente, o que se agrava em um cenário no qual a quase totalidade das florestas plantadas localizadas no Litoral Capixaba somam cerca de 1.597 km^2 de extensão e pertencem a apenas dois proprietários: a FIBRIA (antiga Aracruz) e a Suzano Papel e Celulose, grupos empresariais de capital transnacional cujo principal interesse é comercial. Dessa forma, origina-se uma relação de distanciamento entre as comunidades e esses agentes "invisíveis" e "inacessíveis".

De modo geral, as comunidades que integram essas paisagens se queixam tanto dos impactos sociais quanto dos impactos ambientais sofridos pelas plantações, o que gerou afetividades negativas: *"porque o eucalipto não dá muito emprego pra ninguém, não dá... e traz muitas consequências pro meio ambiente"* (Claudia Martins Rigones, 42 anos). *"Pra mim não tem vantagem nenhuma, tem vantagem pra quem mexe..."* (Regina Vieira Pereira do Rosário, 52 anos). *"Tem hora que você anda, anda, anda, eucalipto puro. Então eu fico triste, mas... pouca coisa a gente pode fazer"* (Elza Soares, 63 anos).

Os impactos ambientais derivados da reprodução dessas paisagens são diversos, destacando-se aqueles relacionados à perda da biodiversidade devido ao desmatamento das matas nativas para implantação das florestas plantadas, degradação dos solos, contaminação e diminuição da quantidade de água na região onde ocorrem. A relação dos plantios de eucalipto com a falta de água é motivo de preocupação para grande parte dos habitantes da região. *"Eu vejo que o eucalipto ainda é um caos no nosso país, ele devora muito a natureza, inclusive a questão da água né?"* (Elza Soares, 63 anos). *"O tal do eucalipto, ele puxa muita umidade da terra, tá. Então, quer dizer, que nessa região pra cá, nós vemos que a água já é menos..."* (Elvira Nascimento, 51 anos). *"Eucalipto é... Uma árvore que ele.... ele puxa muita água, tem muitos poços que secaram, não tem? Por causa que ele puxa a água, não tem?"* (Regina Vieira Pereira do Rosário, 52 anos).

A população local observa com clareza essa correlação. No entanto, há uma linha no meio científico que ressalta que o eucalipto em si não consome mais água que outros gêneros; pelo contrário, a espécie é eficiente no aproveitamento desse recurso, chegando a consumir até menos do que algumas culturas agrícolas. Mas, essa polêmica também apresenta estudos qualificados que corroboram com a percepção das comunidades locais e comprovam que sim: há um real problema ambiental de estiagem dos mananciais, provisão e abastecimento de água associado à essas paisagens no Litoral Capixaba. No entanto, a responsabilidade por isso não recai no eucalipto enquanto planta, mas sim no próprio sistema de produção implantado, que ocasionou o represamento de diversos rios em barragens que visam a provisão de água para os cultivos, e o assoreamento de nascentes, por exemplo, para a construção de estradas vicinais usadas no transporte de madeira (SALGADO;ALIMONDA, 2016).

Além da diminuição da quantidade, a contaminação das águas devido ao uso de insumos químicos nas florestas plantadas é um tema amplamente relatado e que as pessoas que integram essas paisagens de Eucalipto trazem à tona. *"O veneno escorria assim claríssimo, claríssimo, clarinho, clarinho, clarinho. Tipo uma nascente mesmo, bem fininho, de tanto remédio que eles jogavam – e jogam até hoje, né?"* (Evânia do Rosário 30 anos). *"(...) quando não tinha eucalipto aqui (...) podia até tomar banho, água boa, água limpa. (...) Agora a água que tem no córrego não presta"* (Domingos Santos, 72 anos). Além dos impactos sobre a água, os habitantes também observam os

impactos do sistema de produção sobre a biodiversidade *"Ali em casa mesmo, vinha comer jaca, comer manga, você olhava assim estava lá, olha um lagarto lá. (...) É, e agora não vê mais, acabou, por causa desse eucalipto. (...) O eucalipto acabou com tudo. (...) Os eucaliptos que secaram aqui os córregos nossos, todinhos. (...) O eucalipto que consumiu com a terra, com os passarinhos. Passarinho chocou porque nós temos aqui, se nós não tivéssemos jaqueira, mangueira... eles iam comer o que? O eucalipto não tem nada pra passarinho comer"* (Domingos Santos, 72 anos).

De sua parte, as empresas de celulose e papel apresentam um outro ponto de vista: *"a eucaliptocultura abre oportunidades de trabalho e geração de renda por meio de empregos diretos ou indiretos e estimula o espírito empreendedor, incorporando moradores das regiões próximas às áreas de cultura à cadeia produtiva, seja como fornecedores ou usuários de madeira para beneficiamento em móveis ou embalagens, por exemplo".* As florestas da empresa são plantadas em mosaicos, intercalados com áreas de preservação ambiental (áreas de preservação permanente e de reserva legal definidas pelo Código Florestal), propiciando um *"ambiente adequado para a conservação dos ecossistemas e a reprodução da fauna e da* flora" (Figura 171). No manual de eucaliptocultura da Suzano (2014), não há referências à utilização de insumos químicos para o controle de pragas e doenças, e a empresa indica que *"o uso de fertilizantes para a produção de madeira na Suzano é feito de forma totalmente monitorada, com adubações até o terceiro ano do ciclo. A casca, as folhas e os galhos permanecem na área de produção florestal, enriquecendo o solo com húmus e seus nutrientes (técnica do cultivo mínimo), contribuindo para a ciclagem e reutilização dos nutrientes pela floresta, ciclo após ciclo (...) a cada tonelada de madeira, cerca de 300kg de resíduos são deixados na área de produção, o que equivale a quantidades consideráveis de nutrientes e carbono orgânico, permitindo assim o desenvolvimento da microbiologia, a proteção contra erosão e a conservação de umidade no solo."* Há controvérsias que alimentam essa polêmica, e estudos científicos apontam que o plantio incisivo dessa cultura durante décadas na região ocasionou a poluição hídrica devido ao uso intenso de pesticidas utilizados no combate às pragas, o empobrecimento e a compactação do solo, nos quais, *"até mesmo o plantio do eucalipto, só pode ser realizado através da utilização de métodos de adubação. A implantação de outras culturas nestas áreas tornou-se praticamente impossível"* (SALGADO; ALIMONDA, 2016).

Ao analisarmos a evolução da abrangência dessa atividade nas últimas décadas, observamos que enquanto o aumento das áreas de florestas plantadas representou 22% em relação ao que já havia 30 anos atrás no Litoral Capixaba, o mesmo representou 80% em relação ao que havia há 30 anos no Alto Doce, 140% no Baixo Doce e 196% no Médio Doce. Dessa forma, a busca por formas respeitosas de coexistência entre os diversos atores e elementos que compõem a paisagem – a água, os solos e a biodiversidade – se tornará cada vez mais importante tendo em vista o cenário futuro.

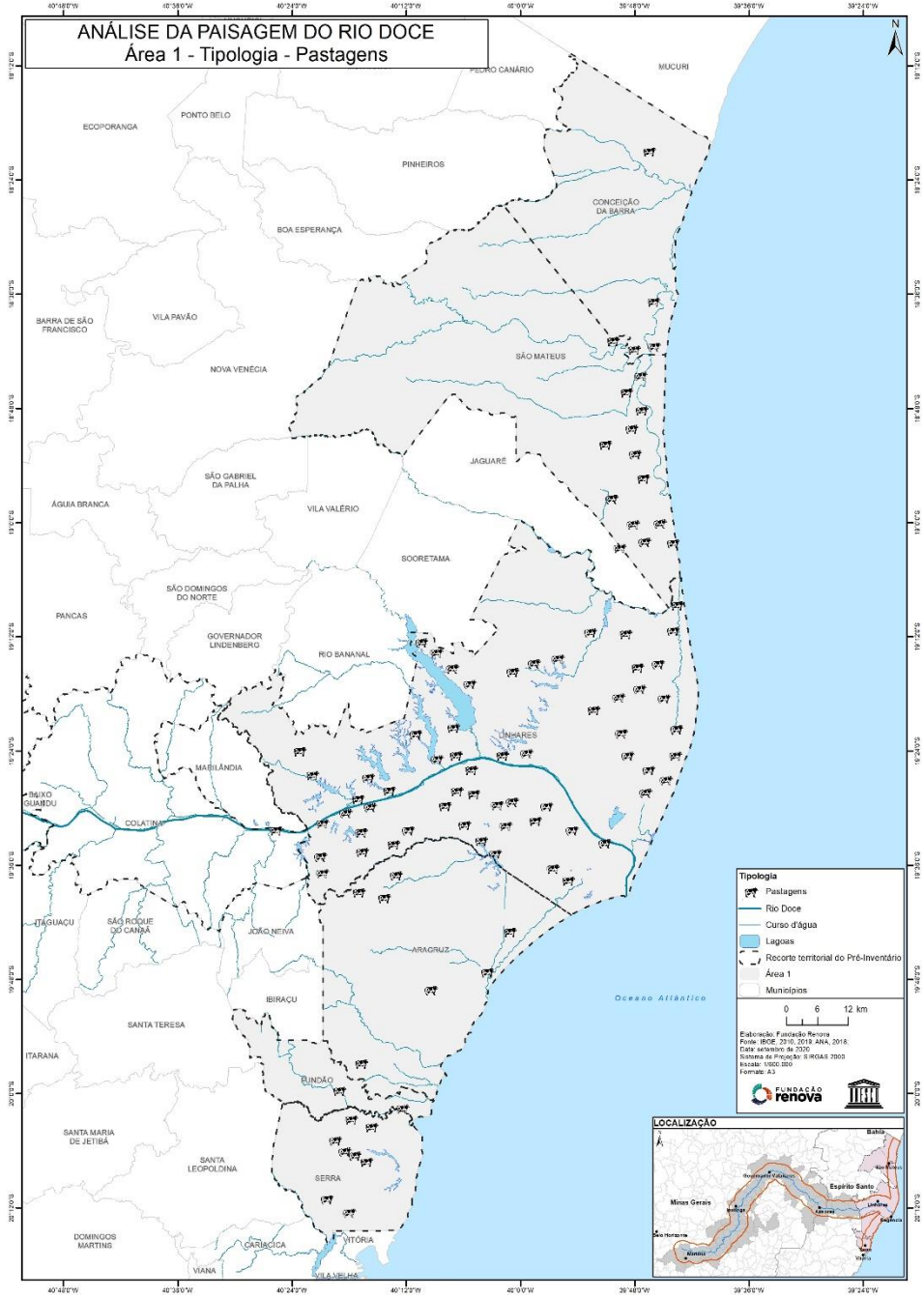
Pastagens – as criações

Figura 175: Pastagem com fragmento florestal próxima à localidade de Jacupemba, Linhares/ES, 2020.

Figura 176: Pastagem à beira da ES 248, Linhares/ES, 2020.

Figura 177: Pastagem próxima à localidade de Jacupemba, na zona rural de Linhares. Janeiro, 2020.

Figura 178: Pastagem em montanhas, Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: São paisagens domesticadas com forte nível de artificialização pois representam a domesticação não só dos animais, mas também do espaço, cercado e convertido.

As **pastagens** são paisagens constituídas por grandes áreas, em cujo primeiro plano se observa um horizonte colorido por capim de diferentes tons de verde, com pouca incidência de outros elementos (Figura 176 e Figura 177) além de suas cercas e de suas próprias criações. Localizadas em planícies e em terras altas (Figura 178), geram no observador uma sensação de amplitude e monotonia ao se espalharem pelo território com pequena densidade de ocupação humana e animal... *"...ah, eu só vejo boi. É, ué... quintal, como é que fala? É... Fazenda né? Curral, eu só vejo isso..."* (Léia dos Santos Silva, 41 anos). Ao fundo, em segundo plano, podem surgir montanhas, fragmentos de mata e outras plantações, emoldurando essa paisagem (Figura 179).

Os pastos são ora cultivados em sistemas de produção intensiva, conhecidos por "capineiras", integrando várias técnicas que aumentam a produtividade da pecuária (como uso de adubação, irrigação e pastejo rotacionado), adquirindo uma colocação verde com tons reluzentes (Figura *179*), ora em sistemas de produção extensiva, conhecidos por "pastos sujos". Esses últimos adquirem coloração verde mais opaca, que se mescla com outros tons provenientes das formações arbustivas, assim como as cores marrom e cinza provenientes de áreas pedregosas e encostas de morros, já que esse sistema abrange grandes extensões de terra, tendo a vegetação nativa que se regenera como um dos componentes da dieta alimentar dos animais (Figura *180*).

Figura 179: Pasto com piquetes no município de Serra/ES

Um aspecto marcante dessas paisagens é a quietude. São paisagens em que se ouve o vento ou, quando o ar está parado, o ruído da locomoção dos animais dispostos no terreno. Quando os pastos são entremeados de árvores e arbustos, o som dos pássaros é mais nítido. Quando constituídas por grandes áreas descampadas, os pássaros aparecem em revoadas, compondo o horizonte da paisagem que constitui a visada do observador. Ouve-se pouca atividade humana ao se transitar entre elas. Quando muito, um veículo ou poucas pessoas a tocarem os animais.

Figura 180*: Pasto sujo no município de Linhares/ES, 2020.*

Ao caminhar por elas, é impossível não atentar para seu odor característico, que mistura o aroma do capim com o do esterco, abundante nas áreas de maior concentração animal. Comumente, as pastagens beiram rodovias pavimentadas e são cortadas por estradas e caminhos de terra, que ao serem percorridos por veículos automotivos ou de tração animal, levantam uma poeira cujo aroma contribui para a sensação olfativa do observador, permanecendo impregnada nas roupas e na pele das pessoas. Nos períodos de chuva, a mistura da água com a terra e o esterco origina lamaçais e atoleiros, que possuem odor forte e aspecto movediço. Não é fácil transitar nesses caminhos enlameados, que apresentam trilhas cujo conhecimento é essencial para o tráfego de veículos, sem atolar.

Figura 181*: Paisagem de pastagem com gasoduto em São Mateus/ES, nas proximidades da comunidade de Ilha Preta.*

Essas paisagens contemplam a criação de animais de pequeno e médio porte como bovinos, búfalos, cabras e ovelhas. É comum os rebanhos parecerem pequenos pontos diante da grande extensão das propriedades. Além dos pastos, as paisagens são compostas por elementos como cochos, currais, canais e cercas. Por vezes, observa-se a presença de faixas de servidão para a passagem de gasodutos (Figura 181Erro! Fonte de referência não encontrada.).

As cercas limitam as áreas destinadas à criação animal e trazem a dimensão do tamanho das propriedades que a paisagem contempla: pequenas propriedades, médios ou grandes. Elas consolidam visualmente a privatização do espaço e se repetem com frequência no território.

As atividades de pastoreio demandam pouca mão de obra. Os trabalhadores, geralmente, são responsáveis pelos cuidados diários com as criações e pela manutenção da infraestrutura das propriedades. Apenas nas pequenas propriedades o pastoreio dos animais fica sob os cuidados do dono. As maiores extensões de terras ocupadas por pastos, porém, pertencem à latifúndios nos quais os proprietários não estão fisicamente presentes. O regime de aquisição e posse de terras com o qual essas paisagens se relaciona, atrai agentes externos e concentra a terra com potencial produtivo nas mãos de poucos proprietários, *"...tinha muita floresta, que tinha muita gente trabalhava na roça, tá, aí depois, eles foram pegando e foram vendendo tudo para esses fazendeiros, aí eles foram desmatando tudo e plantando pasto"* (Elvira Nascimento, 78 anos). Dessa forma, nos grandes latifúndios, observa-se certa impessoalidade na relação entre os proprietários das terras e os trabalhadores rurais que atuam diretamente nas atividades de produção.

Os trabalhadores, por sua vez, participam das relações de ruralidade que envolvem o convívio com os animais, a terra e as demais famílias que habitam as redondezas. Para estes, as pastagens são paisagens que integram os modos de vida tradicionais, nos quais a atividade agropastoril garante a subsistência. Os poucos empregos gerados pela atividade na região garantem o sustento de parte dos trabalhadores rurais, que atribuem a ela valores econômico, utilitário e identitário, associado ao estabelecimento das famílias no campo.

Ainda assim, as pastagens suscitam sentimentos ambíguos. Se por um lado são vistas como oportunidade de renda e empregos rurais, mesmo que em menor número, quando comparada à outras atividades econômicas, por outro, percebe-se que a substituição de matas originárias e de modos de vida em harmonia com a natureza trouxe revezes socioambientais. *"Olha... Já houve muita mudança, sobre avanço né, para bem-estar e qualidade de vida do nosso povo, é verdade, mas, também um retrocesso muito grande na questão da preservação ambiental"* (Sebastião da Assunção, 60 anos).

As pastagens são paisagens originadas através do processo de mudança nos usos do solo ao longo do rio Doce. As matas nativas foram gradativamente suprimidas para a exploração madeireira, cedendo lugar, principalmente, às plantações agrícolas e implantação de pastos. "*Aonde tem esse brejo que você passa, isso era mato. Aí ia roçando e plantando o arroz na colheita. E aí depois que veio esses moradores que não foram plantando mais arroz, aí foram plantando pasto. Mas era mais arroz puro que tinha*" (Maria da Conceição dos Santos, 74 anos).

Com a evolução dos ciclos econômicos e a derrocada da cultura do café a partir da década de 60, a pecuária ganhou protagonismo na região e se consolidou como uma atividade estruturante na economia local. Dessa forma, essas paisagens ressaltam o potencial transformador do homem ao longo do tempo... *"em 2010, mais ou menos, começaram a fazer pasto. Não tinha. Foi chegando os outros moradores (...) foram chegando e foram comprando, daí foram fazendo. Mas não tinha"* (Maria da Conceição dos Santos, 74 anos).

A substituição tanto das áreas de mata nativa quanto de cultivo de gêneros agrícolas pelas aparentemente monótonas áreas de pasto se associa ao regime de aquisição da terra ao longo do rio Doce, sendo que a especulação imobiliária influencia de maneira expressiva a dinâmica de consolidação dessas paisagens. Isso ocorre, sobretudo, quando se trata de áreas localizadas em zonas periurbanas, onde observa-se a intenção de reservar áreas em função da potencial expansão urbana, como a criação de zonas industriais e de condomínios residenciais. Essa peculiaridade permite observar as inter-relações entre essas paisagens.

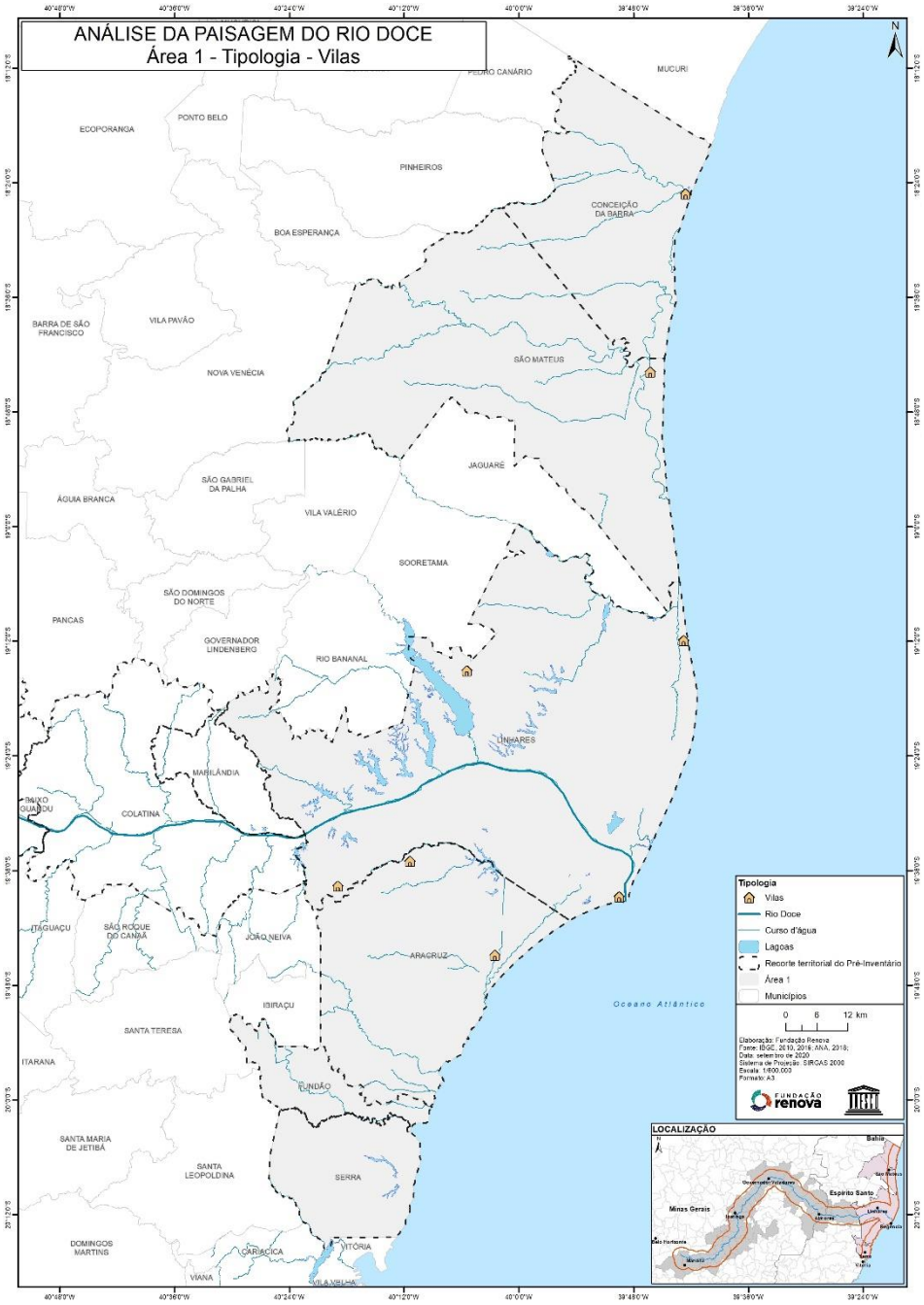
Em termos territoriais, 39% da área dos municípios de Aracruz, Conceição da Barra, Fundão, Linhares, São Mateus e Serra é ocupada por pastos, que se estendem nas áreas aplainadas e com menores declividades das Planícies Fluviais e Litorânea, concentrando-se principalmente em Linhares e São Mateus. A análise temporal da evolução do uso do solo ao longo da calha do rio Doce nos últimos 30 anos, no entanto, indica uma nova tendência de transformação. Essa mudança vem ocorrendo com mais intensidade desde 2005, e os municípios que apresentaram as maiores reduções entre o período de 1985 e 2018 foram Linhares, São Mateus e Aracruz. A redução dos pastos pode estar associada aos processos acentuados de erosão e consequente perda da produtividade. A retirada das florestas nativas somada às características naturais de solo e relevo condicionaram toda essa região a uma alta susceptibilidade a erosão, que é agravada nos pastos degradados onde o solo apresenta grandes concentrações de alumínio. Consequentemente, os pastos vêm sendo substituídos por outras atividades produtivas que apresentam maiores rentabilidades. Para entender esse processo, é necessário refletir sobre porquê e para quem se quer transformar e substituir os usos e valores da terra.

Figura 182: Igreja Assembleia de Deus e edificações comerciais em Jacupemba. Aracruz/ES, 2020.

Figura 183: Vila de Itaúnas, Conceição da Barra, ES. Pintura de Angelita Silferr, 2011.

Figura 184: Avenida das Luas em Pontal do Ipiranga, Linhares/ES, 2020

Figura 185: Igreja Matriz e Casa do Congo na Vila de Regência. Linhares/ES, 2020.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: As paisagens de Vilas são construídas pela ação humana no sentido de prover essas paisagens de moradias, locais de socialização e meios de produção e subsistência.

As Vilas são paisagens centrais e de intimidade. Sua centralidade deriva do processo de evolução urbana e da oferta de bens, serviços e estruturas essenciais, porém inexistentes em outras localidades do entorno, como mercados, correios, agência bancária, posto de saúde e escola. Já a relação de intimidade é reflexo da população pouco numerosa, condição que produz redes de solidariedade e garante, em alguma medida, a coesão do tecido social. Os laços familiares e a convivência fazem com que as Vilas sejam literalmente o lugar onde *"(...) todo mundo conhece todo mundo (...)"* (Evânia do Rosário Conceição, 30 anos). Nessas paisagens percebe-se que o compartilhamento de valores e da vida privada dos indivíduos são atributos marcantes em sua constituição, "...*todo mundo é assim meio como irmão sabe? Tanto do doutor ao pescador..."* (Luciana Oliveira, 48 anos). É uma relação bem diferente do que acontece nas Cidades, paisagens nas quais o anonimato não é uma opção, mas um imperativo da grande densidade demográfica.

As paisagens de Vilas incluem pequenos centros onde se observa diferentes graus de urbanização. São áreas cuja urbanidade decorre do processo histórico de ocupação da terra e de leis de ordenamento do município. No Litoral Capixaba, as Vilas incluem as sedes de distritos, mas não somente elas. Como exemplo podem ser citadas as Vilas na Ilha de Guriri, pertencente ao distrito de Barra Nova, em São Mateus e a de Regência Augusta, na foz do rio Doce, em Linhares. Essas paisagens são atravessadas por dinâmicas de poder, afetos e pertencimento que se expressam em sua história, na disposição das edificações na cidade e nas características das construções e nos troncos familiares e suas inter-relações. *"Regência com as suas ruas de terra batidas, com suas casas ainda de estuque outras é...acompanhando a mudança dos tempos, estão erguendo muros, colocando grades, mas ainda a gente, mesmo assim, mesmo dentro dos muros, as grades, tem pessoas simples que põe não por causa da violência, põe porque é tendência sabe? Mas mesmo assim, a gente ainda consegue saber quem nós somos, nós somos um povo da água, um povo da batida do Congo, nós somos um povo guerreiro porque somos descendentes de índios botocudos que não se dobrou a coroa portuguesa nós somos um povo que consegue pensar em coletividade, então, acho que isso tudo se transforma numa magia que está no ar e quando você chega em Regência é muito difícil você não se deixar contaminar dessa vibração gostosa"* (Luciana Oliveira, 48 anos).

Em relação ao histórico de formação dessas paisagens no Litoral Capixaba foram identificados dois processos distintos. Algumas localidades possuem uma formação considerada antiga, dos tempos iniciais da ocupação e povoamento dos territórios. Por diversos motivos, não acompanharam o desenvolvimento de outras localidades, diferenciando-se assim das sedes municipais, que assumiram o protagonismo. A vila de Regência Augusta em Linhares, por exemplo, foi fundada em 1800 e exercia centralidade no município em virtude de sua localização privilegiada e da comunicação exercida pela navegação do rio Doce, no início do século XX. Na década de 1950, porém, após a inauguração da BR-101 e da ponte Getúlio Vargas, a

sede municipal de Linhares se tornou mais dinâmica. Riacho, em Aracruz, chamada de "vila do Riacho" foi igualmente ocupada a partir do ano de 1800, com a criação de um quartel na confluência dos rios Riacho e Comboios. A instalação do quartel incentivou a ocupação da localidade por colonos. A vila, entretanto, não prosperou tanto quanto as sedes de Aracruz e a Barra do Riacho, mais próximas de áreas urbanizadas do município de Serra e da capital capixaba, Vitória.

Figura 186: Capela de São Benedito construída em 1864, na Vila do Riacho, em Aracruz/ES.

Outras localidades possuem formação histórica relacionada ao desenvolvimento tardio de alguma atividade social ou econômica, que proporcionou a transformação de algumas de suas características e impulsionou uma centralidade *"Era diferente porque aqui no tempo de mais novo eram poucas casas que tinha aqui né? Só tinha acho que cinco ou seis casas, famílias né? Aí foi aumentando a família, foi crescendo o pessoal e hoje tem quase vinte e cinco casas do pessoal da comunidade." (*Arnaldo dos Santos Pereira, 68 anos). Jacupemba, em Aracruz, teve seu desenvolvimento impulsionado pela construção da BR-101 em suas margens, se tornando distrito em 1983 (Figura 182). São também exemplares dessa polarização de pessoas as localidades que passaram a oferecer estrutura de turismo de veraneio a partir das décadas de 1970 e 1980, como a vila de Itaúnas, em Conceição da Barra (Figura 189), a Praia de Guriri, em São Mateus e o Pontal do Ipiranga, em Linhares. Essas duas últimas foram planejadas pelo poder público com objetivos específicos.

Figura 187: Mapa Turístico da Ilha de Guriri, São Mateus (ES)

Guriri cresceu como balneário turístico após a década de 1960, depois da construção da ponte sobre o rio Maricru. Antes, o acesso ao local era feito apenas por meio de embarcações. Após a construção da ponte, o então prefeito Othovarino adquiriu terras da família Vila Nova e distribuiu alguns lotes, primeiro gratuitamente, e depois para quem se comprometesse a construir no local em dois anos. A intenção foi permitir que os mateenses tivessem um acesso à praia em suas próprias terras, já que esses procuravam as praias do município de Conceição da Barra. *"(...) Guriri já tem vida própria, os governantes já começam a enxergar que tem que investir em turismo porque Guriri, eu entendo que ela é uma empresa a céu aberto, a melhor forma de gerar emprego e renda hoje em São Mateus é você investir no turismo em São Mateus e no turismo de Guriri"* (Paulo César de Oliveira Gama, 50 anos, Figura 187).

Pontal do Ipiranga, em Linhares, foi planejado na década de 1980 e inaugurado no ano de 1990. Algumas poucas famílias já residiam no local, mas naquele momento houve uma ação deliberada da administração municipal para incentivar a ocupação de famílias linharenses de classe média que desejavam acesso exclusivo ao mar. Nas décadas seguintes, a localidade experimentou um relativo crescimento e chegada de pessoas de outras regiões do país, movimento que foi impulsionado pela chegada do asfalto na década de 2010.

As Vilas são acessadas por estradas intermunicipais, podendo ser pavimentadas ou não. Ao adentrar nessas paisagens, percebe-se a existência de estruturas residenciais, estabelecimentos comerciais e de serviços. Nas vias centrais, geralmente pavimentadas e com quebra-molas para deter o movimento dos automóveis, se destaca a presença de uma variedade de estruturas arquitetônicas, antigas e modernas, que representam as moradias e os estabelecimentos comerciais, alguns deles de uso misto (Figura 184). Hoje em dia algumas casas perderam os contornos da arquitetura original: *"Antigamente não era assim, era casinha, tinha casinha de estuque, igual eles falam que é assim, hoje em dia não tem mais. Agora é tudo casa chique, vidro e cada dia que vai crescendo (...)."* (Evânia do Rosário Conceição, 30 anos). A tendência geral é de substituição e remodelação dessas estruturas arquitetônicas por materiais e estilos modernos. Já nas localidades

periféricas das Vilas predominam as residências, cuja arquitetura é bastante variável. As ocupações são irregulares, tendendo para a simplicidade. Predominam nessas periferias a falta de infraestrutura, a ausência de calçadas ou mesmo de pavimentação nas vias.

O comércio existente se mostra de pequeno e médio porte, destacando-se os restaurantes, bares, supermercados, açougues, farmácias e pequenos estabelecimentos de itens variados, como roupas, calçados e itens de papelaria. Alguns serviços públicos e privados também se fazem presentes, sempre relacionados a serviços essenciais, mas de pequena e complexidade. Os serviços de maior complexidade como universidades, hospitais, cartórios e comércio de automóveis são encontrados nas Cidades, paisagem, que sob a perspectiva da rede urbana, tem maior grau de concentração e atração de pessoas.

As praças e Igrejas católicas, como as da sede do distrito de Desengano, em Linhares (Figura 188), são elementos marcantes nas Vilas e virtualizam a herança do modelo de ocupação da colonização portuguesa, por mais que, atualmente, templos de outras religiões também se fazem presentes. Esses elementos configuram importantes áreas de convivência e entre as pessoas: *"É muito bonita [a Praça de Itaúnas] eu adoro, vivo bem ali sentada, só olhando para a praça, é linda a praça (...)"* (Evânia do Rosário Conceição, 30 anos, Figura 189).

Esses elementos são também edificações de interesse cultural e histórico e representam os lugares mais antigos, a partir dos quais a ocupação se iniciou e se ampliou. *"(...) ali era onde a gente chegava, começava ali nessa bifurcação, tinham duas ruas principais tinha o espaço territorial da vila, mas não era ocupado, não tinha gente para ocupar tudo aquilo ainda. Tinham uns lotes desenhados, umas casas para lá, umas casas para cá, a rua principal ocupada, lugares sem luz, lugares sem água, assim era na década de noventa. E na década de noventa, acontece a instalação de tratamento de água, rede de esgoto, né? Isso instala essas condições e (...) tinha chegado o telefone, aí depois os orelhões, aí depois os telefones nas casas né? Isso tudo aconteceu na década de noventa"* (Márcia Lederman, 50 anos).

Figura 188: Praça central de Desengano, Linhares/ES, 2020.

Nas Vilas animadas pela atividade turística, a estrutura da paisagem é um pouco diferente. Destaca-se o formato dos lotes, que são mais regulares, e das ruas e avenidas, que são planejadas para cortar as vilas nos sentidos longitudinal e latitudinal. Algumas avenidas exercem papel central na oferta de serviços e comércio. Já outras ruas são dominadas pelas casas de veraneio e pousadas para receber os turistas e nem sempre contam com cobertura asfáltica.

Figura 189: Igreja de São Sebastião na Praça Central da Vila de Itaúnas, em Conceição da Barra/ES.

As Vilas podem ter caráter sazonal. Na temporada de verão se animam pelo grande número de turistas que passam a circular. O fluxo de veículos aumenta nas manhãs e tardes, hora em que os banhistas se movimentam em direção às praias ou saindo delas. O comércio e a prestação de serviços também ficam mais movimentados. As noites ficam agitadas pela presença de veículos de som, pessoas circulando nas lojas, bares e restaurantes, além das festas que são organizadas para movimentar o turismo.

Em sentido geral, quando se fala do modo de vida, é possível relacionar as Vilas às paisagens que transitam entre um estilo de vida rural e urbano; por vezes o passado é relacionado a uma condição rural e o presente aproximado do urbano. Entretanto, a característica que diferencia as paisagens das Vilas é a convivência de elementos desses dois estilos de vida no presente, ora apresentando uma relação harmoniosa, ora conflituosa.

As atividades econômicas desenvolvidas nas paisagens de Vilas são diversificadas, o trabalho das pessoas transita entre ofícios tradicionalmente exercidos e a prestação de serviços ou atuação no comércio local. *"Aqui tem pescador, mas você não vive só da pesca, não consegue viver, a pesca não te dá a estrutura do ano todo. Eles só trabalham...tipo assim, chegou o verão, pesca aí tem outro trabalho. (...) Por exemplo, meu marido é pedreiro, meu pai é pedreiro, meu irmão trabalha numa pousada, porque tem que fugir do que você realmente é, pescador, porque você não consegue viver com pesca"* (Evânia do Rosário Conceição, 30 anos). Sobressai também a dependência que as Vilas possuem em relação aos centros urbanos no que se refere à quantidade de postos de trabalho ofertados, pois em muitos casos, não há trabalho disponível para todos. *"A gente não tem opção de trabalho aqui*

[falando de Regência]. Aqui o grande foco hoje é a fábrica do Tamar ali que eu já tentei entrar por duas vezes mas, entre as aspas é difícil. Eu sou costureira, eu tenho profissão mas... É difícil arrumar emprego aqui, principalmente mulher, é muito difícil, então eu optei por trabalhar em casa, eu gosto de cozinhar, eu gosto de crochetar eu gosto de bordar, eu gosto de pintar e aí eu invento minhas coisas em casa e é assim que eu ganho, que eu ajudo o meu marido no ganha pão de casa. É trabalhando em casa mesmo, aí fiz um grupo de vendas aonde eu vendo as minhas comidinhas, o meu crochezinho e assim a gente vai indo" (Léia dos Santos Silva,41 anos).

É comum nas Vilas a percepção de que a vida no passado era mais dura, mais difícil, pois se trabalhava muito e havia menos conforto que nos dias atuais, especialmente no que diz respeito ao fornecimento de energia elétrica, transporte, asfaltamento e serviços como educação e saúde. *"Naquela época, era tudo com dificuldade tá? Para os filhos estudarem tinha que ser com muita luta (...). A gente ia estudar em cima de uma caminhonete (...)"* (Elenir Ribeiro Rodrigues, 71 anos).

O caráter rural e por vezes precário dessas Vilas é responsável por um fluxo migratório de pessoas em direção aos centros urbanos mais próximos em busca de ensino ou melhores oportunidades de trabalho: "*Quer dizer, meus irmãos alguns depois foram crescendo né? Aí cada um procurou um rumo, até hoje tenho irmão em São Paulo, tem no Rio, tem em Vitória e tá espalhado, até Linhares tem... Tudo atrás de trabalho. Tudo atrás de trabalho né? Cada um migrou pra uma região, pra um canto e estão por lá"* (Manoel Afonso, 61 anos). Percebe-se, também, o movimento inverso, feito de um grupo de ex-moradores que retornam para esses locais de origem, em busca de uma convivência mais próxima com suas raízes e com a terra, especialmente com a aposentadoria, tempo de balanço e retorno ao lar: *"Ah, voltei em oitenta e oito, (...) deu aquela saudade daqui, eu falei, vou embora. (...) Rapaz, você ser criado num lugar, por mais que você saia, mas uma hora dá vontade de voltar, dá saudade, aí você já volta e.... Eu mesmo graças a Deus, daqui para melhor ou para pior que ninguém sabe né? Não é certo? E a gente vai tocando a vida do jeito que Deus permite e bora bora"* (Ronisvaldo de Souza Simões, 65 anos). Por fim, existe quem venha de fora, sem possuir origem ou raízes ali, buscando um lugar para viver no qual possam fruir um estilo de vida mais tranquilo e saudável: "*Eu nasci no município de Porto Segura que é Trancoso, na época, lá era emancipado, acho que não é até hoje, que Trancoso é município de Porto Seguro, nasci fui criada na área de Cariacica. Vim pra cá com quatorze anos de idade, aí fiquei até certa idade, depois voltei pra Trancoso e no auge do rompimento da barragem eu vim aqui logo depois numa festa, convidada por uma amiga, que hoje é a minha cunhada. Aí depois que me casei, trouxe meus filhos e vim morar aqui"* (Léia dos Santos Silva, 41 anos).

Sentem que ali podem vivenciar dias menos intensos e agitados que os dias nas cidades, com a vantagem de poderem contar com serviços e infraestrutura essenciais. Geralmente, são pessoas que já se desenvolveram profissionalmente em outros lugares e, dispondo de capital para investir em

uma vida mais tranquila, migram para as Vilas e iniciam atividades de comércio ou prestação de serviços, contribuindo para aumentar a oferta local.

Entre nativos, aqueles que resolvem voltar para a terra natal, ou ainda os que buscam um novo local para se estabelecer, há a percepção comum das paisagens das Vilas como lugares que oferecem "*qualidade de vida, de buscar um lugar assim, menos congestionado, menos poluído, menos violento e onde eu consigo ter acesso aos recursos naturais, às belezas naturais (...)"* (Breno Barroso Boos, 30 anos).

As pessoas possuem relações diferentes com as Vilas, mas sobressai o caráter íntimo e afetuoso. *"Então...tipo assim, [em Itaúnas] você sentir a brisa no seu rosto, (...) você ia sentir que seria uma paz, você ia ver o silêncio, só os cantos dos pássaros, você ia ficar maravilhada só por isso, você acordar, abrir a sua janela e escutar o canto dos pássaros, melhor coisa que tem"* (Evânia do Rosário Conceição, 30 anos).

Figura 190: Barra do Riacho, Aracruz/ ES, 2020.

As Vilas trazem também a questão identitária, pessoas que se criaram nesses lugares, que viveram suas vidas dedicadas ao lugar e à comunidade, que reconhecem suas transformações pessoais com as transformações do lugar, desejando sempre torná-lo melhor. "*Não sei viver em outro lugar. Dizem que quem bebe a água lá de baixo, do Riacho, nunca mais deixa de voltar aqui. E eu poderia estar em outro lugar, mas eu construí minha vida aqui e eu amo esse lugar, eu quando eu vim para cá, nem sei a expectativa, eu era nova e foi aqui que eu me tornei essa mulher, essa mulher que vai mesmo correr atrás do que precisa (...). É minha vida, minha história está aqui."* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Ainda que o passado das Vilas traga uma carga de penúria, carência material e trabalho árduo, traz memórias relacionadas às práticas da vida comunitária e às celebrações culturais. *"Eu lembro que a gente recebia muitas pessoas de Povoação, vinham canoas e mais canoas de Povoação com congo ou festa de Cosme e Damião e as festas duravam três, quatro, cinco dias e era muito carneiro, muito peixe, muita galinha e nessa época também a gente podia comer tartaruga que não tinha chegado ainda o TAMAR então a gente salgava a carne da tartaruga ao sol e bebíamos o ovo da tartaruga. (...) E era uma festa linda porque era uma festa do Congo, com muita batida de tambor, com muitos vinhos também da igreja católica e a gente se misturava ali, era tudo muito encantado né? Porque eram pessoas diferentes e ao mesmo tempo tudo muito, muito igual né, igual na batida, igual na alegria, igual na saudação, na gratidão."* (Luciana Souza de Oliveira, 48 anos). Os festejos nas Vilas coloriam as ruas, traziam movimento, proporcionavam encontros. Até hoje as festas ocorrem especialmente quando promovidas nas paróquias de cada comunidade, ligadas ao santo homenageado: São Pedro, São Benedito, São Sebastião, dentre outros santos padroeiros.

As igrejas e associações, assim como as praças e alguns estabelecimentos comerciais são lugares em que a convivência comunitária estreita os laços de amizade e familiaridade existentes. *"(...) aqui a gente vive muito em função da própria comunidade, a comunidade é a nossa família, né? Então, a gente vive assim, na função de tentar solucionar as demandas da comunidade (...). Na associação de artesãos, no comércio e também na igreja, a gente trabalha várias coisas ao mesmo tempo, que acaba uma ligando na outra."* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Nesse relacionamento, os dramas individuais e coletivos acabam sendo compartilhados também, já que "*(...) é tudo um só, acaba sendo um só, como a gente vive numa comunidade pequena, as alegrias e tristezas, elas se resumem na igreja, nas associações, nas nossas casas e no artesanato."* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Figura 191: Crianças brincam o carnaval nas ruas de Regência, Linhares/ES, 2020.

Há vários olhares que indicam que as Vilas são lugares pacatos e seguros, em que se leva uma vida sem a violência e a preocupação com a

seguridade que atualmente caracteriza a vida nas grandes cidades. "*Você pode andar tranquilamente, você pode andar aqui sem medo de ser assaltado, você pode deixar a sua casa aberta e sair, você vai encontrar tudo no mesmo lugar, você tem a liberdade de criar os seus filhos sem estar preso, tem liberdade para qualquer lugar que eles quiserem sem a gente ter medo de nada (...)*" (Evânia do Rosário Conceição, 30 anos). As crianças nas ruas dão a sensação de uma inocência em meio processos de mudança rápida e drástica nos modos de vida, como as crianças que brincam nas ruas de Regência, em Linhares, em meio a caminhões pipa que levam água para a abastecer a comunidade impedida de servir-se das águas locais devido aos impactos do rompimento da barragem do Fundão, em novembro de 2015 (Figura 191).

Por outro lado, a falta de planejamento urbano e rápido crescimento demográfico nas Vilas indica que elas também apresentam questões sociais identificadas nas Cidades. *"Antes não tinha maldade, era um lugar bom que você podia sair para brincar na pracinha, aquela pracinha era árvore, não tinha luz. Mas era bom, tempo bom não volta mais."* (Elenir Ribeiro Rodrigues, 71 anos). A incorporação de estruturas de acesso às diversas localidades favoreceu a conexão e a comodidade da vida nas paisagens de Vila, mas facilitaram a entrada do tráfico de drogas e de *outsiders.*

As experiências e vivências das pessoas que se relacionam com o tipo de paisagem das Vilas, desse modo, são influenciadas por essa contradição entre elementos ligados ao passado e ao presente. Esses tempos são descritos como pares de opostos: tradição e modernidade; dificuldade e conforto; rural e urbano.

Além do passado e do presente, o futuro também é visto sob o viés contradição: ora descrito como promissor, carregado de expectativas de uma vida melhor, muitas vezes ligadas àquilo que se deseja ou se necessita no presente, ora descrito como incerto e ameaçador, e por isso é melhor que as coisas permaneçam como estão ou voltem à condição do passado. *"(...) pelo meu gosto mesmo a cidade nem cresceria mais, ia permanecer do jeito que está. Mas é necessário que cresça, não tem jeito, de quê que vai adiantar eu falar que eu queria que ficasse assim?"* (Sebastião da Assunção, 60 anos).

Paisagem de contradições, as Vilas acionam um saudosismo em relação à fartura, à qualidade de vida, à vida menos agitada, à proximidade das pessoas e da natureza. Contudo, o presente se trata de um tempo em que há mais conforto e acessos advindos da urbanização e da modernidade.

A percepção das contrariedades entre passado e presente gera no cotidiano das pessoas que vivem esses sentimentos paradoxais uma certa desorientação em relação ao futuro. Como as vilas irão atravessar os próximos tempos? *"Sentimento de amor e tristeza ao mesmo tempo, amor porque nós criamos aqui tudo o que nós temos, tristeza, porque a gente está vendo tudo indo embora. Eu, às vezes, tenho vontade de ir embora daqui, sabe? Mas, sabe é tão forte isso aqui, é uma comunidade que você... A gente tem tudo o que a gente precisa aqui... A gente não tem contato com a violência como tem nos outros lugares, a gente tem poluição, tem impactos,*

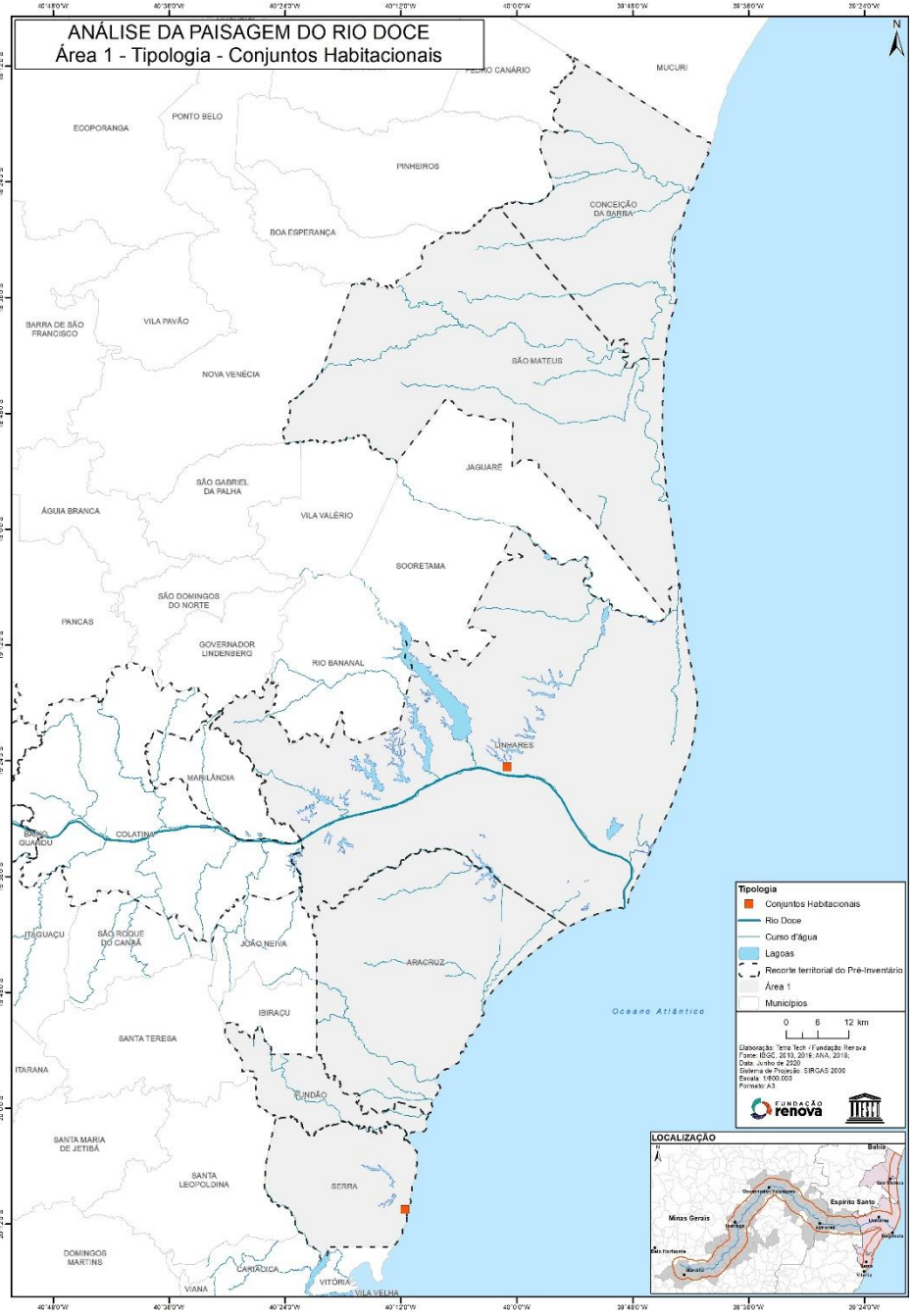
mas, ainda é um lugar sossegado. Eu digo para você que Barra do Riacho está no coração de quem mora aqui. E pra mim é tudo, a tristeza, a alegria de ver que toda aquela nossa cultura, aos poucos, está se desfazendo com tudo isso que está acontecendo, então, para mim, Barra do Riacho é minha história, na verdade é minha vida" (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Figura 192: Conjunto Habitacional Rio Doce, inaugurado em 2018 em Linhares/ES, 2019.

Figura 193: Residencial Rio Doce, no bairro Aviso, em Linhares/ES, 2018.

Figura 194:Residencial Jocafe II, no bairro Santa Cruz, em Linhares/ES, 2019.

Figura 195: Conjunto Habitacional do programa Minha Casa, Minha Vida em Barra do Riacho, Aracruz/ES, 2019.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: Os Conjuntos habitacionais são paisagens originadas do esforço de planejamento humano para o atendimento à demanda por moradia vinda de camadas sociais menos favorecidas, domesticando o meio natural para a promoção do direito constitucional à dignidade humana.

Os Conjuntos Habitacionais são paisagens resultantes de políticas de acesso a moradia realizadas em parceria pelos governos municipal, estadual e federal como forma de garantir o direito constitucional a dignidade humana. Quando observadas de longe, chamam a atenção pelas construções padronizadas, alinhadas em quadras ou quarteirões, sem muros ou cercas entre os lotes (Figura 193), dando a entender a existência de uma intensa vida comunitária. As ruas, por vezes calçadas, por vezes asfaltadas, mas majoritariamente de terra batida, seguem padrões que denotam que a área foi objeto de planejamento para a organização das unidades habitacionais com vistas ao melhor aproveitamento do terreno. A infraestrutura local é complementada por redes de abastecimento de energia elétrica, caixas d'água e serviços comunitários (Figura 192).

As casas (Figura 194) ou prédios de poucos pavimentos (Figura 195) que integram os Conjuntos Habitacionais possuem acabamento simples e poucos cômodos. As pinturas são geralmente em cores neutras, com telhado em duas águas em arquitetura de estilo popular especialmente projetada para abrigar famílias de baixa renda que são atendidas pelos programas oficiais de moradia. Essas casas modestas abrigam famílias, por vezes numerosas, o que garante movimento e o som de vozes, veículos, equipamentos de som que marcam sonoramente essa paisagem.

Os Conjuntos Habitacionais são chamados, em muitos casos, de "Residenciais", como os Condomínios. Contudo, quando comparados com estes últimos, apresentam características muito diversas. Não existem muros ou portais que os separem ou isolem do que ocorre ao redor. Também não existem as câmeras de vigilância, patrulhas privadas e outras formas de controle de acesso e trânsito com vistas à promoção da segurança dos moradores. Tampouco observa-se as áreas comuns de lazer. Ainda que muitos Conjuntos Habitacionais sejam associados a outras políticas de assistência social, como aquelas voltadas para a construção de cisternas e o fornecimento de água encanada, não raro falta infraestrutura básica como rede de esgotamento sanitário adequada, o que faz com que o odor característico do esgoto corrente integre a paisagem local, misturando-se com o do lixo que se acumula quando os serviços de coleta não atendem de maneira satisfatória às comunidades locais.

Figura 196: Residencial Jocafe, no bairro de Santa Cruz, em Linhares/ES, 2019. Fonte: Prefeitura Municipal de Linhares/ES.

Os Conjuntos Habitacionais, criados para receber as populações mais pobres das cidades que não possuem condições de arcar com os custos de aluguéis ou aquisição de imóveis, lembram que a desigualdade econômica e social gera distinções quanto ao acesso aos serviços urbanos básicos que, para as populações que os habitam, são impossíveis de serem adquiridos por meio de investimentos particulares. Localizados nas franjas das cidades, em zonas periurbanas de expansão distantes dos centros das sedes municipais, são paisagens habitadas por trabalhadores e trabalhadoras que desenvolvem seus serviços nas cidades e nas propriedades existentes nas imediações. Observa-se a existência de pequenos comércios e serviços, de responsabilidade de moradores locais. Também se observa a ociosidade dos desempregados, as sociabilidades dos idosos, as brincadeiras das crianças e animais– cachorros, gatos, cavalos – transitando livres entre os lotes e pelas vias.

Espera-se que a cidade chegue até eles com o tempo, mas não imediatamente. Essa peculiaridade mostra que são paisagens originadas da distribuição desigual da ocupação do território por diferentes estratos sociais. O apartamento, ao contrário do que ocorre nos Condomínios, não se dá de forma voluntária, é a opção que resta a pessoas que não possuem recursos que lhes permitam escolherem onde morar. Atualmente, mais de 9.000 famílias estão inscritas e aguardam pela conclusão das obras para que possam se mudar para os novos lares.

Seus moradores geralmente trabalham longe, acordam cedo e chegam tarde, pois dependem das linhas de ônibus – poucas, geralmente – que atendem à região. Como em muitos casos não há atendimento escolar nas proximidades, a população infanto-juvenil depende do transporte municipal para ter acesso à educação. Também não há postos de saúde que atendam diretamente as populações que habitam essas paisagens, tendo elas que procurarem as áreas urbanas para terem suas necessidades atendidas pelos serviços públicos. A falta de serviços básicos que atendam a população é motivo de queixas dos moradores locais: *"Eu penso que se tivesse uma infraestrutura melhor, um posto policial. Já vai fazer sete anos que estamos aqui e essas providências ainda não foram tomadas"* (Vilma Rodrigues, entrevista concedida ao portal G1)[14].

[14] Disponível em: https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2019/02/26/bairro-de-linhares-e-o-mais-violento-do-es-aponta-secretaria-de-seguranca-publica.ghtml. Acesso em 14.mai.2020.

Figura 197: Moradias abandonadas no Residencial Mata do Cacau, em Linhares/ES. Fonte: A Gazeta, 2019.

Por vezes essas paisagens apresentam a marca do abandono. Quando inaugurados e habitados pelas famílias concessionárias dos benefícios sociais, eles sofrem com a falta de manutenção das edificações ao longo do tempo, o que leva à perda da homogeneidade dos padrões construtivos, à utilização de materiais incongruentes com os originalmente empregados na construção das unidades habitacionais e com a implantação de anexos que não respeitam os padrões construtivos originais. Em casos extremos, devido a fatores burocráticos ou políticos, ocorre de Conjuntos Habitacionais serem construídos, mas não receberem as famílias que esperam pelas edificações, como observado no caso do Residencial Mata do Cacau, em Linhares (Figura 197). Planejado para inauguração em 2012, assim como o Residencial Rio Doce (Figura 193), este empreendimento sofreu constantes atrasos, permanecendo inacabado até o início de 2020, quando aproximadamente 87% das obras se encontravam concluídas. Contudo, as condições do terreno e o perigo de invasões tornam o cenário imprevisível para aqueles que pleiteiam o acesso à moradia por meio das políticas sociais governamentais, deixando claro que os Conjuntos Habitacionais são paisagens de luta e de esforço para a sobrevivência.

Em outros casos, os Conjuntos Habitacionais passam por processo de crescimento, dando origem a bairros periféricos em que os problemas sociais se somam à ação de grupos reunidos em torno do tráfico de drogas e a prática de outros crimes, o que leva à diminuição da qualidade de vida e ao crescimento do sentimento de insegurança por parte das populações locais. Este é o caso do bairro Santa Cruz (Figura 198), em Linhares, onde se localizam os Residenciais Jocafe (Figura 196) e Jocafe II. O bairro foi considerado, por dois anos consecutivos, o mais violento do estado do Espírito Santo, com média de 13 homicídios dolosos a cada ano. Os Conjuntos Habitacionais, surgidos com o nobre objetivo de promover o acesso à moradia digna por pessoas necessitadas, mostram a complexidade das questões sociais associadas à desigualdade, de forma que sua existência, por si só, não é suficiente para resolver os problemas que assolam essa parcela da população. Assim, problemas envolvendo a criminalidade, o pouco acesso a serviços públicos, a disponibilidade de postos de trabalho próximos, o

preconceito de populações próximas e a impossibilidade de realizar a manutenção necessária para a conservação das edificações fazem com que os desafios sejam constantes para quem foi incluído nas políticas sociais que redundaram na conquista da casa própria. Tais desafios, contudo, não desanimam quem se acostumou a lutar por dignidade e respeito ao longo de suas vidas.

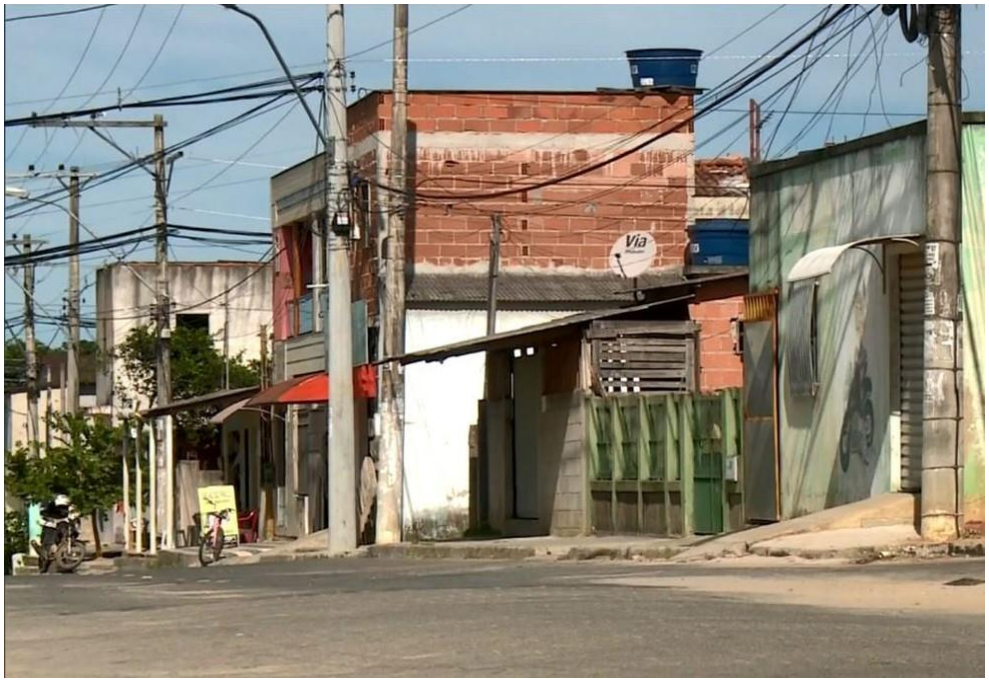


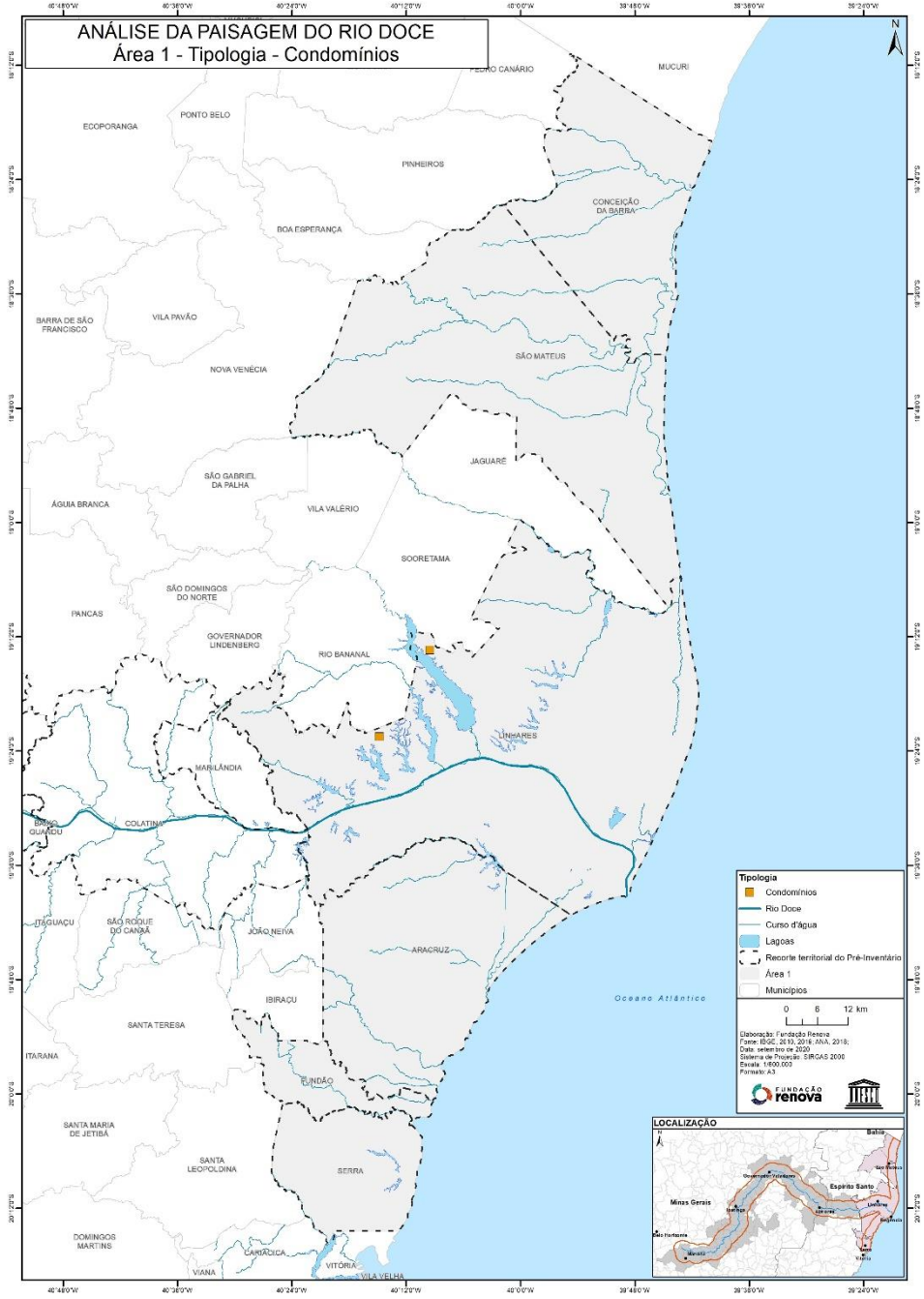
Figura 198: Rua do bairro Santa Cruz, nas imediações do Residencial Jocafe. Fonte: Portal G1-ES, 2019.

Figura 199: Residencial Felicidade, no bairro São Marcos, Aracruz/SE.

Figura 200: Início das obras de construção de edificações no Residencial Unique, nas margens da Lagoa Juparanã, Linhares/ES

Figura 201: Portal de entrada do Condomínio Ilha do Imperador, nas margens da Lagoa Juparanã, Linhares/ES.

Figura 202: Portal de entrada do Residencial Unique, nas margens da Lagoa Juparanã, Linhares/ES



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Forte
Justificativa: São construções que criam modos de vida isolados do restante da região.

Os condomínios são paisagens formadas por uma reunião de unidades habitacionais nas áreas urbanas e suas imediações ou por um conjunto de casas de veraneio nas regiões dotadas de atrativos naturais. São paisagens em que a ocupação do solo respeita as demandas particulares de afastamento, organização e segurança. Seu principal elemento material são as áreas destinadas a construções para fins residenciais e de lazer, com limites bem definidos normalmente por muros, uso de artigos de segurança, como cercas (eletrificadas ou não), câmeras de segurança e vigias. Estão organizados em lotes, blocos, unidades ou ruas ocupadas por casas e prédios, com espaço para estacionamento de veículos e áreas comuns. As unidades habitacionais – casas e prédios – dividem espaço com bosques, jardins, pequenas matas de reservas, represas, centros de lazer e serviços (Figura 199). Podem estar inseridos em áreas de maiores ou menores dimensões, com diferentes relevos: enquanto alguns são contidos e planos, outros se espalham por amplos terrenos irregulares, com a instalação das construções em diferentes lugares.

Uma peculiaridade lança luz sobre uma das características mais marcantes dos condomínios: só é possível observá-los devidamente a distância (horizontal ou vertical), pois de perto o que se vê é um muro ou um portal. Os condomínios representam a privatização de áreas urbanas ou regiões ocupadas por matas, pastagens, praias, alterando ou suprimindo alguns destes elementos e segregando o acesso aos que são preservados. Para vê-los de perto, por dentro, o observador deve ter sido convidado por alguém. É preciso permissão para acessar essas paisagens e, por isso, elas estão mais a disposição de uns que de outros. É justamente isso que os condomínios propõem e o motivo pelo qual são procurados por públicos distintos: eles prometem felicidade, tranquilidade, segurança e exclusividade diante do crescimento urbano e dos problemas sociais causados pela desigualdade nas cidades.

Esse aspecto aparece na própria denominação dos condomínios – Unique (Figura 202), Ilha do Imperador (Figura 201), Residencial Felicidade, Golden Garden Residencial – e na imponência dos muros e especialmente nos portais de entrada, que apostam em alguns casos na referência a estilos arquitetônicos e no uso de materiais nobres para suscitar a sensação de luxo e de impossibilidade de transposição. Dentro dos condomínios, observa-se muitas vezes projetos paisagísticos que envolvem a supressão das espécies nativas, mantidas apenas nas reservas legais, e a inserção de vegetação que destoa das características anteriormente existentes (Figura 200) em canteiros centrais, interseções de vias e áreas comuns. Amplas áreas gramadas entremeadas por regiões ocupadas por edificações divididas em terrenos com diferentes graus de separação geram no observador a sensação de organização (Figura 199). Essa organização, fruto do planejamento humano, substitui a dinâmica anterior protagonizada pelos elementos suprimidos – matas cortadas, terrenos aplanados, córregos canalizados – e instaura uma outra forma de vida em sociedade. Os condomínios pretendem ser pequenas cidades apartadas das cidades, e seus

moradores os buscam na esperança de usufruir de elementos de bem-estar cotidiano que acreditam não estarem à disposição na dinâmica urbana.

Nos condomínios localizados nas margens das cidades, observa-se majoritariamente casas. Em alguns deles, elas são populares ou voltadas para público de classe média, com menor metragem, pouco ou nenhum afastamento lateral de vizinhos, pequenas garagens e divisão em quarteirões. Em outros condomínios predominam casas de alto padrão aquisitivo recuadas em relação a via por jardins frontais, que contam com estruturas de lazer privativas, como piscinas, decks, varandas, cozinhas abertas ou integradas a áreas gramadas. Por vezes essas duas configurações se encontram próximas umas das outras, em áreas de limites entre condomínios ou em empreendimentos destinados a públicos de diferentes poderes aquisitivos (Figura 199).

Enquanto nos condomínios urbanos de prédios e periurbanos de casas menores as pessoas transitam mais nas ruas e vias de ligação internas, nos de maior poder aquisitivo o movimento permanece dentro das casas, que contam com ampla estrutura para satisfazer as necessidades de seus moradores. As áreas comuns são, em alguns casos, buscadas para passeios de pais e babás com crianças, para a prática de esportes como a caminhada e o ciclismo e para o deleite de belezas naturais existentes nas imediações. Em outros, permanecem pouco transitadas, mostrando a valorização da dimensão privada.

Independente de suas diferenças de tamanho, configuração e poder aquisitivo dos moradores, esses condomínios compartilham a premissa de que a cidade é um lugar perigoso e que é necessário organizar e controlar o fluxo e a convivência das pessoas, evitando a entrada de indesejáveis. A isso se associa, em muitos casos, elementos de estratificação social que se manifestam nos valores dos terrenos e nas características físicas das construções, que apontam para a necessidade de maiores recursos para se poder desfrutar do convívio com os moradores daqueles lugares. Recorrentemente, palavras como “luxo”, “exclusividade” e “alto padrão” são mobilizadas como estratégia em campanhas publicitárias para atrair esse público “diferenciado” de moradores. *“São tantos diferenciais e encantos nos mínimos detalhes, que morar no Golden Garden Residencial foi um sonho que a Soma Urbanismo tornou realidade. O Golden Garden é um loteamento fechado em que a infraestrutura é completa e possui itens de lazer de alto padrão e luxo. Mais do que um empreendimento imobiliário, o Golden Garden possui todo requinte e alto padrão de qualidade que só clientes Soma podem desfrutar.”*[15]

Na cidade ou fora dela, as únicas pessoas que frequentam esses ambientes privatizados sem deter a posse ou direito de uso das casas neles

[15] Soma Urbanismo. Golden Garden Residencial. Disponível em: [https://www.somaurbanismo.com.br/golden-garden/].

construídas são aqueles que trabalham nos serviços de administração e nas residências: seguranças, porteiros, faxineiras, empregadas domésticas, babás e trabalhadores das obras. Para estes, os condomínios representam a oportunidade de emprego e renda para o sustento de suas famílias e, ao mesmo tempo, o contraste entre os ambientes onde vivem e trabalham. No caso dos condomínios instalados fora das cidades, eles representam a possibilidade de trabalho para as pessoas das comunidades periurbanas e rurais que, na ausência dessas oportunidades, teriam de buscar empregos mais distantes dos locais onde vivem. A fronteira entre os usos dos moradores e dos empregados é, em alguns casos, demarcada por registros de entrada, horários e restrições de acesso visíveis por meio de placas indicativas nas áreas comuns e nas destinadas ao lazer dos moradores.

Nos condomínios de casas de veraneio, por sua vez, observa-se terrenos de maiores dimensões e afastamento entre si, com chácaras, construções de apoio como quartos de ferramentas, barracões, decks, quadras, piscinas, com menor movimento de pessoas e veículos. Em alguns casos em que os empreendimentos ainda não se encontram completamente regularizados observa-se apenas os terrenos ou quarteirões demarcados, à espera das definições burocráticas e legais. Em outros casos, observa-se a existência de condomínios em construção, nos quais se avista uma ou outra edificação sendo construída em espaços isolados, entre os lotes que ainda não foram ocupados. Nesses condomínios a dinâmica não é marcada pelo cotidiano da vida das famílias, mas pelo uso periódico para o lazer e a manutenção diária por parte de funcionários – caseiros e agregados das famílias que detém essas terras, assim como dos trabalhadores e máquinas utilizados nas obras. Assim como observado nos condomínios residenciais periurbanos, a relação entre os trabalhadores que neles transitam e exercem suas atividades cotidianas é de um acesso atravessado pelas hierarquias sociais trazidas pelas relações de trabalho.

O surgimento dos condomínios está diretamente ligado aos processos de urbanização das localidades em que se instalam. No Brasil, essa modalidade de moradia cresceu junto com o processo de industrialização e urbanização das grandes cidades, especialmente na segunda metade do século XX. Os primeiros condomínios possuíam a forma de arranha-céus para suprir a demanda de moradias para os trabalhadores. Posteriormente, o maior número de habitantes, a valorização do solo urbano e as influências culturais que inspiram algumas classes sociais a consumir espaços habitacionais diferenciados incrementaram o surgimento de novas modalidades de condomínios (BARBOSA, 2011).

O surgimento dos primeiros condomínios nessa região decorre da instalação de empreendimentos que levaram à chegada de uma grande quantidade de pessoas para as regiões onde se instalam, como observado em Aracruz quando da instalação da Aracruz Celulose, que redundou na construção do condomínio Coqueiral, na beira da praia de mesmo nome. O condomínio contava com divisões que respeitavam os níveis hierárquicos da empresa, com setores residenciais com casas de diferentes tamanhos e

acabamentos e infraestrutura urbana composta por praças, parque, centro de convivência e centro comercial: *"(...) viemos morar na cidadezinha que Aracruz e depois a empresa nos trouxe aqui para dentro de Coqueiral. (...) A condição social era bem dividida entre A, B, C, D, entendeu?*" (Georgina Morais Pestana, 60 anos). O estabelecimento do novo condomínio construído para os trabalhadores da Aracruz Celulose se deu em área cedida pela Prefeitura Municipal, assim, as benfeitorias iniciais feitas pela empresa, bem como as edificações, ficaram suas benfeitorias a cargo do poder público municipal.

O estabelecimento do novo condomínio de trabalhadores da Aracruz envolveu a criação de laços entre as novas populações chegadas à região e também contatos com as populações locais marcados pela diferença e pela integração: " *(...) Aí a empresa ofereceu essa casa para gente. E quando nós fomos mudar, eu e mais outras famílias, para as casas, ficou aquela coisa de muito envolvimento, né? Porque todos tiveram que se unir, conversar, salvar um ao outro, ajudar um ao outro por que as famílias moravam fora. Geralmente quase todo mundo. Então formamos amizades muito boas, né, criamos jogos de futebol. Entretenimento para que a gente pudesse ficar e amar lugar, então transformamos o lugar. (...) Interessavam os índios, como vizinha, né? Aquela convivência que, quando a gente chegou, chocava muito porque você via os índios comendo lixo. Você via, assim, era muito pobre."* (Georgina Mirais Pestana, 60 anos). Com a consolidação da indústria de celulose na região, a expansão urbana de Aracruz e a rotatividade dos proprietários dos imóveis no local, o condomínio foi transformado em bairro de Aracruz, o que não veio sem uma série de demandas comunitárias às quais só foi dada atenção a partir da articulação entre moradores locais: "*eu vivia no meio do A, mas também interagia com C, com B, com D (...). Porque pra mim todos somos classe... B, C, D, todos fazem parte de uma só classe. Então, para mim, não tem divisão. E aí a gente ficou envolvida com esses movimentos; movimentos de rua, movimento de luta pela água da região, movimento de luta pelo asfalto..."* (Georgina Morais Pestana, 60 anos). Nas suas primeiras manifestações, no município de Aracruz, os condomínios estavam associados à ideia de organização dos trabalhadores e constituíram bairros que, com a ausência do poder público na garantia de infraestrutura urbana, viveram a experiência da mobilização comunitária para o exercício de pressão cidadã com vistas a direitos constitucionais.

Em Serra, na localidade de Jacaraípe, por sua vez, os condomínios de prédios próximos à orla surgiram na década de 1980 com a finalidade de servirem como apartamentos de veraneio e, com o tempo e o processo de urbanização acentuada da região à beira-mar, adquiriram uso residencial e se tornaram parte da malha urbana, abrigando pessoas que trabalham em Serra, Vitória, Fundão e Aracruz. Novos condomínios de prédios surgiram na década de 1990, em áreas de expansão urbana e nas regiões centrais, voltados para públicos de poderes aquisitivos distintos. Ao final da década de 1990, por sua vez, observou-se o surgimento de empreendimentos residenciais voltados para públicos de maior poder aquisitivo e para o

estabelecimento de casas de veraneio, buscando áreas nas proximidades das cidades que congregavam atrativos naturais. Esse formato mais recente é encontrado em Aracruz, em regiões como o bairro São Marcos, e em Linhares, nas margens da lagoa Juparanã. No primeiro caso, os condomínios surgiram em áreas de sítios, mesclando-se às propriedades já existentes. No caso de Linhares, por sua vez, a instalação dos condomínios representou importante elemento de afastamento de comunidades dedicadas à pesca, visto que muitas das formas de acesso e dos recursos obtidos nas margens da lagoa passaram a pertencer a entes privados, o que trouxe a necessidade do estabelecimento de relações entre essas pessoas que nem sempre atingiram acordos. Além dos conflitos com os pescadores, os condomínios da lagoa Juparanã restringiram o acesso das comunidades do entrono da lagoa à praia, proibindo que a população use esses espaços com a finalidade de lazer, como faziam anteriormente. Quando havia apenas fazendas, os proprietários consentiam o acesso dos locais à praia. Porém, quando a faixa marginal é loteada pelos condomínios, as regras de acesso passam a ser regidas pelos estatutos do próprio condomínio. A relação que havia entre pessoas físicas, agora para a acontecer com uma pessoa jurídica, o condomínio, e por isso é marcada pela impessoalidade e pelo distanciamento da população local.

No município de São Mateus, o primeiro loteamento de luxo teve sua construção iniciada em 2013 e começou a ser entregue aos moradores em 2016. O Golden Garden Residencial foi planejado em uma das melhores regiões do município, na estrutura de um bairro fechado em que foram realizados serviços de terraplanagem, pavimentação, estação de tratamento de esgoto, rede de água, iluminação e guarita de segurança. Ao passar pelo bairro, percebe-se a nítida diferenciação das edificações, dos lotes e das vias. A entrada do condomínio fica em uma rua sem saída, localizada em um bairro alto com acesso privilegiado para a BR-101 e com uma bela vista para o rio São Mateus.

Assim, os condomínios são exemplos da expansão da lógica privatista sobre regiões tradicionalmente utilizadas por comunidades tradicionais para a obtenção de recursos para subsistência e a comercialização em pequena escala. A substituição da lógica tradicional pela do planejamento urbanístico traz, em alguns casos, mas não todos, a construção de estações de tratamento e redes de esgoto para evitar o impacto nos cursos d`água próximos ou que cortam os condomínios. Nesses casos, tais elementos são fruto dos processos de licenciamento ambiental necessários para a realização desses empreendimentos. Condomínios urbanos e periurbanos mais antigos, contudo, não tiveram de respeitar essas demandas quando de sua construção e os processos de adequação respeitam ritmos distintos. Sob outro ângulo de visada, o adensamento populacional nessas regiões também traz um incremento na demanda hídrica, o que pode levar à sobrecarga dos cursos d`água locais. Se muitas das demandas dos moradores dos condomínios são supridas pelo investimento privado em infraestrutura, dependendo apenas do esforço de mobilização e gestão financeira, a água

só pode sair dos rios, córregos e lençóis freáticos que recortam a região onde se instalam. O mesmo se pode dizer da relação dos condomínios com as matas. Se muitos dos condomínios possuem áreas de reserva legal devido ao processo de licenciamento ambiental ao qual são submetidos para poderem sair do papel, eles não deixam de ser elementos de forte artificialização da paisagem uma vez que substituem as formas de interação entre os elementos naturais, modificados de acordo com as necessidades de planejamento da atividade humana, e os grupos sociais, atravessados pelas hierarquias sociais trazidas com os novos empreendimentos.

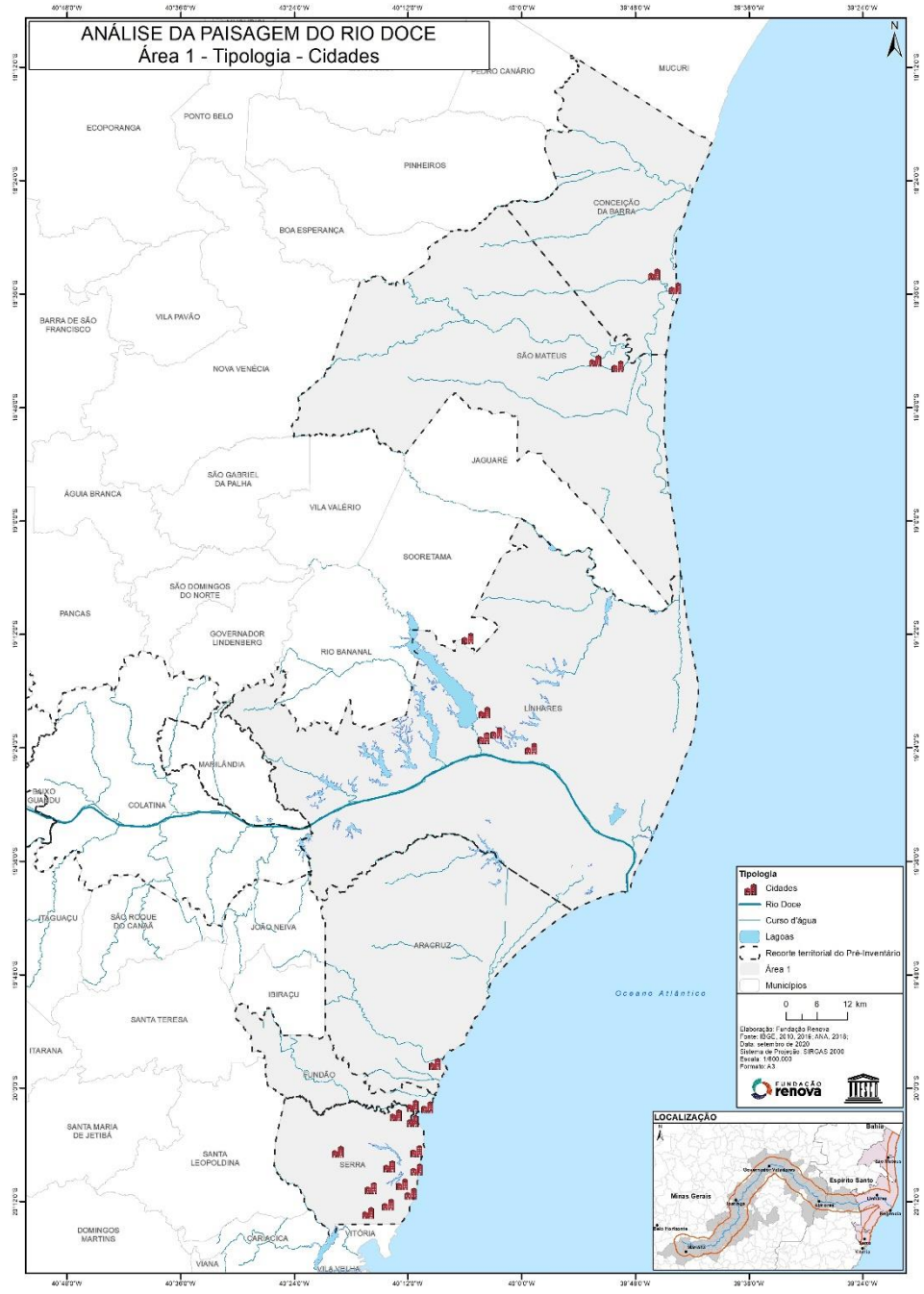
Os condomínios são, portanto, paisagens privadas e ensimesmadas. Elas guardam o melhor de si para os seus. A riqueza natural preservada dentro de seus limites serve para o deleite de seus associados, que fazem do direito ao espaço urbano e rural elemento de trocas comerciais integrantes da especulação imobiliária. Dessa maneira, eles estabelecem interdições e acessos, prometem o sonho da vida calma e segura, geram emprego e reforçam hierarquias, acentuando em outras paisagens a marca da desigualdade.

Figura 203: Vista aérea de São Mateus, segunda metade do século XX. Fonte: IBGE.

Figura 204: Vista panorâmica da cidade de Serra/ES. Fonte: Prefeitura de Serra, 2020.

Figura 205:: Linhares. Foto: Felipe Reis. Site da Prefeitura de Linhares/ES, 2019.

Figura 206: : Representação de uma praça de cidade capixaba, Nice Avanza, 1974.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Muito Forte.
Justificativa: Como uma paisagem domesticada, as Cidades tornam seus ambientes extremamente artificializados a partir do uso de técnicas de construção, operando com regras e políticas controladoras, utilizando as tecnologias e conhecimentos para intervir na paisagem transformando-a em algo totalmente distante das características originais.

"Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. Os subúrbios que me fizeram atravessar não eram diferentes dos da cidade anterior, com as mesmas casas amarelinhas e verdinhas. Seguindo as mesmas flechas, andava-se em volta dos mesmos canteiros das mesmas praças. As ruas do centro exibiam mercadorias embalagens rótulos que não variavam em nada. Era a primeira vez que eu vinha a Trude, mas já conhecia o hotel em que por acaso me hospedei; já tinha ouvido e dito os meus diálogos com os compradores e vendedores de sucata; terminara outros dias iguais àquele olhando através dos mesmos copos os mesmos umbigos ondulantes.

Por que vir a Trude, perguntava-me. E sentia vontade de partir.

- Pode partir quando quiser – disseram-me -, mas você chegará a uma outra Trude, igual ponto por ponto; o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome no Aeroporto" (CALVINO, Ítalo. As Cidades Contínuas II. In.: _____. As Cidades Invisíveis).

Concreto, fumaça, pontes, carros, ônibus, casas, prédios, pressa, arte, ruídos, gentes, vias e viadutos com suas placas e inscrições no asfalto, placas com anúncios que sugerem compras, negociações e mais, muito mais... As Cidades apresentam um teatro social heterogêneo, acumulam construções de diferentes tempos históricos, têm um modo de vida único e formas específicas de organização política e econômica. As Cidades concentram bens e serviços de alta complexidade, e por isso, são paisagens que atraem e repelem olhares, turistas e pessoas de diferentes lugares. Há quem venha para uma temporada. Outros vêm e logo vão embora. Tem gente que não retorna nunca mais ao ponto de partida.

Figura 207: Fundão e casa da família Agostini (atual Casa da Cultura), antes de 1922. Casa da Cultura, Fundão, Brasil. Autor desconhecido

Na região do Baixo Doce e Litoral Capixaba existem cidades com contingentes populacionais distintos, com destaque para Serra, que é a cidade mais populosa da área e do Estado do Espírito Santo, com o registro de 409.267 habitantes em 2010 e uma projeção de 517.510 habitantes para 2019. É uma cidade que, assim como Linhares, Aracruz e São Matheus cresceu mais de 19% entre os anos de 2010 e 2019. Por conta do dinamismo do setor industrial e de serviços na região do Baixo Doce e do Litoral

Capixaba, essas são cidades que atraem um fluxo intenso de pessoas em busca de melhores condições de vida. Serra está completamente urbanizada e os municípios de Linhares, Aracruz, São Matheus e Conceição da Barra já têm mais de 78% de seus moradores vivendo em cidades. Tal dinâmica aponta não só para um crescimento da população como um todo, mas para a transformação das feições e atividades presentes em áreas outrora consideradas como rurais. Hoje, os elementos que demarcavam a cisão entre esses espaços estão cada vez mais imbricados. Apesar do crescimento de 26,4% da cidade de Serra nos últimos 10 anos, a cidade de Vitória é que polariza a população da região quando a demanda é por serviços de saúde de alta complexidade.

Um atributo marcante da paisagem de **Cidades** é a coexistência de arquiteturas, ritmos e pessoas. Em Linhares, a Igrejinha Velha de Nossa Senhora da Conceição, erguida em 1888, permanece ao lado de vias que foram alargadas e cimentadas para dar passagem à modernidade. Nas Cidades, pedestres e veículos ocupam as ruas. Há comércios de roupas, alimentos e vendedores ambulantes. As **Cidades** são moradas da polifonia e *locus* da contradição. São paisagens que concentram os sons e as imagens do trabalho, dos encontros, das inovações e da geração de renda; simultaneamente, são palco de desigualdades, de segregação e intolerância e afastamentos. As **Cidades** oferecem uma gama de serviços aos habitantes locais. Contudo, como paisagem de contradições e paradoxos, nem todos tem acesso às mesmas oportunidades, bens e/ou serviços públicos (hospitais, escolas, tratamento de esgoto, água encanada, luz e lazer).

Como resultado do crescimento desordenado e urbanização acelerada, característica da maioria das cidades médias localizadas na calha do rio Doce, problemas socioambientais são latentes e catastróficos nessa paisagem. Violência, deslizamentos de terra, pobreza, doenças vinculadas à ausência de saneamento básico, exploração humana, enchentes, poluição atmosférica, visual e sonora causada pelo movimento de veículos e o funcionar de máquinas, pelas fiações elétricas e a impermeabilização do solo pelo asfalto quebradiço (Figura 208).

Figura 208: Avenida na cidade de Serra/ES, 2020.

As cidades são um prato cheio para os efeitos da terra em transe. Tudo nas cidades é amplificado. *"Porque o município, ele não está preparado para que venha esse mundaréu de gente de fora e eles não querem voltar. Eu fico vendo, as pessoas que chegam aqui… agora há pouco veio uma família e eles vieram trabalhar aqui por um período. As crianças não querem ir embora! Não quer ir embora, não quer ir embora. Não vai voltar. Então eles ficam, mas acaba ficando sem emprego. Aí vai juntando, sabe, vai caindo demais a qualidade de vida dessa população geral. Porque quando a população aumenta, né, e você não tem infraestrutura para todo mundo, a natureza vai sofrendo também. Porque aí eles vão criando os métodos práticos e fáceis [de despejo dos resíduos domésticos]. Aonde eles fazem? Nos rios. Para onde é direcionado? Para o mar. Então é isso que vai acontecendo, entendeu?"* (Georgina Morais, 70 anos).

A situação do saneamento básico nas cidades dessa região é precária tal qual a do restante do país, com os melhores índices de atendimento em Linhares, Aracruz e São Mateus e Serra (Figura 209). A Companhia Espírito-Santense de Saneamento atende os serviços de água e esgoto de três dos seis municípios da foz do rio Doce e do Litoral Capixaba (Conceição da Barra, Fundão e Serra). Aracruz, Linhares e São Mateus contam com serviços locais de saneamento básico.

Figura 209: Escavadeira remove material acumulado em lixão em Serra/ES, 2020. Fonte: Portal Tempo Novo.

Cada vez precisando de mais recursos naturais, mas se colocando mais distante da relação com o ambiente natural, as cidades ergueram suas grandes estruturas metálicas, cinzentas, iluminadas, barulhentas que aglomeram e amontoam mercadorias – posteriormente transformadas em lixo – e pessoas. Essas paisagens nos colocam diante de dinâmicas intensas e de artificialidades. A paisagem cidades é representativa de um território de disputas políticas onde se encontram distintas visões de mundo, interesses e impulsos. Tem-se uma paisagem urbana economicamente produzida, socialmente vivenciada e culturalmente transformada por afetividades.

As cidades também são lugar da diversidade social e cultural. Muitas vezes, os prédios, monumentos históricos, avenidas, becos e praças da cidade formam também palcos de afeto e mote de sentimentos de seus moradores, sentimento de orgulho e pertencimento. *"Eu gosto da minha cidade, [São Mateus] é um lugar aconchegante, é um lugar assim, de adaptação, é fácil pra todo mundo, tem opções né, de coisas pra você fazer, apesar que é simples, mas tem muita coisa relacionada ao cultural, tem uma influência muito forte também da cultura negra na cidade, é muito bonita como eu te falei. Apesar de eu não acompanhar muito, eu acho interessante, tem a Folia de Reis, tem o trabalho do pessoal quilombola né, as comidas típicas, tem a moqueca da nossa região que é muito falada, a moqueca capixaba. É um lugar que...no Centro da cidade fica a meia hora da praia, pra quem não gosta de praia tem os rios é um acesso bem fácil né?"* (Rui Barbosa, 43 anos).

Figura 210: Banda de Congo da cidade de Serra. Fonte: https://www.artmajeur.com/pt/angela-gomes/artworks/9594421/banda-de-congo-igreja-n-sr-conceicao-serra

Durante a maior parte da história da humanidade, a população foi majoritariamente rural. Com o desenvolvimento do comércio e das relações industriais, a urbanização tornou-se a imagem da modernidade. Do cenário

dos pequenos vilarejos ocorreram dois movimentos distintos: entre os séculos XVI e XVII, alguns desses povoamentos foram crescendo com a aglomeração das pessoas e transformando-se em cidades cada vez maiores, que precisavam gerar mais alimentos e fontes de energia; em contrapartida, outras localidades foram apresentando a diminuição da população como consequência do êxodo rural. Nesses locais, restaram algumas famílias que seguiram trabalhando e vivendo no campo. A partir desses movimentos, configurou-se a oposição e complementação entre as paisagens do campo e da cidade ou da vida rural e urbana. Os alimentos e a energia produzidos no campo, com o aumento das cidades passaram a ser mecanizados para que os recursos fossem extraídos como se fossem infinitos.

As Cidades no Brasil têm origem com a chegada dos colonizadores. Elas foram erguidas sobre aldeamentos indígenas e regiões à beira do mar ou de rios em razão dos caminhos e conexões que eram estabelecidos. Algumas grandes cidades do Litoral Capixaba, como Serra, Aracruz e São Mateus, têm sua história ligada a esse passado colonial. A Capitania do Espírito Santo foi instituída por D. João III, no dia 1º de junho de 1534, contendo 50 léguas de costa e concedida a Vasco Fernandes Coutinho. A história da colonização do estado do Espírito Santo tem início com a chegada desse fidalgo português e da tripulação da nau Glória, em 1535. O donatário Vasco Fernandes Coutinho também foi responsável por iniciar as primeiras expedições para o interior do território da capitania. Em 1535, viajando para o norte, ele teria chegado à região onde posteriormente foi fundada a cidade de Serra (REIS, 2011).

Figura 211: Vista aérea de Aracruz, século XX. Fonte: IBGE

Foi também nessa região que os colonizadores instalaram o projeto político dos aldeamentos jesuíticos. No século XVI, a faixa de terra situada entre Camamu (Bahia) e o rio São Mateus (ou Cricaré, no Espírito Santo) era ocupada por indígenas da etnia Tupiniquim. Esses indígenas também habitavam a região do rio Piraquê-Açu, onde foi criada a Aldeia Nova, pelo Jesuíta Afonso Brás, ainda em 1556. A Aldeia Nova deu origem à atual Santa Cruz, distrito do município de Aracruz/ES (Figura 212).

O Jesuíta Braz Lourenço foi o responsável por construir uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, em 1556, que deu origem a cidade de Serra, no sopé do monte Mestre Álvaro. A capela posteriormente foi reconstruída em outra localidade, mas a cidade permaneceu aos pés do grande maciço vulcânico que marca a paisagem local (Figura 213). Outro

aldeamento criado na região foi o Aldeamento dos Reis Magos, fundado em 1580 e que deu origem ao atual distrito de Nova Almeida, hoje pertencente ao município de Serra/ES, mas que também está na origem do município de Fundão.

Figura 212: Santa Cruz no início do século XX, Aracruz/ES. Fonte: Arquivo Público Estadual do Espírito Santo.

A ocupação colonizadora da porção do litoral capixaba ao norte do rio Doce, posição ocupada pelos atuais municípios de Linhares, Conceição da Barra e São Mateus também teve início no século XVI, quando o litoral recebeu as primeiras expedições portuguesas. No ano de 1558, a "Batalha do Cricaré" marcou a imposição da presença do colonizador europeu por meio do massacre de numerosos indígenas Aimoré, também conhecidos por Botocudos. Cricaré era a denominação indígena do rio que, em 1596, foi substituído por São Mateus pelo jesuíta José de Anchieta (FERREIRA, 2009). No entanto, até os dias atuais a população local permanece utilizando o nome indígena para se referir ao rio.

Figura 213: Vista panorâmica da cidade de Serra, com a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e Morro Mestre Álvaro. Fonte: IBGE. Data: desconhecida.

A região ao norte do rio Doce caracterizava-se por um povoamento de poucos núcleos urbanos e algumas fazendas escravistas, em meio a grandes florestas habitadas pelos povos indígenas que resistiram à invasão de seus territórios até o início do século XX.

A área portuária do rio Cricaré desempenhava um papel importante para a região norte do Espírito Santo no período colonial. Era o local onde aportavam grandes contingentes de negros escravizados, e também entreposto comercial internacional e nacional. Esse porto de característica fluvial, localizado na Vila de São Mateus (atual cidade de São Mateus) constituía, juntamente com o porto da Barra de São Mateus (atual cidade de Conceição da Barra), localizado na sua foz, uma espécie de complexo portuário em que este último conformava a entrada e saída para o oceano. Essa relevância perdurou até o século XX, quando parte do movimento passou a ser transferido às estradas terrestres (PASINI, 2014). *"Carregava essa madeira, ela era beneficiada naquela serraria e era carregada para poder chegar em São Mateus e ir embora nos navios. Porque São Mateus era o grande porto do Estado do Espírito Santo"* (Márcia Lederman, 50 anos).

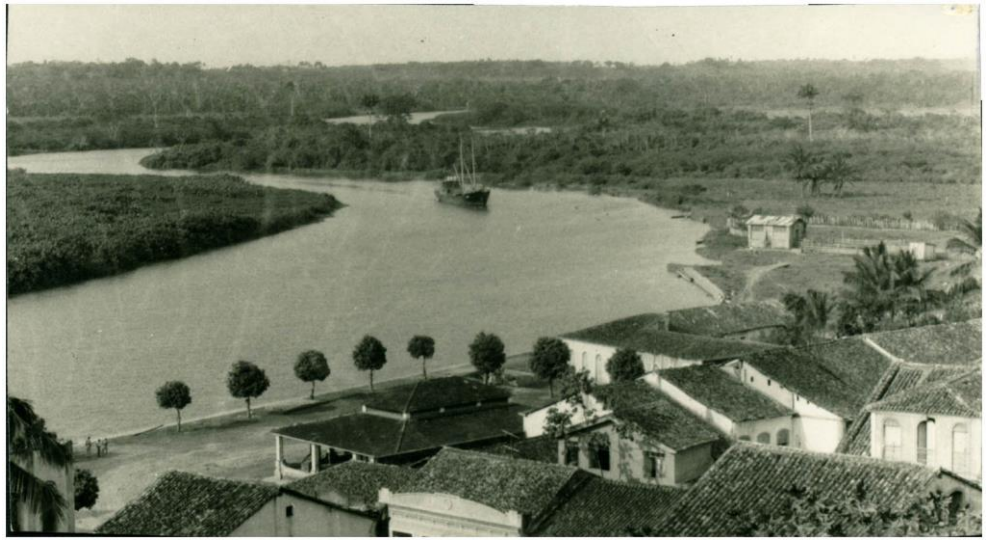


Figura 214: Porto de São Mateus, na segunda metade do século XX. Fonte: IBGE.

O Porto da Vila de São Mateus (Figura 214) foi uma das principais portas de entrada do Brasil para negros escravizados trazidos da África para sofrerem as desumanidades do trabalho compulsório e das condições de vida a ele associadas durante a colônia e as décadas iniciais do Império, chegando a ser o quinto maior do país. Após a proibição do tráfico negreiro, com a Lei Eusébio de Queirós em 1850, o porto de São Mateus ganhou ainda mais importância estratégica para o tráfico de escravos, já que o local não era tão visado como os portos de Salvador e Rio de Janeiro.

"*Assim, São Mateus praticamente concomitante a Porto Seguro, a Monte Pascoal. (...) Uma cidade muito antiga e que passa por toda essa história do tráfico dos negros que então acontecia aqui. Vendia gente aqui, comprava gente aqui, distribuía tudo aqui ".* (Márcia Lederman, 50 anos).

Desse modo, as cidades de São Mateus e Conceição da Barra (Figura 215, próxima página), onde funcionaram importantes portos coloniais que permaneceram ativos durante o Império, são historicamente, locais de existência de comunidades negras oriundas do processo de colonização da região durante os séculos XVIII e XIX. Essa memória da escravidão é presente nas edificações, nas feições das populações que vivem mais ao norte do rio Doce, em suas manifestações culturais, na existência de comunidades quilombolas como as de Degredo e Sobradinho. Nessas comunidades, as vidas quilombolas mostram que a contribuição africana na formação do povo e da cultura brasileiros se mantém vivos e requerem espaços – territoriais e simbólicos – para a afirmação de suas identidades e formas de existir.

Em relação a região do rio Doce, seu povoamento e ocupação foi iniciado apenas no século XIX. A ocupação das áreas formadoras do vale do rio Doce foi financeiramente cara e difícil, já que para garantir a navegação era necessário abrir um caminho que ligasse o litoral ao interior, acompanhando as margens do rio. Ao longo desse percurso, quartéis de defesa foram construídos para proteger os barcos e os viajantes dos ataques dos indígenas, considerados na época um empecilho a ocupação da área. O quartel de Regência Augusta (atual Regência) surgiu nesse contexto, assim como o quartel de Coutins, que deu origem a sede municipal de Linhares (Figura 216), ambos instalados no ano de 1800.

Figura 215: Cais do Porto de Conceição da Barra, no século XX. Fonte: IBGE.

A ascensão almejada pelas cidades nem sempre foi constante. Linhares, por exemplo, tem uma história peculiar, com duas datas de fundação. Em 1895 é criada a Comarca de Linhares, mas extinta 11 anos depois, em 1906, em função da construção da Estrada de Ferro que ligava o Espírito Santo a Minas. O comércio entre essas duas regiões passou a ser feito pela ferrovia, que passou a atravessar o município de Colatina, à época situado dentro dos limites da Comarca de Linhares. Assim, a sede da comarca foi transferida de Linhares para Colatina, e os comerciantes e políticos também seguiram esse fluxo, fazendo com que a vila entrasse em processo de regressão.

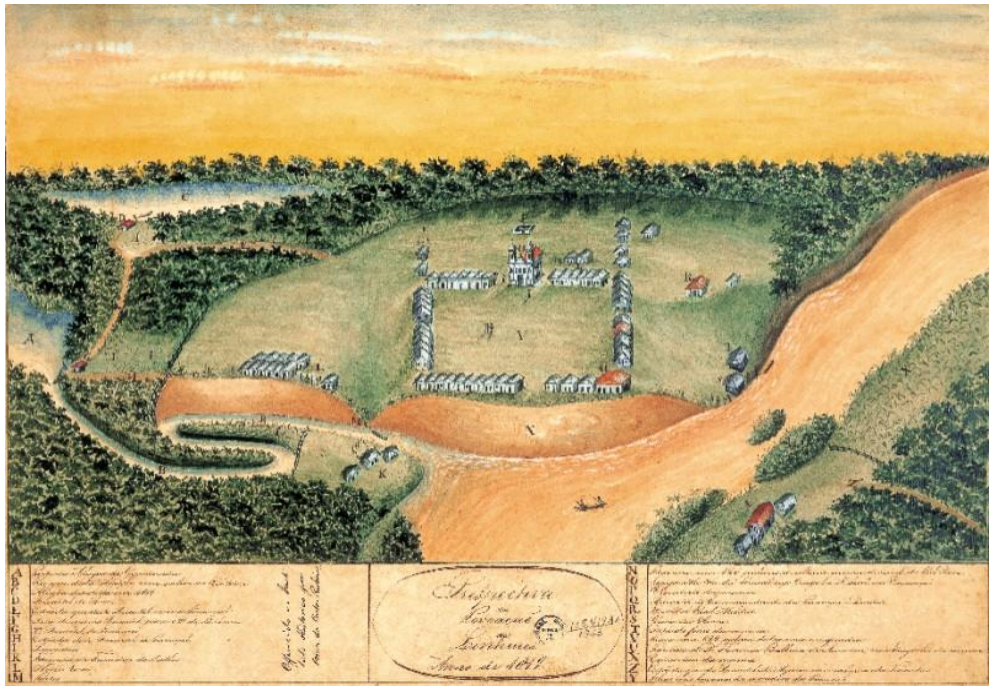


Figura 216: Povoação de Linhares às margens do Rio Doce, em 1819. Fonte: REIS,2000).

Posteriormente, foi o cacau o grande responsável por elevar Linhares à condição de cidade novamente. Inicialmente o Governo estimulou a vinda

de fazendeiros do Sul da Bahia que já cultivavam o fruto. A partir de 1917 a iniciativa foi ampliada e o governo distribuiu glebas para os fazendeiros que dispusessem a plantar cacau na região. Mas foi a crise do café somada a ligação por via litorânea entre Linhares e Vitória, que a produção de cacau ganhou força, encontrando no delta e nas margens do baixo Rio Doce, as condições ideias para o seu plantio.

Figura 217: Inauguração da ponte Presidente Vargas (1954)

Outro marco importante na história de Linhares foi a construção da ponte Getúlio Vargas sobre o rio Doce (Figura 217), no início da década de 1950, garantindo a ligação entre o norte e o sul do Espírito Santo e permitindo às comunidades locais o incremento de suas redes comerciais. A inauguração da ponte também foi investida de grande sentido emocional, apontando para a ideia de desenvolvimento que caracterizou os debates políticos e econômicos no Brasil de meados do século XX. A ponte representava o progresso e a integração, visava incrementar a atividade industrial e permitir a potencialização do escoamento da produção agropecuária. Com sua inauguração, Linhares ganhou centralidade na região norte do Espírito Santo, atraindo milhares de novos moradores vindos de dentro e fora do estado. A melhoria das estradas, com a abertura da BR-101, anos mais tarde, complementaria a obra iniciada nos anos 1950. O desenvolvimento chegava para ficar, com seus prós e contras.

Figura 218: Vista aérea de Linhares, 1975. Fonte: IBGE.

De aldeias a vilas, de vilas a cidades, as paisagens cidades são transformações, são devir: daquilo que um dia foram e já não são, daquilo que almejam alcançar e parece escapar pelos dedos. Qual é o destino das cidades?

"Do norte ao lado, em direita margem
Está risonha vila de Linhares,
Vistas para desenhos da paisagem,
Oferecem por ali todos os lares:
Suas matas são lindas de roupagem"(SIQUEIRA, 1884).

"A evolução né? Quando a gente chegou era um lugarejo pequeno, não era como é hoje, não tinha escola, tem hoje, não tinha creche, era bem limitada entendeu? Não tinha o calçamento, a rua era tudo terra, as lojas também não tinha, né? Igual, farmácia, um postinho pequeno que tinha de medicamento e médico era uma vez por semana só, então nesse ponto aí evoluiu muito. Porque a gente tem médico no postinho toda semana, tem a farmacinha que tem os medicamentos, tem a escola ali de ensino médio, a gente pega de ensino fundamental até o ensino médio, tem a creche que pega as crianças para as mães poderem trabalhar, então evoluiu muito (...)" (Flávia Onorato, 33 anos).

O termo "evolução", quando sinônimo de progresso – palavra estampada na bandeira brasileira –, é uma das formas utilizadas para caracterizar o processo de transformação ocorrido quando um lugar deixa de ser apenas um lugar e se torna uma cidade. Contudo, é necessário lembrar que o progresso aliado ao contexto urbano é uma noção historicamente construída que, como um mito renovado por um aparato ideológico, interessa convencer que ele é um destino certo e glorioso. Mas, a quem o progresso serve? *"Tem que crescer para onde tem espaço e... não tenha dúvida que vai, que vai trazer progresso para cá, mas o progresso, onde o progresso chega ele chega fazendo uma devassa que pelo amor de Deus. O progresso mata a gente (...). O que será de Putiri?"* (Sebastião Assunção, 60 anos).

Figura 219: Conceição da Barra no início do século XX e hoje (2018). "Conceição da Barra: História e Memória"

A questão é que a construção de cidades para alguns gera desequilíbrio. Quais são os riscos e custos de natureza social e ambiental aí implicados? *"A cidade [Conceição da Barra] foi destruída por descaso ambiental mesmo"* (Fábio Clarindo, 44 anos). A paisagem cidades é a imagem de um espaço permeado por conexões e impermeabilizado por materiais. Aquilo que conecta em alguns sentidos desconecta em outros. Para ser instaurado, na maioria das vezes, esse arranjo administrativo e urbanístico, pano de fundo da paisagem de Cidades, necessita sobrepor-se (e contrapor-se) a outras camadas, especialmente àquelas naturais ou rurais, pois é em oposição a essas que o urbano tem se caracterizado e constituído.

A desconexão com o ambiente e mesmo entre as pessoas que vivem na cidade está relacionada aos seus ritmos frenéticos, movidos especialmente por impulsos e interesses econômicos. Originária do termo *civitas* em latim, as cidades seriam idealmente paisagens para contemplar a condição ou os direitos dos cidadãos. Entretanto, a ausência de um planejamento integrado entre as benesses do meio urbano, o humano e a natureza, a má administração política e o frenesi do capital atropelam muitos dos direitos inicialmente imaginados pelos/para os citadinos. *"Ah, eu vejo como incerto né, eu vejo vários avanços de forma mais desordenada e industrializada e assim, por outro lado tem associações e tal, mas tudo acontece com uma velocidade muito menor, não consegue acompanhar esse desenvolvimento econômico que coloca em risco né? A sustentabilidade da natureza"* (Breno Boos, 30 anos).

"*Neste bosque urbano,*
Árvore feita em concreto
- meu corpo estremece."
(Éolo Yberê Libera, poeta mineiro)

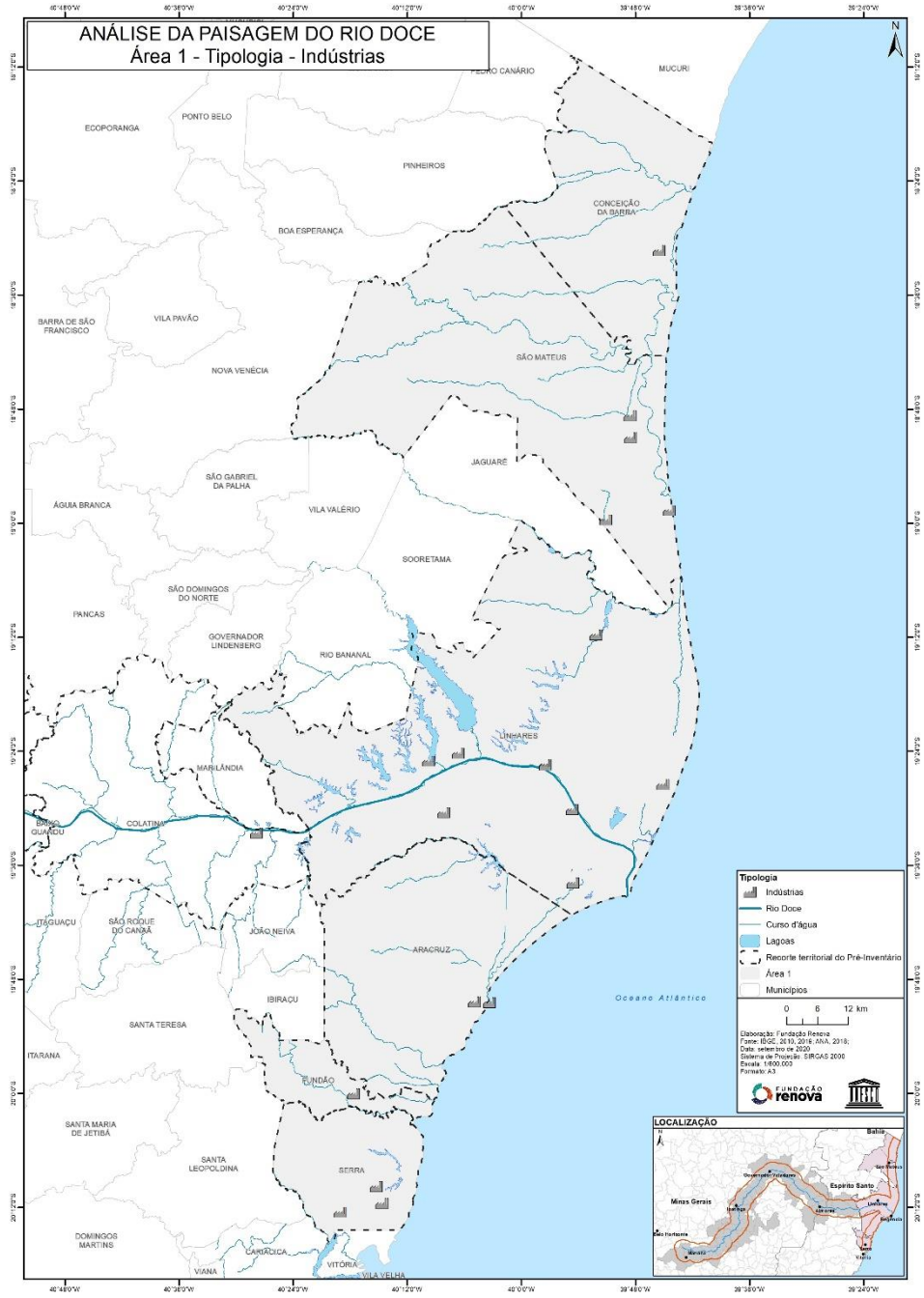
Indústrias – motores de transformação

Figura 220: Aracruz Celulose em Aracruz/ES, década 1970, Acervo Biblioteca do IBGE.

Figura 221: Fábrica Suzano (antiga Aracruz Celulose), Aracruz/ES, 2020.

Figura 222:Estação satélite, Rio Preto, São Mateus/ES, 2020.

Figura 223: Identificação de empresas no distrito industrial de Serra/ES, 2020.



Classificação : Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Muito Forte.
Justificativa: São paisagens domesticadas com nível muito forte de artificialização porque produzem seus produtos de forma artificial.

O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II

Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III

A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV

Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

(ANDRADE, 1984.)

O poema de Drummond nos remete à paisagem Indústrias, movida por suas cargas, representando os fluxos de extração e transformação voraz da matéria-prima do país que é comercializada aqui e em outros recantos do planeta. Nessa paisagem predomina o conjunto de infraestruturas metálicas erguidas para transformar a matéria prima em bens de produção ou de consumo. As indústrias de bens de produção dividem-se em duas: indústrias extrativas e de equipamentos. Aqui se encontram também as indústrias de bens intermediários e bens de consumo – duráveis e não duráveis. Alguns aspectos centrais nessas paisagens são a dinâmica de descaracterização do espaço natural, o surgimento de conflitos socioambientais e a concentração de poder. *"Porque tem ameaças fortíssimas pelos grandes projetos chamados de indústria (...)"* (Herval Nogueira Júnior, 57 anos).

Chaminés, fumaça e odores fortes são elementos que despertam os sentidos diante das Indústrias. Muros, cercas, arquiteturas suntuosas e grandes estruturas de concreto ou metal delineiam a percepção dessas paisagens. Às vezes os altos ruídos produzidos pelos motores das máquinas em operação causam desconforto sonoro nas comunidades que ocupam suas margens. Quando instaladas em regiões planas e descampadas, como pastos, elas quebram a harmonia monótona e se tornam protagonistas, alterando direta e indiretamente a paisagem. Quando instaladas em cidades e suas imediações, são manifestações radicais da essência transformadora da vida urbana.

As Indústrias são paisagens imponentes. Com frequência provocam um choque no observador que se depara com suas estruturas circundadas por muros ou mesmos árvores que se colocam como barreiras visuais. Esse não se dar a ver se associa tanto à privacidade dessas áreas quanto ao fato de que dentro das indústrias circulam riquezas, monetárias e tecnológicas, que é preciso preservar. As Indústrias podem se mostrar modernas (Figura 221), símbolos de um ideal de "progresso" e de crescimento econômico; ou em outras circunstâncias, aparecerem em distritos industriais isolados, afastados das cidades, cobertos por uma aura acinzentada e dura. Em ambos os casos, a paisagem, paradoxalmente, se apresenta desumanizada ao olhar externo do observador. Contudo, no interior dessas estruturas de concreto estão os trabalhadores, operando máquinas e dando conta da produtividade. De uma perspectiva externa às fábricas ou indústrias, eles são vistos apenas no início e no final do expediente, quando sobem ou descem dos transportes coletivos.

As indústrias se consolidaram especialmente a partir da extração dos recursos da natureza, que foi sendo artificializada a ponto de tornar-se fruto das próprias engrenagens dos sistemas industriais. Com a Revolução Industrial, a natureza passou a ser percebida sob o paradigma das máquinas. Quanto mais o homem se dedicava a conhecer e explorar a natureza, mais domínio passava a ter sobre a mesma e mais riqueza gerava para o sistema econômico vigente. As Indústrias são uma paisagem em que a natureza está completamente descaracterizada de seus contornos originais. Nos pátios das fábricas estão montanhas de minério, árvores empilhadas, barrotes de ferro e concreto, recursos extraídos do ambiente natural, transportados para outros contextos e ressignificados (Figura 224).

Os principais setores industriais presentes entre na foz do rio Doce e no Litoral Capixaba são os de celulose, de extração petróleo *on shore* e gás natural e a moveleira, resquício do abundante ciclo madeireiro ocorrido entre as 1940 e 1960 em Linhares e Aracruz. Nas décadas seguintes, o estabelecimento do setor de beneficiamento de celulose levou à criação de muitos novos empregos, o que acarretou na chegada de populações vindas de dentro e fora do Espírito Santo, para as quais foram destinadas áreas de expansão urbana – novos bairros ou condomínios das empresas. Mais recentemente, com o desenvolvimento das indústrias e serviços de apoio ao setor portuário e a expansão da influência de Vitória sobre o município de Serra, observou-se a emergência de novos flancos de atividade industrial. Atualmente, os municípios do Litoral Capixaba e do Baixo Doce, onde se localiza Linhares, lideram as taxas de ocupação de trabalhadores no setor industrial com, respectivamente, 29% e 27% (diante de 13% no Médio Doce e 14% no Alto Doce).

Figura 224: Recursos da natureza como matéria-prima, Serra/ES, 2020.

A separação do mundo da natureza provocada pelos humanos gera em alguns moradores que vivem no entorno das paisagens de Indústrias sentimento de repulsa, pois eles percebem as mudanças na paisagem original, os afastamentos e clausuras impostos. *"Paisagem que me choca é aquele muro da Girong, aquilo parece uma prisão de segurança máxima, você já viu? O muro da Girong? Eu me choco. Eu conheci aquela região sabe, nativa, agora quando eu passo ali, aquilo me choca"* (Elisabeth de Souza Areias, 57 anos).

A Figura 220 apresenta o registro aéreo da planta industrial da Aracruz Celulose, um gigante de metal cuspindo fumaça com o oceano ao fundo. A representação denota a supremacia das técnicas de apropriação, com vistas às atividades produtivas de grande porte diante de áreas nativas. O contraste chocante, na narrativa imagética, pende para o lado da atividade industrial, na qual se observa movimento. Ao fundo, o mar e a costa, borrados, figuram desocupados, coadjuvantes diante da magnitude espetacular do gigante industrial.

Embora a região do Baixo Doce seja a porção mais conservada da bacia, esta passou por intenso processo de ocupação, transformação e interferências diretas no canal principal do rio, como, por exemplo, a transposição do rio Doce junto à sua foz para o abastecimento do complexo fabril da Aracruz Celulose S/A (atual Suzano), que utiliza uma grande quantidade de água em seus processos produtivos. O nome escolhido para o novo canal – Caboclo Bernardo – se apropria de uma das principais histórias integrantes do imaginário das comunidades, submetendo não apenas as terras e as águas, mas elementos das memórias locais às necessidades dos empreendimentos que se instalam em suas imediações.

A imagem da fábrica expõe a imponência das Indústrias diante de pequenas comunidades. Uma situação de conflito que as elas trazem para a história de pequenas comunidades se associa às relações de trabalho. O discurso hegemônico sustenta o papel importante das Indústrias para a

geração de renda dos municípios e estados. Como mostram os dados, seu papel para a geração de renda não é desprezível nos municípios aqui analisados. Mas, nem sempre a população local é igualmente beneficiada pela presença dessas paisagens *"Quando vê aqui, algumas pessoas aqui dentro, quando as empresas começaram a chegar, como nós sempre fomos uma classe pesqueira, beirada de ribeirinho, o que acontece, nós não tínhamos pessoas capacitadas para ocupar os lugares. Eu me lembro como se fosse hoje, um engenheiro falou para nós assim: 'Olha, nós temos para ofertar para vocês, mas vocês não têm para ofertar a nós!' Essa frase ficou gravada! Nós não tínhamos pessoas capacitadas, foi aí que nós começamos a levar os nossos filhos para se formarem e isso, infelizmente, nós temos os capacitados, mas não temos empresas que contratam, isso foi uma das coisas que marcou'* (Hildete Jorge Caliman, 54 anos).

Gasodutos, estaleiros, terminais de extração de gás natural, e fábricas de móveis marcam as paisagens das Indústrias no litoral do Espírito Santo e foz do rio Doce. As Indústrias colocam a frequência de um outro tempo, de ritmos intensos, movidos pelos processos repetitivos desencadeados pelas mãos que operam máquinas ou pelas próprias máquinas que se movem automaticamente sob comandos computacionais e elétricos. Nessas paisagens, o tempo não para, ninguém para, as máquinas não podem parar sob o risco de fragilizarem a economia, afinal "tempo é dinheiro". Esse tempo que se impõe com a operação contínua das fábricas contrasta com o tempo vivido pelas comunidades locais, que são atropeladas pelos empreendimentos e seus impactos ambientais e sociais. *"(...) está para chegar aqui uma grande empresa que ela mexe com gás, gás butano essas coisas assim (...) pouca gente aqui tem conhecimento do impacto, do impacto que essa empresa pode causar para essa população nossa (...). Aí o que que nós fazemos, aquelas pessoas que têm um pouquinho de conhecimento, a gente consegue (...) envolver a justiça né? (...) Então para que eles venham conversar com nós, a comunidade aqui teve que acionar a justiça, o Ministério Público entendeu? Porque eles não vêm conversar, simplesmente, vão chegando e se instalando de qualquer jeito aí e acabou. Nosso povo é um povo que não tem cultura e tal, não tem conhecimento, aí eles vão chegando e fazendo de qualquer jeito. (...), mas para nós não há novidade, que ela vai conseguir se instalar, vai, só que vai encontrar um embargo que nós vamos estar brigando, nós vamos. Mas nós sabemos do nosso tamanho né? Nós sabemos, ela é uma empresa multinacional, então é difícil, é difícil"* (Sebastião da Assunção, 60 anos).

O porte das fábricas de hoje já não é o mesmo daquelas de meio século atrás. A Suzano, antiga Aracruz Celulose, por exemplo, atualmente conta com três fábricas do ramo e mais um conjunto de outras empresas que se instalaram na mesma região e estão atreladas ao setor. Esses empreendimentos recebem incentivos governamentais, visto que trazem geração de renda para o município e o estado. Também costumam ocupar uma ampla área territorial e, para tanto, historicamente foram responsáveis pelo esbulho de terras indígenas e das propriedades de pequenas famílias

negras e rurais. Ao serem construídos, tais empreendimentos caracterizam um inchaço populacional na região, pessoas vindas de outros lugares para trabalhar nas obras e que, consequentemente, trazem também outros problemas sociais. *"Nós vamos ter grandes empresas, muitos terrenos que estão aqui hoje conforme a gente vê aí, se transformar em moradia né? E aonde tem um inchaço de pessoas, há conflito, não tem jeito, não tem jeito"* (Sebastião da Assunção, 60 anos).

Figura 225: Usina de Tratamento de Gás Cacimbas (UTGC), em Cacimbas. Linhares/ ES, 2020.

As comunidades locais sentem que perdem seus lugares e vozes diante das potências das indústrias. Esses espaços abafados são físicos: terras de ocupação deixadas para trás, acessos e paisagens que somem em meio a muralhas, nuvens de fumaça que cobrem o azul do céu. Ademais, são também espaços subjetivos das comunidades invisibilizadas que se esvaem. Potencialidades que elas identificam como diferenciais locais não reconhecidos, valorizados e estimulados, visto que a magnitude das fábricas e as divisas por elas atraídas para os municípios já parecem ser o bastante. *"Eu vejo que não tem um...um... não tem um olhar para esse potencial turístico né, porque inicialmente, foram colocando fábricas e empresas. Tem uma empresa muito grande de celulose então o Governo do Estado foca muito para grandes empresas em volta daquela empresa né? Então vai matando um pouco essa cultura, esses saberes né?"* (Elisabeth de Souza Areias, 57 anos).

As infraestruturas do setor de óleo e gás, como a gigante planta da Usina de Tratamento de Gás Cacimbas (UTGC) em Linhares (Figura 225), os "cavalinhos" de petróleo (Figura 226) e as estações de extração de gás natural (Figura 222), são elementos que compõem as Indústrias na área da foz. Essas Indústrias estão pulverizadas na baixada litorânea do Litoral Capixaba. Elas podem estar em áreas de fazendas consorciadas com a criação de gado e podem se sobrepor a Vidas Quilombolas, como acontece na localidade de Degredo também em Linhares. Apesar dos riscos socioambientais que apresentam, como a contaminação de recursos hídricos

e acidentes por conta do trânsito e armazenamento de material combustível, as atividades do setor petrolífero são geradoras de royalties e valorizadas por seu grande impacto na arrecadação dos municípios do Litoral Capixaba.

Para as populações que vivem no entorno das Indústrias, elas não provocam afeto, intimidade ou qualquer sentimento de identidade. Pelo contrário, é como se elas roubassem sonhos, por vezes até imaginados, mas em seguida deixados para trás. *"Hoje em dia o mundo tá extremamente capitalista e muito, eu diria assim, as empresas estão diminuindo o custo a qualquer custo. Nós estamos vivendo agora um momento impressionante. Você vê uma empresa que chegou (...) trabalhou aquela comunidade que era Barra do Riacho. Que a Barra do Riacho, devido a ter um Porto, era pura prostituição. (...). Ela tinha aquela parte social, aquele compromisso social com o local. Então fazia eventos, cursos para as mulheres, para as crianças... Projetos, assim, incríveis, (...) hoje acabou todo aquele trabalho, aquele compromisso com a comunidade, com os funcionários locais… Com tudo isso, tudo hoje foi diluído. Agora o projeto deles é com o capitalismo. É produzir mais com menos"* (Georgina Morais, 70 anos).

Figura 226: "Cavalinho" de extração de petróleo em área de eucaliptos no município de São Mateus/ES, 2020.

"Mas os brancos são gente diferente de nós. Devem se achar muito espertos porque sabem fabricar multidões de coisas sem parar. Cansaram de andar e para ir mais depressa, inventaram a bicicleta. Depois acharam que ainda era lento demais. Então inventaram as motos e depois os carros. Aí acharam que ainda não estava rápido o bastante e inventaram o avião. Agora eles têm muitas e muitas máquinas e fábricas. Mas nem isso é o bastante para eles. Seu pensamento está concentrado em seus objetos o tempo todo. Não param de fabricar e sempre querem coisas novas. E assim, não devem ser tão inteligentes quanto pensam que são. Temo que sua excitação pela mercadoria não tenha fim e eles acabem enredados nela até o caos. Já

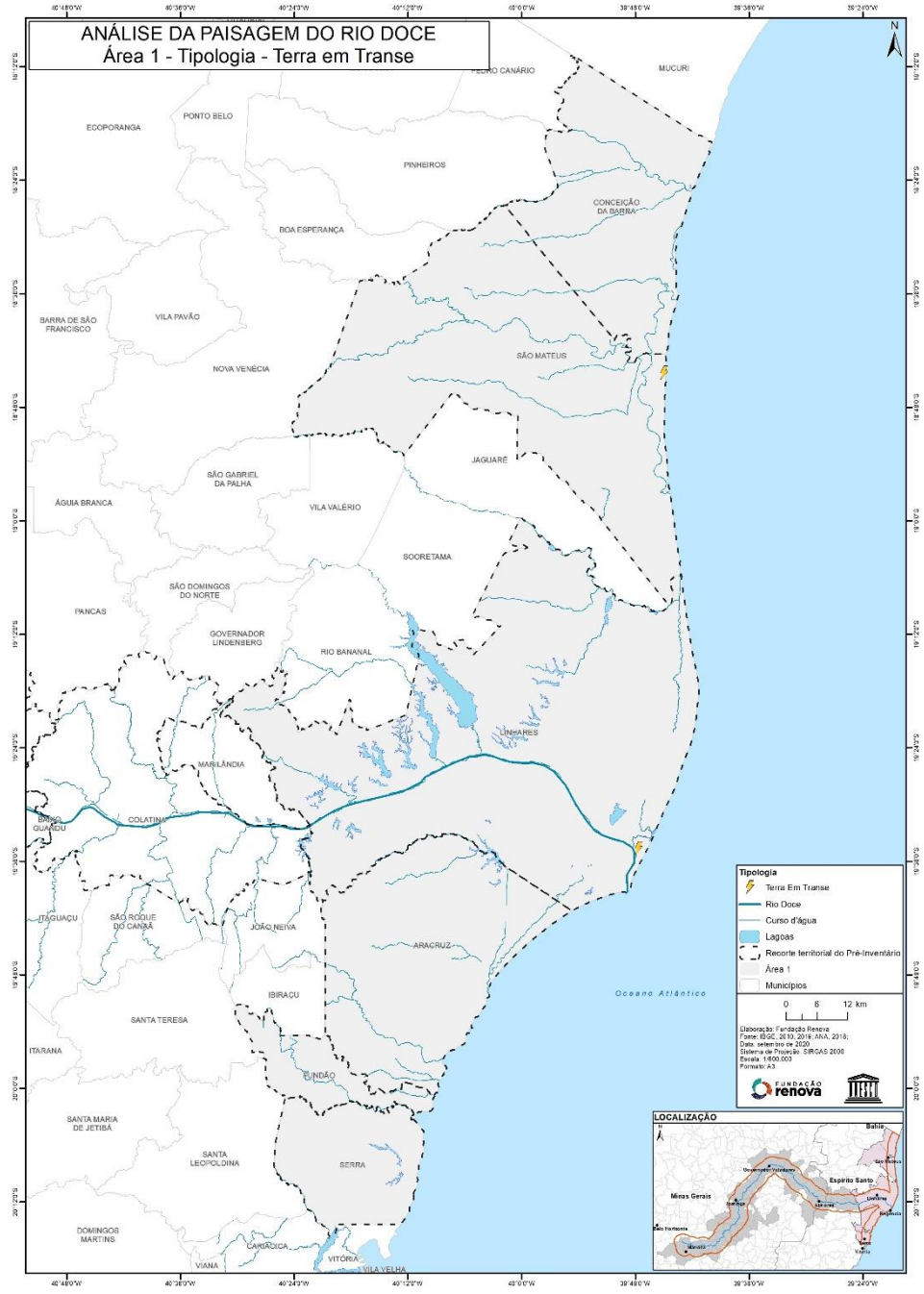
começaram há tempos a matar uns aos outros por dinheiro, em suas cidades, e a brigar por minérios ou petróleo que arrancam do chão. Também não parecem preocupados por nos matar a todos com as fumaças de epidemia que saem de tudo isso. Não pensam que assim estão estragando a terra e o céu e que nunca vão poder recriar outros". (KOPENAWA;ALBERT, 2015).

Figura 227: Cheia do Rio Doce em janeiro de 2020 na ES 248. Linhares/ES.

Figura 228: Degradação urbana. Praia de Guriri, São Mateus/ES

Figura 229: Avanço do nível do mar e desabamento de via em Barra Nova Sul, São Mateus-ES.

Figura 230: Enchente na via principal de chegada a comunidade de Povoação. Linhares/ES.



Classificação: Paisagem Domesticada
Nível de Artificialização: Muito Forte
Justificativa: A terra em transe, em decorrência de eventos extremos, resultado das ações humanas apresenta transformações bruscas das paisagens e dos modos de vida que as compõem.

"Mudou! Mudou bastante, cara. Eu lembro que naquela época tinha mais chuva, né. Hoje em dia, quando chove é desgovernadamente. Antigamente não, tinha aqueles meses que você podia esperar que era chuva. Hoje em dia não... tem vezes que o sol está mais quente, tem vezes que... igual essa época de chuva que teve esses dias eu não lembro que eu via chuva essa época de... com tanta abundância igual eu vi esses dias. Janeiro é sol quente, tá terminando janeiro e agora que tá começando... Começa fevereiro amanhã, eu tinha aquele ditado "sol de janeiro", eu tô vendo sol de janeiro o quê? De uns dois dias pra cá..." (Gilvan Francesbilho dos Santos, 37 anos)".

A Terra em Transe é ancorada na percepção individual e coletiva sobre a mudança do clima e esculpida por processos cumulativos visíveis e invisíveis que alteram as características biofísicas da Terra. Essa paisagem se forma após desastres disruptivos, que normalmente têm grande magnitude, como os eventos extremos que geram enchentes e secas; ou em desastres mais silenciosos e de longo prazo, como a redução de espécies nativas da fauna "...mas hoje o mel diminuiu muito, você não vê mais uma abelha, ainda não se explica o por que... (Simone de Jesus, 33 anos)"; bem como da flora e dos recursos hídricos *"Tá acabando e não é pouco não, tá! Muita! Está acabando, isso está... Tem lugares que você passa que antigamente era uma floresta, hoje em dia você não vê nada, antigamente era uma lagoa, era um lago, você vê seco, entendeu? Isso aí é nítido. Isso aí está acabando e muito e não é pouco não. Se nós não tomarmos providências a tendência eu acho que é acabar mais e mais ainda".* (Gilvan Francesbilho dos Santos, 37 anos).

O termo "transe" está relacionado ao verbo *transire* em latim, que significa cruzar, atravessar. Simultaneamente, é uma palavra que remete a uma conjuntura aflitiva, perigosa, crítica. O transe também é associado a um estado alterado de consciência. Como paisagem, Terra em Transe, coloca a própria Terra, o planeta, sob um transe induzido – e conduzido – pelos humanos. Tem-se uma paisagem que cruza a linha do "modus operandi" do planeta Terra, e as mudanças climáticas desencadeadas pelas ações humanas estão, especialmente, à frente dessas rupturas. Alguns cientistas têm apresentado o conceito de Antropoceno para pensar essas profundas alterações planetárias: perda da biodiversidade, alteração na composição da atmosfera, mudanças climáticas, alteração nos rios, derretimento de geleiras, aumento do nível do mar. Enfim, são transformações em um nível macro e que repercutem em uma microesfera tornando, por vezes, as paisagens de outrora completamente outras. *"Na mata... Ai... Na mata virgem eu te quero verde, fazer queimada não me dá prazer [...]êhêhêh. A natureza proteger. êh. êh. Nós devemos se ajuntar. A natureza está pedindo paz, pede socorro, mas ninguém escuta. Nossas geleira está descongelando, por causa do efeito estufa"* (Astrogilda Ribeiro dos Santos, 86 anos)

Assim, essas são paisagens efêmeras ou que perduram no território engendram novas dinâmicas sociais e produtivas. Na cidade ou no campo, a depender do grau de exposição e vulnerabilidade dos sistemas socioecológicos, a Terra em Transe altera formas historicamente conhecidas e desestrutura vidas e modos de vida. *"No tempo que eu cheguei a presenciar*

uma enchente em [19]79 eu estava com... o que... doze... onze anos de idade na época. Uma enchente tão devastadora assim, que... não chegou a ter vítimas de morrer, mas... destruiu muita plantação naquela época, os animais passaram muita fome... tiveram que ser socorridos, né, nessa estrada dos lugares mais altos, pessoas ficaram desabrigadas, tiveram que sair de casa... Então, um pouco da história, né?" (Pedro Ribeiro Clarindo, 52 anos)". Alguns elementos que marcam a primeira visada dessas paisagens são os alagamentos, enchentes, pragas em culturas, infraestruturas rompidas, terras áridas, animais e pessoas isolados, deslizamentos e pessoas desalojadas de suas casas.

A calha do rio Doce foi dilacerada em 1979, e posteriormente, em 1997, 2013 e em 2020 pelo aumento do nível do rio. Apesar das cheias fazerem parte da dinâmica natural do rio, é a magnitude e a diminuição da frequência entre esses eventos extremos que acende o alerta para a degradação de serviços ecossistêmicos fundamentais como a filtragem de poluentes e o reabastecimento de corpos hídricos promovidos pelas florestas e matas ciliares: *"Se você for acabar com a natureza, você fica sem água, o país nosso já está né?"* (Elza Soares, 63 anos).

Assim como as cheias, as secas também já são eventos climáticos percebidos como recorrentes na região *"...esses tempos passados, na época da seca fazia tristeza. Você olhava, você não via nada verde, você estava molhando café, molhando, molhando para sobreviver, segurar verde, pasto não tinha mais, só tinha um pouquinho onde tem os piquetes ali em cima, assim mesmo para você tirar o gado daquele piquete aqui, botava lá, dentro de um tantinho assim, dava para nada, só dando ração essas coisas assim. Coisa que jamais a gente viu assim antes né, hoje tem que ter isso. Perdia, perdeu vaca também por conta disso também, enfraquece a vaca, que dá muito leite, enfraquece né, acaba morrendo, não aguentando, por isso que eu digo, a paisagem é totalmente diferente, por conta do clima, tempo também"* (Zélia Scarpatti, 75 anos).

Figura 231: Leito do rio Doce praticamente seco em trecho entre Linhares e Colatina, 2015. Foto: Jorge Sagrilo/ A Gazeta.

O rio Doce, por exemplo, apresentou diversos pontos em que seu leito ficou praticamente seco (Figura 231) não atingiu sua foz em julho de 2015, pela primeira vez na história, em decorrência de um severo período de estiagem ocorrido naquele ano. Esse fator, somado aos processos de agressões, desmatamento, despejo de esgotos e descargas químicas que ocorre em todo o seu leito desde as nascentes, modificou a paisagem no

local. A foz, que se alargava por 380 metros de comprimento e tingia a costa capixaba de sedimentos cor de barro, recuou continente adentro e deixou visível o banco de areia que separa o rio do mar (Figura 232). Passados quatro meses, nesse mesmo ano, o rio Doce foi atropelado pela enxurrada de lama oriunda do rompimento da barragem de Fundão. A paisagem desolada de assoreamento foi preenchida pela densidade do material tóxico que escorreu pelas artérias do rio até chegar ao mar. O caráter disruptivo desses dois eventos ocorridos em sequência transformaram as paisagens, os modos de vida e organização social das populações locais.

Figura 232: Foz do rio Doce em Regência/ES. Data: julho de 2015.16.

A terra em transe provoca um ambiente de incertezas, e é dessa insegurança no porvir que eclodem os sentimentos de indignação, medo, nostalgia e resignação. Em meio a esses sentimentos, as comunidades humanas procuram respostas. Adentrar nessas paisagens é encontrar justificativas para os desastres naturais que vão do castigo divino à retaliação das ações predatórias dos homens na natureza. Entre os moradores da calha

[16]Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/07/12/interna_gerais,66 7496/rio-doce-deixa-de-correr-na-foz-original-e- de-desaguar-no-atlantico.shtml

do rio Doce é comum a percepção de que Deus está castigando a maldade dos homens na terra. Há moradores da calha que, apesar do pouco estudo, têm na empiria e na profunda relação de convivência com os ciclos da natureza, a consciência de que essas paisagens são consequência direta das transformações desenfreadas da superfície natural da terra. *"Rapaz, foram queimadas, eu acho que muita gente colocando negócio de eucalipto, esses trem aí, não tô dizendo que o eucalipto é culpado, mas... um cado de coisa aconteceu, né, fizeram um cado de roça beirando as estradas, aí foi acabando tudo..."* (Gilvan Francesbilho, 37).

A incerteza das respostas climáticas às transformações antrópicas na calha do rio Doce levanta o debate sobre a necessidade de garantir a resiliência e a segurança hídrica e alimentar para as mais de um milhão de pessoas que vivem às margens do rio e dependem de seu ecossistema. Afinal, por que e para quem se tem sobrecarregado os recursos naturais dessa região? *"Bom, a minha vida aqui foi muito boa, há uns tempos atrás tinha fartura das coisas, pegava tudo para comer. Hoje a pessoa já não acha aquele alimento mais, não acha para comer porque contaminou muito essas águas que vieram aí sabe? Essa mata aí, então contaminou muita coisa aqui. E nós estamos comendo assustados hoje, as coisas, os alimentos que nós comíamos (...). Tem um pessoal aí passando até necessidade, se não fosse essa Samarco mandar esse dinheirinho pra nós aqui, o pessoal estava passando fome aqui. Você vai pescar, não pode vender um peixe, vai pegar um caranguejo, ninguém quer comprar. Então prejudicou nós todos aqui"* (José Pinho Ramalho,74 anos).

A Terra não está em transe apenas quando do transbordamento dos rios devido à ação humana. Consiste uma configuração marcante dessas paisagens nos municípios da Foz do rio Doce e do Litoral Capixaba, especialmente São Mateus e Conceição da Barra, o avanço das águas dos Mares sobre a costa, destruindo edificações, infraestrutura urbana e gerando temor nas populações locais. Exemplo paradigmático desse fenômeno ocorreu com a região conhecida como Bugia, em Conceição da Barra (Figura 233, próxima página), ocupada por pescadores desde, pelo menos a década de 1990, e considerada um lugar especial pelos moradores locais devido à simplicidade das construções e dos modos de vida. Contudo, *"teve uma época que o mar começou a destruir, destruiu até um local que era de pesca, era tipo uma vila de pescadores chamada Bugia e acabou. Também era outra área que abrigava mais de oitocentos pescadores, família de pescadores, voltando todo mundo em família né? E que essa destruição do mar, acabou afetando também a cidade, afetou o movimento, era um local de pescadores que gerava também uma... gerava emprego, gerava a pesca, o comércio era mais aquecido. Então com essa destruição a cidade ficou abandonada uma época*" (Fábio da Silva Clarindo, 44 anos). O arrasamento da Bugia é um elemento vivo nas memórias locais que está associado ao temor e ao respeito com relação aos mares. Se eles vierem, não há quem ou o que os detenha.

Assim, causada por enchentes ou pelo avanço das águas marítimas, a Terra em Transe lembra o ser humano de sua pequenez diante das forças da natureza e alertar sobre os efeitos de sua pretensão de colocar tudo o que está em sua volta sob os imperativos de sua vontade. A Terra em Transe nos mostra que, se talvez ainda não tenhamos ido longe demais, já fomos...

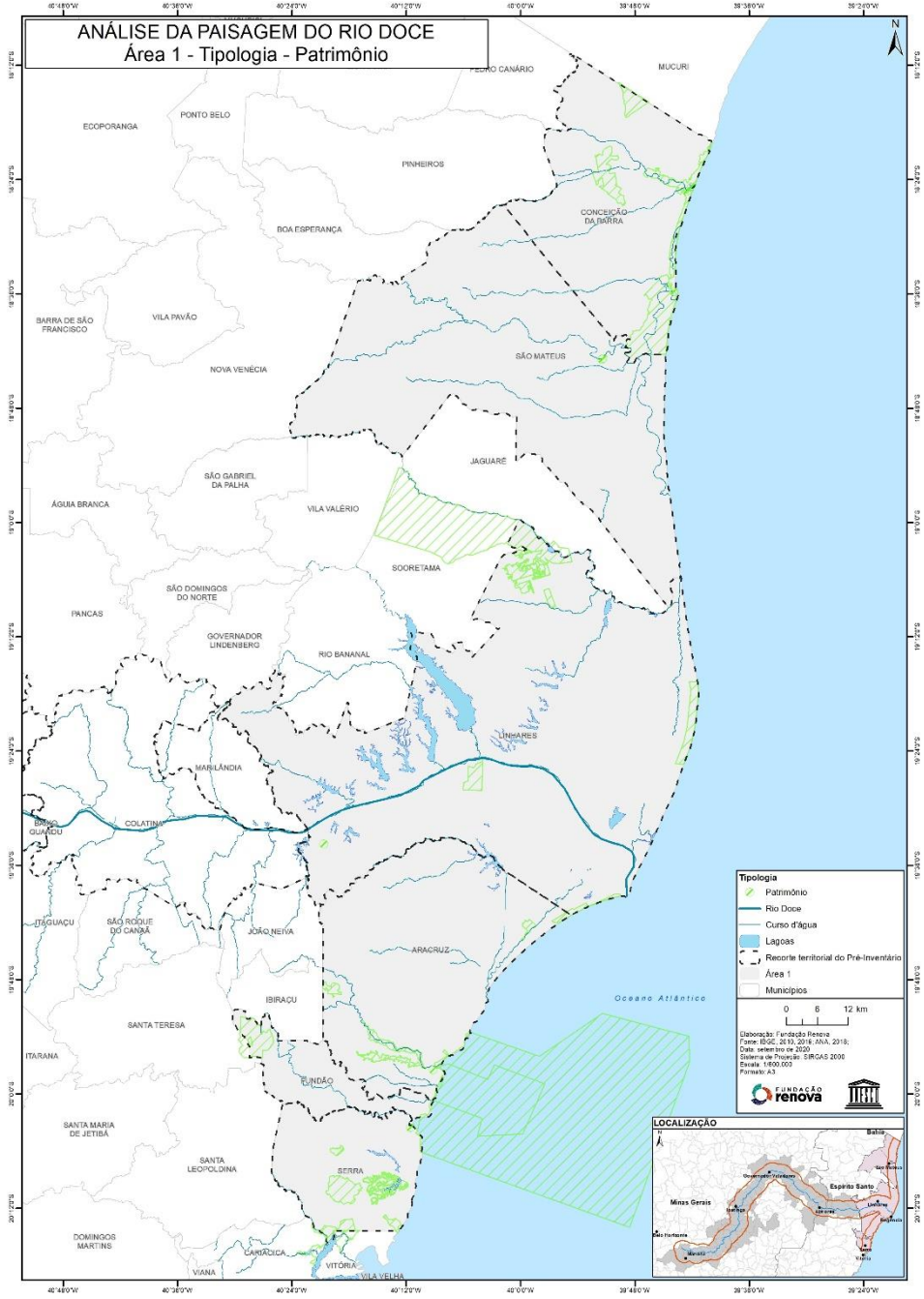
Figura 233: Edificações arruinadas devido ao avanço das águas do mar sobre a Bugia, Conceição da Barra, 2018.

Figura 234: Vista do rio São Mateus, a partir do mirante no centro de São Mateus/ES.

Figura 235: Igreja Três Reis Magos em Nova Almeida, Serra/ES.

Figura 236: Praça 22 de Agosto, década de 1940. Linhares/ES.

Figura 237: Antigo Farol da vila de Regência, Linhares/ES



Classificação: Paisagens Nativas e Domesticadas
Nível de Antropização/Artificialização: Variável
Justificativa: As paisagens patrimônio são construídas pela ação humana, mas a intensidade dessa ação pode variar. De um lado, alguns marcos naturais como, os rios e áreas de preservação, em que a artificialização é baixa; de outro, as Igrejas, praças, casarões, dentre outros, em que os elementos construídos para variados usos e associações aos elementos humanos lhes confere um forte nível de artificialização.

Minha musa inspiradora[17]

Conceição da Barra que brilha iluminada pelo sol ardente,
Nasceu de um amor procedente do rio e do mar quando se encontraram.
Do Espírito Santo és filha; Ceição, Deus em ti fez morada
Por teus filhos és venerada, por poetas, exaltada, por tuas belezas mil.
Ó hóstia de Deus colocada em um sacrário do meu Brasil.
Princesa, a tua beleza a muitos já encantou,
Encantos de amor e de Glória, ouço contar sua história que a natureza presenciou,
Nas águas quietas navegar, Deus deu o teu nome a meditar.
Cricaré correu e cochichou com o mar
Neste conto de amor ardente e desejo deu-se um beijo,
envolto de lençóis em águas mornas, espumas, brumas, e cantos de grumará.
Nasceu a Ceição, a musa que veio para o poeta inspirar.
Nos seus quadros paisagísticos apoiamos belos e ricos
Teu rio, teu mar, teu casarão antigo, que outrora servira de abrigo para precursores que a vieram edificar.
Teu farol piscaneia para o pescador que no barquinho vive a pescar.
Em Guaxindiba sua filha indígena, raízes viraram floresta.
Caranguejo, manguezal, é lama, é natureza, é beleza, é fama.
Itaúnas com suas dunas formadas pela areia fina
O vento sopra sereno, sua voz se afina e canta
Sua areia dança e desenha artisticamente sobre o solo itaunense.
Suas manhãs fecundadas de fugor exalam o cheiro de maresia
Que perfumam-na por todo dia qual sopro do criador.
E quando chega o entardecer, quando o crepúsculo desce avermelhado
Assiste seu espetáculo do pôr do sol mais bem pintado que a pintores tem inspirado.
O teu folclore em histórias tão singelas e puras enriquecem a nossa cultura
E tu, ó Conceição da Barra, sobre a areia estás assentada
Igual sereia que canta e atrai, sua beleza se sobressai em melodias
Perfumes de maresias, sonhos e poesia
Brindo-te pequena cidade, musa da inspiração, recanto da felicidade
Ofertando-te esse poema feito com amor, carinho, paixão.

Percorrendo os caminhos do município de Conceição da Barra, o poeta comunica a exaltação de sua terra natal e dos marcos naturais que caracterizam o município: as dunas de Itaúnas, a praia de Guaxindiba, o Mangue, o Farol e o rio Cricaré. O poeta exalta também a diversidade cultural, ao apontar a riqueza do folclore e do modo de vida relativo à pesca. A passagem do tempo e a importância dos feitos históricos são valorizados nos marcos construídos pelos homens, como o farol e o casarão histórico (o

[17] Autoria do poeta e ator Salomão da Silva, de Conceição da Barra/ES.

Trapiche). Ao caminhar entre belezas naturais, edificações históricas e manifestações culturais de sua terra, o poeta transmite sentimentos e sensações herdados dessas paisagens: a brisa do vento, o ardor do sol, a beleza das cores vermelhas do crepúsculo e as danças de areias; a contemplação religiosa, a meditação e o prazer de estar inspirado. A paixão e a felicidade também são comunicadas. Essa relação entre natureza, cultura, sentimentos e sensações forma belas paisagens, que dizem respeito aos modos de vida, à história e à identidade do barrense, gerando neles o sentimento de orgulho e pertencimento. Por isso, os versos acima nos inspiram a refletir sobre o que as **paisagens-patrimônio** representam.

As **paisagens-patrimônio** se manifestam em igrejas, praças, edificações datadas de tempos diversos, em elementos naturais como rios, praias, mangues e matas vinculadas à história das pessoas e das comunidades. São, por essa peculiaridade, paisagens que se sobrepõem a muitas das demais paisagens apresentadas. Na região da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba, as **paisagens-patrimônio** estão associadas a elementos naturais, – como os rios São Mateus (Figura 234) e Doce, áreas de preservação ambiental – edificações ou marcos construídos – como a Igreja Três Reis Magos (Figura 235), o Porto de São Mateus, a Praça 22 de Agosto em Linhares (Figura 236), o Farol de Regência (Figura 237), o Trapiche em Conceição da Barra, dentre outros. Podem, portanto, ser paisagens nativas ou domesticadas.

Quando domesticadas, essas paisagens podem ser protegidas por políticas públicas específicas da área da preservação do patrimônio cultural e do turismo, tornando-se cartões-postais oficiais dos municípios onde estão localizadas. Exemplos dessa ação oficial podem ser observados em Conceição da Barra, no Trapiche e em dunas de Itaúnas; em São Mateus, na antiga Igreja de Pedra e no Porto; em Linhares, na Praça 22 de Agosto (Figura 236), no Farol de Regência (Figura 237), na antiga Ponte do Rio Doce (Figura 239) e na lagoa de Juparanã; em Aracruz, na Igreja de Santa Cruz; em Fundão, na Casa de Cultura, antiga residência da família Agostini (Figura 238) e, em Serra, na Igreja Três Reis Magos (Figura 235).

Figura 238: Casa de Cultura de Fundão/ES, antiga residência da família Agostini.

É importante salientar que é a sensibilidade humana que transforma essas paisagens, originalmente outras, em **paisagens-patrimônio**: os elementos físicos, sob esse prisma, associam-se a um tipo de relação icônica que investe lugares de um sentido icônico compartilhado. Essas paisagens tornaram-se, por meio de políticas oficiais de preservação do patrimônio cultural ou da reprodução espontânea por gerações a fio, legados herdados ao longo do tempo a partir dos usos do espaço e dos recursos naturais, dos saberes e de formas de existir no mundo semeadas através de séculos de ocupação do território. Elas representam um manancial de conhecimentos e produtos da técnica e da cultura voltados para o desenvolvimento dos modos de vida dos habitantes das comunidades que as detém e as admiram.

Figura 239: Inauguração da ponte sobre o rio Doce, em Linhares,1954.

As **paisagens-patrimônio** são apropriadas – física e simbolicamente - por grupos sociais e pessoas que deles fazem uso no presente ou como memórias que se associam à esfera dos valores e das identidades. Na calha do rio Doce, em Linhares, e no Litoral Capixaba, muitas dessas paisagens também estão associadas aos locais onde ocorriam ou ainda ocorrem manifestações culturais tradicionais como o Jongo, o Congo, o Ticumbi, o Congado, as Cavalgadas, as procissões religiosas, os terreiros e as variadas festas. *"(...) cada último dia 26 é o dia de São Benedito aqui que é feito isso lá em frente à igreja matriz na Serra que é muito bonito e é puxado um barco para simbolizar o chamado de Palermo né? Na verdade, esse barco é que leva o mastro e as bandas de Congo vão acompanhando..."* (Teodorico Boa Morte, 72 anos). São por vezes palco, por vezes são locais de reunião e oração, mas sempre estão articuladas aos viventes que se apropriam dos espaços para expressar suas formas de entender e significar o mundo. Na Figura 240,na próxima página, é possível observar o desfile de um grupo de Congo pelas ruas de Barra do Riacho, em Aracruz. A imagem mostra a realização de um evento, um Encontro de Congos Indígenas, evocando as raízes dos habitantes tradicionais das terras capixabas. Esse evento se apropria das ruas da cidade e confere a elas um novo sentido: o de trajeto de cortejos, o de difusor da expressão das comunidades que apresentam suas músicas, toques e danças, permitindo observar as semelhanças e diferenças entre a cultura local e manifestações de outras localidades.

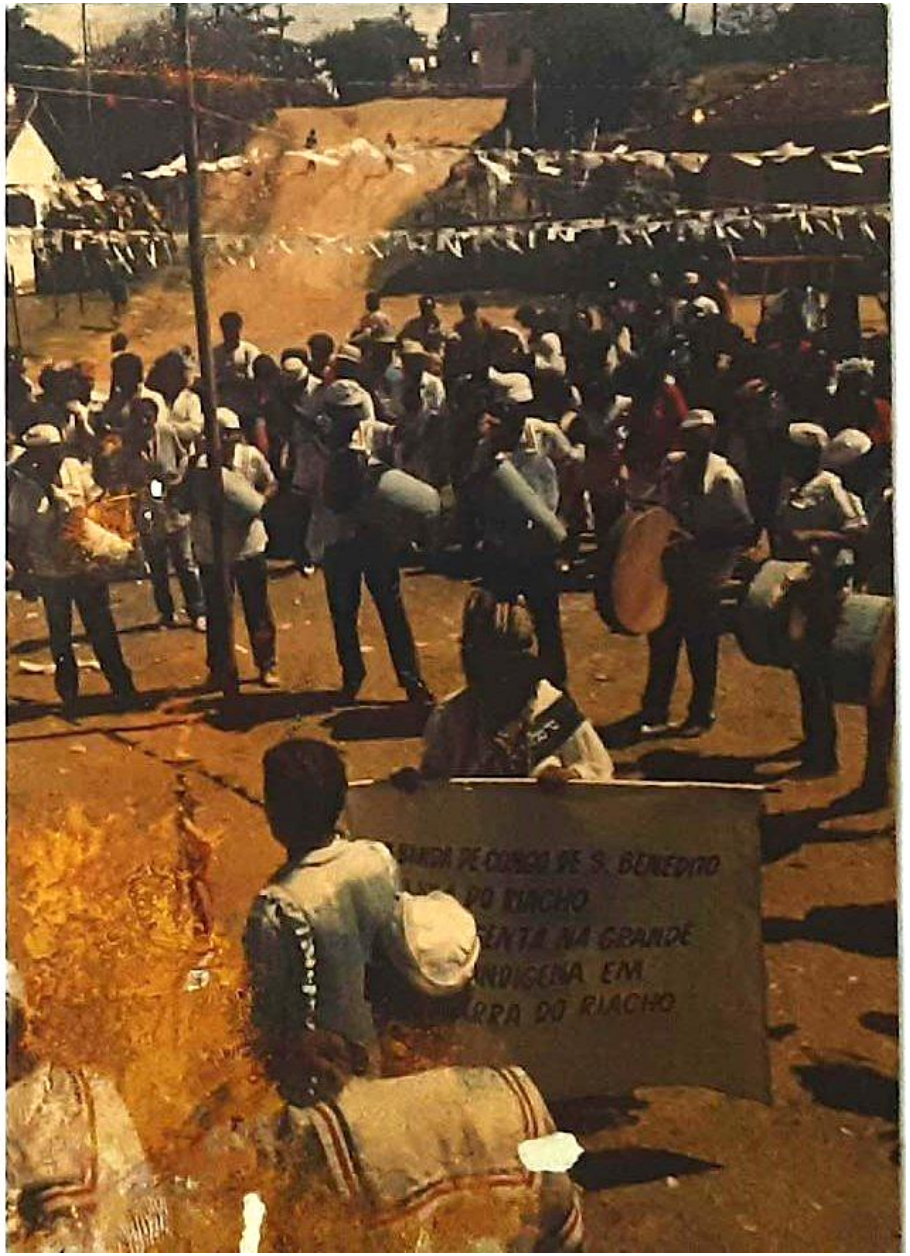


Figura 240: Encontro de Congos Indígenas em Barra do Riacho, década de 1980.

O Ticumbi, por exemplo, representado na Figura 241 pela imagem de seu Terto, aparece em frente da Casa de Cultura de Conceição da Barra, que ocupa o prédio do antigo trapiche. Essa edificação faz parte da história local e é um dos cartões postais do município. Por isso, as paisagens-patrimônio são protagonistas ou coadjuvantes de diversas representações que as investem de um aspecto icônico com relação às regiões que representam. Nessas representações salta aos olhos o vínculo dos elementos humanos com os elementos materiais da paisagem, demonstrando a relação entre diversidade cultural, referências de identidade étnica, patrimônio material tangível e os poderes públicos, denotando as raízes culturais – no caso, de Conceição da Barra – e incentivando o sentimento de pertencimento comunitário.

Essa associação ao elemento imaterial e ao imaginário que emerge das subjetividades humanas faz com que as paisagens-patrimônio sejam, muito mais do que aquelas abarcadas pelas políticas oficiais. Afinal, essas paisagens – como todas as outras – não precisam de selo de qualidade para serem o que são na vida das pessoas. Assim, constituem esse patrimônio "não institucionalizado" uma montanha, um riacho ou córrego, uma praia, uma duna, ou uma árvore especifica, dentre outros elementos que sobressaem nas paisagens por serem dotados de uma significação ao mesmo tempo íntima e definidora da imagem que se leva na mente do lugar onde se vive.

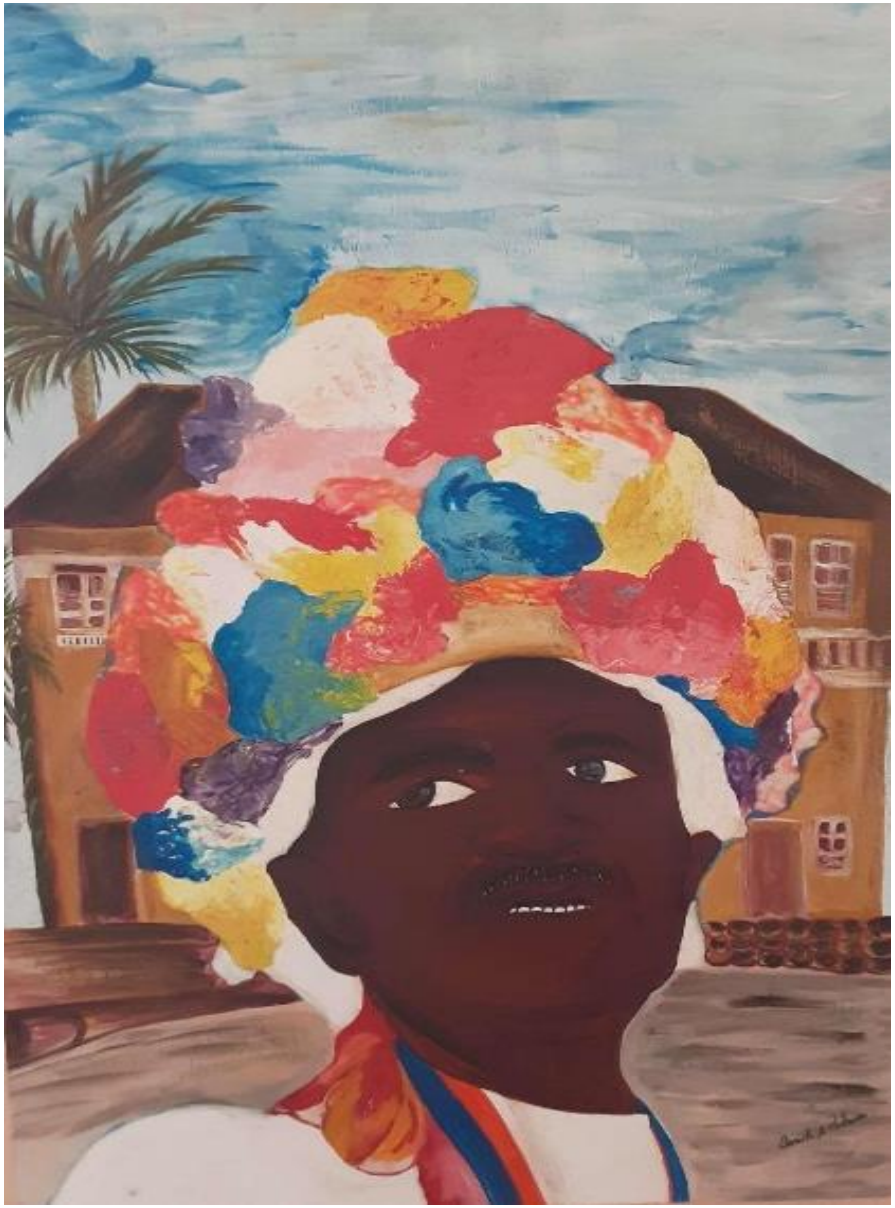


Figura 241: Seu Terto, mestre de Ticumbi em Conceição da Barra.

Justamente por não se limitarem aos marcos naturais e construídos protegidos pelos instrumentos oficiais de proteção do patrimônio cultural, essas **paisagens-patrimônio** estão abertas a apropriações pessoais e comunitárias: podem ser compartilhadas por uma vasta e variada comunidade. Mas também se relacionam de forma muito íntima às pessoas e suas afetividades. Uma igreja, por exemplo, é um marco edificado da história de uma localidade, e está, ao mesmo tempo, presente nos momentos mais importantes da vida social e íntima das pessoas. *"A igreja pequena Santa Cruz, que é de 500 anos, e meus filhos casaram ali naquela igrejinha. Foi fantástico, a coisa mais linda!"* (Georgina Morais, 70 anos). Essa Igreja foi construída em meados do século XIX e possui uma história curiosa. Uma fachada de grandes dimensões foi construída para chamar a atenção dos que a avistassem de longe, especialmente de Dom Pedro II, que tinha uma visita agendada ao local para uma data posterior a da reforma da fachada, mas por trás existia apenas uma construção rústica. Esse detalhe foi desenhado pelo pintor francês François Biard, quando passou pela Vila de Santa Cruz na década de 1860 (Figura 242). Aludindo ao fato, Dom Pedro II teria escrito em seu diário: "O Frontispício da Igreja é maior do que esta,

iludindo de longe quem o vê de frente”[18]. São paisagens que estão, portanto, presentes nos livros de história, nas histórias contadas de geração em geração, nos álbuns de família, e nas campanhas de marketing público e privado na área do turismo.

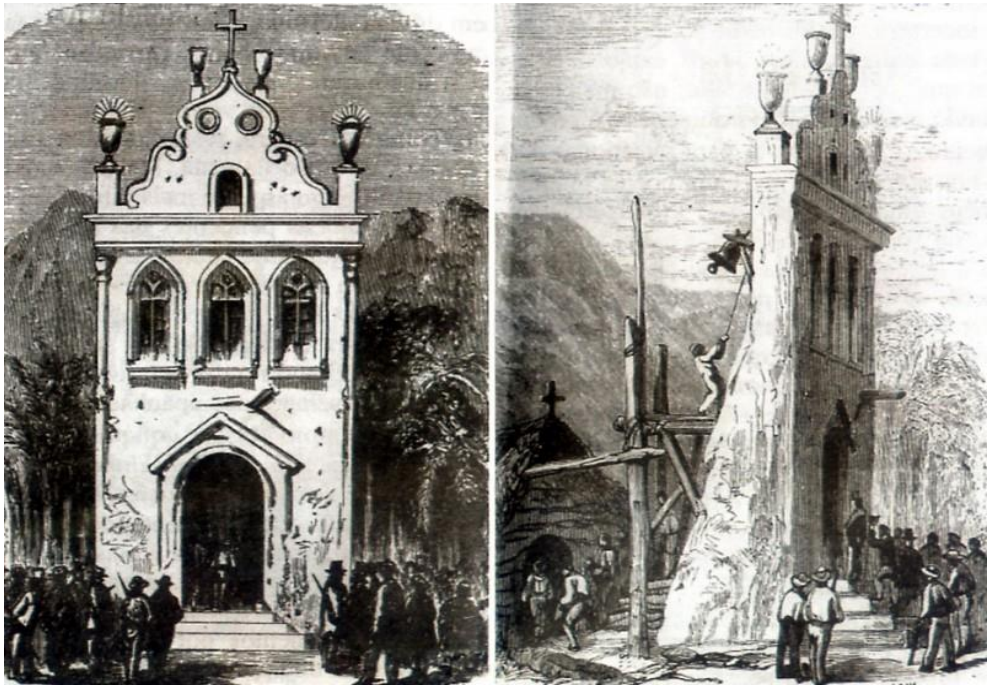


Figura 242: Igreja de Santa Cruz vista de frente e de perfil. Auguste François de Biard, 1862.

Por estarem associadas às histórias e memórias individuais e coletivas, algumas paisagens-patrimônio podem ser legalmente protegidas por instrumentos legais da área do Patrimônio Cultural, como os tombamentos e registros, que reconhecem seu pertencimento a determinados grupos sociais e têm a pretensão de resguardar essas paisagens da implacável força do tempo, adicionando mais um elemento às suas complexas redes de relações: *“Em dois mil e quinze e dezesseis, quando eu cheguei aqui, (...) já tinha começado um processo muito forte de descaracterização, mas aqui é tombado pelo Conselho Estadual de Cultura (...) E algumas casas em Itaúnas são tombadas, aí essas casas estão lá, a fachada não pode mexer. Então tem uma ou outra casa com a fachada originária aqui. E tem algumas casas com materiais da vila antiga, com telha, tem gente que tem elementos das casas que eles tinham lá que eles transferiram para cá”* (Marcia Lederman, 50 anos). Enquanto algumas paisagens-patrimônio existem às margens das políticas públicas, outros dependem delas para sobreviverem.

As paisagens-patrimônio participam de complexas relações entre pessoas, comunidades e instituições que determinam seus usos, hierarquizam seu valor e seu pertencimento à memória coletiva. Como constituintes da identidade e da história das localidades, algumas delas são parte do discurso político e operam enquadramentos da memória, selecionando o que entra e o que fica de fora das identidades locais. Ao receberem investimentos do poder público e privado, são reconhecidas e valorizadas no contexto coletivo. A praça 22 de Agosto, em Linhares, às margens do rio Doce é, nesse sentido, ao mesmo tempo um marco da

[18] Igreja em Santa Cruz. Disponível em [http://www.morrodomoreno.com.br/materias/igreja-em-santa-cruz.html].

ocupação do município e local que reúne instâncias de poder religioso e laico historicamente estabelecidos na cidade, funcionando como uma espécie de "museu a céu aberto" que remete a múltiplas temporalidades. *"Aqui eu jogava bola, aqui eu brincava, aqui eu vinha à igreja, aqui eu via bichos, aqui eu via tudo, (...) E aqui você tem na minha mente, que passei por vários desses períodos aqui nessa praça (...) E ela permanece, então ela tem esse visual, cem por cento na sua cabeça, ela faz essa releitura que era e o que não era dessa praça"* (Reuber Nascimento, 61 anos). Como parte dessa narrativa de diversos momentos da história local, a Praça é ampla, constantemente revitalizada, limpa, aberta, convidativa e destacada no contexto urbano.

Figura 243: Fotografia do Porto de São Mateus, 1996. Acervo Museu Histórico de São Mateus.

Em sentido oposto, algumas **paisagens-patrimônio** explicitam o caráter conflituoso que se estabelece nessa relação entre pessoas, instituições e comunidades nas disputas pelo uso dos espaços. O Porto de São Mateus (Figura 243 e Figura 244), por exemplo, possui grande relevância na história e na memória local, estando indelevelmente associado à chegada de africanos escravizados ao Brasil, notadamente no século XIX.

Na paisagem icônica de São Mateus, o Porto, contudo, é uma área pouco buscada pelos moradores da sede municipal, uma vez que é visto como um local inseguro, pouco atrativo ao lazer e ao estabelecimento de comércios. Essa percepção por parte de alguns dos moradores locais mostra como, mesmo sendo consideradas oficialmente, algumas dessas paisagens podem enfrentar desafios como a descaracterização, cuja utilidade está se perdendo ao longo do tempo, requerendo, assim como os rios e as matas, políticas públicas de proteção e ordenamento, e outras relacionadas à segurança, cultura, lazer e educação. O fato de serem **Paisagens-patrimônio** não isenta essas paisagens das contradições que seus elementos constitutivos apresentam quando relacionados. Ao mesmo tempo, as **Paisagens-patrimônio**, quando impostos "de cima para baixo", tendem a tentar mascarar conflitos que o tempo se encarrega de trazer à tona.

Situado às margens do rio Cricaré, o Porto de São Mateus possui vários casarões históricos e figura como uma das principais atrações turística do município. Porém, atualmente, *"...o Porto é um lugar que é muito esquecido, totalmente esquecido (...) então se não der uma atenção para cá,*

afinal, todos os turistas praticamente que chegam, aqui em São Mateus, eles sempre vêm aqui entendeu? Tinha que dar uma atenção, mas se continuar assim, no futuro, daqui uns anos, não sei, né? Vai estar pior, com certeza, o Porto vai estar mais... Está muito desvalorizado aqui" (Aline Afonso, 18 anos). A necessidade de atenção comentada pela entrevistada revela a importância do Porto de São Mateus para a comunidade. No entanto, o valor que ele tem para a população pode não estar alinhado com as diretrizes e ações do poder público, ao passo que a sociedade não tem poder para lidar com a dinâmica de degradação de um lugar como um porto.

Figura 244: Porto de São Mateus em fevereiro de 2020.

A importância da preservação das **paisagens-patrimônio** salta mais facilmente aos olhos do poder público quando se tratam das paisagens naturais. Isso ocorre porque além de serem importantes para as pessoas, essas paisagens também são altamente relevantes para a manutenção dos modos de vida das comunidades tradicionais e para geração de serviços ecossistêmicos essenciais à toda sociedade, com destaque para a proteção da beleza cênica, conservação das águas, regulação climática e conservação da biodiversidade. Nesse sentido, diversas **paisagens-patrimônio** se encontram atualmente protegidas pelo poder público por meio do Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

A criação de Unidades de Conservação é uma das estratégias mais antigas adotada em nível mundial e tem como principal objetivo proteger parte representativa dos ecossistemas contra os processos de ocupação e degradação que os ameaçam. Essa estratégia é relativamente recente no Baixo Doce e no Litoral Capixaba, sendo que as primeiras áreas protegidas datam da década de 1980. No Baixo Doce, a Reserva Biológica de Comboios foi criada em 1984, abrigando cerca de 33% do total de espécies vegetais de matas de Restinga do estado do Espírito Santo, bem como mais de 400 espécies da fauna silvestre – das quais se destacam duas espécies de tartarugas ameaçadas de extinção (*Dermochelys coriacea* e *Caretta caretta*). Local de reprodução e desova dessas tartarugas, a Reserva Biológica de Comboios gera uma série de afetividades positivas nos habitantes da região.

No Litoral Capixaba, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Municipal Piraquê-Açú e Piraquê-Mirim foi criada em 1984, abrigando o quinto maior manguezal da América Latina, importante área de reprodução de espécies marinhas e da manutenção dos modos de vida de comunidades locais. *"Eu sinto uma certa intimidade sabe? Eu sou muito próximo da água, mas eu vejo que a intimidade com a água vem disso aqui, né? De navegar desde criança com meu pai e mergulhar lá no mangue, que tem dez metros de profundidade e você não tem visibilidade nenhuma"* (Breno Boos, 30 anos). Em 1991 foi criado o Parque Estadual de Itaúnas, que protege a foz do rio e suas famosas dunas (Figura 245), abrangendo 25 quilômetros de praias e mananciais de enorme riqueza... "*Aqui em Conceição da Barra... Tem muitas belezas em todos os cantos... Na Bugia, no farol, a guaxindiba, a guaxindiba é uma floresta de raízes, onde o rio Itaúna desemboca...* (Salomão da Silva, 54 anos). Em 2010 o governo criou o Refúgio de Vida Silvestre de Santa Cruz, protegendo a foz do rio Piraquê-Açu em uma área de proteção marinha onde se avistam golfinhos e baleias. Dessa forma, essas paisagens se costuram nos vínculos identitários e afetivos que homens e mulheres estabelecem, encontrando inspiração para conectarem-se com sua verdadeira natureza.

Figura 245: Dunas em Itaúnas, Conceição da Barra/ES, 2002.

Dentre as áreas de proteção ambiental existentes nos municípios da da Foz do rio Doce e Litoral Capixaba, também se destacam Parques Naturais, como o de Goiapabaçu (Figura 246), em Fundão, e o do Morro do Aricanga, em Aracruz, que protegem áreas de mata atlântica, e mananciais de água que abastecem a região da foz do rio Doce e o Litoral Capixaba.

Figura 246: Morro do Goiapabaçu, integrante do Parque Natural Municipal do Goiapaba-Açu, em Fundão/ES.

As paisagens-patrimônio estão presentes no coração dos habitantes locais. Elas são lugares para o ser humano tecer relações sociais, alimentar memórias, sentir-se parte da natureza e da cultura. São marcadas pelo tempo, especialmente, que vai deixando rastros – materiais e simbólicos – nas histórias individuais e coletivas. Essas marcas podem ser tanto as da mudança quanto as de um passado que não passa e está presente nos modos de vida, na configuração do espaço e nas representações que as comunidades fazem de si.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Simone R. B. "**Donos do lugar": a territorialidade quilombola do Sapêdo Norte – ES**. 2009. 522f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2009.

IBGE. **Classificação e Caracterização dos Espaços Rurais e Urbanos do Brasil: uma primeira aproximação.** Coordenação de Geografia - Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LUCAS, Luana de Marchi. **Vila do Riacho: Elaboração de um plano de ações.** Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Aracruz. Aracruz – ES, 2017.

GUIMARÃES, Aissa Afonso; OLIVEIRA, Oswaldo Martins de (orgs.). **Jongos e Caxambús: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo.** Vitória: UFES, 2018.

PASINI, Isabela Leão Ponce. **Conflito territorial e soberania alimentar: um estudo de caso na comunidade quilombola Angelim I, no Sapê do Norte – ES.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Viçosa: Viçosa, 2014.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Comunidades de Pescadores tradicionais e os vetores do desenvolvimento na planície costeira do rio Doce (ES) entre 1980-2015.** In: Brasilian Geographical Journal. V.10, n.1, p.77-93, jan/jun. 2019.

SALGADO, Iliany Maria; ALIMONDA, Héctor Alberto. **Reflexões sobre o monocultivo de eucalipto em Conceição da Barra (ES-Brasil) e seus efeitos desfavoráveis.** Estudos Sociedade e Agricultura (CPDA/UFRRJ) v. 24 n. 2, 2016.

SARMENTO-SOARES, MARTINS-PINHEIRO. **A Fauna de peixes na bacia do rio Barra Seca e na REBIO de Sooretama, Espírito Santo, Brasil.** Museu de Biologia Professor Mello Leitão: 35:49-103, 2014.

SOGAME, Maurício. **Territórios Quilombolas no Norte Capixaba: expropriação e resistência.** III Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Presidente Prudente, novembro de 2005.

TEIXEIRA, Tamara Lopes. **Estrada de Ferro Vitória a Minas: elementos para a gestão da paisagem ferroviária.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

UNESCO / FUNDAÇÃO RENOVA. **Pré-inventário do Rio Doce.** Belo Horizonte, dezembro de 2019á